

# A LIBERDADE INSCRITA NOS SAMBAS ENREDOS CARIOCAS (1943 - 2013)

ADALGIMAR GOMES



FALE | UFMG | 2016

**Adalgimar Gomes Gonçalves**

***A LIBERDADE INSCRITA NOS SAMBAS ENREDOS CARIOCAS***

**(1943 a 2013)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Teoria da Literatura.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural – LHMC

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre

BELO HORIZONTE

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2016

G6351

Gonçalves, Adalgimar Gomes.

A liberdade inscrita nos sambas enredos cariocas (1943-2013)  
[manuscrito] / Adalgimar Gomes Gonçalves. – 2016.

278 f., enc. : il., fots., tabs., grafs., color., p&b.

Orientador: Marcos Antônio Alexandre.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 181-199.

Anexos: f. 200-276.

1. Arte e literatura – Teses. 2. Música e literatura – Teses. 3. Liberdade na música – Teses. 4. Sambas enredos – Teses. 5. Carnaval – História – Teses. 6. Brasil – História – 1945-1964 – Teses. 7. Brasil – História – 1965-1985 – Teses. 7. Brasil – História – 1985- – Teses. 8. Carnavaização (Literatura) – Teses. I. Alexandre, Marcos Antônio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 809.93357



Tese intitulada *A liberdade inscrita nos sambas enredos cariocas (1943-2013)*, de autoria do Doutorando ADALGIMAR GOMES GONÇALVES, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Doutorado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre - FALE/UFMG - Orientador

Profa. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila - FALE/UFMG

Profa. Dra. Haydée Ribeiro Coelho - FALE/UFMG

Profa. Dra. Iris Maria da Costa Amâncio - UFF

Prof. Dr. José Eustáquio de Brito - UEMG

Prof. Dr. Georg Otte  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

**Profa. Dra. Lyslei de Souza Nascimento**  
Subcoordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Estudos Literários  
FALE / UFMG

Belo Horizonte, 13 de dezembro de 2016.

Em memória de  
Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata;  
Paulo Benjamim de Oliveira, Paulo da Portela; e  
Francis Lucas Pira, eterno amigo, de Passagem de Mariana.

*“Liberdade, era o lema dos ‘Inconfidentes’  
Ainda que tarde, libertaremos a nossa gente”.*  
Samba enredo: *Inconfidência Mineira* - Tupy de Brás de Pina, 1958

*“Num cenário espetacular  
Lendas, flores lindas, fantasias  
Contos que o poeta vem cantar  
Do céu, da terra e do mar  
Do sol, das nuvens e do luar  
Esclarecendo em alto e bom som  
Que a liberdade é o lado bom”.*  
Samba-Enredo: *Rapsódia Folclórica* - Unidos de Lucas, 1969

*“Samba povo a liberdade  
Tradição nos carnavais  
Na pobreza ou riqueza  
Os direitos são iguais”.*  
Samba-Enredo: *Ou isto ou aquilo* - Arranco, 1981

*“O Rio é negro e negro luta pelo Rio  
Buscando a liberdade, enfrentando desafio  
O Rio é negro e é negra essa nação  
Vamos firmes nessa luta  
Proclamando a abolição”.*  
Samba-Enredo: *Para com isso, dá cá o meu* - Império Serrano, 1988.

*“Liberdade, liberdade!  
Abre as asas sobre nós  
E que a voz da igualdade  
Seja sempre a nossa voz”.*  
Samba enredo: *Liberdade, liberdade! Abre as asas sobre nós!*  
Imperatriz Leopoldinense, 1989.

# AGRADECIMENTOS

Ao professor Marcos Antônio Alexandre, pela determinação, pelo comprometimento, por sua abalizada orientação e pelos ensinamentos que transcendem o saber acadêmico.

Ao professor Elcio Loureiro Cornelsen, pelo parecer no projeto definitivo de tese.

Às professoras Haydée Ribeiro Coelho e Iris Maria da Costa Amâncio, pela participação na Banca da Qualificação e pelas importantes contribuições.

Aos professores Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi, Walmir Matos Caminhas e Ricardo Viana Velloso, da Pró-Reitoria de Graduação, Prograd/UFMG, pelo deferimento ao meu pedido de afastamento para conclusão deste trabalho.

Aos professores Aline Alves Arruda, Cristiano Silva de Barros, Haydée Ribeiro Coelho, Iris Maria da Costa Amâncio, José Eustáquio de Brito e Myriam Correa de Araújo Ávila, pela participação na Banca Examinadora.

A Fernando Araújo, do Centro de Memória da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, LIESA, por disponibilizar o acervo de sambas-enredos de 1926 a 2003.

A Alexandre Flores Alkimim, colega da Diretoria Acadêmica da Prograd/UFMG, pelas oportunas leituras e sugestões.

A Carolina Silva Pena e Aline Moreira Martins, colegas do Setor de Estatística da Prograd/UFMG, pelo auxílio na elaboração dos dados estatísticos.

A Fernanda Bernucci Rocha e a Diogo de Souza Edwiges, colegas do CAD/CAC, pelo apoio constante.

A Ana Caroline Barreto Neves, pela arte gráfica na capa.

A Rozimar Gomes da Silva Ferreira, pela revisão.

A Ricardo Madureira Rodrigues, pelo incentivo permanente.

A Efigênia Souza e a seu filho Sandro Aurélio de Souza Vieira, por terem me inserido no Carnaval de Mariana e de Ouro Preto.

A Maria José Gomes Gonçalves, minha mãe, e a Manoel da Cruz Gonçalves, meu pai, pela vida, pelo amor e pela educação.

A Adalgisa e Adalgirlene, minhas irmãs, e a Adalgivan e Adaldirley, meus irmãos, pela amizade e companhia.

# SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
RESUMEN .....	12
INTRODUÇÃO À TESE.....	13
CAPÍTULO 1 - CARNAVAL .....	21
1.1 – Introdução ao Primeiro Capítulo.....	22
1.2 – Origens e Significados do Carnaval.....	24
1.3 – A Formação do Carnaval no Brasil.....	35
1.3.1 – O ENTRUDO .....	35
1.3.2 – O Zé Pereira .....	37
1.3.3 – Os Cordões.....	39
1.3.4 – Os Ranchos .....	41
1.3.5- A Praça Onze .....	43
1.3.6 – As Sociedades Carnavalescas .....	46
1.3.7 – A Primeira Música do Carnaval.....	50
1.3.8 – Tia Ciata.....	52
1.3.9 – O Samba.....	57
1.3.10 – As Escolas De Samba .....	59
1.3.11 – Samba-Enredo.....	60
1.3.12 – Os Primeiros Sambas-Enredos.....	62
1.4 – Considerações Sobre Este Capítulo .....	68
CAPÍTULO 2 - A PALAVRA LIBERDADE NA ERA VARGAS E NA DEMOCRACIA POPULISTA (1943-1964) .....	71
2.1 – Introdução ao Segundo Capítulo .....	72
2.2 – A Liberdade e a Segunda Guerra Mundial .....	74
2.3 – A Liberdade e a Independência do Brasil.....	78
2.3.1 – Tiradentes e a Inconfidência Mineira .....	78



2.3.2 – José Bonifácio .....	80
2.4 – A Liberdade e a Escravidão .....	81
2.4.1 – A Princesa Isabel .....	81
2.4.2 – Castro Alves .....	82
2.4.3 – Palmares .....	83
2.4.4 – Preto Velho .....	87
2.4.5 – Chico Rei .....	88
2.5 – Considerações Sobre Este Capítulo .....	90
<b>CAPÍTULO 3 – A PALAVRA LIBERDADE AO LONGO DA DITADURA</b>	
MILITAR (1965-1985).....	93
3.1 – Introdução ao Terceiro Capítulo.....	94
3.2 – A Liberdade e Outros Temas.....	96
3.2.1 – Estácio de Sá – Uma Homenagem ao Fundador da Cidade do Rio de Janeiro.....	96
3.2.2 – A Semana De Arte Moderna .....	96
3.2.3 – Guararapes .....	97
3.2.4 – Indígenas.....	98
3.3 – Liberdade e República.....	99
3.4 – Liberdade e Povo .....	101
3.5 – Liberdade e Carnaval.....	102
3.6 – Liberdade e Independência.....	103
3.7 – A Liberdade e as Significações Difusas .....	108
3.8 – A Liberdade e a Escravidão.....	110
3.9 – Considerações Sobre Este Capítulo.....	116
<b>CAPÍTULO 4 – A PALAVRA LIBERDADE AO LONGO DA DEMOCRACIA</b>	
(1986-2013) .....	119
4.1 – Introdução ao Quatro Capítulo .....	120
4.2 – A Liberdade de Expressão .....	122
4.3 – A Liberdade e a Independência .....	125
4.4 – A Liberdade e os Indígenas .....	128
4.5 – A Liberdade, as Mulheres e os Direitos Feministas .....	130
4.6 – A Liberdade e os Países.....	133
4.7 – A Liberdade e o Povo .....	135
4.8 – Liberdade, Mitologia e Religiosidade .....	138
4.9 – A Liberdade e Outras Representações.....	141
4.10 – A Liberdade, o Carnaval e Outras Artes .....	143

4.11 – A Liberdade e as Significações Difusas .....	148
4.12 – A Liberdade e a Escravidão .....	152
4.12.1 – O Centenário da Lei Áurea e a Princesa Isabel .....	152
4.12.2 – Zumbi e Outros Referentes Negros .....	154
4.12.3 – Palmares .....	156
4.12.4 – África .....	157
4.12.5 – A Escravidão .....	158
4.13 – Considerações sobre este capítulo .....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	176
REFERÊNCIAS .....	181
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS DO TEXTO DA TESE.....	184
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS ANEXO DA TESE.....	186
ANEXOS – SAMBAS-ENREDOS.....	200

## RESUMO

A partir da coleta de 232 sambas enredos cariocas, o presente estudo propõe uma análise sobre a palavra *liberdade* inscrita nessas composições, investigando as formas com que esse vocábulo adquiriu significações em múltiplos contextos. O Rio de Janeiro foi a cidade escolhida por se tratar de ser o lugar da formação das primeiras Escolas de Samba e da consolidação do nosso Carnaval. Além de abordar, brevemente, o surgimento do Carnaval, desde os rituais agrários até a formação das Escolas de Samba, esse trabalho examinou o período de 1943 a 2013 em que foi possível confirmar o uso da palavra *liberdade* naquelas produções escritas. Assim, o primeiro período analisado abrangeu parte da Era Vargas e a Democracia Populista (1943 a 1964), o segundo a Ditadura Militar (1965 a 1985) e o terceiro a Democracia (1986 a 2013). O trabalho foi pautado, também, nos estudos sobre a história do Carnaval, nas teorias da carnavalização e em algumas pesquisas de linha antropológica e sociológica sobre o assunto. Dessa maneira, a contribuição dessa tese é a investigação da letra como produção poética, na perspectiva de uma textualidade que ressignifica os discursos da literatura, da cultura, da memória e, especialmente, da história brasileiras, a partir da escrita dos compositores do Carnaval, de diferentes tempos, sob o prisma da liberdade.

**Palavras-chave:** Carnaval, Liberdade, Literatura, Memória Cultural, Samba Enredo

# ABSTRACT

Drawing on a collection of 232 “carioca samba plots”, this study carries out an analysis of the word freedom inscribed in these compositions, investigating the ways in which this word took on several meanings in multiple contexts and considering these productions from the perspective of intertextuality in the realm of literature. Rio de Janeiro was chosen because it is where the first samba schools (“escolas de samba”) emerged, as well as where the consolidation of Brazilian carnival took place. Aside from approaching in a few lines the origin of carnival, from the first agrarian rituals as far as the formation of samba schools (“escolas de samba”), this study examined the period from 1943 to 2013, where it was possible to confirm the use of the word freedom in those written productions. Thus, the first period that was analyzed comprises the “Vargas Era” and the Populist Democracy (1943 to 1964), the second one is the Military Dictatorship (1965 to 1985) and the third one, the democracy (1986 to 2013). The study is also based on studies about the history of carnival, in carnavalization theories and in some anthropological and sociological lines about the subject. Therefore, the contribution of this dissertation is to investigate lyrics as poetic production, from the perspective of a textuality that re-signifies discourses from literature, culture, memory and, especially, Brazilian history, departing from the carnival composer’s writings, from different times, under the prism of freedom.

**Keywords:** Carnival, Freedom, Literature, Cultural Memory, Plot Samba

## RESUMEN

A partir de la colecta de 232 *sambas-enredos cariocas*, esta tesis se propone a hacer un análisis acerca de la palabra libertad inscrita en estas composiciones, investigando las formas con que este vocablo adquirió significaciones en múltiples contextos. El *Rio de Janeiro* es la ciudad elegida por tratarse de ser el lugar de la formación de las primeras *Escolas de Samba* y de la consolidación de nuestro Carnaval. Además de hacer un breve abordaje acerca de surgimiento del Carnaval, desde los rituales agrarios hasta la formación de las *escolas de samba*, este trabajo investigó el período de 1943 hasta 2013 en que fue posible confirmar el uso de la palabra *libertad* en aquellas producciones escritas. De esta manera, el primer período analizado, cubrió parte de la Era Vargas y de la Democracia Populista (1943 hasta 1964), el segundo la Dictadura Militar (1965 hasta 1985) y el tercero la Democracia (1986 hasta 2013). El trabajo fue pautado también en los estudios acerca de la historia del Carnaval, en las teorías de la carnavalización y en algunas investigaciones del área de la antropología y de la sociología sobre el tema. Así, la contribución de esa tesis está en la investigación de la letra como producción poética, en la perspectiva de una textualidad que resignifica los discursos de la literatura, de la cultura, de la memoria y, especialmente, de la historia brasileñas, a partir de la escritura de los compositores del Carnaval, de diferentes tiempos, bajo el prisma de la libertad.

**Palabras clave:** Carnaval, Libertad, Literatura, Memoria Cultural, Samba-Enredo

# **INTRODUÇÃO À TESE**

A proposta de estudo sobre a problemática da palavra *liberdade* inscrita nos sambas-enredos cariocas, aqui tratados como textualidade escrita no âmbito da literatura, surgiu da necessidade de investigar as formas de significações que essa palavra adquiriu, em contextos distintos, considerando que, desde os tempos primeiros, dos rituais agrários, das festas da Idade Média, ao Carnaval contemporâneo, aqueles eventos de celebração da vida podiam ser sentidos, percebidos e vivenciados como a festa da liberdade.

Significativa e inevitável foi a escolha da cidade do Rio de Janeiro como *locus* de análise, levando-se em conta o início do Carnaval no Brasil. Nessa antiga capital do nosso país é que se formaram as primeiras Escolas de Samba, após um longo percurso iniciado com o Entrudo, o Zé Pereira, os Cordões, os Ranchos e as grandes Sociedades Carnavalescas.

Há de se reconhecer, por isso, o importante conjunto das manifestações carnavalescas e a simbologia que o Rio de Janeiro ocupa em nossa memória coletiva, enquanto lugar de produção e de representação. Acerca do espaço temporal, decidimos abranger o período de 1943, quando conseguimos coletar, para o nosso estudo, o primeiro samba-enredo em que se empregou a palavra *liberdade*, até 2013, sendo, portanto, 70 anos de produção escrita, todavia, sem antes de abordarmos, brevemente, a origem do Carnaval no mundo e no Brasil.

Nessa investida, adotamos a linha argumentativa da carnavalização, tão bem desenvolvida por Mikhail Bakhtin, em seus estudos acerca da cultura popular na Idade Média e no Renascimento:

O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significado incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. (BAKHTIN, 2002, p. 43)

Dessa forma, o teórico russo da linguagem confirma que o Carnaval é o lugar da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico e subvertem as regras hegemônicas, ainda que temporariamente.

Nessa perspectiva, consideremos que as festas do Carnaval sempre foram um momento de transcendência, de evasão e que, inclusive, possibilitaram inverter posições liberando uma nova consciência, sobretudo, no processo de escrita dos sambas-enredos. Desse modo, compreendemos que a linguagem do Carnaval não visa unicamente ao entretenimento. Ela age. Assume posições, utilizando-se de processos variados. Assim, a

partir dos 232 sambas-enredos, coletados para a nossa pesquisa, verificamos a história e a memória como aspectos preponderantes no emprego da palavra *liberdade*, assegurando que esse vocábulo possui significado político e histórico.

O significado político e histórico remete àquela tendência crítico-literária dos anos 80 e 90, que, segundo Armand Mattelart e Érik Neveu, na obra *Introdução aos Estudos Culturais*, surgiram recusando as hierarquias acadêmicas, privilegiando métodos de pesquisa capazes de perceberem as vidas comuns. Os autores questionam:

Como as classes populares se dotam de sistemas de valores e de universos de sentido? Qual é a autonomia desses sistemas? Sua contribuição à constituição de uma identidade coletiva? Como se articulam nas identidades coletivas dos grupos dominados as dimensões da resistência e de uma aceitação, resignada ou aflita da subordinação? (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 63)

Consideramos, igualmente, no desenvolvimento dessa tese, a respeito da linguagem para a literatura, a oportuna reflexão de Roland Barthes, ao afirmar que a linguagem não pode continuar a ser instrumento cômodo ou cenário luxuoso de uma “realidade” social, passional ou poética. Ela é o “ser da literatura, o seu próprio mundo: a literatura está toda contida no acto de escrever, e já não no de ‘pensar’, ‘pintar’, ‘contar’, ‘sentir’”. O semiólogo francês argumenta que nenhuma linguagem é inocente e que a literatura é revolucionária, praticando a denominada “linguagem integral”. A ciência tem a necessidade da linguagem e ela não reside *na* linguagem (grifos do autor). “A ciência fala-se, a literatura escreve-se; uma é conduzida pela voz, a outra segue a mão; não é o mesmo corpo, e portanto o mesmo desejo, que está por detrás de uma e de outra”. (BARTHES, 1984, p. 14)

Roland Barthes, também, conceitua texto de um modo fundamental para o desenvolvimento deste estudo. No entendimento dele, a reflexão sobre texto começa pela literatura, mas não se detém nela. “Há texto em toda parte onde uma atividade de significância é encenada segundo regras de combinação, de transformação e de deslocamento: nas produções escritas, é claro, mas também nos jogos de imagens, de signos, de objetos”. (BARTHES, 1984, p. 83) Nessa mesma linha, argumentam Fredric Jameson e Slavoj Žižek em *Estudios Culturales, reflexiones sobre el multiculturalismo*: “la palabra ‘texto’ deriva de *texere*, ‘tejer’ o ‘componer’, y en su uso extendido designa



una textura o trama de relaciones entretejidas con la materia lingüística” (JAMESON e ZIZEK, 2008, p. 47)<sup>1</sup>.

Analisar o uso da palavra *liberdade* nos sambas-enredos significa debater sobre um conceito muito amplo e plurissignificativo. A origem dessa palavra, por exemplo, remonta aos antigos romanos, diferenciando a relação entre os escravizados e os cidadãos. Segundo Descartes, “A liberdade consiste unicamente em que, ao afirmar ou negar, realizar ou enviar o que o entendimento nos prescreve, agimos de modo a sentir que, em nenhum momento, qualquer força exterior nos constrange”. (DESCARTES *apud* JAPIASSÚ e MARCONDES, 1991, p. 163) São diversas as formas de problematizar essa palavra – a liberdade política, a liberdade de expressão, a liberdade individual, a liberdade moral, dentre outras liberdades possíveis.

Jean Jacques Rousseau argumenta, em “O Contrato social”, que a liberdade é uma característica indissociável do ser humano e que por isso as relações sociais têm de partir de um pressuposto igualitário. “O mais forte nunca é bastante forte para ser sempre o senhor, se não transforma sua força em direito e a obediência em dever”. (ROUSSEAU, 2006, p. 12) Distinguindo independência de liberdade, Rousseau afirma que a última consiste menos em fazer sua vontade do que em não ser submetido à vontade de outrem; ela consiste ainda em não submeter à vontade de outro à nossa. Norberto Bobbio argumenta, na obra coletiva *Dicionário político*, que a palavra *liberdade* tem uma notável conotação laudatória e que o interesse pela “Liberdade política, em diferentes momentos históricos concentrou-se na Liberdade de religião, de palavra, de imprensa, de associação (religiosa, política, econômica) e de participação no processo político”. (BOBBIO, et al., 1997, p. 708-709)

Importante destacar que os estudos acerca dos sambas-enredos dialogam com a chamada “a nova história”, que surgiu nos anos 70 e 80. Trata-se da história escrita que contesta o “paradigma” tradicional e se interessa pelo estudo das atividades humanas, analisando as estruturas, as mudanças econômicas, sociais, históricas e procura valorizar as experiências das pessoas comuns.

Peter Burke, por exemplo, em seu artigo “A escrita da história” relativiza a questão de a história ser unicamente baseada em documentos e coloca em debate se ela é realmente objetiva. Aponta a dificuldade de a “história vista de baixo” mudar o seu

---

<sup>1</sup> A palavra texto deriva do latim *texere*, tecer ou compor e em seu uso amplo designa uma textura ou trama de relações entrelaçadas com a matéria lingüística. (Todas as traduções que integram este trabalho são de responsabilidade do autor.)

significado em contextos diferentes. Igualmente, chama a atenção para a dificuldade de definir a história da cultura popular, pois a noção de cultura é algo ainda mais difícil de precisar que a noção de “popular”. Os maiores problemas para os novos historiadores, na sua percepção, certamente, são aqueles relacionados às fontes e aos métodos, mas uma maneira possível de sair dessa dificuldade é utilizar a noção de “hábito” de um grupo social particular, formulada por Bourdieu. O hábito tem a grande vantagem de permitir que seus usuários reconheçam a extensão da liberdade individual dentro de certos limites estabelecidos pela cultura. (BURKE, 1992, p. 34) E é essa noção de hábito que poderia ter sido percebida por muitos escritores/compositores dos enredos cariocas.

Hayden White, em *Trópicos do discurso*, argumenta que uma das marcas do bom historiador profissional é a firmeza com que ele lembra seus leitores da natureza puramente provisória de suas caracterizações dos acontecimentos, dos agentes e das atividades encontradas no registro histórico, sempre incompleto. White destaca que a literatura, como a história, desenvolve-se por meio da produção de clássicos, cuja natureza é tal que não se pode invalidá-los nem negá-los, a exemplo dos principais esquemas conceituais das ciências. “Há algo numa obra-prima da história que não se pode negar, e esse elemento não-negável é a sua forma, a forma que é a sua função” e como estrutura simbólica, a narrativa histórica não reproduz os eventos que descreve, mas caracteriza figurativamente aqueles que pretendem representar e explicar. “Se há um elemento do histórico em toda poesia, há um elemento da poesia em cada relato histórico do mundo”. (WHITE, 1994, p.106)

Walter Benjamin, em suas dezoito teses *Sobre o conceito da história*, opõe-se à homogeneidade, linearidade e cronologia do tempo histórico e contesta o progresso, considerando-o o precursor, o anunciador, da decadência e da barbárie da humanidade. Aponta três distintas correntes de pensamento: o Romantismo alemão, o Messianismo judeu e o Materialismo histórico. Afirma que essa terceira corrente, o Materialismo histórico, por meio da luta de classes, assumiria a vanguarda do processo histórico em direção à revolução, propondo outro ponto de vista, o dos vencidos, porque a historiografia legitimada é a dos vencedores. Dessa forma, a função do “historiador materialista” seria a de resgatar no tempo passado uma nova história, considerando os chamados “documentos de barbárie”. Nessa linha argumentativa, Benjamin questiona a história enquanto uma “imagem eterna do passado”, segundo os historicistas, e também um progresso linear, como defendem os adeptos do marxismo vulgar. Adverte que a

história deve ser vista como “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. (BENJAMIN, 1987, p. 229)

O presente, nessas teses, é inacabado, passível de ser modificado, salvo, redimido. É um tempo singular e irrecuperável. A rememoração é o que transforma ativamente o agora, carregado pelas tensões pretéritas. Imprescindível verificar que Benjamin defende não o conhecimento do passado, pela impossibilidade da objetividade, da precisão, mas pelos sentidos, pelos “relampejos”. O lembrado é a origem do conhecimento histórico capaz de restaurar o presente, sempre inédito. Ademais, se o historicismo se identifica com o vencedor, o materialista histórico deve escrever a história a “contrapelo”, articulando a sua época com outra época passada, capaz de auxiliar os sujeitos em “momentos de perigo”, combatendo o progresso calcado na dominação e opressão.

O poeta inglês Thomas Stearns Eliot em *O uso da poesia e o uso da crítica – Estudos sobre a relação da crítica com a poesia na Inglaterra*, obra em que reuniu suas preleções na Universidade de Harvard, no ciclo de Conferências de Norton, de 1932-33 – desenvolveu várias reflexões acerca da poesia que podem, perfeitamente, expandir-se para a escrita do samba-enredo. Ao afirmar que o poeta contemporâneo não é somente um compositor de versos graciosos que “forçosamente coloca a si próprio questões como ‘Para que serve a poesia?’ Não meramente para dizer ‘O que quero dizer?’, mas antes ‘Como e para quem devo dizer isso?’” (ELIOT, 2012, p. 41) possibilita refletir, em muitos textos, a consciência crítica dos compositores do samba-enredo, ao recontarem os episódios do passado, especialmente aqueles que marcaram a nossa memória coletiva.

Significativa contribuição de Paul Ricœur, que pode ser direcionada para este estudo, é a noção de escala proposta em *A Memória, a história e o esquecimento*. Em forma de obra, o olhar do historiador pode ver coisas não maiores ou menores, mas diferentes. Diferentes escritas acerca de nosso processo histórico, como nas escalas, são o que propõem muitos sambas-enredos aqui analisados. “O discurso histórico deve ser construído em forma de obra, cada obra se insere em um ambiente já edificado, às vezes ao preço de custosas demolições: construir, desconstruir, reconstruir são gestos familiares para o historiador”. (RICŒUR, 2012, p. 222)

Visando comprovar, ao longo das análises de 232 sambas-enredos, a reescrita de momentos históricos e as novas configurações dos fatos passados, revistos e reelaborados na inscrição da palavra *liberdade*, considerando os prováveis discursos dialógicos entre a literatura, a história e a memória cultural de nosso país, esta pesquisa foi organizada em quatro capítulos.

O Primeiro Capítulo, intitulado “Carnaval”, aborda, de forma resumida, as origens, os significados e a formação do Carnaval no Brasil, apontando, em ordem cronológica as seguintes manifestações culturais, Entrudo, Zé Pereira, Cordões, Ranchos, Sociedades Carnavalescas, Samba, Escolas de Samba e Samba-Enredo.

O Segundo Capítulo, “A palavra liberdade na era Vargas e na democracia populista (1943-1964)”, compreende a investigação de 10 sambas-enredos, todos que nos foram possíveis coletar sobre aqueles anos. Subdividimos aquelas composições em três agrupamentos: A Liberdade e a Segunda Guerra Mundial, a Liberdade e a Independência do Brasil e a Liberdade e a Escravidão.

O Terceiro Capítulo, “A palavra liberdade ao longo da ditadura militar (1965-1985)”, agrega 27 sambas-enredos. De acordo com o referente, optamos também pelos agrupamentos temáticos, a saber: a Liberdade e Outros Temas, a Liberdade e a República, a Liberdade e o Povo, a Liberdade e o Carnaval, a Liberdade e a Independência, a Liberdade e as Significações Difusas e a Liberdade e a Escravidão.

O Quarto e último capítulo, “A palavra liberdade ao longo da democracia (1986-2013)”, possibilitou encontrarmos o maior número de sambas-enredos que empregaram a palavra *liberdade*, e reunimos 195 composições. Dessa forma, aumentou o número de temas e, conseqüentemente, de agrupamentos, a Liberdade de Expressão; a Liberdade e a Independência; a Liberdade e os Indígenas; a Liberdade, as Mulheres e os Direitos Feministas; a Liberdade e os Países; a Liberdade e o Povo; a Liberdade, a Mitologia e a Religiosidade; a Liberdade e Outras Representações; a Liberdade, o Carnaval e Outras Artes; a Liberdade e as Significações Difusas e a Liberdade e a Escravidão.

Ressaltamos que o Centro de Memória da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, LIESA, disponibilizou-nos um arquivo digital, formado por 1.112 páginas, composto por sambas-enredos coletados entre os anos de 1926 a 2003. Após a leitura do acervo, separamos aquelas composições que empregaram a palavra *liberdade* e realizamos, simultaneamente, uma pesquisa em sites de música e de Escolas de Samba com a finalidade de expandir a investigação até o ano de 2013 e confirmar outras informações pertinentes à escrita do samba-enredo. Assim, totalizamos 232 textos elaborados por 70 Escolas de Samba, em 70 anos de história.

Dessa maneira, este estudo foi direcionado para a área de concentração Teoria da Literatura e Literatura Comparada e para a linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural, por considerarmos que a Literatura Comparada é conduzida a se

interessar “pelas realidades políticas e sociais, pelo movimento das ideias e pela história dos costumes e do gosto em geral quanto pela própria literatura”. (JEUNE, 1994, p. 227)

Portanto, é inegável a força expressiva da memória cultural nos sambas-enredos, cujo discurso é o da liberdade. Aqui, ressaltamos, de igual forma, as contribuições de Henry Rousso ao assegurar que a memória tem relação com a identidade da percepção do individual e do coletivo, pois seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana. (ROUSSO, 1998, p. 95)

# **CAPÍTULO 1**

## **Carnaval**

## 1.1 – INTRODUÇÃO AO PRIMEIRO CAPÍTULO

Foi necessário, antes de apresentar a análise dos 232 sambas-enredos, abordar, mesmo que de forma breve, alguns dos estudos acerca das origens e dos significados do Carnaval, bem como da formação desse evento no Brasil. Ao discutir a primeira parte deste capítulo, denominada “Origens e significados do Carnaval”, utilizamos como referências as produções escritas e os testemunhos de Eneida de Moraes, Hiram Araújo, Mikhail Bakhtin, Goethe e Roberto DaMatta.

A escritora paraense, radicada no Rio de Janeiro, Eneida de Villa Boas Costa de Moraes, publicou em 1958 a primeira grande obra sobre o Carnaval, *A História do carnaval carioca*, esforçando-se por definir as origens e os conceitos dessa festa popular desde o Entrudo, passando pelos Cordões, os Ranchos e as Sociedades Carnavalescas, testemunhando as produções de seu tempo, uma vez que, além de participar dos desfiles e dos bailes, integrara o corpo de jurados das Escolas de Samba.

O médico e pesquisador carioca, Hiram da Costa Araújo, publicou, em 2000, o livro *Carnaval: Seis milênios de história*, escrita que objetivou resgatar para a memória cultural as origens do Carnaval e os seus mitos fundadores, além de apresentar relevantes informações sobre as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e, de certa maneira, prolongar a pesquisa e o debate propostos por Eneida de Moraes.

O filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, com a sua obra *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, trouxe-nos significativas contribuições principalmente ao assegurar que o Carnaval é um espetáculo ilimitado e inclusivo e a sua lei é a da liberdade.

O poeta alemão Johann Wolfgang Von Goethe, além de ser um dos principais expoentes do romantismo de seu país, deixou-nos um simbólico testemunho, quando tivera a honra de assistir ao Carnaval de Roma, em 1788, registrado em sua obra *Viagem à Itália, minha campanha da França – excertos sobre uma viagem ao Reno*.

O antropólogo carioca Roberto Augusto DaMatta, em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, apresentou imprescindível análise sobre o Carnaval – o tema da inversão naqueles momentos de festa. Inversão, elemento que permite as condições para os deslocamentos, quando as classes sociais podem se relacionar de cabeça para baixo.

Na segunda parte deste capítulo, discutimos a formação do Carnaval no Brasil. Apontamos como marco inicial, o primeiro passo, a primeira manifestação vinda do

estrangeiro e adaptada em nossa terra – o Entrudo. Essa festa de origem portuguesa, trazida pelos colonizadores, considerada ofensiva e grosseira, era muito praticada pelas classes populares. Aqui, mais uma vez, recorreremos aos estudos de Eneida de Moraes e Hiram Araújo.

O Zé Pereira foi abordado com base nos escritos de Eneida de Moraes, Edgar Alencar e Sérgio Cabral. Importante assegurar que tanto Eneida quanto Cabral tiveram acesso aos estudos de Vieira Fazenda sobre essa manifestação introduzida em nosso país pelo português José Nogueira de Azevedo Paredes que saía às ruas tocando zabumbas e tambores, por volta de 1850.

Os Cordões, que surgiram na segunda metade do Século XIX, foram objetos de estudo de Eneida de Moraes, Sérgio Cabral e Monique Augras. Os Cordões, para uns, surgiram do anonimato coletivo, eram uma sátira do povo carioca; para outros, tiveram origens em várias tribos de negros e em reuniões deles nas festas natalinas e carnavalescas.

Os Ranchos eram grupos que tinham como elementos de destaque reis e rainhas, provavelmente de cultura afrodescendente, como as congadas e as festas do divino. Também, os Cordões surgiram na segunda metade do Século XIX e seus integrantes pertenciam às classes populares cariocas. Aqui, baseamos nos estudos de José Ramos Tinhorão, Hermano Vianna, Sérgio Cabral e Monique Augras.

A Praça Onze é inescapável de nossa memória, constituindo um monumento importante para os estudos do carnaval, notadamente por ter sido um espaço, um ambiente, um local de inclusão dos negros, a maioria oriunda de baianos, de portugueses, espanhóis, italianos e judeus. Estudar a Praça Onze, que não existe há mais de 75 anos, foi-nos permitido graças aos estudos de Eneida de Moraes, Hiram Araújo e das possibilidades de comparação com o papel das praças públicas analisado por Bakhtin.

As Sociedades Carnavalescas que surgiram na segunda metade do Século XIX também foram relevantes para a história do nosso Carnaval. Interessante observar que a ação dessas sociedades ou clubes ultrapassava os dias de festa. Elas defendiam as liberdades democráticas, a abolição da escravatura e a proclamação da República. Delas fizeram parte personalidades notáveis de nossa história: Machado de Assis, José do Patrocínio, Manoel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, Quintino Bocaiúva, João Clapp, Ferreira de Araújo, dentre outros. Utilizamos, como referências, pesquisas de Eneida de Moraes, Hiram Araújo e Sérgio Cabral.



A primeira música do Carnaval “Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga, mereceu nossa atenção, ainda que não a tenhamos discutido mais detidamente. Há de se perceber, portanto, que, apesar de a primeira canção não mencionar explicitamente a palavra *liberdade*, a sugestão em seus versos é precisa. Nessa seção, baseamo-nos nas pesquisas desenvolvidas por Eneida de Moraes e Edgar de Alencar.

Tia Ciata – Hilária Batista de Almeida – é uma das personalidades mais marcantes na memória de nosso Carnaval brasileiro. Uma mulher que tem a sua ancestralidade africana, passando pela Bahia e se estabelecendo no Rio de Janeiro. A casa em que ela residia era um local de encontro para festas, samba de partido alto e batucada. Um campo dinâmico, de expressões identitárias. Foi naquele espaço que surgiu *Pelo Telefone*, o primeiro samba gravado, em 1916, conforme atestam os estudos de Muniz Sodré, Sérgio Cabral, Hiram Araújo, Hermano Vianna, Edgar de Alencar e Monique Augras.

Finalizando este capítulo, discutimos, de forma igualmente breve, o surgimento do samba que, inicialmente, era um ato livre com o corpo; as escolas de samba, que reuniram vários elementos constituintes de nossa história do Carnaval. Optamos pela grafia de samba-enredo, reconhecendo a frequência do uso de outros dois vocábulos “samba de enredo” e “samba enredo” que nomeiam essas primeiras composições de nossa história. Consultamos, nessa investida, as pesquisas de Eneida de Moraes, Sérgio Cabral, Hermano Vianna, Tinhorão, Muniz Sodré, Roberto DaMatta e Edgar de Alencar.

## 1.2 – ORIGENS E SIGNIFICADOS DO CARNAVAL

A escritora Eneida de Moraes<sup>2</sup>, em sua obra *História do Carnaval Carioca*, legou importante contribuição para os estudos da memória do Carnaval, um testemunho privilegiado visto que ela participou várias vezes como membro do corpo de jurados nas escolas de samba do Rio de Janeiro.

Eneida dedicou a sua escrita ao povo carioca e o definiu como aquele que sabe manter sua alegria e seu espírito crítico. Um povo que, “desamparado pelos Governos,

---

<sup>2</sup> Eneida Costa de Moraes, jornalista e escritora, segundo a *Enciclopédia da música brasileira*, foi conhecida como a maior foliã do carnaval do Rio de Janeiro. Criou o famoso Baile do Pierrôs; em 1958 lançou o livro *História do Carnaval carioca* e mais tarde participou de júris nos desfiles de escolas de samba. Em 1965, desfilou na ala dos pierrôs da Escola de Samba Salgueiro, escola que a homenageou postumamente, com o enredo de 1973.

tão crivado de deveres e despojado de direitos, mas que ensina a todos os povos do Mundo as alegrias carnavalescas”. (MORAES, 1958, p. 1) Observemos que essas reflexões foram publicadas em 1958 e, já naquele tempo, o Rio de Janeiro tinha bem definida a sua importância para o Carnaval, uma posição de destaque, que permanece intocável, ao longo dos tempos.

Eneida de Moraes afirmou ter realizado a pesquisa nos clubes carnavalescos, na Biblioteca Nacional, em antigos jornais, em livros sobre o Carnaval e no diálogo com os velhos carnavalescos. Agradeceu, no término da obra, a várias personalidades, dentre elas ao poeta Carlos Drummond de Andrade e ao cronista Efegê. A respeito das origens do Carnaval, observa que esse evento surgiu nos cultos agrários praticados pelos povos da antiguidade. Gritando “afastai-vos demônios”, homens e mulheres mascarados, cobertos de pele de animais ou de plumas de aves, saíam em bandos e invadiam as casas, numa terrível algazarra – aqui podemos verificar, no uso das fantasias, o destaque da força representativa de elementos da fauna nos rituais de celebração, como o reconhecimento de que, ao se festejar a vida humana, não se poderia ignorar o animal, também fonte de sobrevivência.

Conforme seu relato, o Carnaval era difundido entre vários povos e culturas, nas festas alegres do paganismo, como a de Ísis e do Boi Ápis, entre os egípcios, para alguns autores; e entre os hebreus e nas bacanais, lupercais e saturnais de Roma, para outros. Homens, mulheres, crianças e velhos, libertos e mesmo escravizados, participavam do evento, em delírio coletivo de evasão temporal e condicional. Assim, não nos equivocamos, quando asseguramos que, desde suas origens primeiras, o Carnaval foi um lugar de inclusão, ao menos provisória, de euforia e de catarse coletivas. Eneida informa-nos de que, durante os dias de festa, “O ‘comércio’ fechava, os tribunais não funcionavam, as escolas cerravam suas portas. Época de tanta alegria e desvario que nela até os escravos podiam dizer verdades aos seus senhores, ridicularizá-los, fazer o que desejassem”. (MORAES, 1958, p. 7) Observemos, já aqui, nos primórdios do Carnaval, as possibilidades de inversão que a festa propiciava – tempo de dizer verdades e de libertação do corpo, da alma e do pensamento.

A pesquisadora afirma haver autores que consideram a origem dessa festa popular não nos eventos da Antiguidade, mas naqueles da Idade Média. Dessa forma, chama-nos a atenção para concluirmos que, apesar de não sabermos o surgimento preciso, o importante é percebermos que “As variadas origens atribuídas ao carnaval levam-nos apenas à certeza de que, festa pagã ou religiosa, sempre existiu, na história da

humanidade, um determinado momento escolhido pelos homens para expandir maior alegria, para rir, pular e cantar mais livremente”. (MORAES, 1958, p. 8)

Eneida de Moraes também assegura que o Carnaval é encontrado de formas diversas nos mais diferentes países e épocas: entre os gregos, romanos e egípcios e sempre existiu com músicas barulhentas, danças, máscaras, licenciosidade. Veio do paganismo e a Igreja Católica, se não o adotou, tolerou-o e regularizou-o. E qual é o significado da palavra Carnaval? Procurando responder a essa pergunta, a pesquisadora argumenta que ela vem [...]

Do *carrum novalis* com o qual os romanos abriam seus festejos, dizem uns. Vem de *caro-vale* ou ‘adeus à carne’ pois ele marca o início da quaresma cristã, afirmam outros. Luís da Câmara Cascudo acha que ‘a lição mais idônea é a contida no verbete que Adolfo Coelho escreveu no dicionário de frei Domingos Vieira: ‘*Carnaval*: s.m. do italiano *carno* e *vale*. O dialeto milanês tem *carnevale* do baixo latim *carnelevamen*; de *caro*, carne e *levamen*, ação de tirar, assim pois tempo em que se tira o uso da carne, pois o carnaval é propriamente a noite antes da quarta-feira de cinzas. Esta etimologia – que é dada por Littré, põe de lado a mais antiga, segundo a qual a palavra viria de *carne* e *vale*, adeus à carne, pois em italiano não há a palavra ‘vale’ e o milanês *carnevale* tira as dúvidas em quanto ao som. Tempo de divertimento que varia de extensão segundo os países, mas que começa sempre depois do primeiro dia do ano e acaba na véspera da quarta-feira de Cinzas. (MORAES, 1958, p. 11-12)

Outro estudo sobre o Carnaval carioca, que igualmente merece destaque para esta pesquisa, é a obra *Carnaval, seis milênios de história*, de Hiram Araújo<sup>3</sup>. De acordo com esse pesquisador, as origens do Carnaval remontam ao período entre o IV milênio antes de Cristo ao século VII da mesma era, sendo a criação dos cultos agrários o marco inicial; e a oficialização das festas a Dioniso, na Grécia (605 a 527), o marco final.

Para esse pesquisador, o Egito foi o primeiro centro de excelência do Carnaval, tendo como princípio básico de manifestação as danças e os cânticos em torno de fogueiras. Apesar de ter datado alguns prováveis eventos que sugerem o início do Carnaval, Hiram Araújo ressalta a impossibilidade de comprovar cientificamente o nascimento dessa festa, muito embora, “baseados em pesquisas da história da evolução do homem, deduzimos que os primeiros indícios, do que mais tarde se chamaria carnaval, surgiram dos cultos agrários, ao tempo da descoberta da agricultura”. (ARAÚJO, 2003, p. 3) Por outro lado, tornando essa questão mais intrigante, há dúvidas a respeito da exata data da descoberta da agricultura – mas, mesmo assim, é explícito o envolvimento do

---

<sup>3</sup> Hiram da Costa Araújo, médico, pesquisador e autor de vários livros sobre o carnaval carioca, possui experiências como coordenador do corpo de jurados das escolas de samba, comentarista do carnaval e colaborador cultural na RIOTUR e na Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a LIESA.

homem com a natureza e os seus elementos, a flora e a fauna, desde aqueles primeiros rituais de celebração.



Pintura mural de um túmulo retratando trabalhadores arando os campos, a colheita das culturas e a debulha de cereais sob a direção de um supervisor, no Egito Antigo.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Egito\\_Antigo/Galeria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Egito_Antigo/Galeria)

É certo que o pesquisador, nessa linha argumentativa, afirma ter a agricultura surgido após o término da última glaciação da Terra, aproximadamente 10.000 anos antes de Cristo e que, substituindo as imensas e inóspitas geleiras, apareceram os bosques e as pradarias. Ao observar a natureza, o homem entrou no reino da utopia por meio da celebração, despreocupando-se com os eventos negativos que “concretamente, tinham ido embora (o inverno, a enchente etc.) e saudava o que lhe parecia um bem (a entrada da primavera, o término da enchente, o nascer do sol etc.) com danças e cânticos em torno de fogueiras.” (ARAÚJO, 2003, p. 4) Nessa perspectiva, merecem destaque as diferentes celebrações agrárias iniciais apontadas por Hiram Araújo, além dos cultos à deusa Ísis e ao touro Ápis.

Na Pérsia, Hídia e Armênia, festa da deusa da fecundidade Anaitis e do grande deus Mitra, o “Sol Invicto”, respeitavelmente venerado em 25 de dezembro e nos domingos em Roma.

Na Fenícia, festa da deusa da fecundidade Artarte e de seu divino amante Adônis.

Em Creta, festa da Grande Mãe, deusa protetora da terra e da fertilidade, representada por uma pomba.

Na Babilônia, as Sáceas, festas que duravam cinco dias e eram marcadas pela licença sexual e pela inversão dos papéis entre servos e senhores, e pela eleição de um escravo rei, que era sacrificado no final da celebração. (ARAÚJO, 2003, p. 5)

Oportuno observar que, em diferentes lugares, as festas estavam relacionadas com a natureza. Chamam-nos especial atenção as Sáceas, na Babilônia, onde as práticas sexuais não eram censuradas, e a inversão dos papéis, entre senhores e escravizados, que mais tarde seria bem destacada por Mikhail Bakhtin e Roberto DaMatta, apesar de que, lamentavelmente, havia o sacrifício do escravo rei.

Prosseguindo a análise acerca das origens do Carnaval, Hiram Araújo aponta o período do século VII antes de Cristo ao século VI depois de Cristo como o do Carnaval Pagão, considerando o início com o culto a Dioniso na Grécia, oficializado no século VII, por Pisístrato, governante de Atenas, e o término em 590, quando da adoção oficial do Carnaval por parte da Igreja Católica. Dessa maneira, Grécia e Roma são definidas como segundo centro de excelência do Carnaval.

Na Grécia, Dioniso foi cultuado em procissões em que a imagem dele era transportada em embarcações com roda, curiosamente chamadas de *carrum navalis*, “simbolizando que o deus havia chegado a Atenas pelo mar, puxadas por sátiros (semideuses que, segundo os pagãos, tinham pés e pernas de bodes e habitavam as florestas), com homens e mulheres nus, em seu interior”. (ARAÚJO, 2003, p. 10) Mascarados seguiam o cortejo e, entre eles, um animal, o touro, que depois seria sacrificado. Esse espetáculo frenético ocorria pelas ruas de Atenas e a procissão se encerrava no templo sagrado, o Lenaion. O uso das embarcações com rodas, *carrum navalis*, com a presença de homens e mulheres nus e todo aquele espetáculo frenético, remetem aos carros alegóricos de nosso Carnaval com suas muitas funções – sendo o desnudamento apenas uma delas – como as críticas que vieram das grandes Sociedades Carnavalescas que surgiram no Brasil no Século XIX.

Se em Atenas ocorriam as festas Dionisíacas, em Roma eram as Saturnálias, posto que Saturno era o deus que ensinou a agricultura aos itálicos “Expulso do Olimpo por seu filho Júpiter, Saturno era especialmente adorado, quando chegava com os primeiros sopros do calor da primavera e era saudado com festas e um período de liberação das

convenções sociais”. (ARAÚJO, 2003, p. 15) Durante o espetáculo, as Saturnálias romanas, os escravos, assim como os das Sáceas, na Babilônia, tomavam os lugares dos senhores e saíam às ruas para celebrarem uma igualdade provisória, porque era permitida naqueles dias.



The Youth of Bacchus, A juventude de Baco, de William-Adolphe Bouguereau.  
Fonte: <http://www.wikiart.org/en/william-adolphe-bouguereau/the-youth-of-bacchus-1884>

Durante as Saturnálias, os escravos tomavam os lugares dos senhores. Não funcionavam os tribunais e as escolas. Os escravos saíam às ruas para comemorar a liberdade e a igualdade entre os homens, cantando e se divertindo em grande desordem. As casas eram lavadas, após os excessos libertários que aconteciam de 17 a 19 de dezembro (no hemisfério norte correspondia à entrada da primavera, que com a reforma do calendário e a inclusão de mais dois meses, julho e agosto, em homenagem aos imperadores romanos Júlio César e Augusto, teve a data empurrada para adiante). Seguiam-se à sua purificação as Luperciais, festas celebradas em 15 de fevereiro, em homenagem ao deus Pã, o qual matou a loba que aleitara os irmãos Rômulo e Remo, fundadores de Roma. Os Lupercos, sacerdotes de Pã, saíam nus dos templos, banhados em sangue de cabra e depois lavados com leite, cobertos por uma capa de pele de bode, e perseguiram as pessoas pelas ruas, batendo-lhes com uma correia. As virgens, quando atingidas, acreditavam se tornar férteis e as grávidas, se tocadas, conseguiriam se livrar das dores do parto. (ARAÚJO, 2003, p. 15)

Ao período que compreende do século VI ao século XVIII, Hiram Araújo nomeou como o do Carnaval Cristão Clássico e apontou como centro de excelência as cidades de Paris, Nice, Roma e Veneza. Significativo salientar que “A Igreja Católica e o Estado Feudal impuseram às cerimônias oficiais um tom sério e sisudo, como uma forma de combater o riso ritual dos festejos que, em geral, descambavam para as permissividades”

(ARAÚJO, 2003, p. 19), embora o povo desconsiderasse essas regras e respondesse às proibições e às censuras, com atos e ritos cômicos. A Igreja, de certo reconhecendo a impossibilidade de proibir o Carnaval, resolveu inseri-lo no Calendário Eclesiástico em 590 de nossa era, pelo Papa Gregório I.

Nesse contexto, de reconhecimento da necessidade de manter as tradições carnavalescas, Hiram Araújo afirma que a Igreja da Idade Média não somente tolerou como estimulou a festa e exemplifica a atitude do Papa Paulo II (1461-1471) que, de sua morada, “ao observar a Via Lata (Avenida Principal), que permanecia deserta e silenciosa o ano inteiro, resolve organizar as festas do carnaval, com a promoção de corridas de cavalos, anões e corcundas, lançamento de ovos etc.” (ARAÚJO, 2003, p. 23) e assevera que o Concílio de Trento (1545) reconheceu o Carnaval como uma celebração fundamental, ao ponto de adaptar ao Calendário Eclesiástico as festas consideradas profanas, objeto de discussão, também, no I Concílio de Nicéia (325) no qual foram permitidas comemorações:

Foram, então, permitidas comemorações libertas de orgias e permissividades, na data de nascimento de Cristo, dia 25 de dezembro, época aproximada das festas greco-romanas. Permitiam-se celebrações que, passando pela entrada do ano novo, terminavam na Epifania, dia 6 de janeiro (Dia de Reis). A intenção da Igreja era cristianizar as festas pagãs realizadas em dezembro (solstício de inverno), entre elas, a festa mitraica, que celebrava o *Natalis Invictis Solis* da religião persa, que rivalizava com o cristianismo nos primeiros séculos da Era Cristã, bem como as Saturnálias de Roma e os cultos solares entre os celtas e os germânicos. (ARAÚJO, 2003, p. 23)

Outra imprescindível contribuição para esse estudo vem de Mikhail Bakhtin, teórico russo da linguagem que, na sua obra *A Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, observa que o Carnaval ignora toda a distinção entre atores e espectadores, porque é um espetáculo ilimitado, de todos, quando o palco “teria destruído o carnaval (e inversamente, a destruição do palco teria destruído o espetáculo teatral). Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval”. (BAKHTIN, 2002, p. 6, grifo do autor) Dessa forma, o Carnaval não possui limite determinado, tem um caráter universal e a sua lei é a da liberdade, na percepção desse teórico.

Bakhtin também ressalta que a ideia da renovação universal do Carnaval foi percebida e se manifestou de maneira muito sensível nas tradições das saturnais romanas que permaneceram vivas no carnaval da Idade Média. Assegura que esse evento não era

uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida. Vida não somente representada, mas vida apresentada durante a cerimônia, em um modo muito particular de existência. “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média”. (BAKHTIN, 2002, p. 7, grifo do autor)

Bakhtin destaca que as festividades do Carnaval têm sempre uma relação marcada com o tempo, o natural (cósmico), biológico e histórico e se revestem na segunda vida do povo, que penetra, temporariamente, no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância. Significativo destacar que, para ele, as festividades, em todas as suas fases históricas, estiveram relacionadas a períodos de *crise*, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade do homem, de modo que “a morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. E são precisamente esses momentos – nas formas concretas das diferentes festas – que criaram o clima típico da festa”. (BAKHTIN, 2002, p. 8)

Por outro lado, Bakhtin pondera que as festas oficiais da Idade Média não retiravam o povo da ordem e tão somente contribuía para consolidar o regime em vigor. O que ocorria de fato, nas celebrações oficiais, era um olhar para o passado que tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo. O Carnaval, a vitória da liberação, implodia as regras da festa oficial por ser “a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações”. (BAKHTIN, 2002, p. 8-9)

Um dos maiores recursos que Bakhtin aponta como característica de oposição marcante entre as festas oficiais da Idade Média e o Carnaval é a linguagem. Uma linguagem surgida ao longo dos séculos, desde os ritos cômicos anteriores. Uma linguagem própria, capaz de transmitir a percepção carnavalesca do mundo, em todas as formas e símbolos impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência relativa das verdades do poder.

Essa linguagem carnavalesca é também caracterizada pelo avesso das coisas, pelas paródias, em um mundo ao revés: “a paródia carnavalesca está muito distante da paródia moderna puramente negativa e formal; com efeito, mesmo negando, aquela ressuscita e renova ao mesmo tempo. A negação pura e simples é quase sempre alheia à cultura popular”. (BAKHTIN, 2002, p. 10) Nessa perspectiva, oportuno analisarmos que a linguagem carnavalesca presente em nossos sambas-enredos, a seleção das palavras, a disposição dos versos, as formas de se inscrever o vocábulo *liberdade*, em contextos



distintos, têm importância fundamental para os nossos estudos literários, históricos e culturais, conforme verificaremos nos próximos capítulos que se seguem.

Da mesma forma com que discorrera acerca da linguagem, Bakhtin debatera longamente sobre a natureza complexa do riso carnavalesco, um riso festivo. Um riso na festa popular que, naturalmente, não se tratava de um ato individual, singular, mas de uma reação coletiva e universal, por atingir todas as coisas e pessoas. Logo, esse riso possui uma natureza complexa, ambivalente, em mão dupla, posto que é alegre e, ao mesmo tempo, sarcástico.

Uma qualidade importante do riso na festa popular é que escarnece dos próprios burladores. O povo não se exclui do mundo em evolução. Também ele se sente incompleto; também ele renasce e se renova com a morte. Essa é uma das diferenças essenciais que separam o riso festivo popular do riso puramente satírico da época moderna. O autor satírico, que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem. (BAKHTIN, 2002, p. 10-11)

Foram várias as funções percebidas por Bakhtin acerca do riso na Idade Média, principalmente a ciência de que o riso, não faz nenhuma exceção ao estrato superior, mas se volta contra ele e que a liberdade do riso, confinada aos limites do dia de festa, permitia interromper, provisoriamente, o sistema oficial. “Por um breve lapso de tempo, a vida saía de seus trilhos habituais, legalizados e consagrados, e penetrava no domínio da liberdade utópica. O caráter efêmero dessa liberdade apenas intensificava a sensação fantástica e o radicalismo utópico das imagens geradas nesse clima particular.” (BAKHTIN, 2002, p. 77) E qual foi a função mais providencial do riso na Idade Média, segundo Bakhtin? A vitória. A vitória sobre o medo. O medo do mistério, do mundo e do poder.

Nessa linha analítica, há de se considerar o testemunho escrito pelo poeta alemão Johann Wolfgang Von Goethe a partir da experiência adquirida por ele, quando, em 1788, assistira ao Carnaval realizado em Roma. Goethe relatou ter visto, nas cenas extravagantes daquele evento, os acontecimentos mais marcantes da nossa existência. Aquele espetáculo era uma conquista popular, uma vez que “O carnaval não é uma festa que se dá ao povo mas que o povo dá a si mesmo”. (GOETHE, 1959, p. 214)

O poeta alemão escreveu que um sinal vindo do sino do Capitólio informava aos romanos a permissão do Carnaval, e nessa ocasião o trabalho era suspenso e a rua transformava-se em um imenso salão de festa coordenada pela igreja:

A esse tempo, os soldados do Papa, com um general e uma banda de música à frente, dão entrada no Corso e se postam de maneira a poder velar pela manutenção da ordem, e os indivíduos incumbidos de alugar localidades nas arquibancadas exortam os transeuntes a adquirirem as suas. (GOETHE, 1959, p. 215-216).

Oportuno observar que o uso comercial das arquibancadas para o espetáculo é uma prática que remonta a séculos passados, bem anteriores ao nosso Carnaval moderno.

No início daquele evento, Goethe viu os primeiros mascarados aparecerem no Corso – rapazes travestidos de mulheres do povo que abordavam outros homens de maneira extravagante, entretanto, com a permissão do espírito do bom humor. E as mulheres? “As mulheres que, nessas condições, têm tanto gosto pelos trajes masculinos quanto os homens pelos femininos, apresentam-se às vezes com a predileta fantasia de polichinelo, sob a qual algumas ficam verdadeiramente sedutoras.” (GOETHE, 1959, p. 216) A inversão performática dos papéis representados pelos sexos possibilita o entendimento de que o ato de travestir-se é o de se colocar no lugar do outro, é agir de fora, de outro modo, como sendo de outra postura, com o outro, sobre o outro e com o mundo.

Nesse contexto, o poeta alemão relata-nos a performance ambivalente de um advogado que, ao passar pela multidão, comportava-se como se estivesse em um tribunal e ameaçava os homens de um processo escandaloso, acusando-os de crimes ridículos e expondo suas dívidas. Às mulheres, enumerava os amantes delas. Evidentemente, o gesto do advogado, ao confundir as pessoas, causava grandes gargalhadas em um ambiente de loucuras que se sucediam rapidamente. Mesmo no interior das casas, os romanos se entregavam ao frenesi provocado pelo Carnaval e havia uma mescla, ou melhor, uma com – ‘fusão’ entre as idades e as categorias sociais.

Destacamos que, na visão de Goethe, não havia, naquele espetáculo a que assistia “nenhuma vigilância da força armada ou da polícia” (GOETHE, 1959, p. 216), o que nos autoriza dizer que o povo era o senhor de suas regras, em absoluto, ou melhor, o povo seria controlado somente pela fadiga e pelo tédio, os únicos capazes de fazê-lo deixar o Corso, após a exaustão da festa. Ao chegar a suas casas, povo e burguesia encerravam seu Carnaval com uma refeição composta inteiramente por carnes. A nobreza terminava as suas festividades nos teatros, cujas portas ficariam fechadas durante a Quaresma. “À meia noite, tudo está terminado, e o carnaval já não é mais, para toda gente, do que a recordação de um sonho ou de um conto de fadas”. (GOETHE, 1959, p. 225)

A reflexão sobre a liberdade e a igualdade, feita por Goethe, a partir desse relato, de visita à Itália, é muito emblemática, posto que “elas são bens que só podemos gozar em momentos de demência, e só acreditamos atingir a suprema felicidade quando se apresenta rodeada de perigos e misturada às suas mais doces sensações, sentimentos de temor e o pesar de um desejo insatisfeito”. (GOETHE, 1959, p. 225)

Assim posto, Bakhtin assinalou que Goethe soube ver e revelar a unidade e o profundo valor do Carnaval na sua concepção do mundo, principalmente a percepção do comportamento do povo: “O povo não recebe nada, não sente veneração por ninguém, ele se sente o senhor e unicamente o senhor” (BAKHTIN, 2002, p. 217) e a cada um dos participantes, por mais distinta que seja a sua posição, é permitido, ao menos uma vez por ano, mostrar-se extravagante, louco, como se desejar.

O antropólogo Roberto DaMatta, em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, destaca que os costumes carnavalescos colaboram para a existência de um mundo de mediação, de encontro e de compensação moral e que possibilita um lugar de inclusão, um campo social cosmopolita e universal, polissêmico por excelência, posto que engloba todos os seres, tipos, personagens, categorias e grupos. “Neste sentido, o mundo do Carnaval é o mundo da conjunção, da licença e do *joking*; vale dizer, o mundo da metáfora. Da união temporária e programada de dois elementos que representam domínios normalmente separados e cujo encontro é um sinal de anormalidade”. (DAMATTA, 1981, p. 49)

Roberto DaMatta, corroborando o entendimento de Mikhail Bakhtin, assegura que a inversão é um mecanismo básico no Carnaval, porque provoca um deslocamento completo de elementos de um domínio para o outro, une o que está separado. Naturalmente, o Carnaval brasileiro, na percepção desse antropólogo, é um exemplo de inversão “quando o uso das fantasias permite relacionar ao núcleo (ou centro do sistema social) toda uma legião de seres, papéis sociais e categorias que, no curso da vida diária, estão escondidos e marginalizados”. (DAMATTA, 1981, p. 62) Nessa perspectiva, somente a inversão é o recurso capaz de possibilitar a união provisória, nos momentos de festa, de elementos de naturezas opostas, um ambiente, chamado “ritual” que “coloca lado a lado o ladrão e o policial, a prostituta e a dona de casa, o presidiário e o diplomata, o travesti e o *machão*”. (DAMATTA, 1981, p. 63, grifos do autor)

A inversão, no nosso Carnaval, para DaMatta, é o elemento que permite as condições para os deslocamentos entre domínios quando as nossas classes sociais podem se relacionar de cabeça para baixo. “Aqui, o elemento mediador entre elas não é somente

o poder e a riqueza, mas o canto, a dança, as fantasias, a alegria. Em suma, a capacidade de ‘brincar’ o Carnaval. O que está dizendo, neste momento, é que as diferenças existem, mas todos são também e primordialmente seres humanos”. (DAMATTA, 1981, p. 63)

Ao afirmar, assim como Goethe, que o “Carnaval é um momento sem dono, posto que é de todos” (DAMATTA, 1981, p. 92), o antropólogo observa que numa sociedade como a nossa, em que há um controle excessivo das regras dominantes, seria inconcebível aceitar uma festividade sem patrono, sem um sujeito, sem um centro, sem um dono, como é comum dizer, falando-se de momentos rituais no Brasil. Assim, os estudos de DaMatta apontam para uma glorificação invertida que merece destaque – a imagem da ‘puta, deslocada’, substitui a da Virgem-Santa,

No carnaval, invertemos as posições. A glorificação não é da Virgem-Santa que desfila num altar, abençoando a todos os homens que, recatadamente, baixam os olhos durante sua solene passagem. Ao contrário, é da puta. A grande puta generalizada que, trazendo consigo a vida, impõe pensar sobre o encontro físico, a penetração sexual e a evidente reprodução do mundo. A Virgem desfila tendo somente um rosto, a face serena, linda, semi-oculta pelo véu. Seu corpo é coberto por um manto que impede descobrir suas formas. Mas a mulher do Carnaval desfila como puta. Assim, elas estão nos andores que centralizam todos os olhares, ou nas mesas e frisas dos camarotes dos bailes, onde despertam paixões. São os seus nichos, como os altares de Nossa Senhora. É a mulher deslocada do lugar, ou simplesmente o outro lado da mulher que, agora, surge para a nossa tomada de consciência? (DAMATTA, 1981, p. 111)

### **1.3 – A FORMAÇÃO DO CARNAVAL NO BRASIL**

#### **1.3.1 – O ENTRUDO**

Segundo Eneida de Moraes, o marco inicial do Carnaval brasileiro foi o Entrudo português, considerado ofensivo, por sua forma violenta de expressão. Essa primeira manifestação foi introduzida pelos colonizadores e durou três séculos. Nos tempos da Colônia e do Império, a festa assustava os viajantes estrangeiros que aqui aportaram. Isso porque eles julgavam os folguedos, sem considerar que o povo brasileiro estava apenas repetindo os hábitos aprendidos com os europeus. Com o entrudo, “começamos os festejos de Momo e não apenas nós, mas também todos os povos da América espanhola, pois que as calamidades do entrudo ‘porco e brutal’ eram comuns à Península Ibérica”. (MORAES, 1958, p. 16)

Em 1818, o pintor e engenheiro, Jean Batiste Debret, chegou ao nosso país com a missão artística francesa e registou o cenário em dias de festa, quando se praticava o

entrudo. Portanto, verifiquemos abaixo a reprodução de Scene de Carnaval (cena do carnaval) e a descrição do nosso primeiro evento, pelo olhar desse artista francês.



Fonte: [http://carnaxe.com.br/axelook/quadros/arquivos/debret\\_1823\\_scenecarnival.htm](http://carnaxe.com.br/axelook/quadros/arquivos/debret_1823_scenecarnival.htm)

No desenho de Debret, datado de 1823, percebemos que negros e mestiços, em um ponto comercial de uma rua carioca, durante o carnaval, divertiam-se com os rostos brancos, enfarinhados, e um deles lança água sobre o grupo. Assim definiu o artista francês:

Vi, durante a minha permanência certo Carnaval em que alguns grupos de negros mascarados e fantasiados de velhos europeus imitavam-lhes muito jeitosamente os gestos, ao cumprimentar à direita e à esquerda as pessoas instaladas nos balcões eram escoltados por alguns músicos, também de cor e igualmente fantasiados. (DEBRET, 2015, p. 268)

Eneida considerou que o nosso Carnaval em nada se comparava ao da França e ao da Itália, “espirituais e finos”, naquele momento. Por outro lado, essa pesquisadora assegura que não foi somente o aspecto degradante do Entrudo que chamou a atenção dos viajantes. Levou em conta a percepção de Debret sobre aqueles grupos de negros mascarados e fantasiados, que imitavam europeus, o que a fez ressaltar que uma das

características do Carnaval é dar aos escravos de qualquer época o direito de criticar e zombar de seus senhores. (MORAES, 1958, p. 17-18)

Hiram Araújo, abordando esse mesmo assunto, afirma que a palavra Entrudo veio do latim (*introitu*) e significa início, começo, abertura da Quaresma. Corroborando o pensamento de Eneida de Moraes, assegurou que essa manifestação cultural foi uma forma grosseira, violenta e primitiva de brincar o Carnaval, que teve suas origens nas Bacanais e Saturnais e se consolidou no começo da oficialização do Carnaval cristão, após 590 d.C. “O povo passou a comemorar o começo da Quaresma, bebendo e comendo, para compensar o jejum. O ritual foi se tornando bruto e grosseiro, consistindo em espargir água e nela as pessoas banharem-se para purificar o corpo”. (ARAÚJO, 2003, p. 26) O Entrudo brasileiro, segundo esse pesquisador, foi implantado aqui a partir de 1723, pelos ilhéus das ilhas de Madeira, Açores e Cabo Verde, portanto exatamente um século antes do registro de Debret.

### **1.3.2 – O ZÉ PEREIRA**

Outro fenômeno significativo presente nos estudos sobre as origens do nosso Carnaval é o Zé Pereira. Pautando-se nos estudos de Vieira Fazenda, Eneida de Moraes afirma que a origem do nome remete a certas localidades de Portugal em que chamam a bombo – um instrumento musical – de Zé Pereira e pondera que, por outro lado, aqui no Brasil, “o português José Nogueira de Azevedo Paredes, reunido com alguns patrícios, recordou com eles das romarias portuguesas e resolveram sair às ruas ao som de zabumbas e tambores em passeatas pela cidade”. (MORAES, 1958, p. 44)

Hiram Araújo acrescenta outras informações acerca do José Nogueira, assegura que ele era sapateiro lusitano e fora o criador desse evento, sendo que muitos autores divergem, quanto ao verdadeiro ano de seu surgimento. “Para uns, foi em 1846; para outros, em 1848 ou mesmo em 1850”. (ARAÚJO, 2003, p. 92) O certo é que a manifestação denominada Zé Pereira, composta por um conjunto de bombos e de tambores, por muito tempo, foi um atrativo no Carnaval carioca.

Edgar de Alencar, em *O Carnaval carioca através da música*, observa que “parece ter sido em 1852 que o sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes, com oficina na Rua São José, 22, reuniu alguns companheiros e saiu na tarde de segunda-feira

de carnaval tocando bombos”. (ALENCAR, 1979, p. 61) Aquela novidade, apreciada pelos foliões, foi repetida em vários carnavais cariocas.



Fonte: <http://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cordoes-blocos.html>

Sérgio Cabral<sup>4</sup>, em *Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, afirma que, no século XIX, Zé Pereira era o nome dado aos foliões que brincavam o carnaval, percorrendo a cidade e tocando enormes tambores. Zé Pereira poderia ser um folião solitário, ou mesmo um grupo de carnavalescos, “todos com seus tambores, desfilando pelas ruas e visitando as redações dos jornais, como era hábito dos foliões que se julgavam merecedores de aparecer na imprensa”. Ao citar, igual aos demais autores mencionados, o valoroso trabalho de Vieira Fazenda, sobre o Zé Pereira, Sérgio Cabral acrescenta que faltou-nos o porquê, a razão, de a folia criada por José Nogueira de Azevedo Paredes ser chamada de Zé Pereira e não de Zé Nogueira. (CABRAL, 2011, p. 17)

---

<sup>4</sup> Sérgio Cabral é jornalista, autor de várias publicações sobre o carnaval carioca e participou da criação de *O Pasquim*.

### 1.3.3 – OS CORDÕES

É importante considerar que antes do surgimento do samba, propriamente dito, houve outras manifestações que antecederam e igualmente contribuíram para a sua formação. Os cordões, criados na segunda metade do século XIX, são mais um exemplo. Cordão, segundo Sérgio Cabral, era o nome genérico de vários tipos de agrupamentos, e tanto podiam reunir carnavalescos dos bairros mais elegantes, quanto os escravizados. Nessa perspectiva, também destaca a louvável contribuição do escritor carioca, João do Rio, que registrava manifestações culturais de sua época e uma das grandes percepções dele foi a respeito da origem religiosa dos cordões – a festa de Nossa Senhora do Rosário, na era colonial. “Já naquele tempo (os negros) gostavam e saíam vestidos de reis, de bichos, de guardas, tocando instrumentos africanos e paravam em frente à casa do vice-rei a dançar e a cantar.” (CABRAL, 2011, p. 18)

Os Cordões eram compostos por foliões que desfilavam um atrás do outro, geralmente fantasiados e mascarados, sem se preocupar com a uniformidade. Havia uma diversidade de alegorias e representações como reis, rainhas, palhaços, velhos, diabos, baianas, dentre outros. Os foliões eram guiados por um mestre, um líder que os comandava por um apito. Sodré assegura que nos cordões a afirmação cultural não era definida por meras representações de gestos e de cantos, por exemplo, mas de inclusão de um movimento “selvagem” de reterritorialização que rompia os limites topográficos impostos aos negros por meio da divisão do espaço urbano.

Nessa perspectiva histórica, acerca das origens do carnaval carioca, Eneida de Moraes aponta que o cantor e compositor Agenor Lopes de Oliveira observara que o cordão era uma sátira do povo carioca, surgida no anonimato coletivo, “após a chegada dos burocratas do Vice-Rei, da máquina estatal lusitana então montada no país, dos fidalgos ridículos e devassos, enfim da nova organização social transplantada para a nossa terra e agravada subitamente com a chegada de D. João VI e sua numerosa corte”. (MORAES, 1958, p. 122)

Eneida de Moraes também registra que os primeiros Cordões nasceram de negros de várias tribos, que se reuniam nas festas natalinas e carnavalescas, e discute as contribuições dos estudos de Renato Almeida: “No Rio de Janeiro, até 1830, os Cucumbis se incorporavam aos cortejos fúnebres dos filhos de reis africanos, às centenas, sacudindo chocalhos, entoando melopeias responsórias. Esses cânticos, a princípio africanos, receberam, como os dos congos, intercalações de verso e toadas portuguesas”.



(MORAES, 1958, p. 123) Ainda sobre a performance ritual do desfile, Sérgio Cabral acrescentou que “O artigo de João do Rio sobre os cordões, publicado inicialmente na revista Kosmos, em fevereiro de 1906, chama a atenção para uma característica curiosa das músicas carnavalescas: muitas vezes, seus temas eram tristes, mas os foliões cantavam sempre com muita alegria.” (CABRAL, 2011, p.18)

Assim posto, merece especial atenção a análise de Agenor Lopes de Oliveira, observada por Eneida de Moraes, em que ele questiona: se o Cordão realmente visava satirizar o sistema vigente àquele tempo, da chegada dos burocratas do Vice-rei no Rio de Janeiro, era exatamente para os representantes do poder político que os foliões iriam dançar e tocar temas tristes, mesclando rituais africanos e europeus, mas com estranha alegria, sendo que muitos deles ainda estavam escravizados e fantasiados de rei – curiosas contradições, inversões. Subversões?



“Os Cucumbis misturavam brincadeiras europeias com elementos de festas negras, como as congadas, uma delas retratada acima, numa imagem de 1860”.

(Imagem: Fundação Biblioteca Nacional)

Fonte: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/carnaval-por-liberdade>

Concluindo essa seção, destacamos que Sérgio Cabral aponta dois tipos de Cordões para a nossa história, sendo que em ambos havia a predominância da participação dos negros – dos Velhos e dos Cucumbis. Baseando-se nos estudos de Renato Almeida, ressalta que os integrantes do cordão dos Velhos dançavam curvados, geralmente, apoiados num pedaço de pau, ao passo que os Cucumbis eram mais ricos nas danças, nas

músicas que cantavam e na variedade rítmica. As origens deles estavam nos congos, nas congadas, nos quilombos e ticumbis do Nordeste, adquirindo, no Rio de Janeiro, identidade própria. Monique Augras, igualmente, assevera que, por ser o ritmo do cordão Cucumbis caracterizado como triste e enfadonho, marcou a “incapacidade das elites perceberem a riqueza de construções musicais cujas regras fugiam aos cânones ocidentais.” (AUGRAS, 1998, p. 20)

### 1.3.4 – OS RANCHOS

Ranchos eram grupos que organizavam cortejos no carnaval e tinham como elementos de destaque rei e rainhas, provavelmente, devido a influências da cultura africana, notadamente as congadas<sup>5</sup> e as festas do divino. Surgiram por volta de 1870 e os seus integrantes pertenciam às classes populares cariocas.

José Ramos Tinhorão<sup>6</sup>, em *Pequena história da música popular*, afirma que os Ranchos apareceram no fim do século XIX entre os núcleos de moradores nordestinos da zona portuária do Rio de Janeiro, todos ligados a uma origem rural. A proposta de desfilar com os Ranchos no Carnaval veio dos baianos migrados para o Rio de Janeiro, “os primeiros ranchos cariocas saíam cantando pelas ruas as marchas e loas do repertório tradicional do ciclo das festas folclóricas de dezembro”. (TINHORÃO, 2013, p. 153) Para esse pesquisador, ao adotarem a formação das procissões religiosas, os Ranchos instituíram um mínimo de disciplina em meio ao caos do Carnaval e foram motivo de inspiração para o “Ó abre alas”, de Chiquinha Gonzaga, em 1899.

Com efeito, a evolução dos Ranchos era marcada pelas marchas-rancho que usavam instrumentos de percussão e de sopro; as fantasias e as performances coincidiam com as das congadas e festas do divino. Observemos que muitos dos recursos utilizados nos Ranchos permaneceram nas Escolas de Samba – que passaram a ocupar o lugar deles, de forma gradual – a exemplo, a comissão de frente, o mestre sala e a porta estandarte.

Muniz Sodré destaca que os ranchos eram uma organização estruturalmente negra e que existiam na Pedra do Sal, atual Morro da Conceição, anterior ao reinado das tias da

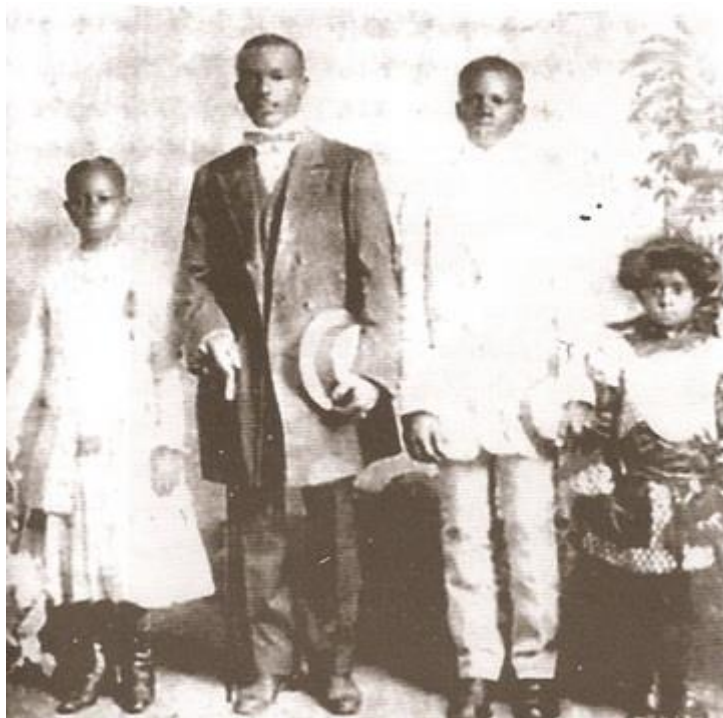
---

<sup>5</sup> Marina de Mello e Souza, em *Reis negros no Brasil escravista: história da coroação do rei do Congo*, define a congada como uma forma particular de conceber e transmitir a história. Como a maior parte de seus atos é realizada nas ruas, “essas festas tinham nas igrejas de seus padroeiros um importante elemento aglutinador, sendo os templos espaços de convívio dos grupos que se articulavam nas irmandades.” (SOUZA, 2006, p. 315)

<sup>6</sup> José Ramos Tinhorão, jornalista e pesquisador da música popular brasileira desde 1966.

Cidade Nova. “Os ranchos aproveitavam a festa europeia do Carnaval para retomar, dos cordões, a tática de penetração coletiva (espacial, temporária) no território urbano e afirmar, por meio da música e da dança, um espaço da identidade cultural negra.” (SODRÉ, 1998, p. 37)

Nessa perspectiva, Hermano Vianna aponta o “Rei de Ouros” como o primeiro rancho carnavalesco carioca, fundado pelo tenente Hilário Jovino Pereira, em 1893, como tentativa de reproduzir os festejos baianos. Em 1894, esse Rancho se apresentou no Itamarati, para o presidente Floriano Peixoto. Diante dessas informações, o antropólogo elabora os seguintes questionamentos: “Por que fingir que essa interação elite/cultura popular não acontecia? Por que dizer que nossos músicos populares eram simplesmente reprimidos ou desprezados pela elite brasileira?” (VIANNA, 2012, p. 47)



“O pai dos ranchos do Rio de Janeiro, Hilário Jovino, cercado por filhos”.  
Fonte: <http://blogln.ning.com/profiles/blogs/fotos-que-retratam-a-historia>

Sérgio Cabral também confirma a exibição do rancho “Rei de Ouros” para o Marechal Floriano Peixoto, “antecipando-se ao Ameno Resedá, o mais famoso rancho de todos os tempos, que também se apresentaria diante do presidente Hermes da Fonseca, no Palácio Guanabara”. (CABRAL, 2011, p. 23)

Monique Augras assegura que os velhos sambistas e os estudiosos são unânimes em apontar, nos ranchos, a origem das escolas de samba a partir da união deles, herdeiros

dos ternos de reis nordestinos, com os blocos e cordões das ruas do Rio, “do mesmo modo que foi o encontro, nos terreiros de candomblé da Saúde e da Cidade Nova, dos devotos cariocas com o samba baiano de roda, que deu origem, nas primeiras décadas deste século, ao samba.” (AUGRAS, 1998, p. 17) Nessa direção, a pesquisadora afirma que as escolas de samba incorporaram a forma de desfilar e o ritmo, a partir de diversas tradições advindas dos tempos coloniais, em que era comum o elemento religioso, imposto pelos donos do poder ou trazido no contrabando das culturas africanas.

De acordo com a publicação *Memória do Carnaval*, os ranchos já possuíam uma organização fixa, e seu desfile incluía: “abre-alas, comissão de frente, figurantes, alegorias, mestre de manobra, mestre-sala e porta-estandarte, primeiro mestre de canto, coro feminino, segunda baliza e porta-estandarte, segundo mestre de canto, corpo coral masculino e orquestra”. (ARAÚJO, 1991, p. 170) Vê-se que essa estrutura foi quase integralmente transportada para as escolas de samba. Para Monique Augras, havia uma relação pragmática entre os ranchos que, não por acaso, coincidia com a das escolas de samba – a participação, entre seus dirigentes, de oficiais de polícia para lhes garantir a legitimidade, mesmo pacto que se repetia nos terreiros por incluírem, quase sempre, autoridades destacadas. “Essas alianças são, obviamente, de mão dupla: os policiais amigos vêm a ser também cronistas carnavalescos, e seus jocosos apelidos como que tornam visível a permeabilidade entre figuras emblemáticas da ordem e da desordem.” (AUGRAS, 1998, p. 23)

### **1.3.5- A PRAÇA ONZE**

A Praça Onze, que não existe fisicamente há mais de 75 anos, é uma personagem imprescindível para os estudos acerca da origem do Carnaval no Brasil. O nome daquele espaço rememora a data da Batalha de Riachuelo, ocorrida em 11 de junho de 1865, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Muito mais que uma homenagem de um evento histórico, foi um local extremamente simbólico para a recepção e memória cultural dos negros – a maioria deles vinha da Bahia – além de lugar de inclusão de portugueses, espanhóis, italianos e judeus.

Eneida de Moraes argumenta que Artur Ramos analisou psicanaliticamente o fenômeno coletivo e carnavalesco da Praça Onze e concluiu que o negro evadido dos engenhos, das plantações, das minas, dos trabalhos domésticos das cidades, dos

mocambos, das favelas e dos morros vai mostrar, naquele lócus privilegiado, o seu inconsciente folclórico. Segundo a nossa estudiosa, nenhum ponto da cidade foi tão amado pelos foliões. Além de ser o berço do samba carnavalesco, era o espaço onde ele era propagado, difundido, reconhecido. “Nascesse de onde nascesse o samba, era na Praça Onze que ele vinha alimentar seus súditos, crescer e tomar conta da cidade”. (MORAES, 1958, p. 111)



Praça Onze de Julho – Rio de Janeiro.

Fonte: <http://urbecarioca.blogspot.com.br/2016/05/o-samba-e-praca-onze-de-cleia-schiavo.html>

O primeiro desfile das escolas de samba, que teve a Estação Primeira de Mangueira, campeã, e Osvaldo Cruz (Portela), vice, foi realizado na Praça Onze, em 1932, pelo jornalista Mário Filho, sendo que, daquela data até 1941, todos os desfiles foram apresentados naquele local. Hiram Araújo assinala que a presença dos negros era predominante ali, onde eles impunham seus ritmos, suas danças, sua cultura. Na qualidade de observador e participante dos eventos culturais, o compositor Heitor dos Prazeres definiu a Praça Onze como a “África Mirim”. (ARAÚJO, 2003, p. 100)

Nessa perspectiva, é providencial verificar que o significado da Praça Onze, para a cultura carnavalesca, encontra respaldo nos estudos de Bakhtin sobre a cultura popular,

uma vez que era um lugar representativo, igual às praças públicas do fim da Idade Média e do Renascimento. Um espaço que formava um mundo coeso e singular, impregnado do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade [...]

[...] durante o Carnaval nas praças públicas a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana criavam um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária. (BAKHTIN, 2002, p. 14)

A praça pública era o ponto de convergência, de união, de tudo o que não era oficial. O povo é que sempre tinha a última palavra, entretanto esses aspectos somente eram revelados nos dias de festa. Dessa forma, a cultura popular não oficial dispunha na praça de dois momentos especiais: os dias de feira e os de festa. E, nos dias festivos, formavam um segundo mundo no interior do mundo oficial da Idade Média.

Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem *familiar*, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela Igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada das classes dominantes (aristocracia, nobreza, alto e médio clero, aristocracia burguesa), embora o vocabulário da praça pública aí irrompesse de vez em quando, sob certas condições. Nos dias de festa, sobretudo durante o carnaval, o vocabulário da praça pública se insinuava por toda a parte, em maior ou menor medida, inclusive na igreja (“festa dos loucos”, do “asno”). A praça pública em festa reunia um número considerável de gêneros e de formas maiores e menores impregnados de uma sensação única, não oficial do mundo. Em toda a literatura mundial, dificilmente encontraríamos outra obra que refletisse de maneira mais total e profunda todos os aspectos da festa popular, além da de Rabelais. (BAKHTIN, 2002, p. 133)

Portanto, é significativa a memória da arquitetura da Praça Onze para o nosso Carnaval. Afinal, aquele lugar possibilitou o desenvolvimento dos trabalhos artísticos dos sambistas, vivenciando as diferentes culturas que por lá se manifestaram. Com efeito, nessa investigação, não podemos negar o protagonismo dos negros, ao mesmo tempo também reconhecer, a partir de algumas observações de estudiosos do nosso Carnaval, a presença de portugueses, espanhóis, italianos, judeus e seus descendentes que podem ter colaborado, ainda que de forma indireta, para a formação dessa grande festa. A festa do povo. A festa da liberdade.

### 1.3.6 – AS SOCIEDADES CARNAVALESCAS

As Sociedades Carnavalescas, ou Clubes Carnavalescos, foram igualmente relevantes na história do nosso Carnaval brasileiro. Eneida de Moraes registra que grande e bela foi a história de cada uma dessas Sociedades, devido ao papel desempenhado por elas em defesa das liberdades democráticas, da causa da abolição da escravatura negra e da Proclamação da República. A exemplo, verifiquemos no excerto abaixo a atuação de duas delas naquele tempo – segunda metade do século XIX:

Em 1876 os Estudantes de Heidelberg, cuja sede se chamava “Universidade” e que para suas festas convidavam “todos os Beca com suas formosas teteias”, esmolaram pelas ruas para comprar um menor escravo que salvara de morrer afogada uma menina chamada Corina, na praia de Icaraí.

Em 1888, publicavam os jornais: “O grupo dos *Pelicanos*, heroica fração do benemérito clube dos *Fenianos*, sempre generoso e nobre, mais uma vez fez realçar os reconhecidos méritos e elevados sentimentos nobilitando de modo imorredouro o grandioso acontecimento de hoje com a restituição de um homem ao estado livre. Não é a primeira vez que os eméritos foliões se recomendam aos louvores do público por atos de magnanimidade, tão dignos, aos quais nós não poupamos louvores e encômios. O escravo alforriado pelo ilustre clube tem vinte anos, chama-se Teodoro e acompanhará os seus bem-feitores na vitoriosa passeata carnavalesca de hoje. Um bravo à heroica falange!” (MORAES, 1958, p. 63-64)

Nessa linha expositiva, a célebre estudiosa do Carnaval carioca enfatiza que os três maiores clubes carnavalescos do Rio de Janeiro, os *Fenianos*, *Democráticos* e *Tenentes do Diabo*, no período anterior à abolição, compravam escravos para libertá-los, depois de apresentá-los publicamente nos seus préstimos. Era uma forma de aquelas sociedades se posicionarem diante dos eventos políticos da época. Oportuno percebermos que a festa do Carnaval, praticada por elas, transcendia o espaço deslocado, de evasão metafísica. Afinal, fazia parte da celebração carnavalesca mais que representar, apresentar a realidade. A compra de uma carta de alforria não era um simples recurso alegórico, mais que isso, era um ato político em um evento festivo, exercício, manifestação de uma solidariedade excepcional, extraordinária, posto que o maior motivo de celebração, no entendimento daqueles foliões, seria a liberdade. A liberdade dos escravizados.

Significativo assinalar que os componentes das grandes Sociedades Carnavalescas pertenciam à alta sociedade da época, organizavam-se nos clubes e saíam às ruas, em desfile, com trajes luxuosos, inspirados nos europeus e pareciam ter a intenção de adaptar, em nossas terras, o Carnaval de Veneza. Uma contribuição estética advinda desses clubes

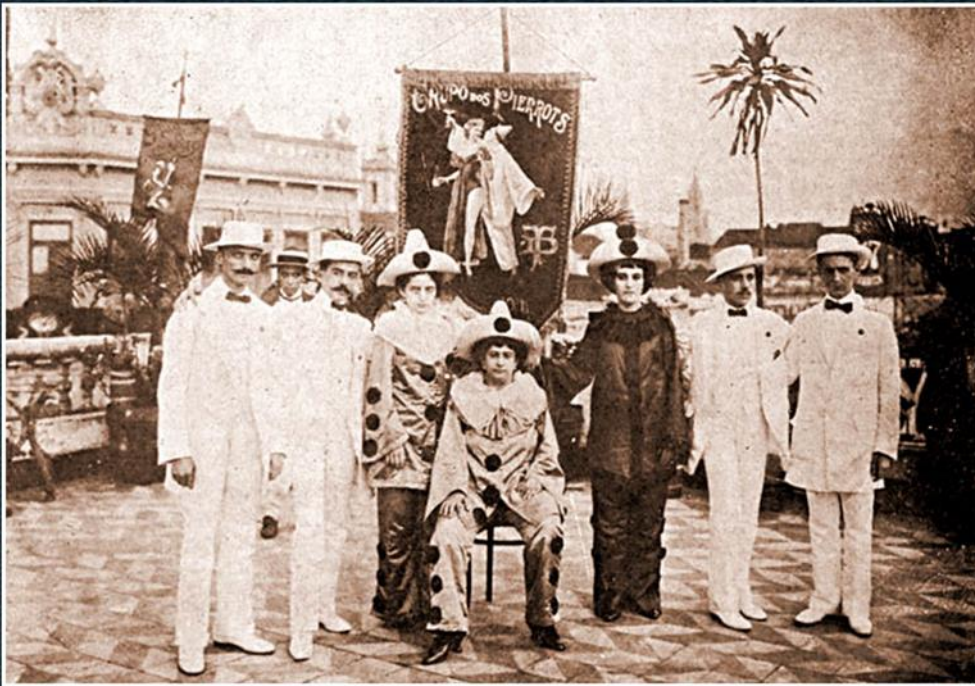
foram os carros alegóricos, utilizados nas nossas escolas de samba. Naquela época, os carros eram puxados por tração animal e geralmente apresentavam críticas contundentes ao sistema político brasileiro.

Nessa perspectiva, oportuno destacar que José Maria Machado de Assis participou da sociedade carnavalesca *Tenentes do Diabo*, cujos integrantes, em 1884, compraram duas cartas de alforria “para Maria, parda de 18 anos e Rufina, preta de 43, e publicaram um jornal interno inteiramente dedicado à abolição da escravatura no Ceará”. (MORAES, 1958, p. 64) Essas informações, acerca da integração de Machado de Assis àquela sociedade, levam-nos a inferir que o nosso grande escritor muito provavelmente atuou nas decisões que possibilitaram a compra daquelas cartas de alforria para duas mulheres, no auge de afirmação dos movimentos abolicionistas. Machado de Assis, pela postura que tinha em suas crônicas sobre o Rio da época, certamente, foi um importante contribuinte para a escrita daquele documento sobre a abolição da escravatura no Ceará – primeiro estado brasileiro a fazê-lo, em 25 de março de 1884 – e um dos colaboradores financeiros para a compra das mencionadas cartas de liberdade.

Do mesmo modo, Eneida de Moraes assegura que, em 1864, *Tenentes do Diabo* não fizera o Carnaval externo pelo fato de terem gasto os recursos de toda a coleta na compra de doze escravos. “Nesse ano, os Tenentes não saíram em passeata; o dinheiro fora gasto para dar a uma dúzia de homens o direito à liberdade.” (MORAES, 1958, p. 64) Não realizar o Carnaval externo naquele ano foi uma atitude, das mais importantes, para aquela sociedade, ao considerar o destino de doze vidas humanas. Um gesto inequívoco de grandeza.

Para Eneida de Moraes, os Clubes Carnavalescos eram amantes dos ideais que a Revolução Francesa jorrava sobre o mundo e, muito antes do 13 de maio de 1888 e do 15 de novembro de 1889, já haviam eles tomado posição nas lutas nacionais. Dessa forma, ao acenar para a identificação das Sociedades Carnavalescas com a Revolução Francesa de 1789, podemos já verificar o surgimento, no Brasil, de um processo estético ideológico que seria retomado em diferentes momentos nos desfiles das escolas de samba, especialmente quando muitos figurinos franceses eram exibidos em enredos sobre o tema da liberdade.





*Grupo dos Pierrots do Club Tenentes do Diabo*

Fonte: <http://riodejaneirodehontem.blogspot.com.br/2015/07/grupo-dos-pierrots-do-club-tenentes-do.html>

Discorrendo ainda sobre o *Tenentes do Diabo*, Eneida de Moraes aponta outras personalidades como Quintino Bocaiúva, José do Patrocínio, João Clapp, Ferreira de Araújo, que, muitas vezes, se reuniam na sede do clube para ali traçarem os planos abolicionistas. Portanto, fica evidente que os intelectuais que pensavam um novo Brasil, naquele tempo, não deixaram de participar das festas carnavalescas e, simultaneamente, de defender e praticar seus ideais políticos.

De igual forma, merece destaque a observação da escritora a respeito do Clube Carnavalesco *Democráticos* que, “numa postura revolucionária para a época, defendiam o voto e os direitos das mulheres, apesar de eles nem sempre terem sido gentis para com elas”. (MORAES, 1958, p. 82) A propósito, apesar de Eneida de Moraes não exemplificar a indelicadeza dos integrantes daquele clube para com as mulheres, pressupomos que possa ter sido pelo conteúdo das canções que, muitas vezes, apresentavam e ainda podem apresentar as mulheres em condição de subserviência aos homens, de maneira discriminatória. Essa postura condenável, dentre outras não presumíveis aqui, pode ter sido combatida, pelo referido Clube, quando esse defendeu o direito de as mulheres escolherem seus representantes políticos.



Fachada do Clube dos Democráticos.

Fonte: [http://turismobile.blogspot.com.br/2012\\_04\\_01\\_archive.html](http://turismobile.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html)

Apesar dos desentendimentos e das contendas que surgiam entre os integrantes das Sociedades Carnavalescas, Eneida de Moraes observa que eles eram os foliões mais felizes, porque sabiam cultivar um grande senso de humor, que foram vítimas das duas guerras e do desemprego, do baixo salário, da vida cara e das armas atômicas que pesaram sobre as nossas consciências. Escreve que a liberdade de expressão no Brasil sempre foi “um espantalho para os governantes”, mesmo assim, aqueles Clubes vieram, a partir de diversos governos e até mesmo da ditadura de Getúlio Vargas, desfilando, ainda que sob censura, com seus carros de crítica.

Soubesse o povo carioca o quanto Tenentes, Democráticos e Fenianos lutam para trazer às ruas os préstimos de terça-feira gorda e muito maior seria o amor que lhes dedica. Porque a essas três grandes sociedades devem o carnaval carioca e o povo desta cidade a manutenção do préstimo, o aparecimento dos carros alegóricos e de crítica, os carros de ideias que há tantos anos fazem parte da vida do folião. Aos Tenentes, Democráticos e Fenianos devemos todos a existência dessa faceta, a mais bela porque mais difícil, do nosso carnaval. (MORAES, 1958, p. 91)

Hiram Araújo, do mesmo modo, engrandece o papel das Sociedades Carnavalescas nos movimentos brasileiros que reivindicavam o fim da escravatura e a implantação da República. Destaca, por exemplo, que os escritores Manoel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis fizeram parte do *Tenentes do Diabo* e que, antes desse nome, esse clube se chamara *Zuavos Carnavalescos*. *Zuavos* em homenagem aos argentinos que lutaram contra a França – inclusive, o uniforme daqueles foliões imitava o dos combates nas cores vermelha, branca, azul e preta.

A respeito do Clube dos *Fenianos*, Hiram Araújo assegura que importantes figuras públicas da época apoiaram aquele grupo como José do Patrocínio, Evaristo da Veiga,

Silva Jardim, Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa. “Como clube carnavalesco, o *Fenianos* estreava nas ruas da cidade com cortejo de alegorias e críticas, iniciando, assim, sua fase de desfiles com carros ricos em ideias, arte e fantasia.” (ARAÚJO, 2003, p. 128)

Nessa direção, Sérgio Cabral confirma que, no século XIX, a classe média carioca divertia-se à europeia nos bailes de máscara – o primeiro deles foi realizado em 1840 no Hotel Itália – e nas chamadas grandes Sociedades, também identificadas como Clubes, destacando-se *Tenentes do Diabo* e *Democráticos*, a partir de 1867, e *Fenianos*, 1869. Seguindo a linha argumentativa de outros estudiosos, aqui mencionados, observamos que a participação das Sociedades no Carnaval influenciou a vida na cidade, principalmente nos movimentos contra a escravidão e naqueles em favor da República.

### 1.3.7 – A PRIMEIRA MÚSICA DO CARNAVAL

Segundo Eneida, a primeira música escrita para o Carnaval foi “Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga<sup>7</sup> (MORAES, 1958, p. 177) Aquela música, que seria sucesso em 1899, foi escrita para o Cordão “Rosa de Ouro” e o povo, após escutá-la, dela se apropriou coletivamente durante anos. Hoje, é ainda cantada entre as várias marchinhas de Carnaval.

Na percepção de Edgar de Alencar, a composição imortal da maestrina Francisca Gonzaga era despreziosa, uma marchinha de rancho, que criaria um gênero e se tornaria um clássico do cancionero no Brasil. “É na verdade a primeira composição nacional, carioca pelo ritmo e pelos versos, especialmente carnavalesca. No poeminha simples e na quentura do seu ritmo balouçante trazia o germe da popularidade”. (ALENCAR, 1979, p. 85) Eis a letra:

---

<sup>7</sup> Francisca Edwiges Neves Gonzaga (1847-1935) foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Era filha de José Basileu Gonzaga, general do Exército e de Rosa Maria Neves de Lima, filha de escrava. Segundo sua biógrafa, Edinha Diniz, Chiquinha Gonzaga participou de todas as grandes causas sociais do seu tempo, denunciando assim o preconceito e o atraso social. Inclusive, abolicionista fervorosa, vendeu partituras de porta em porta, a fim de angariar fundos para a Confederação Libertadora e, com o dinheiro da venda de suas músicas, comprou a alforria de José Flauta, um escravo músico. (Fonte: [http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?page\\_id=1781](http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?page_id=1781))



Chiquinha Gonzaga em foto de 1877 – Acervo Edinha Diniz.

#### ABRE ALAS

Ó abre-alas  
Que eu quero passar                   bis  
Eu sou da Lira  
Não posso negar

Ó abre-alas  
Que eu quero passar                   bis  
Rosa de Ouro  
É que vai ganhar

(ALENCAR, 1979, p. 50)

Não nos parece ser equívoco afirmar que o tema da *liberdade* é encontrado, de forma implícita, mas intensa, nos versos dessa primeira canção carnavalesca. Liberdade festiva que sinaliza, nessa gênese da música do carnaval, o potencial reivindicatório de outras liberdades, e apresenta um importante recurso estético-ideológico que será recorrente nos futuros sambas-enredos. A título de exemplo, verifiquemos que o anúncio da passagem dos cordões, feito por eles mesmos, possibilita pensar nas futuras relações com os introitos dos sambas-enredos, de modo que são emblemáticos os versos “Ó, abre-alas/ que eu quero passar”, uma vez que o verbo no imperativo “abre” implica inferir que

o que está fechado tem de ser desobstruído para a passagem, nesse caso, do cordão “Rosa de Ouro”.

De igual forma, os versos “Eu sou da Lira/ Não posso negar” expressam uma afirmação de identidade, muitas vezes, inscrita nos sambas-enredos. Lira, como sabemos, é um instrumento musical que surgiu em tempos imemoriais e foi utilizado especialmente na Antiguidade. No sentido figurado, esse substantivo significa inspiração poética. A confirmação de ser da Lira (destaquemos que o substantivo comum é grafado em maiúsculas, intencionalmente, dado o seu valor) define o pertencimento do sujeito que canta, a identidade que ele tem com aquele instrumento musical de longas eras e com o gênio da inspiração. Recordemos que o poeta Orfeu, uma das personalidades da mitologia, comumente homenageadas no carnaval, tocava a sua lira e, pela música, dela produzida, foi capaz de realizar vários feitos heroicos e acalmar os corações mais violentos. Portanto, há de se reconhecer a riqueza sugerida nessa única palavra – Lira – que reúne elementos do passado, da tradição clássica, e daquela ocasião presente, o Carnaval de 1899.

Os versos “Rosa de Ouro/É que vai ganhar” antecipam também todo o orgulho, toda a autoestima, todo o pensamento positivo que os compositores, carnavalescos e foliões têm sobre o desempenho de suas escolas nos desfiles. É uma maneira de acentuar a força coletiva da comunidade. Se o sujeito que enuncia é o da Lira, o seu cordão, o seu conjunto que canta, dança e desfila é que haverá de ser reconhecido, de ser o consagrado.

### **1.3.8 – TIA CIATA**

Nos estudos sobre o desenvolvimento do Carnaval no Brasil, é essencial considerar o imprescindível papel desempenhado pelas famosas tias baianas que exerciam várias funções; quituteiras, mães de santo, rezadeiras, sambistas. Dentre aquelas que fizeram parte da história inicial do Carnaval, destaca-se, de forma inequívoca, a personalidade de Hilária Batista de Almeida – a Tia Ciata, que tivera vários outros codinomes: Siata, Asseata, Assiata, Aceata e Aciata.

Segundo Muniz Sodré, Tia Ciata era casada com o médico negro João Batista da Silva (para outros teóricos, ele não havia concluído o curso de Medicina) que se tornara chefe de gabinete do chefe de polícia no governo Wenceslau Brás – informação relevante neste estudo por sugerir possíveis formas de interação dos sambistas com o sistema

policial e político. Evidentemente, as influências do esposo, especialmente pela notoriedade do cargo que ele ocupara, colaborariam também para a estratégia de consolidação do samba e minimizariam os graves impactos causados por muitas autoridades de segurança, ao reprimirem várias manifestações culturais negras, alegando a necessidade da “ordem”.



“Nascida Hilária Batista de Almeida, em 1854, Tia Ciata arregimentava eventos que mesclavam cultura, dança e religiosidade (Foto: Divulgação do Acervo da Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata - ORCT)”.

Fonte: [http://www.cultura.gov.br/100-anos-de-samba//asset\\_publisher/NL9Jw9zBUXPC/content/tia-ciata -a-matriarca-do-samba/10883](http://www.cultura.gov.br/100-anos-de-samba//asset_publisher/NL9Jw9zBUXPC/content/tia-ciata -a-matriarca-do-samba/10883)

A partir de depoimentos de antigos frequentadores da casa da Tia Ciata, Sodré descreve que aquela residência tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Aponta que, na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus etc.); na parte dos fundos, samba de partido-alto ou samba-raiado e, no terreiro, batucada. Dessa forma, destaca que a casa era um campo dinâmico de reelaboração de elementos da tradição cultural africana, um importante local de expressões identitárias: “O samba já não era, portanto, mera expressão musical de um grupo social marginalizado, mas um instrumento

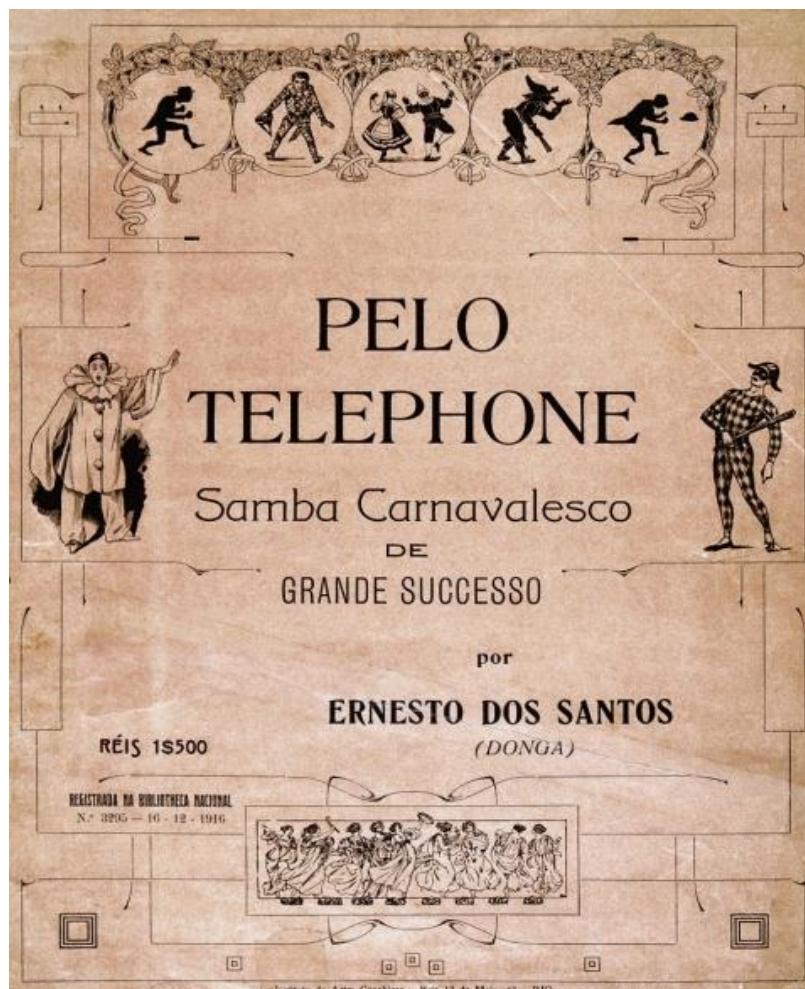
efetivo de luta para a afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana brasileira.” (SODRÉ, 1998, p. 16)

Aquela residência memorável, de várias confluências artísticas, foi o local em que surgiu *Pelo Telefone*, samba que entraria no mercado fonográfico com um novo paradigma musical. Segundo Sodré, a residência da Tia Ciata funcionava como o centro de continuidade da Bahia negra, de parte da diáspora africana, no Rio, e de outras do mesmo estilo. O samba ganhava as ruas, as avenidas, sendo que a criação coletiva de *Pelo Telefone* foi creditada aos boêmios e jornalistas que frequentavam a casa da Tia Ciata, como Mauro de Almeida, Sinhô, João da Mata, Donga, Mestre Germano, Hilário Jovino e Pixinguinha.

Sérgio Cabral, tendo como referência informações do radialista e pesquisador Henrique Foreis Domingues, o Almirante, constata que a casa da Tia Ciata representa, na memória cultural dos sambistas, um destacado centro de música e do Candomblé onde nasceu o primeiro samba gravado, dentre outros,

O radialista e pesquisador Almirante (Henrique Foreis Domingues) apontou a casa de tia Ciata, na Rua Visconde de Itaúna, perto da Praça Onze, como local de nascimento do samba do Rio de Janeiro, porque lá se reunia uma das duas elites da comunidade negra, formada por criadores que quase sempre tocavam algum instrumento musical – uns, por sinal, com grande maestria (a outra elite era integrada pelos trabalhadores no porto, onde a remuneração – assim como a sua organização sindical – era bem superior à dos proletários de um modo geral). Outro fator que levou Almirante a destacar a casa de tia Ciata, um centro de música (onde se tocava choro e se cantavam vários tipos de samba, especialmente o partido alto) e de candomblé, foi o fato de ter nascido lá o *Pelo telefone* o primeiro samba gravado, mas essa é uma questão que se coloca apenas pelo prazer da discussão. É indiscutível que, antes de *Pelo telefone*, foram gravados sambas sem que o disco informasse no selo tratar-se de sambas, foram gravados outros gêneros que não eram sambas com o nome de samba e foram até gravados sambas com a identificação de samba. (CABRAL, 2011, p. 31-32, grifo do autor).

Hiram Araújo, similarmente, assegura que, na casa da baiana Tia Ciata, situada próxima à Praça Onze, frequentemente, encontravam-se músicos, poetas e ritmistas e confirma que ali nasceu o samba carioca. “Jovens compositores da época – Pixinguinha, Donga e João da Baiana – se reuniam na casa da Tia Ciata, onde criaram uma forma musical por vezes híbrida, porém personalística e brasileira.” (ARAÚJO, 2003 p. 104)



Capa da partitura *Pelo Telefone*, considerado o primeiro samba a ser gravado no Brasil, disponível no Acervo de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional.

Fonte: <http://www.bn.br/acervo/musica-arquivo-sonoro>

Nesse contexto, Hermano Vianna certifica-se de que a casa da Tia Ciata era um espaço demasiado inclusivo, uma vez que não se tratava de um local de frequência exclusivamente negra. “Ari Vasconcelos aponta, entre os músicos que participaram das rodas de samba de Tia Ciata, o cigano Saudade. Aliás, ainda segundo Ari Vasconcelos, os ciganos não tiveram papel secundário na invenção do ritmo nacional brasileiro.” (VIANNA, 2012, p. 112)

Nessa mesma linha, acerca da inclusão da diversidade, Muniz Sodré, em *Samba, o dono do corpo*, destaca que as pessoas de cor no Rio de Janeiro reforçavam as suas próprias formas de sociabilidade e os padrões culturais transmitidos, principalmente, pelas instituições religiosas negras, que atravessaram incólumes séculos de escravidão. Afirma, também, que as festas institucionalizavam formas de sociabilidade e ritos de contato interétnico – “brancos eram admitidos nas casas” – explicitando, assim, as suas impressões sobre a residência da Tia Ciata. (SODRÉ, 1998, p. 6)





Fachada da casa de Tia Ciata na Praça Onze, Arquivo da PUC – RJ.

Fonte: <http://www.projetonowloading.com.br/o-inicio-das-escolas-de-samba-rio-de-janeiro/>

Assim, considerando que o ano de 1917 marcou uma etapa decisiva na vida musical do Rio e do Brasil, em virtude do lançamento de *Pelo Telefone*, Edgar de Alencar aponta, como embrião da nova etapa do cancionero carnavalesco, a casa da Tia Ciata.

A história já foi contada e recontada, mas não pode ser omitida nestas páginas tal a sua importância. Na casa da Rua Visconde de Itaúna, 117, bem próximo à Praça Onze, morava Hilária de Almeida, baiana macumbeira conhecida pela boêmia que a rodeava como Tia Asseata, Assiata ou Ciata. Sua casa era famosa. De lá saía o rancho Rosa Branca depois denominado Macaco é Outro. Como disse certa vez Almirante, a casa da tia Asseata era um laboratório de ritmos manipulados por macumbeiros, pais-de-santo, boêmios e gente curiosa que ali acorria para assistir às cerimônias religiosas e às festas de sons que representavam. (ALENCAR, 1979, p. 116-117)

Imprescindível verificarmos que a mudança do nome do rancho ‘Rosa Branca’ pra ‘Macaco é Outro’ permite a leitura de uma resposta a um determinado ato discriminatório/preconceituoso. ‘Macaco é Outro’, parece-nos um posicionamento explícito sobre a identidade daquele rancho ou mesmo uma transferência de acusação.

Edgar de Alencar também acentua que a música *Pelo Telefone* iniciou uma nova etapa no cancionero carnavalesco do Rio, pela potência da expressividade dos versos e pela crítica das relações entre o chefe da polícia e os participantes dos jogos proibidos.

Foi justamente essa turma que em agosto de 1916 manipulou uma composição, naturalmente cantada em coro, que mais tarde, com a designação de samba e o título PELO TELEFONE iniciara uma nova etapa do cancionário carnavalesco do Rio. Os versos expressivos e bem feitos eram uma glosa sutil a um fato importante. O então chefe de polícia Aurelino Leal determinara em fins de outubro daquele ano, em ofício publicado amplamente na imprensa, que os delegados distritais lavrassem auto de apreensão de todos os objetos de jogatina encontrados nos clubes. Antes de qualquer providência, porém, ordenara que lhe fosse dado aviso pelo telefone oficial. Mas a jogatina continuou. Alguns clubes saíram das ruas principais onde se localizavam e foram instalar-se em transversais, mais escondidas. (ALENCAR, 1979, p. 118)

Monique Augras endossa que a famosa Ciata era tia de candomblé, filha de Oxum, e definiu a personalidade dela como a de uma mulher de iniciativa e dedicada ao trabalho. Como outras tias baianas de sua geração, foi também iniciadora da tradição carioca das baianas quituteiras, atividade que tem forte fundamento religioso. “Mãe de 15 filhos, todos os quais deixaram nomes marcantes tanto na participação em atividades religiosas quanto na organização de ranchos e escolas de samba, era esposa de João Batista da Silva, negro baiano” (AUGRAS, 1998, p. 18), e confirma que ele exercera um posto privilegiado, apesar de ser de baixo escalão, no gabinete do chefe de polícia no governo de Venceslau Brás, cuja posição destacada facilitaria a proteção dos sambistas que eram malvistas pelos poderes públicos.

Portanto, merecidamente, Tia Ciata recebeu homenagens póstumas de várias escolas de samba, ao longo dos tempos, no exercício da memória cultural; ela, como personalidade, e a sua casa, como espaço geograficamente bem situado próximo à Praça Onze, lugar de interseção, de confluência, de união de vários grupos étnicos e culturais, permitindo, assim, que o samba nascesse plural e inclusivo.

### **1.3.9 – O SAMBA**

Eneida de Moraes afirma que a palavra samba, até 1917, era utilizada para designar agrupamento ou festa e, depois daquela data, passaria a dar nome a um gênero musical. (MORAES, 1958, p. 177) Sérgio Cabral acentua que “as primeiras formas do samba carioca foram geradas pela comunidade negra do Centro da cidade, responsável também pelas novidades carnavalescas apresentadas pelos ranchos, como as alegorias, as orquestras, o abre-alas e os ‘tenores’”. (CABRAL, 2011, p. 32)

Segundo observações de Hiram Araújo, o samba, inicialmente, não era definido como um gênero musical, mas como uma dança pudica em que as pessoas exerciam um

ato livre com o corpo. “No começo o samba era chamado de ‘chiba’ ou ‘xiba’ e consistia numa dança de roda de homens e mulheres, com acompanhamento de violão, viola e cavaquinho, enquanto no centro da roda o dançarino evoluía sozinho.” (ARAÚJO, 2003, p. 105)

Segundo José Ramos Tinhorão, a marcha e o samba são gêneros de música urbana autenticamente cariocas e surgiram da necessidade de um ritmo para a desordem do Carnaval, sendo que até os primeiros anos do Século XX as músicas cantadas nessa festa eram os estribilhos de sabor africano dos ranchos de baianos ou dos Cucumbis e afoxés de escravos. Tinhorão também aponta a casa de Tia Ciata como o local em que “um grupo de compositores semialfabetizados elaborou um arranjo musical com temas urbanos e sertanejos que, ao ser lançado para o carnaval de 1917, acabou se constituindo no grande achado musical do samba carioca”. (TINHORÃO, 2013, p. 143)

Hermano Vianna, a respeito da formação do samba, não recusa aceitar o lugar de destaque atribuído aos afro-brasileiros na sua invenção, mas assegura que não houve centralização absoluta do processo de criação, uma vez que negros, ciganos, baianos, cariocas, intelectuais, políticos, folcloristas, compositores eruditos, franceses, em maior ou menor grau, colaboraram para a sua fixação. Dessa forma, esse antropólogo supõe que não existia um grupo com força suficiente para controlar o outro, posto que eles usavam uns aos outros, com diferentes objetivos. Havia os interessados na construção da nacionalidade brasileira, por exemplo; outros, na sobrevivência profissional no mundo da música, e ainda aqueles interessados em produzir arte moderna. Reconhece a existência da repressão à cultura afro-brasileira que influenciou a história do samba, mas destaca os possíveis laços que uniram a elite e as classes populares: “Em vários momentos era possível estabelecer pactos entre os vários interesses. Pactos nunca eternos. Pactos sempre negociáveis.” (VIANNA, 2012, p. 152)

Sodré argumenta que artistas negros e mestiços – como Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Sinhô, Patrício Teixeira, Heitor dos Prazeres e outros – atuaram profissionalmente e participaram de orquestras, emissoras de rádio, além de gravarem seus sambas, pois esse gênero musical tornou-se uma referência permanente.

Relevante assegurar que a letra do samba, nas percepções desse pesquisador, não se pautava necessariamente por provérbios conhecidos ou de forma acabada, mas pelo modo de significação do provérbio: “a constante chamada à atenção para os valores da comunidade de origem e o ato pedagógico aplicado a situações concretas da vida social tendo como suporte os contos orais e as diferentes recitações poéticas”. (SODRÉ, 1998,

p. 44) Dessa maneira, poderemos verificar, nos próximos capítulos, como a letra do samba-enredo não se distanciava de grandes interesses do país, ao se remeter a liberdades coletivas e individuais, elaborando e reelaborando discursos sobre diferentes contextos em nosso país. Na percepção de Sodré, o samba é tática de resistência cultural, cujo movimento não pode ser interpretado como contrariedade do poder, mas uma forma de afirmação de valores culturais negros.

### **1.3.10 – AS ESCOLAS DE SAMBA**

O nome Escola de Samba tem ao menos duas versões. Hiram Araújo, por exemplo, afirma, com base em Almirante – Henrique Foréis Domingues, cantor, compositor e radialista – que o “termo nasceu da popularização do tiro de guerra, em 1916, quando se tornou um brado comum ‘escola, sentido!’ logo incorporando ao meio sambista”. (ARAÚJO, 2003, p. 220) Por outro lado, Sodré aponta que a palavra Escola é o resultado de uma transformação ideológica: o rancho-escola abandonava as características (mais negras) dos cordões, em favor de significações mais integradas na sociedade branca. “A partir dos ranchos escolas, surgiram, em 1932 em diante, as escolas de samba (no começo, apenas blocos), mantendo grande parte das antigas características (passeata, porta-bandeira, mestre sala, orquestra etc.), mas também o ‘direito’ de penetração no espaço urbano branco”. (SODRÉ, 1998, p. 36-37)

Sérgio Cabral documenta que a primeira Escola de Samba – na verdade um bloco carnavalesco – foi criada no dia 12 de agosto de 1928, conforme o testemunho de Ismael Silva, um de seus idealizadores, e se chamava ‘Deixa Falar’. Aquela escola, que se situava no bairro Estácio de Sá, reunia jovens revolucionários e pretendia, na análise de Cabral, “melhorar as relações dos sambistas com a polícia, considerando que, sem o consentimento dessa força de segurança, não conseguiriam promover as rodas de samba nem no Largo do Estácio e nem nos desfiles no carnaval”. (CABRAL, 2011, p. 41) Com o surgimento das Escolas de Samba, os sambistas deixariam de ser perseguidos pelas forças policiais, de certo pelo fato da penetração avassaladora e inevitável do samba na vida de parte considerável da população.

Segundo a maioria dos estudiosos do Carnaval, o primeiro desfile das Escolas de Samba foi realizado em 1932, na Praça Onze, idealizado pelo jornalista Mário Filho e promovido pelo jornal *Mundo Sportivo*. O que chamou atenção naquele evento é que o

bloco ‘Deixa Falar’ abriu mão do título de escola de samba e “só não foi esquecido porque os sambistas jamais negaram o seu pioneirismo como escola de samba”. (CABRAL, 2011, p. 46) Sérgio Cabral também observou uma das curiosidades no primeiro desfile das escolas registrada pelo *Correio da Manhã* e pelo *O Globo*, foi a informação de que a Unidos da Tijuca apresentou um samba considerando o enredo. Inscrevendo, assim, a necessidade de se adequar a forma com o conteúdo, ou seja, a composição escrita com o desfile apresentado, cujo “gênero iria impor-se somente nos últimos anos da década de 1940”. (CABRAL, 2011, p. 88)

Roberto DaMatta analisou o papel desempenhado pelas Escolas de Samba do Rio de Janeiro, ressaltando a consciência de seus integrantes e a possibilidade de os marginalizados serem “doutores” e “professores”, numa posição invertida. Posição que permaneceu inerente aos festejos carnavalescos desde a Antiguidade, os cultos agrários e a Idade Média, cujos maiores exemplos foram as mudanças entre escravizados e senhores.

As escolas de samba têm assim um duplo padrão: de um lado, são clubes abertos e inclusivos, de outro são associações dramáticas exclusivas, com uma alta consciência de bairro, grupo e cor. Os membros das escolas sabem que são pretos e pobres (a maioria é parte do enorme mercado de trabalho marginal do Rio de Janeiro), mas estão altamente conscientes do fato de que nos seus ensaios e durante o Carnaval, são eles os “doutores”, os “professores”. Com essa possibilidade, podem inverter sua posição na estrutura social, compensando sua inferioridade social e econômica, com uma visível e indiscutível superioridade carnavalesca. Essa superioridade manifesta-se no momento “instintivo” de dançar o samba que o senso comum brasileiro considera um privilégio inato da “raça negra” enquanto categoria social. (DAMATTA, 1981, p. 128-129)

### 1.3.11 – SAMBA-ENREDO

Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas definem o samba-enredo como uma das espécies mais impressionantes de samba, especialmente por não ser lírica, contrariando uma tendência universal da música urbana e “porque integra o maior complexo de exposições artísticas simultâneas do mundo moderno: o desfile das escolas de samba”. Asseguram que o samba-enredo é um gênero épico. “O único gênero épico genuinamente brasileiro – que nasceu e se desenvolveu espontaneamente, livremente, sem ter sofrido a mínima influência de qualquer outra modalidade épica, literária ou musical, nacional ou estrangeira.” (MUSSA e SIMAS, 2010, p. 10)

Hiram Araújo esclarece que o samba-enredo é uma produção encomendada sobre determinado tema, a trilha sonora do enredo, a ilustração poético-melódica do tema eleito

e desenvolvido pela Escola e, no seu entendimento, não deve ser analisado como obra erudita, acadêmica, mas como expressão da linguagem popular. Com base nas considerações de Ivan Cavalcanti Proença, ao afirmar que a letra do samba possui uma sintaxe interna que serve à comunicação popular, observa a necessidade de o estudioso, o pesquisador e o julgador dos sambas-enredos conhecerem os componentes estruturais de sua sintaxe/interna própria, peculiar, posto que no universo popular não há erros de gramática normativa. Enfim, a liberdade de criação é o essencial, o indispensável.

De maneira objetiva, Hiram Araújo aponta duas classificações do samba-enredo – descritivo ou interpretativo. Os descritivos são aqueles em que os autores expõem os detalhes do enredo. Em geral, são textos de longa duração e de difícil memorização, ao passo que os interpretativos apresentam o enredo desconsiderando os detalhes, porém apontando de forma implícita a ideia geral do tema; os versos são mais curtos e de fácil memorização. Os dois têm um objetivo comum: “Seja descritivo ou interpretativo, o samba de enredo deverá possuir a necessária harmonia musical que propicie o canto e a evolução, sem esforço dos componentes, facilitando, ainda, a manutenção da cadência da bateria.” (ARAÚJO, 2003, p. 265)

Para Edgar de Alencar, o samba-enredo é geralmente “um trecho de lenda brasileira ou da História Pátria, narrado e musicado, com certa frieza, quase sem poesia, mas frequentemente com melodização agradável, destacada ainda pela afinação e disciplina dos grandes coros e de baterias numerosas e bem treinadas”. (ALENCAR, 1979, p. 51) No entendimento dele, não se pode precisar com exatidão a data em que teria surgido o primeiro samba-enredo. Considera a oficialização do carnaval em 1935, quando regulamentado o desfile das escolas de samba, e lembra que, em meio às normas a que se obrigariam, “estava a de versarem seus enredos na História do Brasil”. Acerca da linguagem, concorda com Hiram Araújo quanto ao fato de que não se pode exigir de compositores iletrados poemas de escrita formal. O mais relevante em grande parte musical carnavalesca é a simplicidade, a linguagem viva, palpitante e autêntica.

Há expressões e palavras que não cabem no verso do samba ou da marcha de carnaval. Os vocábulos negra e bêbado ou bêbedo, por exemplo. No samba ou na marchinha o certo, o natural é nega ou bebo. A palavra exata daria um tom afetado, inautêntico, uma vez que raramente figura na linguagem falada da gente do samba. Da mesma forma se justifica a ausência da partícula de nas frases com o verbo gostar: A mulher que eu gosto, o homem que eu gosto, etc. (Acentue-se de passagem que a omissão tem até abono clássico). E não vamos citar expressões como “deixa ela” porque hoje figuram na linguagem falada geral [...] (ALENCAR, 1979, p. 32)

José Ramos Tinhorão observa que o samba-enredo surgiu a partir da década de 1940, elaborado pelos compositores das escolas de samba, com o objetivo de contar, em versos, a história escolhida como tema para o desfile de carnaval. Esse pesquisador destaca que durante os primeiros quinze anos de existência das Escolas de Samba os grupos de foliões, que saíam às ruas, não tinham grande compromisso com os enredos que escolhiam para temas de suas passeatas. Apesar de terem os ranchos como referência nas fantasias alusivas ao tema escolhido para o desfile, “não existiam inicialmente nas escolas sequer alegorias, e a ligação com o tema de enredo tinha caráter apenas nominal”. (TINHORÃO, 2013, p. 195)

### **1.3.12 – OS PRIMEIROS SAMBAS-ENREDOS**

Marco especial para a história das escolas de sambas brasileiras foi o dia 07 de fevereiro de 1932. Naquela data, o jornal *Mundo Sportivo* patrocinou o desfile das Escolas de Samba na Praça Onze, centro do Rio de Janeiro. A Estação Primeira de Mangueira sagrou-se campeã, entre as dezenove escolas participantes. Monique Augras relata que a partir daquele ano o concurso chegaria ao noticiário local dando visibilidade às escolas de samba. “Nessa data, concurso e premiação abrem o caminho para a instituição de normas. É também a primeira vez que aparece uma comissão organizadora”. (AUGRAS, 1998, p. 30)

Nessa linha memorialista, Dulce Tupy chama a atenção para uma controvérsia sobre os primeiros concursos, rememorando a biografia de Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela, na qual consta que o primeiro deles, entre as escolas de samba, ocorreu de fato na Praça Onze, mas no ano anterior, 1931, organizado por jornais menores. Diante dessas divergências, a jornalista interpreta aquela década como um período difuso e não de todo decifrado, “uma fase arcaica das escolas de samba que, num estágio embrionário, começavam a se estruturar de acordo com os padrões que resistem até hoje”. (TUPY, 1985, p. 10) O certo é que essa jornalista destaca três datas importantes nos anos 30: o primeiro concurso segundo a tradição em 1931; o primeiro desfile organizado pelo Jornal *Mundo Sportivo*, em 1932; e o concurso promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro em 1935.

O jornal *O Globo* patrocinou, em 1933, o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, estabelecendo quatro quesitos para a comissão julgadora: a poesia do samba,

o enredo, a originalidade e o conjunto. Mais uma vez, a Estação Primeira de Mangueira foi campeã e Monique Augras, embasada nos estudos de Silva e Santos, assegura que, naquele evento, surgiu o **primeiro samba-enredo da história** “O Mundo do samba” (grifos nossos), apresentado pela Unidos da Tijuca. (AUGRAS, 1998, p. 30-31)  
Analisemos a letra:

Ano: 1933  
Escola de Samba: UNIDOS DA TIJUCA  
Samba-Enredo: O MUNDO DO SAMBA  
Intérprete: Alceu Maranhão

Somos Unidos da Tijuca  
E cantamos o samba brasileiro  
Cantamos com harmonia e alegria  
O samba nascido no terreiro  
Não queremos abafar  
Nem também desacatar  
Viemos cantar o nosso samba  
Que é nascido no terreiro  
Perante o luar.

O samba-enredo da Unidos da Tijuca permite verificarmos a preocupação dos compositores em introduzirem a canção apresentando a escola, a coletividade, em “somos unidos da Tijuca” e o seu propósito “cantamos o samba brasileiro”. Merecem destaque o reconhecimento e a afirmação do lugar da origem do samba “o terreiro”, expressão que aparece duas vezes no texto. A posição de humildade dos participantes, não raras vezes, presente nos sambas-enredos, tem como finalidade, por certo, não afrontar os concorrentes em “não queremos abafar” e ao mesmo tempo demonstrar uma postura de bom comportamento, se considerarmos o poder do Estado e a necessidade de disciplina, em “nem também desacatar”, que põe em relevo se era mesmo uma conciliação com o sistema ora vigente ou uma crítica subtendida. Os últimos versos “o samba que é nascido no terreiro perante o luar” possibilitam-nos refletir, em primeira instância, acerca da presença implícita, não dita, da palavra *liberdade*, uma vez que os vocábulos “terreiro” e “luar” sugerem uma atmosfera emancipadora, porque se referem a dois planos que se intercomunicam. Terreiro é terra, é espaço amplo e múltiplo, capaz de reunir várias vozes heterogêneas. Luar é céu, é espaço igualmente vasto e polifônico que permite um pensar contínuo em liberdade. Terreiro é lugar fixo. Luar é móvel. Terreiro é a realidade. Luar é o sonho, o desejo, a possibilidade de evasão.

Nesse contexto, Sérgio Cabral assegura que os sambas da Unidos da Tijuca não iniciaram um processo que levaria as Escolas a cantarem samba-enredo no carnaval, pelo



fato de que esse gênero se consolidaria somente nos últimos anos da década de 1940. Ademais, considera que o “**Homenagem**”, de Cartola e Carlos Cachça, apresentado pela Estação Primeira de Mangueira, também em 1933, **seria o paradigmático nesse gênero** (grifos nossos). Vejamos a letra:

Ano: 1933  
Escola de Samba: ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA  
Samba-Enredo: HOMENAGEM  
Intérprete: Cartola e Carlos Cachça

Recordar Castro Alves  
Olavo Bilac e Gonçalves Dias  
E outros imortais  
Que glorificaram nossa poesia  
Quando eles escreveram  
Matizando amores  
Poemas cantaram  
Talvez nunca pensaram  
De ouvir os seus nomes  
Num samba algum dia

E se esses versos rudes  
Que nascem e que morrem  
No cimo do outeiro  
Pudessem ser cantados  
Ou mesmo falados  
Pelo mundo inteiro  
Mesmo assim como são  
Sem perfeição  
Sem riquezas mil  
Essas mais ricas rimas  
São prova de estima  
De um povo varonil.  
E os pequenos poetas  
Que vivem cantando  
Na verde colina  
Cenário encantador  
Desse panorama  
Que tanto fascina  
Num desejo incontido  
Do samba querido  
A glória elevar  
Evocaram esses vultos  
Prestando tributo  
Sorrindo a cantar.

Na primeira estrofe da canção, verifica-se que o verbo recordar, alusivo à lembrança, à memória, é utilizado para evocar dois poetas românticos, Castro Alves e Gonçalves Dias e o poeta parnasiano Olavo Bilac, além de propor a homenagem a outros imortais. A função metalinguística é bem destacada no samba-enredo, perceptível nas três estrofes. Há uma autocrítica bem evidente, na segunda estrofe, sobre o próprio processo de escrita do texto em foco. Vejamos que “esses versos rudes”, “sem perfeição”, “sem

riquezas mil”, é apresentado, inicialmente, como um discurso que aponta para a humildade, a simplicidade e o reconhecimento das limitações do eu lírico, mas que, ao saber de seu lugar, o de “pequenos poetas/que vivem cantando/na verde colina”, afirma, com orgulho, o seu território que é a favela, o morro, porque lá os sambistas cantarão o “samba querido” para homenagear os grandes vultos, os poetas famosos e anônimos, sorrindo e cantando.

Analisando esse enredo, Dulce Tupy articula que “Se a primeira estrofe é o domínio dos grandes poetas (‘imortais’), a segunda é habitada pelos simples mortais (‘povo varonil’) e essa separação, essa singularidade, permite que no espaço do carnaval possam conviver os ‘vultos da cultura letrada’ e os sambistas”. (TUPY, 1985, p. 81-82)

Nessa mesma direção, Muniz Sodré analisa que o morro, que se contrasta com a planície, significa um espaço mítico de liberdade e que a frequente louvação de aspectos do morro pode ser entendida como “a referência a um dispositivo simbólico capaz de minar o sistema de valor da cultura dominante”. O morro é compreendido como o local da utopia do samba e essa utopia não é mero sonho ou devaneio nostálgico, mas a instauração “filosófica” de uma outra ordem, “onde se contestam os termos vigentes no real-histórico. É essa utopia que outorga transitividade à promessa, ao sonho, à poesia da letra.” (SODRÉ, 1998, p. 65)

Dessa forma, podemos também verificar que nesses dois sambas-enredos “Mundo do samba”, da Unidos da Tijuca e “Homenagem” da Estação Primeira de Mangueira, considerados expoentes desse gênero, há a coincidência sedutora da metalinguagem – o uso do samba para tentar explicar o próprio samba, especificamente a sua origem e o seu significado para quem escreve, canta e celebra a existência humana.

Portanto, 1933, tornou-se especial em virtude do surgimento dessas escritas e da inscrição das Escolas de Samba no programa oficial da prefeitura do Distrito Federal, cujo prefeito, Pedro Ernesto, alocou verba para o concurso. Por outro lado, há de se ressaltar que naquela década de 30 o país vivia sob um novo regime. Para Eneida, havia um ambiente de tolerância durante a época de Marechal Hermes, o presidente mais ridicularizado nas canções carnavalescas, em um tempo em que as músicas se voltavam para a política. Contudo, nos quinze anos do DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, e durante o Estado Novo, “não podiam fazer a menor crítica ao regime ou à política. Deviam somente elogiar Getúlio Vargas. Foi então que começaram os compositores a tentar outros temas”. (MORAES, 1958, p. 181)

Sérgio Cabral, analisando o contexto de 1936, afirma que naquele tempo a postura do governo brasileiro declinava-se para o fascismo italiano e para o nazismo alemão porque se tornara comum, ao menos uma vez por mês, a recepção de alguma liderança italiana ou alemã em nosso país. Assim, o Departamento Nacional de Propaganda envolveu as escolas de samba na aproximação com os nazistas, inclusive o programa oficial *A Hora do Brasil*, do dia 30 de janeiro de 1936, foi realizado na Mangueira e transmitido diretamente para a Alemanha. O programa começou com a leitura de uma crônica de Henrique Pongetti intitulada *Reportagem de carnaval*, seguindo-se a apresentação dos sambas da referida escola, cantados pelos seus autores com a participação de um coro de pastores. Todavia, Cabral, igualmente, aponta para os interesses da extrema esquerda na apropriação das escolas de samba, assinalando a liderança do jovem comunista Carlos Lacerda, que no futuro seria o maior líder anticomunista do país, ao defender as suas propostas entre o samba e a luta de classes. (CABRAL, 2011, p. 116-118)

O desfile das escolas de samba de 1938 foi o primeiro do Estado Novo, e Monique Augras destacou, em seus estudos, o seguinte episódio ocorrido naquele ano: Eloy Antero Dias, um sambista histórico, conhecido como o Mano Eloy da Império Serrano, presidia a União das Escolas de Samba, e, na intenção de ordenar os desfiles, preparou o seguinte regulamento: “Art. 1º - De acordo com a música nacional, as escolas não poderão apresentar os seus enredos no carnaval, por ocasião dos préstimos, com carros alegóricos ou carretas, assim como não serão permitidas histórias internacionais em sonho ou imaginação.” (AUGRAS, 1998, p. 45) Não podemos ignorar que a imposição de temas nacionais nos sambas-enredos foi assinada por um sambista reconhecido, que presidia a União das Escolas de Samba e que, de certa forma, teve uma atitude de disciplinar os desfiles em consonância com as ideologias do contexto político da época – a Ditadura Vargas.

No mês de janeiro de 1939, por intermédio de Heitor Villa-Lobos, as Escolas de Samba do Rio de Janeiro foram convidadas a participarem da Exposição do Estado Novo. Então, no dia 20 daquele mês, na Feira de Amostras, apresentaram-se vinte e três agremiações, ao lado de grupos que exibiam danças folclóricas como jongo, chegança, cateretê, pastoris, ameríndias. (CABRAL, 2011, p. 134) Foi naquele ano que a Portela apresentou o samba-enredo *Teste ao samba* considerado emblemático no que se refere à coesão entre as partes musical, o samba-enredo e visual, fantasias e alegorias. O desfile,

que ocorreu na Praça Onze, foi coordenado por um professor, o Paulo da Portela<sup>8</sup>, e uma turma de alunos ensinando e estudando o samba.

Ano: 1939  
Escola de Samba: PORTELA  
Samba-Enredo: TESTE AO SAMBA  
Compositor: Paulo da Portela

Vou começar a aula  
Perante a Comissão:  
Muita atenção,  
Eu quero ver se diplomá-los posso.  
Salve o “fessor”  
Dá a mão pra ele, senhor,  
Catorze com dois são doze  
Noves fora, tudo é nosso!  
Cem divididos por mil  
Cada um com quanto fica?  
Não pergunte à caixa surda  
Não peça cola à cuíca  
Nós lá no morro  
Vamos vivendo de amor  
Estudando com carinho  
O que nos passa o professor.

Observemos que a palavra *professor* aparece duas vezes no samba-enredo da Portela. Na primeira, assume um tom coloquial e supostamente afetivo “fessor”, marca da oralidade. Na segunda, é grafada de acordo com a norma acadêmica, formal, culta da língua, “professor”. Assim ficam em evidência os saberes da experiência, a do lugar, o morro e o saber letrado, da avenida e da comissão julgadora do desfile.

A aula apresentada na avenida agregava dupla função, diplomar os sambistas para o carnaval, reconhecendo e afirmando todos os elementos que compõem uma escola de samba e, ao mesmo tempo, acentuar, de forma debochada, a educação do morro. Em “Dá a mão para ele, senhor”, não poderia ser a mão à palmatória, instrumento de castigo largamente utilizado para “disciplinar” os escravizados no período colonial?

A ironia é perceptível na operação matemática “catorze com dois são doze”. O contexto da sala de aula, do desvio das normas diante das avaliações, também não foi ignorado no *Teste ao samba* precisamente nesses versos: “Não pergunte à caixa surda/ Não peça cola à cuíca”, inserindo os instrumentos musicais com o tema apresentado.

---

<sup>8</sup> Importante destacar a personalidade de Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela, um dos mais expressivos líderes do carnaval carioca. Segundo Sérgio Cabral, para Paulo da Portela, o hábito fazia o monge e, assim, com os sambistas bem vestidos, pretendia desfazer a crença de que as Escolas de Samba eram núcleos de vagabundos. “Quero todos de pés e pescoços ocupados”, ordenava os grupos da escola que saíam para alguma apresentação. Os portelenses entendiam logo o que ele queria dizer com “pés e pescoços ocupados”: todos deveriam estar de sapatos e de gravata. (CABRAL, 2011, p. 113)

Como seria possível “Nós lá do morro/ Vamos vivendo de amor”, diante de tantos conflitos existentes entre a periferia, interna e externamente? Utopia. Ironia. Inversão. Os últimos versos da música, “Estudando com carinho/ O que nos passa o professor”, celebram a carnavalização da linguagem, uma vez que, naqueles anos de 1930, a maior parcela da população brasileira não tinha acesso à educação. De qualquer modo, há de se questionar que, mesmo aqueles poucos moradores dos morros, que conseguiram estudar, naquela época de desigualdades tão acentuadas, tiveram condições de “aprender com carinho” o mero “passar” de conteúdos dos professores, num tempo em que o método tradicional de ensino vigorava no país.

Portanto, esse *Teste ao samba* merece especial leitura não somente pela coesão entre o texto escrito, o enredo, e a representação artística na Praça Onze. Destaca-se pela linguagem das alternâncias, renovações e denúncias, apropriando-se da ironia para apresentar-nos um relato histórico acerca da exclusão no acesso ao ensino em nosso país.

Nessa direção, oportunas são as considerações de Roberto DaMatta a respeito dos sambas e das Escolas de Samba, em que observa os objetos deslocados. A própria escola, situada geralmente em um morro ou subúrbio, não ensina a ninguém uma profissão ou a “ganhar a vida” ensina, sim, a “própria vida”. Conforme atestam esses escritos, no Carnaval, os marginais anônimos que formam esse segmento social do subúrbio, do morro e da “escola de samba”, transformam-se em “professores” e “doutores” de samba e ritmo. (DAMATTA, 1981, p. 134)

#### **1.4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE CAPÍTULO**

Neste primeiro capítulo, observamos que algumas teorias demonstram que as origens do Carnaval estão nos cultos agrários da Antiguidade e apontam a prática desse evento entre várias culturas e povos distintos, egípcios, hebreus, romanos, persas, armênios, fenícios, cretenses e babilônicos. Há de se ressaltar que outras linhas investigativas definiram a origem dessa festa popular nos eventos da Idade Média.

Na verdade, o Carnaval é encontrado de maneiras diversas nos mais diferentes lugares e tempos, sempre com músicas barulhentas, danças, máscaras e mesmo com licenciosidade. Provavelmente, veio do paganismo e a Igreja Católica o tolerou e o regularizou, quando o Papa Gregório I o inseriu no Calendário Eclesiástico, em 590, conforme destacou Eneida de Moraes.

Percebemos que a festa ignorava toda a distinção entre atores e espectadores, era um espetáculo de todos, sem separação de idade, sexo e condição social. Era um lugar de inclusão por excelência, uma vez que até os escravizados podiam inverter as suas posições com as dos seus senhores, ainda que provisoriamente.

Igualmente relevantes foram as observações de Bakhtin acerca do caráter universal e libertador do Carnaval, assegurando que a festa se reveste na segunda vida do povo, sendo a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações, além de se opor às festas oficiais da Idade Média por meio da linguagem. Uma linguagem surgida ao longo dos séculos, capaz de transmitir a percepção carnavalesca do mundo, em todas as formas e símbolos impregnados do lirismo, da alternância e da renovação, da consciência relativa das verdades do poder. Uma linguagem caracterizada pelo avesso das coisas, pelas alternâncias.

Acerca das performances rituais, não podemos ignorar as observações de Debret que são um legado para o nosso Carnaval, os negros mascarados e fantasiados de velhos europeus, imitando-lhes os gestos. Geralmente, reis e rainhas do Carnaval são afrodescendentes, como nas congadas e reisados. As possibilidades de inversão das classes sociais nos momentos de festa são muito evidentes e devemos observar, na escrita dos sambas-enredos, na inscrição da palavra *liberdade*, essas mudanças de escala de Riccœur.

Se, para a maioria dos teóricos, os escravizados de qualquer época, durante a festa, tinham o direito de criticar e zombar de seus senhores, nos momentos de perigo em nosso país, em que quase todos éramos submetidos a um regime autoritário, como se comportaram, então, os nossos compositores na escrita dos sambas-enredos? Será que a todos foi concedido o direito de criticar os seus “senhores” durante a festa?

Também, neste estudo inicial, mesmo que de forma breve, consideramos a importância das praças públicas enquanto espaço privilegiado para abolição temporária das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas. Verificamos o papel das Sociedades Carnavalescas na defesa das liberdades democráticas, da causa da abolição da escravatura negra, da Proclamação da República e a identificação da maioria de seus integrantes com os ideais da Revolução Francesa. Assim, soubemos que as Escolas de Samba surgiram reunindo vários elementos do nosso passado histórico – dos Cordões e dos Ranchos, as fantasias, a comissão de frente, o mestre sala e a porta estandarte; das grandes Sociedades Carnavalescas, os carros alegóricos; do samba, a música, a dança e os enredos.

Observamos que muitos autores têm como referência a data de 07 de fevereiro de 1932 como a da realização, pelo jornal *Mundo Sportivo*, do primeiro desfile das escolas de samba na Praça Onze, centro do Rio de Janeiro, apesar de haver controvérsias, podendo ter sido 1931 o ano do primeiro desfile, conforme promovido por jornais menores. De fato, podemos assegurar a década de 1930 como fase embrionária das Escolas de Samba.

*O Mundo do samba* apresentado pela Unidos da Tijuca em 1933 foi considerado o primeiro samba-enredo da história. O *Homenagem* da Mangueira, também em 1933, o modelo desse gênero. O *Teste ao samba*, exposto pela Portela em 1939, foi considerado emblemático no que se refere à coesão entre as partes musical e visual, o samba-enredo e as fantasias e alegorias, respectivamente.

Na escrita dos primeiros sambas, percebemos a preocupação dos compositores em divertir, entreter os foliões, contando a história do samba, a identidade com a sua escola e o seu lugar, o morro. Um sujeito escrevente que muito coincide com o poeta descrito por T.S. Eliot “Não há dúvida de que um poeta deseja dar prazer, divertir ou entreter as pessoas; e normalmente ele deveria ficar contente de poder sentir que esse tipo de entretenimento ou diversão é desfrutado pelo maior e mais variado número possível de pessoas.” (ELIOT, 2012, p. 43)

Apesar de que em nenhum de nossos primeiros sambas-enredos encontramos a inscrição da palavra *liberdade*, a sugestão desse vocábulo, conforme aspectos relacionados ao introito, à identificação do autor com a música e a escola, e o uso da metalinguagem, por exemplo, serão retomados ao longo das produções carnavalescas, em todos os tempos.

## **CAPÍTULO 2**

### **A palavra liberdade na Era Vargas e na Democracia Populista (1943-1964)**



## 2.1 – INTRODUÇÃO AO SEGUNDO CAPÍTULO

Os 232 sambas-enredos analisados neste trabalho, que são apresentados a partir deste e dos próximos capítulos, foram, quase que totalmente, resultado de uma produção coletiva. A palavra *liberdade* foi empregada de formas variadas, em diferentes contextos, sendo atribuída a distintos sujeitos e eventos. Para chegarmos a esse número, inicialmente, selecionamos os sambas-enredos que se aplicavam a derivações desse vocábulo, a exemplo dos adjetivos *livre*, *liberto* e *liberal*; do advérbio *livremente*; do substantivo *libertação* e dos verbos *libertar* e *liberar*. Depois de analisar todo o material, optamos por apenas considerar aquele substantivo formado por nove letras. Dessa forma, não desconsideramos os outros sentidos sobre o próprio desdobramento da palavra *liberdade*, desde que ela aparecesse, como base, de forma explícita, no samba/ texto analisado.

Foi assim que totalizamos 232 composições<sup>9</sup>, e é importante ressaltar, com convicção, a possibilidade da existência de outros sambas-enredos em que a palavra *liberdade* foi empregada, mas que não foram encontrados por nós, especialmente aquelas produções do século passado, perdidas nos registros ou presentes nos arquivos das Escolas de Samba, ainda não publicadas em seus sites ou nos de músicas, ou mesmo de fácil acesso, mas que foram despercebidas por nós, ou que tenham escapado de nosso olhar possivelmente vacilante em determinadas leituras.

Evidentemente, com o surgimento de novas Escolas de Samba e de grupos de desfile, aumentaram-se as produções escritas. Ressalta-se que a análise estatística deve ser feita com cautela, pois o número de sambas-enredos reunidos em cada ciclo é diferente. No primeiro ciclo, de 1943-1964, foram coletados 10 sambas-enredos; no segundo ciclo, de 1965-1985, 27; e, no terceiro ciclo, de 1986-2013, 192. Assim, totalizamos os sambas-enredos em que ocorre o emprego da palavra *liberdade*, coincidentemente, escritos por 70 Escolas de Samba e equivalentes a 70 anos de investigação.

Após a leitura de cada texto, procuramos localizar na escrita o referente da palavra assinalada. Em muitos sambas-enredos ele fica explícito, mas nem sempre há uma certeza, uma precisão. Isso esclarecido, reconhecemos certas indefinições e recorremos ao que se convencionou chamar “margem de erro”, estatisticamente considerando, no

---

<sup>9</sup> No anexo deste trabalho estão, em ordem temporal, todos os sambas-enredos estudados. Para facilitar a localização da palavra *liberdade*, optamos por destacá-la em negrito.

processo de significação aqui proposto. Esperamos não extrapolar essas margens ao classificar, de forma arbitrária, as composições, mais de acordo com a nossa percepção particular. Com a intenção de melhor analisar os sambas-enredos, optamos pelos agrupamentos, por exemplo, composições referentes a Tiradentes e aos demais inconfidentes, a Dom Pedro I e a José Bonifácio foram classificadas como “Independência”; da mesma forma que aquelas que aludem a Castro Alves, Princesa Isabel, Preto Velho, Chico Rei, Zumbi, Ganga Zumba e Palmares à “Escravidão”.

Mesmo reconhecendo as relevantes contribuições das chamadas crítica genética e biográfica, uma vez que são relevantes as consultas em fontes primárias, a análise do processo de criação, considerando a personalidade física do autor, optamos, de forma indeclinável, pela recusa em elaborar um esboço com essas características que permitisse contemplar as experiências vividas por eles, os depoimentos e os testemunhos pela impossibilidade de acessar os mais de 500 autores. O que fizemos foi interpretar o texto, almejando buscar um significado no contexto histórico de produção.

Para melhor analisar e visualizar os dados coletados, decidimos apresentá-los em tabelas e figuras em todos os períodos pesquisados. Na Tabela 1, desse período de 1943 a 1964, a referência “Escravidão” foi a mais utilizada, com um percentual de 50% do total do ciclo 1; seguindo-se “Independência”, com um percentual de 30%; e a Segunda Guerra totalizando os 20% restantes.

Nessa direção, os dois sambas-enredos em que a palavra *liberdade* tem como referência a “Segunda Guerra” foram aqueles apresentados pela Portela em 1943 e 1946. Os três sambas-enredos que aludem à “Independência” foram expostos pela Império Serrano, 1949; e Portela e Tupy de Brás de Pina, em 1958. Os cinco sambas-enredos apontados para o contexto da “Escravidão” foram de autoria das escolas Portela, 1948; Mangueira, 1964; e Salgueiro 1957, 1960 e 1964. A seguir, apresentamos os dados coletados referentes a esse ciclo na Tabela 1 e na Figura 1.

**Tabela 1:** Referências sobre a palavra liberdade no ciclo 1

Referências	1943-1964	
	Frequência	(%)
Escravidão	5	50
Independência	3	30
Segunda Guerra	2	20
Total	10	100

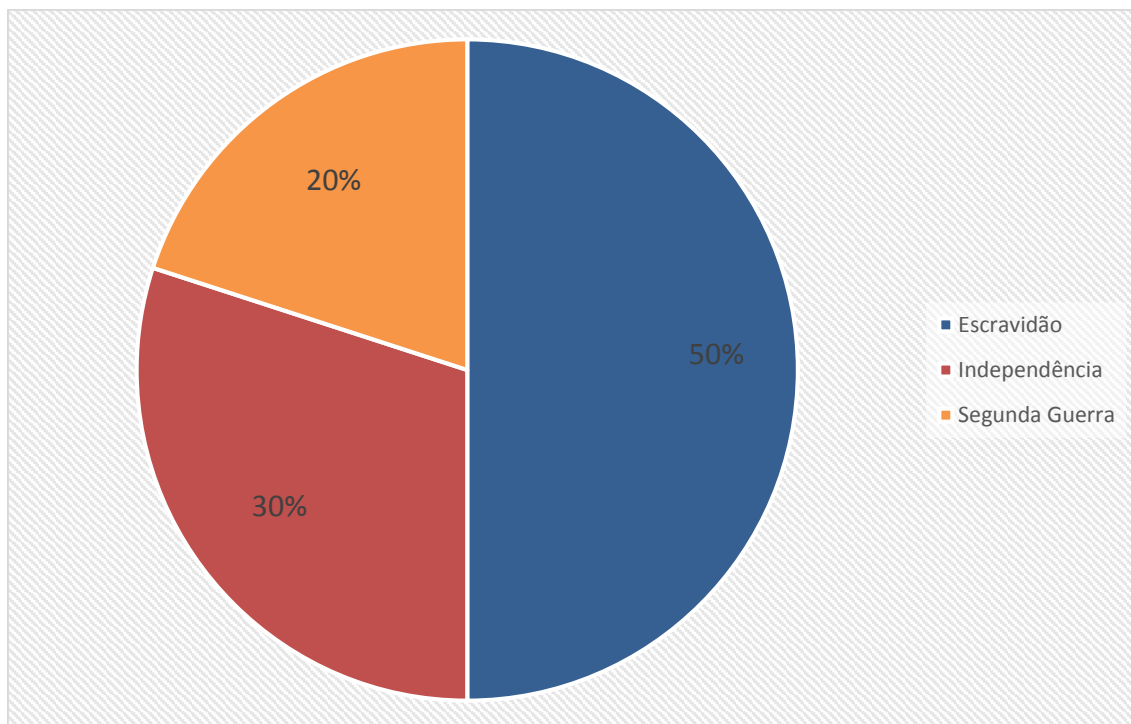


Figura 1: Referências sobre a palavra *liberdade* no ciclo 1.

## 2.2 – A LIBERDADE E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Nesse período de 1943 a 1964, encontramos dois sambas-enredos que inscreveram a *liberdade* relacionada, especificamente, ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Essas duas composições foram elaboradas pela Escola de Samba Portela, em 1943 e 1946<sup>10</sup>.

No Anexo 1 deste trabalho, expusemos integralmente dois sambas-enredos da Portela para 1943, considerando que houve dois desfiles naquele ano – um no dia 24 de janeiro e o outro em 17 de março. A Portela, a campeã nos dois desfiles, expôs nas duas escritas a mesma linha temática, respectivamente intituladas “Brasil, Terra da Liberdade” e “Carnaval de Guerra”. Assim, computamos, estatisticamente, uma composição apenas.

Sérgio Cabral, discutindo acerca do contexto de 43, afirmou que Darci Vargas, a primeira dama do Brasil, convocou as Escolas de Samba para se apresentarem no campo do Clube Recreativo Vasco da Gama, em benefício da Cantina do Soldado Combatente.

<sup>10</sup> Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas em *Samba de enredo: história e arte*, afirmam que “Os carnavais de 1943, 1944 e 1945 foram temáticos, versaram sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e foram organizados pela Liga da Defesa Nacional e pela União Nacional dos Estudantes. A ideia das escolas de samba como instrumentos de educação das camadas populares se reforçava cada vez mais. Em 1964 tivemos o Carnaval da Vitória, em comemoração ao triunfo aliado contra os nazistas”. (MUSSA e SIMAS, 2010, p. 52)

Treze agremiações decidiram participar daquele evento. (CABRAL, 2011, p.150)  
A Portela com o samba-enredo *Brasil, Terra da Liberdade*, exposto em janeiro, evidenciou a conjuntura da época posicionando-se duplamente – o protesto contra a Ditadura do Estado Novo, ao empregar a palavra *democracia* e a defesa da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Um samba patriótico, em favor da liberdade e a convicção de que os Aliados, aos quais o Brasil se integrara, abateriam o Eixo. Verifiquemos, no excerto da referida canção, a sua primeira estrofe:

Democracia  
Palavra que nos traz felicidade  
Pois lutaremos  
Para honrar nossa liberdade. (Anexo 1)

Reflitamos que esses versos iniciais propõem uma proposta direta e objetiva, em torno das palavras *democracia, felicidade e liberdade*. A primeira é a que possibilita a segunda e a terceira é a consequência de uma ação coletiva, a luta e a honra. Então, a democracia está para a felicidade e a liberdade é um objetivo nobre pelo qual se deve empenhar. Na segunda estrofe da composição, o país é evocado formando parte de várias nações, que estão unidas, e o eu lírico se prontifica a ir ao *front*, de coração. Será? O samba-enredo é finalizado com um sentimento de vitória, posto que o Eixo, o inimigo a ser vencido, iria “se amolecer” diante da união dos Aliados.

No samba-enredo *Carnaval de Guerra*, exibido em março, a postura do autor permanece a mesma, em defesa da participação do país na Segunda Guerra Mundial. Ali expressa sua solidariedade ao irmão, representado pelos soldados combatentes, que lutava em favor de nossa pátria.

Brasil, terra da liberdade  
Brasil, não usou de falsidade  
Meu irmão foi para a guerra  
Defender essa grande terra (Anexo 1)

Nesse samba-enredo, o escritor também se manifesta à disposição do Estado inclusive disposto a ir “pra linha de frente travar um duelo/ Em defesa do pendão verde e amarelo”. Verdade? A palavra *liberdade* emerge como pertencente à nossa terra. O que nos sugere a inscrição de outras liberdades além da desejada frente ao conflito mundial. Por outro lado, analisando o contexto do Estado Novo e da Segunda Guerra, Monique Augras afirma que, naquele 1943, a censura atuou claramente com a portaria do chefe de polícia, publicada em 2 de março:

XI – São proibidas as canções cujas letras ofendam à moral e ao decoro e as que se refiram ao Governo e à sua orientação político-administrativa;  
XII – Não serão permitidas, nem toleradas em passeatas ou quaisquer agrupamentos carnavalescos, críticas ou alegorias ofensivas à orientação seguida pelo Governo em face da situação internacional.  
(Jornal do Brasil, 2-3-1943. In AUGRAS, 1998, p. 56)

Cabem muitos questionamentos sobre o que seria ofender a moral e o decoro na Cláusula XI se considerarmos o papel de inversão, de crítica e de entretenimento que os sambas poderiam proporcionar. Impressionante a preocupação governamental em garantir o controle sobre a opinião a respeito dos atos do Governo e da condução da sua política-administrativa. O que eles temiam?

A ideia fixa em controlar o povo foi reafirmada na cláusula seguinte, a XII, a qual nos permite compreender a força das passeatas e dos agrupamentos carnavalescos, bem como dos efeitos que as alegorias teriam diante das posições políticas. Então, há de se ressaltar que a vontade manifesta pelo chefe de polícia era controlar as massas populares, a partir das letras, especialmente as que ofenderiam a moral, o decoro, o governo e as suas ações.

Ora, se há um decreto específico para tratar desse assunto – como devem ser escritas as canções carnavalescas e a advertência a críticas ou alegorias atribuídas ao governo – é evidente que o poder exercido pela linguagem dos sambas-enredos, das alegorias e das críticas em passeatas e agrupamentos, teria efeito sobre o outro poder, o institucionalizado, que se confessava incomodado, precisando proteger-se em um decreto. A preocupação das autoridades era mais com a escrita e provavelmente menos com o corpo exposto na avenida, na performance da dança.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em maio de 1945, a União Geral das Escolas de Samba decidiu, junto com os seus representados, que em 1946 homenagearia a vitória dos aliados. Portanto, destacamos aqui o samba-enredo da Portela, no qual se inscreveu a palavra *liberdade*, mais uma vez.

O carnaval da vitória  
É o que a Portela revela  
Liberdade, progresso, justiça  
Que realiza o valor de um povo herói (Anexo 2)

Esteticamente, observemos, no Anexo 2, que a escrita do samba-enredo permanece objetiva e de curta duração. Ideologicamente, no presente texto, é fácil comprovar a ausência de modéstia do narrador – o carnaval da vitória é aquele que a escola de samba Portela representa, e não outro. A palavra *liberdade* é a primeira a ser

evidenciada pela escola, personagem no enredo, sendo seguida das outras duas, *progresso* e *justiça*, certamente, manifestando, por parte do compositor, a preocupação com o desenvolvimento do país e com a igualdade necessária e urgente. O povo é apresentado como heroico, à moda das epopeias, e o narrador sabe da importância da memória da Guerra, nos versos “Jamais poderei esquecer/essa data sagrada”, da qual o mundo também não esquecerá – a data da liberdade naquele contexto. Observemos que, mais uma vez, ao se referir ao Carnaval, o autor textual assume um discurso metalinguístico, pois aquele evento é “cheio de encantos mil”, convocando a todos os brasileiros a cantarem, em celebração.



Carnaval de rua do Rio de Janeiro nos anos 60 (FOTO: Evandro Teixeira).

FONTE: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/uma-viagem-por-antigos-carnavais/>

## 2.3 – A LIBERDADE E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

### 2.3.1 – TIRADENTES E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Em 1949, a Império Serrano apresentou o samba-enredo *Exaltação a Tiradentes*. Tiradentes, cognome de Joaquim José da Silva Xavier, considerado líder maior da Inconfidência Mineira<sup>11</sup>. A escrita do enredo acompanhou a tradição, seguindo toda a linha discursiva da história oficial, que, inclusive, tem sido questionada sobre a hipótese de apagamento do protagonismo de outras personagens, como os poetas inconfidentes Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga.

Tiradentes, na canção, não poderia ainda ser diferente, é representado como um herói por excelência. Verifiquemos que “ele foi traído” por um sujeito implícito, o Joaquim Silvério dos Reis, “mas não traiu jamais” os ideais inconfidentes – a nossa liberdade, no entendimento do eu lírico. Dessa forma, a memória coletiva é mais uma vez acionada com o intuito de sempre lembrar os vultos de nosso passado. A liberdade inscrita é a coletiva, nacional, histórica. A figura daquele herói inconfidente é comparada à de Jesus Cristo, se pensarmos que o primeiro foi “sacrificado pela nossa liberdade” e o segundo “para nos salvar de nossos pecados”, conforme escrito nos textos bíblicos. Vejamos um excerto dessa “Exaltação a Tiradentes”:

Joaquim José da Silva Xavier  
Era o nome de Tiradentes  
Foi sacrificado pela nossa liberdade  
Este grande herói  
Pra sempre há de ser lembrado. (Anexo 4)

O historiador José Murilo de Carvalho, em *A formação das almas – o imaginário da república no Brasil*, argumenta que Tiradentes é o herói republicano por excelência, ambíguo, multifacetado, esquarterjado. “Ele é o Cristo e o herói cívico; é o mártir e o libertador; é o civil e o militar; é o símbolo da pátria e o subversivo. A iconografia reflete as hesitações.” (CARVALHO, 2014, p. 141)

Outro aspecto que merece especial atenção é a forma didática, pedagógica, com que o enredo é escrito, numa perspectiva que objetiva orientar, explicar quem foi a personagem homenageada e a justificativa de sua escolha para a honraria. Nos primeiros

---

<sup>11</sup> Lília Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling, em *Brasil, uma biografia*, definem esse evento, que antecedeu a Revolução Francesa de 1789, como “o mais relevante movimento anticolonial da América portuguesa: pôs em dúvida o próprio sistema e adaptou para as Minas um projeto de poder de natureza nitidamente republicana.” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 129)

versos, é noticiada de forma direta a morte do herói e depois o porquê do seu sacrifício pela liberdade<sup>12</sup>. O autor encerra o samba-enredo consciente da importância da memória. “Este grande herói/ Pra sempre há de ser lembrado”. Imaginar que esse samba-enredo é inocente é ignorar a força subversiva oculta em uma fresta aberta no verso “Pra sempre há de ser lembrado”, trecho que possibilita imaginar uma espécie de mensagem secreta, em entrelinhas, estímulo para seguidores da luta pela liberdade ainda desejada. Uma liberdade para além do tempo de Tiradentes. Uma liberdade para além da Independência do país. Uma liberdade do tempo escrito. Uma liberdade que só poderia ser escrita se se apoiasse em outra autorizada, a de Tiradentes, a oficial, a permitida.

Se a Império Serrano, em 1949, atribuiu a Tiradentes o heroísmo da Inconfidência Mineira, em 1958, a Tupy de Brás de Pina, prestou homenagens aos demais participantes daquele movimento, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Padre Rolim, Freire de Andrade e o próprio Tiradentes, o *chefe dos Inconfidentes*, considerado, segundo Lilia Schwarcz e Heloísa Starling “o mais ativo propagandista das ideias que sustentaram o projeto político da Conjuração Mineira, e o grande responsável por colocá-las em circulação no interior de uma rede formada pelo entrecruzamento de diferentes grupos sociais.” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 143)

Liberdade,  
Era o lema dos “Inconfidentes”  
Ainda que tarde  
Libertaremos a nossa gente. (Anexo 7)

Na análise desse samba-enredo, além de percebermos o destaque na extensão da escrita, um texto longo, se comparado com os anteriores, há uma preocupação dos escritores em contarem toda a história. A Inconfidência Mineira, para eles, foi “O maior trecho da história brasileira”, Vila Rica, atual Ouro Preto, é o local da conspiração que pretendia promover a Independência do Brasil de Portugal. As forças antagônicas foram igualmente explicitadas no samba, lá estão Silvério dos Reis, Visconde de Barbacena, D. Luiz e Dona Maria I. Essa música não omitiu o heroísmo de Tiradentes. Ele foi apresentado como o cabeça, o chefe, o líder que não estava sozinho em seu

---

<sup>12</sup> José Murilo de Carvalho também afirma, acerca das representações da imagem do nosso herói inconfidente, que “A partir das revelações de Norberto e, quem sabe, da própria tradição oral, as representações plásticas e literárias de Tiradentes, e mesmo as tradições políticas passaram a utilizar cada vez mais a simbologia religiosa e a aproximá-lo da figura de Cristo”. (CARVALHO, 2014, p. 64) Assim, também se comportaram os escritores daquele samba de exaltação, seguindo a linha da memória disponível naquele tempo.



empreendimento. Ao contrário, tinha a companhia de amigos e de inimigos. Não podemos deixar de enfatizar que, ao empregar a palavra *liberdade*, como lema dos inconfidentes, os autores permitem-nos outra leitura além da principal, os versos “Ainda que tarde/ Libertaremos a nossa gente” podem ser facilmente deslocados do discurso das personagens inconfidentes para o dos autores, ou outros sujeitos implícitos, naquele contexto de produção.

### 2.3.2 – JOSÉ BONIFÁCIO

Em 1958, a Portela apresentou mais um samba-enredo voltado para a história do Brasil, contado de forma oficial e sem grandes alterações. *Vultos e efemérides do Brasil* (Anexo 6) aborda uma pátria fundada sob o signo do amor, em 22 de abril de 1500. A Tiradentes concede-se o título de mártir inconfidente, reconhecendo nele, novamente, o herói do movimento de Minas. José Bonifácio é quem influencia Dom Pedro a proclamar a nossa independência de Portugal, a Princesa Isabel é “o anjo da abolição” e, por fim, o trio, Deodoro, Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva, estava à frente da Proclamação da República.

Apesar de o samba-enredo não propor nenhuma releitura da história e desconsiderar vários movimentos de contestação, cinco grandes datas de nossa memória – a “Descoberta”, a Inconfidência, a Independência, a Abolição e a República – foram bem articuladas naqueles 17 versos. A *liberdade* é aqui atribuída a José de Bonifácio<sup>13</sup>. Afinal, foi ele quem, segundo os autores, colaborou para o grito do Ipiranga:

Pela página brasileira  
Do exemplo de amor à liberdade  
José Bonifácio mentor de inteligência  
Influenciou Pedro I  
A dar o grito da Independência. (Anexo 6)

---

<sup>13</sup> José Murilo de Carvalho discorre sobre a performance política de José Bonifácio no dilema da Independência do Brasil e a permanência do elemento servil: “Embora no início da vida independente brasileira, um dos principais políticos da época, José Bonifácio, já estivesse alertado para o problema da formação da nação, mencionado particularmente as questões da escravidão e da diversidade racial, tudo isso ficou para segundo plano, pois a tarefa mais urgente a ser cumprida era a da sobrevivência pura e simples do país.” (CARVALHO, 2014, p. 23)

## 2.4 – A LIBERDADE E A ESCRAVIDÃO

### 2.4.1 – A PRINCESA ISABEL

Foi em 1948, com o samba-enredo *Exaltação à Redentora* (Anexo 3) que a Portela homenageou a Princesa Isabel, enaltecendo o maior legado dela, a assinatura da Lei Áurea, a Lei Imperial nº 3.353, que encerrou formalmente a escravidão negra no Brasil, um regime que aqui vigorou por mais de 350 anos. Nessa escrita, o narrador reflexivo insere-se na canção, com uma voz testemunhal negra, afirmando que “foi a Princesa Isabel/que nos deu a liberdade” articulando o presente com o passado, confirmando que, indiretamente, nós somos livres graças à ação dela de libertar “aqueles que sofriam”. Dessa maneira, o nome da Redentora estaria glorificado, para sempre, na história<sup>14</sup>.

O elogio à Isabel ocorre de uma forma tão exaltada que restringe a ela, unicamente, uma ação que foi coletiva. Observemos que, anterior à assinatura da referida lei, existiram personalidades de vários movimentos abolicionistas que colaboraram de forma efetiva para o sucesso daquele propósito, a exemplo de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Castro Alves, André Rebouças, José do Patrocínio, Luís Gama e Tobias Barreto. Dessa forma, nos versos “somente ela quem via/como o preto sofria, noite e dia”, sem pretender diminuir a relevância do escrito, ficam evidentes os exageros com relação à Princesa Isabel, posto que a decisão tomada por ela foi resultado de um grande movimento, de uma poderosa articulação política. Agora, por um outro lado, temos de considerar: Isabel, que exercera a regência no Brasil, era uma mulher. Será que ao retomar uma nobre figura feminina brasileira que um dia atuara em favor do oprimido não poderia ser um contraponto ao poder político daquele tempo? Um poder exercido por homens?

Retornando ao texto, os dois versos que encerram o samba-enredo exaltam também o negro, de forma intensa e idealizada ao afirmar que “Hoje no mundo” – década de 40 do século passado – o “Preto tem o seu valor profundo”. Mais uma vez somos provocados a questionar: Qual valor profundo seria esse? Em qual mundo? Em qual tempo?

---

<sup>14</sup> Em *Isabel, a “Redentora” dos escravos*, Robert Daibert Júnior anota que a Princesa Isabel relacionou-se com uma corrente moderada do movimento abolicionista representada por Joaquim Nabuco, André Rebouças e José do Patrocínio. “Patrocínio, por exemplo, valia-se da imprensa como meio de divulgação do pensamento abolicionista e dirigia seus textos mais especificamente à Família Imperial e aos políticos, por entender que estes seriam capazes de acabar com a escravidão num prazo muito curto, se assim o desejassem”. (DAIBERT Junior, 2004, p. 110)

Sabemos que as diferenças raciais ainda permanecem muito acentuadas no Brasil. Por outro lado, devemos ponderar quanto ao fato de o tempo do carnaval, o da escrita e o do desfile ser um outro que projeta expectativas em momentos festivos. O “valor profundo” talvez seja o desejo de superar todas as mazelas do passado ainda presentes naquele presente. E só poderiam fazê-lo em um momento único e especial, na festa do povo, na festa da liberdade.

Nesse sentido, é imprescindível destacarmos que a memória é instrumento indispensável para a significação dos enredos. Memória em que está vinculado o sentido na passagem do tempo; “orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo”. (RICŒUR, 2012, p. 108)

#### 2.4.2 – CASTRO ALVES

Foi com seu *Navio Negreiro* que a Salgueiro, em 1957, homenageou o poeta Antônio Frederico de Castro Alves, o “altruísta e defensor tenaz da gente de cor”<sup>15</sup>. Aqui, há o reconhecimento da escrita do *poeta dos escravos*, principalmente no que diz respeito a sua voz contrária à escravidão. Semelhante ao “Navio Negreiro” do poeta baiano, esta canção denuncia a situação pela qual se encontravam os escravizados durante o período em que vigorava aquele regime “negros abandonados e acorrentados/ em cativo no porão da embarcação/com a alma em farrapo de tanto maltrato/vinham para a escravidão<sup>16</sup>” sugerindo que antes aqueles homens eram livres. Vejamos outro trecho da canção:

---

<sup>15</sup> Antônio Cândido de Mello e Souza, em *Formação da literatura brasileira, momentos decisivos*, afirma que Castro Alves “logrou uma visão larga e humana do escravo, que não é para ele apenas caso imediato a ser solucionado, mas símbolo de uma problemática permanente, termo e episódio do velho drama da alienação do homem, que ele sente, como bom romântico, em termos da luta perpétua entre o bem e o mal.” (CÂNDIDO, 1969, p. 269-270)

<sup>16</sup> O poema *O Navio Negreiro* foi escrito por volta de 1865, em uma época de efervescência dos ideais abolicionistas. Castro Alves contava 21 anos de idade e estava engajado naquela campanha. Com o subtítulo de “Tragédia no mar”, o poema foi concluído em São Paulo, em 1868 e declamado no dia 07 de setembro daquele ano, durante sessão comemorativa da Independência do país, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Vejamos o diálogo intertextual do samba enredo da Salgueiro com o referido poema: “Era um sonho dantesco... o tombadilho/ Que das luzernas avermelha o brilho/ Em sangue a se banhar. / Tinir de ferros... estalar do açoite.../Legiões de homens negros como a noite, / Horrendos a dançar...” (ALVES, 1996, p.)

No navio negreiro  
O negro veio para o cativo.  
Finalmente uma lei  
O tráfico aboliu,  
Vieram outras leis,  
E a escravidão extinguiu,  
A liberdade surgiu  
Como o poeta previu. (Anexo 5)

Mais uma vez a Lei Áurea é retomada no contexto da palavra *liberdade* sendo que, anteriormente, o autor mencionou a Eusébio de Queiroz em “Finalmente uma lei/ o tráfico aboliu” e implicitamente as leis do Ventre Livre e dos Sexagenários. Ao final do samba-enredo, o registro de que os negros seriam livres, em definitivo, sem o navio negreiro que, simbolicamente, representou todas as dores da escravidão narradas pelo *poeta dos escravos*. Assim, iniciaria um novo tempo de liberdade, porque “não há mais cativo”. Diante desse verso, há que se questionar – não existiam outras formas de opressão naquele tempo da escrita?

Eneida de Moraes destaca que quarenta escolas desfilaram no Carnaval daquele ano de 1957. A pesquisadora descreveu a mobilização das pessoas, homens, mulheres, crianças que vinham organizados, bem vestidos, com suas fantasias ricas e de bom gosto “cantando as glórias de Castro Alves, a fundação do Rio de Janeiro, falando-nos com a voz do samba em Estácio de Sá, em Pedro I, em D. João VI; louvando nossas riquezas, saudando nosso petróleo e a Petrobrás, cantando-nos harmoniosamente glórias de nosso passado, falando em nossos escritores, em nossos estadistas, na nossa gente.” (MORAES, 1958, p. 301-302)

### 2.4.3 – PALMARES

Em 1960, a escola de Samba Salgueiro apresentou o *Quilombo de Palmares*, cujo enredo foi contado à maneira dos griot e de outros contos tradicionais, retomando o pretérito “No tempo em que o Brasil ainda era/ um simples país colonial” para destacar, no estado de Pernambuco, o Quilombo de Palmares<sup>17</sup>, como um rastro, um lugar de memória, um símbolo de resistência à escravidão na Era Colonial do nosso país.

---

<sup>17</sup> Lilia Schwarz e Heloísa Starling definem o Quilombo de Palmares como “a maior comunidade de escravos fugidos e possivelmente a que sobreviveu por mais tempo na América Portuguesa”. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 100)



Estandarte da Salgueiro sobre Palmares, em 1960.

<http://cjcarnaval.blogspot.com.br/2015/05/e-quando-o-salgueiro-passou-alguem.html>

A história contada no samba-enredo, preparado para o desfile, coincide muito com a oficial, principalmente, no tocante ao contexto daquela época de Palmares, quando, de fato, as invasões holandesas traziam um clima de instabilidade no nordeste brasileiro, o que possibilitava a fuga de escravizados.

Com a invasão dos holandeses  
Os escravos fugiram da opressão  
E do julgo dos portugueses.  
Esses revoltosos  
Ansiosos pela liberdade  
Nos arraiais dos Palmares  
Buscavam a tranquilidade. (Anexo 8)

Observemos que, nesse fragmento a palavra *liberdade* é definida como um alvo, uma meta, um objetivo máximo dos revoltosos, “ansiosos” por ela. A narrativa prossegue com a figura de Zumbi, “o divino imperador”, mesclando o plano espiritual e o material, como os portugueses assim o fizeram com a fé e o império. De igual proceder, objetivando tornar o samba-enredo um elemento épico por excelência, o escritor dialoga intertextualmente com a Tróia, da *Ilíada* e *Odisseia*, obras clássicas atribuídas a Homero: “Surgiu nessa história um protetor / Zumbi, o divino imperador / Resistiu com seus guerreiros em sua Tróia”. (Anexo 8)

Zumbi, apesar da heroica resistência e do comando à frente do Quilombo de Palmares, foi abatido pelo exército colonial liderado por Domingo Jorge Velho, conforme a história registra. Dessa forma, o autor encerra o samba-enredo sugerindo o suicídio para

o líder negro ao ver a sua Tróia<sup>18</sup> incendiada. A “Serra da Barriga” foi substituída pela “Serra do Gigante” causando um efeito estético maior que a rima “impressionante” sugerindo um espaço amplo de liberdade.

De luta e glória,  
Terminou o conflito dos Palmares,  
E lá no alto da serra,  
Contemplando a sua terra,  
Viu em chamas a sua Tróia,  
E num lance impressionante  
Zumbi no seu orgulho se precipitou  
Lá do alto da Serra do Gigante. (Anexo 8)

O desfecho dessa canção carnavalesca é uma homenagem que se desdobrou para além das fronteiras dolorosas do passado escravista, a exemplo, o louvor às heranças culturais africanas, como o maracatu, por sua vez, uma manifestação afro-brasileira musicada e dançada, voltada aos rituais de coroação dos reis do congo. Um patrimônio que pertence ao compositor e, ao mesmo tempo, é o elemento capaz de inverter a posição de dominado – “Meu maracatu” tem origem nobre e ele “É da coroa imperial/ É de Pernambuco”. Portanto, há que se considerar que os escritores dos sambas-enredos se utilizam de vários recursos para rememorar as histórias do passado e, não raras vezes, diante dos fatos trágicos como a queda de Palmares, ressignificam a palavra *liberdade* e, simultaneamente, agregam, à canção, os momentos festivos, culturais, como o maracatu, simbolizando uma herança de Pernambuco, lugar de Palmares.

Monique Augras, analisando esse samba-enredo, afirma que o único herói trágico homenageado como tal é Zumbi dos Palmares e que a exaltação a ele contrasta fortemente com o tratamento dado às personagens valorizadas pela história oficial. “O suicídio, além de estar claramente descrito, não é enfocado como sacrifício, mas sim como orgulhoso desafio. Aqui, a violência está presente, e responde à opressão”. (AUGRAS, 1998, p.137)

Relevante destacar que a escolha desse tema ocorreu depois que o Presidente da Salgueiro, Nelson de Andrade, foi ao Teatro Municipal, conhecer e convidar o professor da Escola de Belas Artes e cenógrafo Fernando Pamplona<sup>19</sup> para elaborar o enredo para

---

<sup>18</sup> Ao comparar Palmares a Tróia, muito provavelmente, os autores desse samba-enredo buscaram um diálogo intertextual com os escritos do intelectual português Joaquim Pedro de Oliveira Martins quem, segundo Jean Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira, em *Três vezes Zumbi*, introduziu para a memória de Palmares um caráter épico, “o mais belo, o mais heroico” exemplo de protesto do escravo. “É uma Tróia negra, e a sua história uma *Iliada*” (FRANÇA e FERREIRA, 2012, p. 80)

<sup>19</sup> Sérgio Cabral, quando entrevistou Fernando Pamplona, perguntou-lhe sobre a proposição do enredo “Quilombo de Palmares” no primeiro encontro com Nelson de Andrade. Pamplona afirmou que na ocasião estava lendo um livro editado pela Biblioteca do Exército, escrito por dois militares, sobre Palmares. “Era um livro extraordinariamente bem feito. O que sei é que, depois, esse livro sumiu da Biblioteca do Exército.

o carnaval de 1960. A afirmativa de Pamplona “veio acompanhada da sugestão de que o enredo de 1960 do Salgueiro fosse uma homenagem a uma personalidade tão importante para a História do Brasil quanto esquecida pelos compêndios, o líder negro Zumbi dos Palmares”. (CABRAL, 2011, p. 200)

Sérgio Cabral, nessa linha analítica, afirma que a Salgueiro, em seus poucos anos de existência, já havia fugido dos padrões tradicionais ao homenagear um acusado de subversão, o prefeito do Rio, Pedro Ernesto e também tinha uma disposição de ir em busca do novo, como o enredo que homenageou o pintor francês Jean-Baptiste Debret, no ano anterior, 1959. Merecem consideração as dificuldades iniciais que Fernando Pamplona e sua equipe encontraram para convencerem os integrantes da Salgueiro a se apresentarem com as fantasias de escravizados. Sérgio Cabral assegura que uma velha tradição, não só das escolas de samba, como das manifestações folclóricas de origem negra, permitia aos negros realizar, pelo menos na indumentária, o sonho de se apresentarem como reis, rainhas, duques etc. “Afim, o povo das escolas de samba, desempregado ou mal pago em seus empregos, já era escravo o ano inteiro. Por que ser escravo também no carnaval?” (CABRAL, 2011, p. 201)

Essa experiência adquirida por Pamplona de vestir os negros com as fantasias de escravizados e que colaborou, de certa maneira, para a vitória da escola de samba Salgueiro, ao representar o contexto do tempo de Palmares, permite-nos verificar, a partir das reflexões de Roberto DaMatta, que realmente os participantes daquele Carnaval estavam conscientes de que uma nova inversão era fundamental para a festa “Chama a atenção, em tais desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente, negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica)”. (DAMATTA, 1981, p.46)

Portanto, o samba-enredo *Quilombo de Palmares* é emblemático não somente pela proposta de homenagear um herói negro, mas também do convencimento da representação da comunidade negra, uma espécie de destronamento de uma tradição, para descer ao passado da escravidão e depois serem coroados, novamente, com a reescrita da

---

Nelson topou a ideia”. (CABRAL, 2011, p. 438) Seria importante se esse livro fosse encontrado e estudado, pois, indubitavelmente, teríamos acesso a mais um documento fundamental para a história do Brasil. Ainda sobre a entrevista, Pamplona argumentou que o escritor e estudioso africanista, Édison Carneiro, não concordou com as fantasias de escravos. Diante disso, ele quisera saber o porquê de os negros se fantasiarem com as roupas dos senhores nas escolas de samba, no maracatu e nas congadas. Pamplona e a equipe, não obtendo a resposta, especularam que, naqueles casos, o traje teria mesmo a função de fantasia. “Ou seja: a roupa africana era o traje do escravo. Nos festejos, portanto, fantasiavam-se com a roupa que representava o poder. O pessoal das escolas de samba gostava muito de sair com as roupas dos nobres que eram chamadas sempre de “Luís XV”, qualquer época que representasse”. (CABRAL, 2011, p. 440)

história, com a consagração da escola. Relevante considerarmos o contexto da escrita desse samba-enredo da Salgueiro, 1960, o *Quilombo de Palmares* – o mesmo de 1957 *Navio Negreiro*, da mesma escola; de Tupy de Brás de Pina, *Inconfidência Mineira* e da Portela *Vultos e efemérides do Brasil*, ambos em 1958 – o período JK que durou de 1956 a 1961.

O governo democrático de Juscelino Kubitschek de Oliveira, certamente, colaborou para que se impulsionassem variadas discussões sobre o nosso processo histórico, semelhantes àqueles quatro sambas-enredos relacionados à Independência e à Escravidão. Em *Brasil, uma biografia*, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling analisam que JK, com seu Plano de Metas, “dava voz a uma nova e entusiástica condição de ser brasileiro que poderia contribuir para reparar as injustiças de uma herança histórica de miséria e desigualdades profundas, e serviria para abrir as portas da modernidade”. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 417)

#### **2.4.4 – PRETO VELHO**

Em 1964, poucos dias antes do 31 de março, data em que os militares tomaram o poder, a Estação Primeira de Mangueira evocou o tema da religiosidade afro-brasileira, reverenciando uma das entidades da Umbanda, um espírito de um escravizado que se comunica com os vivos. O samba é escrito em consonância com as estruturas tradicionais das histórias infantis, que comumente se iniciam com um “Era uma vez...”. Então, “Era uma vez um preto velho/ que foi escravo”, mas que desejou retornar à senzala “para historiar seu passado”. (Anexo 9) Assim, a partir da recuperação da memória da escravidão, o compositor traz ao enredo a Bahia, a “velha Bahia”, enquanto lugar de chegada daquela entidade.

Diante de dois elementos superiores da natureza, céu e lua, Preto Velho entoou uma canção. A música, cantada pela entidade na tessitura de outra música, daquele samba-enredo, foi recurso de evasão dos momentos de seu martírio. Verifiquemos que o sofrimento projetado dentro de uma canção, elaborada para ser alegre, não escapa do ritual carnavalesco, de instituir novo significado de Preto Velho no período da escravidão e, simultaneamente, reconfortar aqueles corações que poderiam se sentir oprimidos, por diversos fatores, no contexto de produção e difusão dos anos 60. Afinal, a escrita do autor



permite a aproximação do receptor (o leitor / folião) com a entidade, o ser narrado e reconfigurado.

Se o samba é encerrado com “o seu ideal de liberdade”, o compositor escreve que “o lamento de outrora”, cantado por ele naquele momento, “jamais se esqueceu”, reconhecendo, assim, o valor da solidariedade e da memória. Dessa forma, ao se recuperar as lembranças do passado, no discurso do samba-enredo, Monique Augras observa que:

Na maioria dos casos, trata-se de opor o hoje ao antigamente, valorizando a situação atual. Mas isso só pode ocorrer na medida em que se tem uma visão crítica do passado, quando os aspectos negativos não estão sendo despercebidos (...) quando a visão do compositor opõe-se à idealização costumeira. (AUGRAS, 1998, p. 119)

#### 2.4.5 – CHICO REI

Naquele mesmo ano de 1964, a escola de Samba Salgueiro apresentou um dos maiores textos do gênero, não somente pela dimensão estética, formal, mas pelo intenso conteúdo histórico e poético, era o samba-enredo dedicado a Chico Rei. A história daquele líder negro, Galanga em terras de África, é recontada com base em estudos da tradição oral e da nova história, considerando, evidentemente, a cultura popular de Ouro Preto. Assim, o introito da canção parte do litoral africano, lugar em que Chico Rei vivia com a sua “tribo ordeira”. Ele, rei, não simbolizava o sol do absolutismo, mas a terra, uma terra “laboriosa e hospitaleira”.

Os portugueses colonizadores – muitas vezes romantizados nos enredos – aqui são representados em um contexto de críticas contundentes, tratados como invasores e capturadores de homens africanos “Para fazê-los escravos no Brasil”. A viagem é narrada, ainda que brevemente, à moda do famoso poema *O Navio Negreiro*, de Castro Alves, e toda a memória, inscrita nele, fica centrada na árvore símbolo da vida, o Baobá.

Na segunda estrofe do poema, Minas Gerais é descrita como o lugar da recepção ao líder africano, antecipando os feitos daquele homem. A palavra *liberdade* é verbalizada nos seguintes versos: “Sob o sol da liberdade trabalhou”. Em Chico Rei, “Jurou à sua gente que um dia os libertaria”, naturalmente, a palavra gente, no singular, foi desdobrada para o masculino e plural, contrariando, evidentemente, a linguagem culta, para enfatizar, de forma distinta, a coletividade. Nessa elaboração, é oportuno ressaltar que Muniz Sodré aponta para uma transitividade discursiva na letra de samba, na canção popular de uma

maneira geral, “que pode deixar transparecer aspectos verdadeiros do português falado do Brasil, geralmente reprimidos pelo texto escrito oficializado nas instituições dominantes”. (SODRÉ, 1998, p. 46)



Foto: ARQUIVO/AGÊNCIA ESTADO

Desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, na Avenida Presidente Vargas. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1964.

Fonte: <http://especiais.ig.com.br/zoom/carnavais-de-antigamente/>

O samba-enredo em análise também se apropriou das histórias orais ao descrever que a liberdade, conquistada por Chico Rei, ocorreu pela dissimulação, quando este escondeu o ouro entre os cabelos, comprou a própria liberdade e se empenhou na aquisição de outras alforrias para os seus companheiros, além de se converter ao catolicismo e construir a igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz, em Ouro Preto.

Sob o sol da liberdade trabalhou  
E um pouco de terra ele comprou  
Descobrimdo ouro enriqueceu  
Escolheu o nome de Francisco  
E ao catolicismo se converteu  
No ponto mais alto da cidade,  
Chico Rei com seu espírito de luz  
Mandou construir uma igreja  
E a denominou Santa Efigênia do Alto da Cruz (Anexo 10)

A *liberdade*, aqui inscrita, tratava de todo um processo que resgatou a história de Chico Rei principalmente na superação de sua condição de escravizado, ao se apropriar do metal, objeto da exploração. Em *Reis negros no Brasil escravista*, Marina de Mello e Souza adverte que “a lenda de Chico Rei pode ter sido inspirada em um episódio verdadeiro, no qual algum líder africano libertou sua comunidade da escravidão e instaurou um reinado”. (SOUZA, 2006, p. 314)

Nessa perspectiva, podemos pensar que Muniz Sodré discorre sobre “a capacidade da canção negra de celebrar os sentimentos vividos, as convicções, as emoções, os sofrimentos *reais* de amplos setores do povo sem qualquer distanciamento intelectualista”. (SODRÉ, 1998, p. 45-46) Não há como negar que os escritores dos sambas-enredos estavam engajados nessa perspectiva, conscientes do alcance e do poder da linguagem em tempos de festa.

Finalizando este capítulo, apresentamos a tabela sobre o ano, a escola, o título do samba-enredo e as referências acerca do emprego da palavra *liberdade*.

**Tabela 2:** 1943 a 1964

Ano	Escola de Samba	Samba-Enredo	Referências Sobre a Liberdade
1943	Portela	<i>Brasil Terra da Liberdade</i>	Segunda Guerra
1946	Portela	<i>Alvorada do Novo Mundo</i>	Segunda Guerra
1948	Portela	<i>Exaltação à Redentora</i>	Escravidão (Princesa Isabel)
1949	Império Serrano	<i>Exaltação a Tiradentes</i>	Independência (Tiradentes)
1957	Salgueiro	<i>Navio Negreiro</i>	Escravidão (Castro Alves)
1958	Portela	<i>Vultos e Efemérides do Brasil</i>	Independência (José Bonifácio)
	Tupy de Brás de Pina	<i>Inconfidência Mineira</i>	Independência (Inconfidência)
1960	Salgueiro	<i>Quilombo de Palmares</i>	Escravidão (Palmares)
1964	Mangueira	<i>História de um Preto Velho</i>	Escravidão (Preto Velho)
	Salgueiro	<i>Chico Rei</i>	Escravidão (Chico Rei)

## 2.5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE CAPÍTULO

Neste capítulo, em que propusemos analisar a inscrição da palavra *liberdade* no período de 1943 a 1964, observamos que os sambas-enredos coletados expuseram o tema da Segunda Guerra Mundial, da Independência do Brasil e da Escravidão. É necessário, mais uma vez, afirmar que esses temas são relacionados ao emprego da palavra objeto de

nosso estudo. Percebemos, assim, o pioneirismo destacado da Escola de Samba Portela com os sambas *Brasil, terra da liberdade*, 1943, e *Alvorada do Novo Mundo*, 1946. Ao se tratar do conflito mundial, os autores não se declinaram em apontar um sentimento patriótico, de defesa do nosso país e, simultaneamente, aspirarem à Democracia, internamente, no primeiro texto e à liberdade, progresso e justiça, no segundo.

No agrupamento a que denominamos “Independência”, analisamos os sambas-enredos *Exaltação a Tiradentes*, da Império Serrano, 1949; *Vultos e efemérides do Brasil*, da Portela e *Inconfidência Mineira*, da Tupy de Brás de Pina, ambos no ano de 1958. O traço comum nesses três sambas-enredos é o martírio de Tiradentes pela causa da Independência do Brasil de Portugal. No samba da Império Serrano, o herói inconfidente “Foi sacrificado pela nossa liberdade” uma liberdade que supostamente não existia naquela época da escrita. Uma liberdade desejada, porque ainda não conquistada, em virtude do próprio contexto histórico do país, possivelmente, da própria condição do sujeito que escrevia, que cantava, que desfilava. O samba da Portela de 1958 voltou-se para a data da descoberta do Brasil, segundo a história oficial, em que “Portugal revelou o Brasil para o mundo”; a Inconfidência Mineira e a participação de José Bonifácio no processo da Independência, a Princesa Isabel metaforizada em “o anjo da abolição”, o que pode soar irônico, pelo excesso, e as personalidades de Deodoro, Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva, “os baluartes” da Proclamação da República. Assim, ao escrever sobre datas memoráveis e oficiais do nosso passado histórico, os compositores, ainda que de maneira muito discreta, em virtude do contexto desfavorável para outras investidas, não deixam de sugerir os episódios do presente, da condição política do país e deles próprios.

A “Escravidão”, o maior agrupamento aqui apresentado, foi tema da Portela em 1948; da Mangueira, em 1964; e da Salgueiro; em 1957, 1960 e 1964. Inegável, o destaque da Salgueiro com os sambas-enredos *Navio Negreiro*, *Quilombo de Palmares* e *Chico Rei*.

A Portela exaltando a Princesa Isabel evidenciou, hiperbolicamente, a realidade do negro brasileiro. A inserção da coletividade no discurso “Foi a Princesa Isabel/ Que nos deu a liberdade” nos autoriza reconhecer o ato da regente e, simultaneamente, a proximidade de quem narra, de quem escreve, com os seus interlocutores, expressando sua identidade étnica, seu pertencimento.

A Mangueira, contando a *História de um Preto Velho*, a partir de uma entidade espiritual, inseriu um relato coletivo que emergiu da África, chegou à velha Bahia e se

estabeleceu no Rio de Janeiro. Trajetória traçada por muitos escravizados. O lamento de outrora foi a alegria de agora, na avenida, porque aquele tempo de celebração utópica era permitido, oficialmente, no Carnaval.

Da escola de Samba Salgueiro pudemos verificar o tom épico dos seus três escritos. O *Navio Negreiro*, de 1957, dialogou com o texto de Castro Alves e criticou, metaforicamente, a nossa realidade ao afirmar que “acabou-se o navio negreiro/ não há mais cativo”. O *Quilombo de Palmares* foi uma narrativa extraordinária e surpreendente ao propor um dialogismo textual com a *Ilíada* e a *Odisseia*, no que se refere à Troia. Em vez de narrar o assassinato do herói palmarino, o autor preferiu a versão do suicídio precipitando-o de “lá do alto da Serra do Gigante”. *Chico Rei*, de 1964, no último carnaval que antecedeu a Ditadura Militar, foi um dos sambas-enredos que criticaram a colonização portuguesa na indústria da escravidão. Chico Rei é um herói bem sucedido, que conseguiu contornar as agruras do cativo, de diversas formas, inclusive ao se converter ao catolicismo. A Salgueiro, sem imaginar que o Brasil seria submetido a um período de exceção, que vigoraria por mais vinte anos, naquele fevereiro de 1964, levava à avenida o tema de um líder africano que usou de vários recursos para superar a sua condição de escravizado. A partir daquele momento, os sambistas, carnavalescos, compositores, artistas, de forma geral, teriam de se empenhar, mais do que nunca, na subversão da escrita, da linguagem.

Não podemos encerrar esta seção sem considerar um dos aspectos que sublinhamos nesse ciclo (1943 a 1964) e que se repetirá nos próximos – é a *liberdade* se referindo ao sol. Um sol que teve as suas origens nos versos do Hino da Independência do Brasil “Já raiou a liberdade/ Já raiou a liberdade no horizonte do Brasil”, escrito por Evaristo Ferreira da Veiga, em 1822, ou naqueles versos do nosso Hino Nacional Brasileiro “E o sol da liberdade em raios fúlgidos/ Brilhou no céu da pátria nesse instante”, de Joaquim Osório Duque Estrada, elaborado em 1831, esses últimos tão claros no samba *Chico Rei* que “sob o sol da liberdade trabalhou”, da Salgueiro, em 1964.

# **CAPÍTULO 3**

## **A palavra liberdade ao longo da ditadura militar (1965-1985)**

### 3.1 – INTRODUÇÃO AO TERCEIRO CAPÍTULO

Se o ciclo de 1943 a 1964 foi especial, em virtude da consolidação dos desfiles das Escolas de Samba e da atenção exigida para um decreto que visava “disciplinar” a escrita das canções, esse período de 1965 a 1985 destaca-se não somente pela abrangência maior de nossa pesquisa – no anterior coletamos 10 sambas-enredos que empregaram a palavra *liberdade* e nesse, 27 –, mas por se tratar de um contexto extremamente desfavorável para a expressão do pensamento. Afinal, o controle político, exercido pelos militares, era bem mais extenso e profundo que o anterior, do ciclo abrangido pela Era Vargas e pela Democracia Populista. Constatemos que Lilia Schwarcz e Heloísa Starling em *Brasil, uma biografia*, muito oportunamente, esclarecem-nos sobre os efeitos iniciais desse episódio histórico:

A posse do general Castelo Branco era o prelúdio de uma completa mudança no sistema político, moldada através da colaboração ativa entre militares e setores civis interessados em implantar um projeto de modernização impulsionado pela industrialização e pelo crescimento econômico, e sustentado por um formato abertamente ditatorial. A interferência na estrutura do Estado foi profunda. Exigiu a configuração de um arcabouço jurídico, a implantação de um modelo de desenvolvimento econômico, a montagem de um aparato de informação e repressão política, e a utilização da censura como ferramenta de desmobilização e supressão do dissenso. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 448-449)

As pesquisadoras também advertem que os militares assumiram o governo de forma inconstitucional e conferiram a eles próprios poderes de exceção. Dessa maneira, foi necessário separar esse período histórico do anterior (1943 a 1964) e do posterior (1986 a 2013) por sua peculiaridade. Ademais, será muito relevante observar as formas com que a palavra *liberdade* adquiriu significados em momentos de censura e nos de livre expressão, levando em conta os seus referentes, quando foi possível encontrá-los, na escrita das composições.

Enquanto, no ciclo passado, debruçamo-nos sobre três agrupamentos, a Segunda Guerra Mundial (20%), a Independência do Brasil (30%) e a Escravidão Negra (50%), nesse ciclo, analisamos dez, sendo Estácio de Sá, Semana de Arte Moderna, Batalha dos Guararapes, Indígenas (2,7% cada); Povo, República (5, 14%), Carnaval (8,11%), Independência do Brasil (16,22%), Significações Difusas (18,92%) e Escravidão Negra (35,14%).

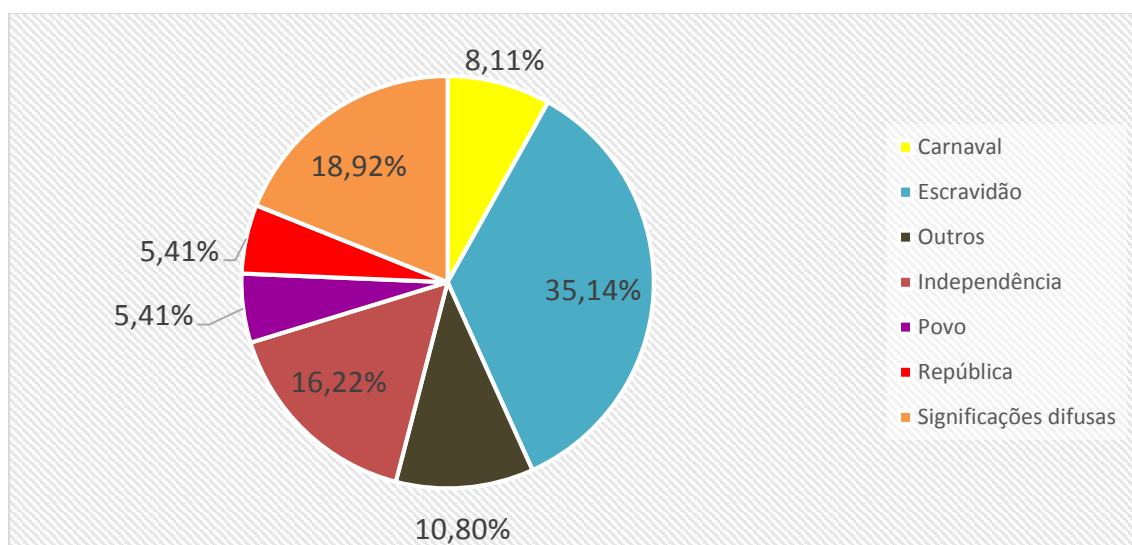
Classificamos como Significações Difusas aquelas elaborações com a palavra *liberdade* em que esse vocábulo não tivera, precisamente, um referente definido. Talvez

a liberdade, podemos tentar definir assim, ilimitada e sem determinações objetivas. De toda forma, igualmente desejada, reivindicada, como as outras liberdades claras e caras. Assim posto, apresentamos os dados coletados, referentes a esse ciclo, na Tabela 3 e na Figura 2.

**Tabela 3:** Referências sobre a palavra liberdade no ciclo 2

Referências	1965-1985	
	Frequência	(%)
Carnaval	3	8,11
Escravidão	13	35,14
Estácio de Sá	1	2,70
Guararapes	1	2,70
Independência	6	16,22
Indígenas	1	2,70
Povo	2	5,41
República	2	5,41
Semana de Arte	1	2,70
Significações difusas	7	18,92
Total	37	100

Na Figura 2, observa-se que as referências “Estácio de Sá”, “Guararapes”, “Indígenas” e “Semana de Arte” possuem percentual menor que 3% no período de 1965-1985. Dessa forma, essas referências foram agrupadas como “Outros”, totalizando um percentual de 10,80%.



**Figura 2:** Referências sobre a palavra liberdade no ciclo 2.



## **3.2 – A LIBERDADE E OUTROS TEMAS**

### **3.2.1 – ESTÁCIO DE SÁ – UMA HOMENAGEM AO FUNDADOR DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Em 1965, no primeiro carnaval em que vigorava a ditadura militar, a Portela homenageou os quatrocentos anos do Rio de Janeiro, com o samba-enredo *História do Rio quatrocentão – do morro da cara de leão à Praça Onze*. (Anexo 11) A cidade foi definida, na composição, como “um berço na história do país” e seu povo descrito como “alegre, hospitaleiro e tão feliz”. Estácio de Sá foi a primeira personalidade homenageada. Além da fundação da cidade, ele expulsou os seus invasores, decidindo a sorte da descoberta e “Pagando com a própria vida / O preço do amor à liberdade”. Em seguida, destacaram Jerônimo Barbalho, “o herói destemido”; Conde de Bobadela “Benfeitor da cidade”; mestre Valentim, “artista genial”; Tiradentes, “mártir Inconfidente”; Isabel, “a princesa redentora” e D. João VI.

Oportuno verificarmos que o escritor se reveste de uma voz, de um discurso coletivo ao saudar a Princesa Isabel “Salve a princesa redentora Isabel/ Que aboliu a escravidão tão cruel/ Esse fato que tanto nos comove”, sendo solidário com as dores dos outros. Uma solidariedade mais intensa daquela atribuída ao homenageado, Estácio de Sá, fundador da cidade, porque, ao se referir à escravidão, o narrador permite que a sua voz se integre com as vozes dos leitores, inscrevendo-nos na memória de nosso país. A memória do Rio, para além de suas personalidades destacadas, que puderam ser nomeadas, diante das festividades de quatrocentos anos daquela cidade. A memória da cidade do Rio que foi edificada no tempo da escravidão. Escravidão, esse “fato que tanto nos comove”.

### **3.2.2 – A SEMANA DE ARTE MODERNA**

Em 1970, a Imperatriz Leopoldinense apresentou o samba-enredo *Oropa, França e Bahia* (Anexo 18) em homenagem à Semana de Arte Moderna de 1922. Nessa composição, a *liberdade* está inscrita no contexto da produção do artista “Dentro da Semana Modernista/ Criou a Independência Cultural/ Deu plena liberdade ao artista”. E essa liberdade requerida está no próprio título da canção, afinal, a grafia “Oropa”, em

desacordo com o padrão da norma culta, é a expressão de uma postura subversiva que será retomada em “O rei mandou me chamar/pra casar com sua fia”.

O título do samba-enredo é a expressão de uma intertextualidade com o do poema de Carlos Drummond de Andrade, “Europa, França e Bahia” em que o eu lírico apresenta um discurso crítico e irônico por se estar na Europa e tentar recordar de sua pátria com a canção do exílio. É também paráfrase direta de “Oropa, França e Bahia” do poeta Ascenso Ferreira, poema que narra a história de Manuel Furtado, um português, e Maria de Alencar, uma cafuza de braços e peitos atraentes. O certo é que, diverso da temática dos poemas de Drummond e de Ascenso, o samba-enredo da Imperatriz utiliza a intertextualidade somente no título, pois trata, ao logo da canção, de episódios históricos e culturais bem diversos daqueles dos poetas.

Em *Brasil, uma biografia*, Lilia Schwarcz e Heloísa Starling apontam que dois eventos profundamente diferentes ocorreram naquele 1922: a comemoração do centenário da Independência e a Semana de Arte Moderna:

Vários modernistas surgiram, ao mesmo tempo, revelando um movimento plural que respondia à entrada de uma nova linguagem e visão do Brasil. E, se o agito foi variado, coube à experiência paulista de 1922 catalisar a percepção desse momento em que confluíram ideias, contestações e anseios dispersos pelo país. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 338)

Verificamos, então, que a reverência à Semana de Arte Moderna, no emprego da *liberdade*, possibilitou aos compositores escreverem a língua do povo para a festa do povo. Festa das alternâncias e renovações das condições sociais, do corpo e da linguagem.

### 3.2.3 – GUARARAPES

Em 1972, a Vila Isabel expôs o samba-enredo *Onde o Brasil aprendeu a liberdade* e mencionou a batalha de Guararapes<sup>20</sup> que ocorreu entre o exército holandês

---

<sup>20</sup> Lilia Schwarcz e Heloísa Starling também discorreram sobre esse episódio “As batalhas dos Guararapes, ocorridas em 1648 e em 1649 dez quilômetros ao sul do Recife, acabaram se constituindo numa espécie de marco zero da criação da nação brasileira, ao menos nos termos e humores de pernambucanos, que sempre enfatizaram o protagonismo de sua região. Essa história seria contada por gerações futuras com grandes doses de nativismo regional, estetizando-se a ideia de uma emancipação feita à base de “mistura racial”. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 338) Tem razão essas autoras, pois, em 1972, depois de mais de 320 anos daqueles eventos, a Vila Isabel reescrevia um trecho de nossa história, resgatando a ideia de nação, evocando a união dos brasileiros, em um momento de perigo.

e os defensores de Portugal, no Morro dos Guararapes, em Recife (1648-49). Para o autor, foi um momento único, em que os brasileiros lutaram irmanados.

Aprendeu-se a liberdade  
Combatendo em Guararapes  
Entre flechas e tacapes  
Facas, fuzis e canhões  
Brasileiros irmanados  
Sem senhores, sem senzalas. (Anexo 21)

Inescapáveis os versos “Brasileiros irmanados/ sem senhores, sem senzalas”, pois nos fazem pensar não apenas no contexto dos Guararapes, mas naquele do momento da escrita<sup>21</sup>. Observemos que o substantivo *senhores* não é adjetivado, poderia ser senhores de escravos, por exemplo, ou mesmo os senhores daquele tempo da escrita. Se ainda estava no imaginário das Escolas de Samba e no próprio regulamento delas a obrigatoriedade dos temas nacionais, não podemos nos esquecer de que muitos sambas-enredos retomaram movimentos, revoltas e levantes que marcaram a nossa história e esse escrito ilustra esse processo. Assim, nos momentos de autoritarismo, de imposição de poder político e econômico, será que escrever novamente sobre as guerras e batalhas não seria uma forma de protesto em um momento festivo? Protesto e crítica como fizeram as grandes Sociedades Carnavalescas?

### 3.2.4 – INDÍGENAS

O primeiro samba-enredo coletado por nós e que tem a inscrição da palavra *liberdade* atribuída aos indígenas é a canção *Criação do mundo segundo os Carajás* elaborado pela Escola de Samba Acadêmicos do Engenho da Rainha, em 1978. (Anexo 24) A Escola cantou a criação do mundo na perspectiva da tradição indígena dos Carajás “Que viviam num mundo feliz/ sob as águas do rio/ só morriam cansados de muito viver”, porém surgiu um urubu que aprisionou o rei, mudando a paisagem, por encanto. Assim, “Em troca da liberdade do velho rei/ o menino ditou a sua lei”, pedindo enfeites, e o mundo foi criado numa “lenda genial”.

---

<sup>21</sup> Na análise de Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas, esse samba “defende uma tese que os militares não perceberam ser subversiva: a identidade nacional, a noção de brasilidade, surgiu entre o povo, naturalmente, antes da existência do Estado brasileiro: ‘brasileiros irmanados, sem senhores, sem senzalas, e a senhora dos Prazeres transformando pedra em bala’. Era, claro, uma alusão à situação vigente no país, uma sutil provocação que os censores não captaram.” (MUSSA e SIMAS, 2010, p. 77)

A partir desse primeiro samba, vamos verificar que há, nos demais, ao menos naqueles que têm a *liberdade* relacionada ao povo indígena, essas marcas preponderantes – a folclorização, a harmonia dele com a natureza e a retomada do “bom selvagem”, do protótipo do cavaleiro medieval emergido dos textos dos nossos escritores do Romantismo. Dessa forma, nos sambas-enredos coletados por nós, quase não há uma denúncia da escravidão indígena e um silêncio que incomoda sobre as situações de preconceito e discriminação que também aviltam esse povo. Um discurso para representar o outro bem diferente do discurso do negro. Há que se reparar<sup>22</sup>.

### 3.3 – LIBERDADE E REPÚBLICA

Nesse segundo ciclo de 1965 a 1985, encontramos dois sambas-enredos em que a palavra *liberdade* foi atribuída ao contexto da República. Salgueiro, 1967, com a *História da liberdade no Brasil*<sup>23</sup> (Anexo 12) e Unidos do Cabuçu, 1979, com *O gigante negro na abolição da República*. (Anexo 25) Importante registrar que em muitos sambas-enredos a *liberdade* foi escrita mais de uma vez e, no processo de repetição, os referentes podem ter sido modificados. Esses dois sambas exemplificam essa situação. O *História da Liberdade no Brasil*, por exemplo, tem o vocábulo relacionado à Escravidão (Zumbi), à Independência (D. Pedro) e à República (Deodoro). Sobre a república, destacamos os seguintes versos:

Liberdade,  
Liberdade afinal,  
Deodoro acenou  
Está chegando a hora  
Está chegando a hora,  
E assim quando a aurora raiou,  
Proclamando a República,  
O povo aclamou. (Anexo 12)

---

<sup>22</sup> Observemos que Lilia Schwarcz e Heloísa Starling discorreram acerca da situação dos indígenas durante o Regime Militar “Mas nada se compara aos crimes cometidos pela ditadura contra as populações indígenas. O mais importante documento de denúncia sobre esses crimes – o Relatório Figueiredo – foi produzido pelo próprio Estado, em 1967, e ficou desaparecido durante 44 anos, sob a alegação final de que havia sido destruído num incêndio. (...) O resultado é estarrecedor: matanças de tribos inteiras, torturas e toda sorte de crueldades foram cometidas contra indígenas brasileiros por proprietários de terras e por agentes do Estado.” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 463)

<sup>23</sup> Esse samba-enredo será analisado na seção “3.6 – Liberdade e Independência”.

Em *O gigante negro na abolição da República*, da Unidos do Cabuçu, percebemos o reconhecimento, por parte dos compositores, da postura política de José do Patrocínio, em defesa da abolição da escravidão e da Proclamação da República. Esse samba rememorou o período colonial, relatando o sofrimento cotidiano de um negro coletivo que, em fuga dos castigos, refugiava-se nas matas, nos quilombos. Naquele contexto é que surge “Um negro jornalista, farmacêutico e escritor/ Em colunas de jornais lutava pelos irmãos de cor”, José do Patrocínio<sup>24</sup>, considerado, para os sambistas, um gigante negro da abolição que “pela República lutou/ conseguindo a Proclamação/ e assim a liberdade chegou”.

Apoiados nos argumentos de José Murilo de Carvalho, observemos que o nosso povo não tivera participação na Proclamação da República no Brasil, diferente do papel que coube ao povo na Revolução Francesa.

Se nenhum líder civil republicano teve qualquer gesto que pudesse ser imortalizado pela arte, o povo também esteve longe de representar um papel semelhante ao que lhe coube na Revolução Francesa de que tanto falam os republicanos. Apesar dos esforços de Silva Jardim, nem ele próprio foi admitido ao palco no dia 15. O povo seguiu curioso os acontecimentos, perguntou-se o que se passava, respondeu aos vivas e seguiu a parada militar pelas ruas. Não houve tomada de bastilhas, marchas sobre Versalhes nem ações heroicas. O povo estava fora do roteiro da proclamação, fosse este militar ou civil, fosse de Deodoro, Benjamin ou Quintino Bocaiúva. (CARVALHO, 2014, p. 52-53).

Dessa forma, o povo, novamente, foi desconsiderado em mais um processo histórico, e o carnaval, atendendo a diferentes objetivos, seria também o momento oportuno para os autores dos enredos reescreverem fatos legitimados, como a Proclamação da República, apontada no samba da Unidos do Cabuçu, acrescentando novos discursos, incluindo a participação de personalidades iguais a José do Patrocínio, aquele “gigante negro”, que defendeu a República e a Abolição da Escravatura.

---

<sup>24</sup> Em *Isabel, a “Redentora” dos escravos*, Robert Daibert Junior afirma que o abolicionista José do Patrocínio, tão empenhado em sua causa, escrevera severas críticas à herdeira do trono reclamando a Isabel uma postura de governo, onde o executivo, o legislativo e o judiciário não sejam apenas um formato, mas utilizados em favor da resolução do problema, que era o fim da escravidão negra no Brasil. (DAIBERT, 2004, p.121) Nesse sentido, os versos da Unidos do Cabuçu, ao reverenciarem José do Patrocínio como “O gigante negro na abolição da República” autorizam reconhecer a história daquele brasileiro que também defendia a causa dos irmãos escravizados.

### 3.4 – LIBERDADE E POVO

No fim do período ditatorial, duas escolas de samba inscreveram, em seus enredos, a palavra *liberdade* relacionada ao povo. A Viradouro com *O sonho de Ilê Ifê*<sup>25</sup> celebrou, em uma manhã de Carnaval, a integração racial.

No limiar desta aurora de alegria  
Festejando a integração racial  
Hoje, a Viradouro canta a liberdade  
Nesta manhã de carnaval. (Anexo 33)

A segunda Escola que inscreve a *liberdade* ao povo é a Unidos do Cabuçu, em 1985, com *A festa é nossa, ninguém tasca, ou quem ri melhor*. Por quatro vezes, o vocábulo foi empregado. A primeira em sonho “Hoje vou sonhar com a liberdade”, a segunda em denúncia à exploração do país, índios massacrados e negros escravizados<sup>26</sup> “Vi a luz da liberdade/ Se apagar na mão covarde/ De quem veio explorar”, a terceira é a crítica ao fato de a Independência ter sido feita pela aristocracia, sendo que o povo pagou a conta e “e até hoje a liberdade tão sonhada não chegou”. Por último, os autores reivindicam a liberdade para todos, em um tom contundente, notadamente, pela situação do Brasil naquela época:

Liberdade  
Para esse povo sofredor  
Que está de saco cheio  
De comer o pão que o Diabo amassou (Anexo 35)

Naquele fevereiro de 1985, já percebemos, pelos versos dessa canção, o desgaste do período militar e a postura clara dos compositores em criticar a realidade socioeconômica do Brasil. O “povo sofredor” são os compatriotas indignados com as injustiças e as desigualdades, desde o período colonial.

---

<sup>25</sup> Esse samba-enredo também será discutido na seção destinada ao tema da escravidão.

<sup>26</sup> A leitura dos versos desse samba-enredo “Os índios antes livres foram massacrados/ Trocaram sua tanga pela calça lee/ E o negro escravizado/ Em quilombos se refugiou” possibilita-nos compreender a maneira pela qual os silvícolas eram representados nesses escritos. Enquanto o índio massacrado é aculturado, sem oferecer resistência, o negro escravizado é rebelde e busca refúgio nos quilombos.

### 3.5 – LIBERDADE E CARNAVAL

É muito comum verificarmos que vários sambas-enredos têm como referência o próprio Carnaval; um exercício recorrente, desde a escrita dos primeiros sambas. Nesse período, foi-nos possível coletar três músicas que contemplam o Carnaval.



Desfile da Império Serrano em 1969.

<https://bancadadosamba.wordpress.com/grandes-enredos/herois-da-liberdade-imperio-serrano-1969/>

A Escola de Samba Arranco elaborou o samba-enredo *Ou isto ou aquilo* em que a palavra *liberdade* é relacionada à festa carnavalesca, convidando o povo, independentemente de classe social, a dançar em igualdade.

Samba povo a liberdade  
Tradição nos carnavais  
Na pobreza ou na riqueza  
Os direitos são iguais. (Anexo 27)

No último ano da Ditadura Militar no Brasil, a Portela também expôs na avenida o *Recordar é viver*, em que trazia a representação de um reino encantado, um cassino, o Teatro de Revista “Com milhares de artistas”. O vocábulo de nosso estudo foi atribuído à águia, ave símbolo daquela escola “Voa, águia em sua liberdade/ abre as asas da lembrança”. (Anexo 36) Percebemos, igualmente, que naquele ano de 1985, a Mangueira celebrou o Carnaval com o samba-enredo *Abram Alas que eu quero passar*, uma bela paráfrase, evidentemente, do *Abre Alas*, de Chiquinha Gonzaga, “Liberdade, oh falsa

realidade/ Liberdade/ O sonho foi morar em outra cidade” (Anexo 34), em alusão à história da artista homenageada.

### 3.6 – LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA

Nesse período, semelhante ao anterior, a Independência do Brasil foi parte dos versos sobre a *liberdade*. A São Clemente, em 1967, com o samba-enredo *Festas e tradições no Brasil*, descreveu eventos nos palacetes, festas nordestinas a São Benedito e a coroação do rei negro Baltazar no Rio de Janeiro. Apresentou os dominós, os arlequins, os pierrôs “Que cantavam a família imperial” e rememorou a Independência da Bahia, no Dois de Julho, e a do Brasil em “Já raiou a liberdade”. (Anexo 13) A partir de várias festas, aquela Escola mesclou alegria, cultura e independência na grande festa do povo. Nessa mesma linha temática, a Em Cima da Hora, em 1972, desfilou com o samba-enredo intitulado *Bahia, berço do Brasil* no qual reverenciou Maria Quitéria, uma militar que pertenceu aos quadros das Forças Armadas Brasileiras.

Salve o Senhor do Bonfim  
Que os baianos têm muita fé  
Glória à heroína Maria Quitéria  
Mulher de grande valor  
Lutou pela liberdade. (Anexo 22)

Nesse samba-enredo, o escritor igualmente apresentou elementos culturais, a capoeira, e religiosos, o candomblé e o catolicismo, para chegar ao elemento histórico, a heroína, baiana valorosa que lutou por uma liberdade coletiva.

A Unidos de São Carlos expôs, em 1981, o samba-enredo *Quem diria, da monarquia à boemia, ao esplendor da Praça Onze* em que, novamente, nos permitiu reconhecer o discurso oficial que atribui ao Imperador, ainda que sutilmente, a responsabilidade pela Independência política e econômica do Brasil de Portugal. Vejamos:

Nesta avenida iluminada  
Vem o artista louvar  
O esplendor da velha praça  
Relíquia da cultura popular  
Destacando nosso imperador  
A liberdade, a monarquia  
Saudando o namorado  
Sua corte e a boemia (Anexo 26).

Ainda sobre esse mesmo tema, a nossa Independência, a Portela, em 1983, escreveu o samba-enredo *A Ressurreição das coroas*, destacando a *liberdade* nos versos



“A Independência flutuou/ Assim a liberdade ecoou/ Um canto forte alastrou/ Trazendo a miscigenação de amor”. (Anexo 28) Relevante assinalar que, nesse texto, o enunciador promete no introito “embalar na poesia/ com amor e sedução” e, depois de uma retomada cultural e histórica, coroar do índio à nobreza – Ganga Zumba, Obá, Chico Rei – encerrando a música com três versos triunfais “O rei mandou sambar/ O rei mandou vadiar/ no carnaval das ilusões”. Que rei seria? O Momo, o do Congo ou mesmo o povo, carnavalizado de rei? E as ilusões? Quais? As do texto ou aquelas além dele?

Os dois sambas a seguir são textos que contemplam referentes variados no contexto da *liberdade*. Canções que têm em comum a Independência, a República e a Escravidão. Em 1967, nos primeiros anos da Ditadura Militar, a Escola de Samba Salgueiro elaborou o enredo *História da Liberdade no Brasil* (Anexo 12), a partir do qual resgatou a memória de personagens e de eventos que objetivavam a libertação dos escravizados, a Independência do Brasil e a Proclamação da República. A palavra *liberdade* foi empregada quatro vezes nesse samba-enredo.

Nessa direção, esse escrito rememora a história de Zumbi, no Quilombo de Palmares, o grande herói que “Chefia o povo a lutar/ Só pra um dia alcançar / Liberdade.” Chama a atenção o emprego do verbo chefiar, no presente do indicativo, apontando para um ‘agora’ de Zumbi. Prosseguindo a escrita, o compositor enumera expressivos levantes e rebeliões Emboabas, Mascates, Inconfidentes.

A palavra *liberdade* emerge no contexto da Independência do Brasil, quando o narrador aponta o ‘Fico’ de D. Pedro I como ato que contrariou a corte portuguesa e “Era a liberdade que crescia” para o futuro Sete de Setembro. Mais uma vez, a Princesa Isabel é personagem de um samba-enredo que apresenta o tema da liberdade. “No dia 13 de maio/ negro deixou de ter senhor/ Graças a Princesa Isabel/ abolindo com a Lei Áurea/ O cativo tão cruel”<sup>27</sup>. Finalizando a canção, o autor homenageia Deodoro da Fonseca com os seguintes versos “Liberdade, liberdade afinal/ Deodoro acenou/ Está chegando a hora/ E assim quando a aurora raiou/ cortejando a República/ O povo aclamou”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Não nos parece exagero afirmar que esses versos sugerem uma crítica implícita à época em que ele foi escrito e apresentado. Será que a maioria da população, naquele momento, não teria um senhor que controlava o destino do país – o regime de exceção? Isabel, mulher que exercera o poder, no Rio de Janeiro, lugar da recepção carnavalesca, não seria, mais uma vez, contraponto ao poder masculino, exercido pelos militares?

<sup>28</sup> Em *A Formação das Almas – o imaginário da República no Brasil*, José Murilo de Carvalho elenca os candidatos a herói que participaram do 15 de novembro. Deodoro, Benjamin Constant e Floriano Peixoto, contudo “A busca de um herói para a República acabou tendo êxito onde não o imaginavam muitos dos participantes da proclamação. Diante das dificuldades de promover os protagonistas do dia 15, quem aos poucos se revelou capaz de atender às exigências da mitificação foi Tiradentes” (CARVALHO, 2014, p. 57)

A leitura dessa *História da liberdade no Brasil* permite-nos deduzir que, se ainda vigorava a exigência de temas nacionais na escrita dos sambas-enredos, os autores o fazem revisando o nosso passado, legitimando o que já estava oficial no discurso histórico e, ao mesmo tempo, enaltecendo aqueles movimentos que não foram suficientemente estudados e reconhecidos na luta pela liberdade, como o Quilombo de Palmares.

Igualmente, merece destaque a forma com que o samba-enredo é finalizado. O desfecho está no período republicano. Depois dele, nada mais foi dito. Nenhuma consideração sobre a Era Vargas e aquele período de Ditadura Militar. O silêncio, esse não dizer, presume, num primeiro momento, omissão dos autores, contudo, podemos mudar de opinião se recuperarmos as palavras introdutórias desse escrito: “Quem por acaso folhear a história do Brasil / verá um povo cheio de esperança/ desde criança/ lutando para ser livre e varonil”. Propor a autoestima do povo, utilizando as palavras “esperança”, “luta” e “livre” é, a nosso sentir, uma forma de estimular resistência diante da força opressora do presente, podendo, inclusive, superá-la, tendo, como estratégia, recontar episódios mais distantes e inescapáveis da nossa memória. Afinal, “Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas”, (RICCEUR, 2012, p. 116) Nesse samba-enredo, o narrador contou histórias, no plural. Histórias que gravitaram em redor da liberdade.

Em 1969, em um dos momentos mais ásperos da Ditadura Militar, a Império Serrano trouxe para avenida os *Heróis da liberdade* (Anexo 15), rememorando a Escravidão, a Inconfidência Mineira e a República. O samba-enredo é iniciado com um canto “Ô ô ô / Liberdade, Senhor” em que o autor menciona o lamento e a agonia de um escravizado ao suplicar pelo “fim da tirania”. A liberdade é retomada em “Já raiou a liberdade / A liberdade já raiou”, aludindo à Independência do Brasil. Novamente, há um procedimento metalinguístico no texto, posto que o samba “Tem a sua primazia/ Em gozar de felicidade/ Samba, meu samba/ Presta esta homenagem/ Aos heróis da liberdade”. Assim, a função dessa escrita parece-nos dupla, a busca pelo gozo da felicidade, da alegria, inerentes aos festejos carnavalescos e o discurso em homenagem aos “Heróis da Liberdade”, de forma difusa. Palavras como “tirania”, “opressão”, “soldados”, “alunos”, “professores”, “juventude” sugerem-nos pensar que o samba-enredo não tratava de uma escrita totalmente debruçada no passado, ao contrário, os fatos consumados serviam de pretexto, de instrumento de denúncia daquele momento histórico.

Inclusive, Monique Augras afirmou que esse samba-enredo despertou a desconfiança das autoridades<sup>29</sup>.



Bateria da Império Serrano – 1969.

Foto: Agência O Globo.

Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/um-hino-liberdade-em-tempos-de-perseguaao-politica-11492976.html>

Era, afinal, o primeiro carnaval depois do Ato Institucional nº 5, e os versos de Silas de Oliveira, Mano Décio e Manuel Ferreira pareciam evocar temas subversivos<sup>30</sup>. “Felizmente, o compositor conseguiu tranquilizar as autoridades, ‘fazendo-as ver que o samba era histórico e que apenas por coincidência poderia se relacionar com o que se estava passando no país àquela hora’”. (Valença e Valença, 1981. p. 93. In: AUGRAS, 1998, p. 67)

Sérgio Cabral também discorreu sobre esse escrito que, para ele, foi considerado um dos mais bonitos da história das Escolas de Samba. Conforme o seu relato, quem

---

<sup>29</sup> “Contam que um a avião da Força Aérea sobrevoou o desfile, para impedir que o samba fosse escutado pelo povo”. (MUSSA e SIMAS, 2010, p. 76)

<sup>30</sup> Diana Taylor, *Em o Arquivo e o Repertório*, argumenta que a Ditadura Militar Brasileira foi diferente de outras ditaduras “O Brasil, diferentemente de outros países latino-americanos sob governos ditatoriais durante o mesmo período, parecia permitir maior liberdade física e sexual, embora se negasse a liberdade de expressão e outros direitos civis. A imagem de um corpo sensual e multirracial era o maior produto de exportação do Brasil. O carnaval e o samba, os dois produtos culturais brasileiros mais conhecidos, glorificam a carne sensual, ondulante, aparentemente não reprimida. O corpo como mercadoria econômica e política funcionava como significante de uma liberdade apenas superficial, parte de um espetáculo duplo, ou melhor, um espetáculo dentro de um espetáculo (...) O corpo, para os militares, faz uma coisa. As palavras vão para outro lugar”. (TAYLOR, 2013, p. 316)

detestou o samba foram as autoridades militares que intimaram os autores dele e os encaminharam ao Secretário de Segurança da Guanabara, general França. França e seus assessores se incomodaram, segundo nosso pesquisador, com esses versos “Ao longe, soldados e cantores/ Alunos e professores/ Acompanhados de clarim”. Por quê?

[...] porque a ditadura militar ainda não se recuperara do susto que levou com a “passeata dos cem mil”, realizada em 1968 sob a liderança dos estudantes pela volta da democracia no país. Viram naquele trecho uma referência à “passeata dos cem mil”. Os compositores explicaram que a descrição nada tinha a ver com fatos recentes e que tudo aquilo fora retirado dos livros de História do Brasil. Depois de muita conversa, tiveram de retirar do samba a palavra revolução, substituída por evolução. (CABRAL, 2011, p. 216)

Ao concluir a leitura desse samba-enredo podemos certificar também que Paul Ricœur esclarece que o discurso histórico deve ser construído em forma de obra; “cada obra se insere num ambiente já edificado; as releituras do passado são outras tantas reconstruções, às vezes ao preço de custosas demolições: construir, desconstruir, reconstruir são gestos familiares para o historiador”. (RICŒUR, 2012, p. 222) Certamente, os sambistas agiram igual aos novos historiadores, recontando episódios do registro oficial e, ao mesmo tempo, apresentando um outro discurso sobre a liberdade. Praticaram a inversão, propiciada pela língua ao ser desviada, deslocada, de tal forma que incomodou altos representantes do regime em vigor. Na avenida, pensando nas reflexões de Diana Taylor, não era apenas o corpo em movimento, mas o desejo de liberdade, pronunciado, cantado, nas letras do samba.

Devemos, então, considerar, mais uma vez, a dimensão da escrita proposta por Barthes, escrita que pode assumir o “caráter *ficcional* dos falares mais sérios” e dar à linguagem uma dimensão carnavalesca, escrita que “antecipa um estado das práticas de leitura e de escrita em que é o desejo que circula, não a dominação”. (BARTHES, 1984, p. 103-104)



Casal de mestre-sala e porta-bandeira da Império Serrano no carnaval de 1969. Foto: Agência O Globo.  
Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/poetas-imperianos-capitulo-1-serie-mostra-importancia-do-imperio-serrano-11560127.html>

### 3.7 – A LIBERDADE E AS SIGNIFICAÇÕES DIFUSAS

Significações difusas, neste trabalho, são aquelas em que não conseguimos localizar, com precisão, o substantivo a que a *liberdade* se refere. Talvez pudéssemos definir esses casos como a *liberdade* em seu sentido mais amplo, indefinido, porque não se relaciona a nenhum regime, evento, gênero, etnia etc. O samba-enredo *Rapsódia Folclórica*<sup>31</sup>, escrito pela Escola de Samba Unidos de Lucas, em 1969, é um dos exemplos dessa nossa tentativa de classificação do emprego da palavra *liberdade* como significação difusa. Apesar de os compositores apresentarem elementos folclóricos em que sugerem a superação de um momento de extrema dificuldade em *Valentes amazonas*, *Negrinho do pastoreio* e *Príncipe Obá*, a *liberdade* é inscrita como o lado bom de todos os contos e lendas de nosso folclore:

---

<sup>31</sup> Acerca do contexto de difusão dessa *Rapsódia Folclórica*, da Unidos de Lucas, vejamos as considerações de Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas: “Parece que as autoridades estavam mais preocupadas em descobrir mensagens cifradas de subversivos em vez de atentar para manifestações patentes. Porque não consta registro de que tenham impedido ou tentado impedir o desfile da Unidos de Lucas (...) que desceu com o samba *Rapsódia folclórica*. A letra inseria, aparentemente sem motivo, depois de uma introdução que falava de contos, lendas e da exuberância do cenário, o refrão: “esclarecendo em alto som/ que a liberdade é o lado bom”.” (MUSSA e SIMAS, 2010, p. 76)

Contos que o poeta vem cantar  
Do céu, da terra e do mar  
Do sol, das nuvens e do luar  
Esclarecendo em alto e bom som  
Que a liberdade é o lado bom. (Anexo 17)

Que liberdade seria essa? A liberdade ampla, de forma plural, que vinha dos contos cantados por um poeta, mas que não se referia a nenhum sujeito específico. Prosseguindo, a Paraíso do Tuiuti, em 1984, com o samba-enredo *1984*, escrevia sobre um contexto de avanço tecnológico, denunciando os problemas sociais daquele tempo, especialmente a violência e o custo de vida. Verifiquemos, assim, que a *liberdade* adquiriu significados difusos nesses versos:

Vamos computar  
No computador  
Para mostrar  
Existe liberdade  
Alegria, paz e amor  
Tem banguê-banguê nas televisões. (Anexo 31)

Ao apresentar esses versos críticos, o autor garante que “Ainda há carnaval no Brasil”, sugerindo que a festa é o que compensa os problemas daquele tempo. Igualmente, no mesmo ano, a Unidos do Jacarezinho, com o samba-enredo *Ziguezagueando no zunzum da fantasia*, inscreveu a palavra *liberdade* de maneira difusa e o compositor também convidou o povo a festejar o Carnaval, sambando, sorrindo e brincando.

Eu vivo buscando a minha paz  
Não tenho mágoas da realidade  
Hoje no berço da liberdade  
Eu quero encontrar felicidade. (Anexo 32)

A União da Ilha do Governador, em 1985, desfilou com o samba-enredo *Um herói, uma canção, um enredo* (Anexo 37) em que celebrou a liberdade, rememorando travessias e expondo sensualidade “E vi o cais a sorri/ O mulherio vibrando de alegria”; a denúncia política “A mentira veio no fantasma da anistia”; a religiosidade “Yemanjá sentiu o ar/ O cheiro do Brasil”; a cultura “O samba hoje impera/ Frevo e bumba-meu-boi”; ao final, uma homenagem à grande Elis Regina “Taí, Elis, taí? Olha o feitiço negro/ Na Sapucaí”. A liberdade é inscrita em “O mar nunca afogou/ As ondas que agitam a liberdade”.

### 3.8 – A LIBERDADE E A ESCRAVIDÃO

Nesse período, localizamos treze referências sobre a escravidão que empregaram a palavra *liberdade*, distribuídas em doze Escolas de Samba. Aqui ressaltamos que os sambas da Salgueiro em 1967, *História da Liberdade no Brasil*, e da Império Serrano em 1969, *Heróis da Liberdade*, mencionados neste trabalho, também abordaram a questão da escravidão.

Se, no ciclo anterior, a Princesa Isabel, o poeta Castro Alves, o líder negro Chico Rei e a entidade Preto Velho foram os referentes da liberdade no tema da escravidão; nesse período, destacamos o herói de Palmares, Zumbi, o abolicionista José do Patrocínio e a elegância de Chica da Silva.

Nessa direção, o samba-enredo *Sublime Pergaminho*, da Unidos de Lucas, 1968, além de manter o tom de denúncia, comum em escritos sobre a escravidão negra – especialmente no que tange às condições desumanas dos africanos nos navios negreiros – acrescenta, com muita propriedade, a formação das irmandades como resistência “Vendidos como escravos/ Na mais cruel traição/ formavam irmandades/ Em grande união”<sup>32</sup> (Anexo 14) e a evasão espiritual por meio dos festejos que animavam a vontade de superar o cativeiro. Essa canção, ao descrever o fim do elemento servil, menciona, implicitamente, a Lei do Ventre Livre nos seguintes versos: “E de repente uma lei surgiu/ (uma lei surgiu) / E os filhos dos escravos/ Não seriam mais escravos no Brasil”; a Lei dos Sexagenários: “Mais tarde raiou a liberdade/ Pra aqueles que completassem/ Sessenta anos de idade”; e o sublime pergaminho, a Lei Áurea: “Oh, sublime pergaminho! Libertação geral”.

---

<sup>32</sup> Marina de Mello e Souza, *em Reis negros no Brasil escravista*, afirma que “As irmandades de ‘homens pretos’ foram, segundo Caio Boschi, as únicas instituições nas quais os negros puderam se manifestar com relativa autonomia e liberdade. Entretanto eram, contraditoriamente, agentes eficazes da colonização, ‘pois a par de ser um local privilegiado da afirmação das identidades culturais, étnicas ou sociais dos grupos integrantes’ também se identificavam com a política europeia colonizadora”. (SOUZA, 2006, p. 185) Evidente que, ao escrever sobre o papel das irmandades formadas pelos escravizados, os compositores dos sambas enredos as representavam como contraponto à colonização portuguesa. O objetivo era utilizá-las como elemento de união, de “subversão”.

O *Sublime pergaminho* descreve, ainda, a emoção da Princesa Isabel<sup>33</sup> “que chorou ao receber/ A rosa de ouro papal” e o salão de festa em que o negro jornalista beijou a mão dela em agradecimento. Então, encerrando esse texto uma voz ecoa da varanda do paço “Meu Deus, meu Deus! Está extinta a escravidão!”

Com efeito, não podemos ignorar a força do contexto de 1968 no país, a situação econômica e a exclusão permanente das classes menos favorecidas da nossa sociedade, majoritariamente negras. Há de se considerar que, impedido de criticar o presente, o narrador apropria-se do tempo da escravidão e, mesmo afirmando que ela foi extinta, nos permite refletir acerca de outras formas de opressão. Ainda, a respeito de Isabel, não podemos deixar escapar aquela conjectura: será que a exaltação de uma mulher, que exercera o poder no Brasil e sancionara a Lei Áurea, não seria um contraponto aos militares que institucionalizavam um sistema cuja característica principal era controlar as liberdades?<sup>34</sup>

*O negro na civilização brasileira* foi o samba-enredo apresentado em 1969 pela Império da Tijuca. Nessa canção, são mencionadas a África como ponto de partida, e a Bahia como o de chegada dos negros, provavelmente, com a finalidade de fazer-nos pensar que a indústria da escravidão, lamentavelmente, foi a base de nossa economia, mas o sonho da liberdade sempre esteve presente no pensamento dos escravizados.

Trezentos anos  
De escravidão  
Base à economia  
De nossa nação  
– Nos campos – ou na cidade  
Com a liberdade sonhou!  
Voz imortal do poeta  
Ao negro se irmanou! (Anexo 16)

---

<sup>33</sup> Segundo Robert Daibert Júnior, o esforço da Princesa Isabel para colocar fim ao elemento servil era claro, principalmente, quando se indispôs com o Barão de Cotegipe, Ministro conservador, “resistente em aprovar qualquer medida que ameaçasse a propriedade escravista”. O Gabinete comandado por ele caiu, o que possibilitou à Regente convocar um novo ministério em harmonia com as suas perspectivas abolicionistas. “Perseguindo esse objetivo é que a Regente agia, por meio de manobras políticas ousadas e incomuns, no sentido de obter a aprovação de um projeto de lei que eliminasse a escravidão do Brasil”. (DAIBERT Júnior, 2004, p. 129-131)

<sup>34</sup> Convém observarmos que, naquele fevereiro de 1968, “a censura tirou de cartaz a peça *Um bonde chamado desejo*, de Tennessee Williams, e proibiu a atriz Maria Fernanda de atuar por trinta dias. A reação foi fulminante: a Greve de Protesto contra a Censura parou teatros do Rio de Janeiro e de São Paulo durante 72 horas, e realizou uma memorável vigília na escadaria do Theatro Municipal do Rio. Entre os que compareceram ao protesto estavam o poeta Carlos Drummond de Andrade, os compositores Chico Buarque e Vinícius de Moraes, o animador de programas de auditório Abelardo “Chacrinha”, o dramaturgo Nelson Rodrigues, o arquiteto Oscar Niemeyer, os atores Paulo Autran, Cacilda Becker, Tônia Carrero, o cineasta Glauber Rocha, o crítico literário Otto Maria Carpeaux, os pintores Di Cavalcanti e Djanira”. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 465)



Após reverenciar Xangô, o Deus da Justiça, o narrador confirma a liberdade do negro com o brilho do sol “da nova era”. Livre, o negro se expandiu e a arte dele é bela, segundo a composição. Com suas características positivas, o negro é definido como “gigante!”. Na leitura do samba-enredo fica em evidência o esforço do escritor em destacar, no referente negro, o vestuário, o feitiço, o tempero e a defesa de nossa terra, “bravo e herói/(...)/empunhando bem alto a nossa bandeira. Assim, com boa intenção, esse samba propôs elevar o negro como um herói nacional, mas se equivocou ao desconsiderar a urgência de representá-lo além dos costumes, das artes, das comidas e da bravura nos exércitos.

A Acadêmicos de Santa Cruz compôs em 1971 o samba-enredo *Três fases da poesia* em que cantou a literatura “A civilização dos índios/ O grito da Independência/ E a liberdade da escravidão”. (Anexo 19) Considerando essas três fases, os compositores afirmam que a nossa pátria amada é abençoada, de encantos mil, e que “ninguém segura mais o Brasil”. Nesse mesmo ano, a Canários das Laranjeiras lançou o samba-enredo *Ganga Zumba*. Essa escrita chama a atenção por se referir, inicialmente, a um sujeito coletivo:

O negro  
Escolheu a liberdade  
Sem saber que a igualdade  
Era um sonho que se passou.  
Ao negro revoltava a realidade  
Dando a vida a mocidade  
Pelas moendas do senhor (Anexo 20)

Verifiquemos, então, a maneira subjetiva do autor, ao utilizar o passado, para dar uma abertura ao presente. No verso “Ao negro revoltava a realidade” pressupõe pensar que, na década de 70, no momento da escrita, não havia necessidade de nenhuma rebeldia. A igualdade, no texto, era um sonho passado até que Palmares, cujo “forte vento sopra os ares” trouxe Zumbi que, empunhando lanças, lutou pela liberdade invocando “o deus da guerra/ entre vales, rios e serras”. Numa postura épica e romântica, o narrador, da mesma maneira, reverencia Ganga Zumba, outro líder palmarino, afinal foi ele quem deu mais amor ao Brasil “Na senzala foi escravo/ No quilombo foi senhor”.

Em 1983, a Imperatriz Leopoldinense elaborou o samba-enredo *O rei da Costa do Marfim visita Chica da Silva em Diamantina* em que homenageia a ex-escravizada e a descreve como promotora de festas que “deslumbravam a sociedade do local”. Uma mulher que valorizava o poder conquistado pelo amor. Na composição, Chica da Silva,

que não queria recordar das dores da senzala, convidou o Rei da Costa do Marfim para celebrarem a nobreza deles, num momento especial, em que a liberdade desejada, personificada na canção, parecia se fazer convidada e se apresentava para uma aristocracia negra:

Esta negra caprichosa  
Convidou o Rei da Costa do Marfim  
E o recebeu de forma suntuosa  
E a festa parecia não ter fim  
A nobreza esqueceu os preconceitos  
Irmanada com o povo festejou  
Parecia que a *liberdade* sonhada  
Se fez convidada e se apresentou. (Anexo 29)

Nesse samba-enredo, confirma-se o papel de liderança feminina de Chica da Silva – mulher negra e livre – que ganha prestígio e poder e os utiliza para se afirmar como nobre. A representação de Minas também foi assinalada pelo narrador nesses versos “Só Minas Gerais/ Só Minas Gerais/ Poderia ser palco desta história”. É o reconhecimento dos eventos que marcaram esse lugar, as manifestações barrocas, o Arcadismo e a Inconfidência Mineira, por exemplo.

A Unidos da Tijuca, em 1984, expressou na avenida o samba-enredo *Salamaleikum, a epopeia dos insubmissos malês*, recontando em versos a história daquele levante promovido por negros mulçumanos na Bahia, em 1835. A canção apresenta uma proposta idealizada ao conciliar Alá e Olorum na luta pela igualdade, por parte dos negros. A palavra *liberdade* é aqui empregada no contexto da superação da escravidão, quando os marginalizados “enxergavam as razões” de se empenharem pela conquista dela. A inteligência e a cultura dos malês são reconhecidas ao longo da música, e personalidades daquela revolta são enaltecidas. A liberdade é escrita, pela segunda vez, em vez de *Independência ou Morte* daquele grito do imperador, às margens do Ipiranga pela Independência do Brasil, o brado aqui é “Liberdade ou Morte”. Uma outra Independência. Ao final do texto, percebemos a escrita tratar de uma narrativa contada por um neto a sua avó, reconhecendo que a história não mostrou toda a verdade do tempo da escravidão, mas que, mesmo assim, ele sabia de algo a mais sobre o nosso passado.

De Alá receberam ensinamentos  
De Olorum não se afastaram  
Um só momento  
Negros que enxergaram as razões  
E lutaram pela igualdade  
Liberdade e justiça social  
Salamaleikum, elo forte triunfal

Se na veia corre sangue  
Do senhor ou do plebeu  
Desejavam dar ao próximo  
O mesmo que queriam aos seus

(...)

Liberdade ou a morte  
Se lançaram a sorte  
Olhando o mundo  
Como um jogo de xadrez

Hoje eu sei, vovó  
Que não foi em vão  
Apesar da nossa história  
Não mostrar toda a verdade  
Do tempo da escravidão. (Anexo 30)

*O sonho de Ilê Ifé* (Anexo 33) da Viradouro, em 1984, merece semelhante destaque. Esse samba-enredo inscreveu a palavra *liberdade* por três vezes, referindo-se, respectivamente, ao povo, a Zumbi de Palmares e à evocação aos deuses afro em protesto contra a escravidão. A proposta introdutória da canção é a escola cantar a “Liberdade/ Nesta manhã de carnaval”. Assim, o Deus supremo do Olímpio Africano é evocado e este convoca outros deuses yorubanos “Para proteger seu povo/ Escravizado pela ambição”. Outras entidades de matriz africana são mencionadas, Oxossi, Ogum, Iansã, Xangô, Oxum e Iemanjá. O plano espiritual foi apresentado, enaltecido, reverenciado, como instrumento para se chegar ao plano material e histórico – a saga de Zumbi em Palmares. A composição se encerra com “E hoje, e para sempre, a humanidade/ Jamais esquecerá o sonho de liberdade”. Era o último ano da Ditadura Militar.

A seguir, apresentamos a Tabela 4, em que relacionamos o ano, a escola, o título do samba-enredo e as referências sobre a palavra *liberdade*.

**Tabela 4:** 1965 a 1985

ANO	Escola de Samba	Samba-Enredo	Referências sobre a Liberdade
1965	Portela	<i>Histórias e tradições do Rio quatrocentão.</i>	Estácio de Sá
1967	Salgueiro	<i>História da liberdade no Brasil</i>	Escravidão (Zumbi) Independência (D. Pedro) República (Deodoro)
	São Clemente	<i>Festas e tradições no Brasil</i>	Independência
1968	Unidos de Lucas	<i>Sublime Pergaminho</i>	Escravidão (Princesa Isabel)
1969	Império Serrano	<i>Heróis da liberdade</i>	Escravidão Independência Significações difusas
	Império da Tijuca	<i>O negro na civilização brasileira</i>	Escravidão
	Unidos de Lucas	<i>Rapsódia Folclórica</i>	Significações difusas
1970	Imperatriz Leopoldinense	<i>1922 – Oropa, França e Bahia</i>	Semana de Arte
1971	Acadêmicos de Santa Cruz	<i>Três fases da poesia</i>	Escravidão
	Canários das Laranjeiras	<i>Ganga Zumba</i>	Escravidão
1972	Vila Isabel	<i>Onde o Brasil aprendeu a liberdade</i>	Guararapes
	Em cima da hora	<i>Bahia berço do Brasil</i>	Independência (Maria Quitéria)
	Unidos de São Carlos	<i>Rio Grande do Sul na festa do negro forro</i>	Escravidão
1978	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>Criação do mundo segundo os Carajás</i>	Indígenas
1979	Unidos do Cabuçu	<i>O gigante negro na abolição da república</i>	Escravidão (José do Patrocínio) República (José do Patrocínio)
1981	Unidos de São Carlos	<i>Quem diria, da monarquia à boemia ao esplendor da Praça Onze</i>	Independência
	Arranco	<i>Ou isto ou aquilo</i>	Carnaval
1983	Portela	<i>A Ressurreição das coroas</i>	Independência
	Imperatriz Leopoldinense	<i>O rei da Costa do Marfim visita Chica da Silva em Diamantina</i>	Escravidão (Chica da Silva)
1984	Unidos da Tijuca	<i>Salamaleikum, a epopeia dos insubmissos malês</i>	Escravidão
	Paraíso do Tuiuti	<i>1984</i>	Significações difusas
	Unidos do Jacarezinho	<i>Ziguezagueando no zum zum da fantasia</i>	Significações difusas
	Viradouro	<i>O sonho de Ilê Ifé</i>	Povo Escravidão (Zumbi) Escravidão (Palmares)
1985	Mangueira	<i>Abram alas que eu quero passar</i>	Carnaval (Chiquinha Gonzaga)
	Unidos de Cabuçu	<i>A Festa é nossa, ninguém tasca, ou quem ri melhor</i>	Significações difusas Escravidão Significações difusas Povo
	Portela	<i>Recordar é viver</i>	Carnaval (Águia)
	União da Ilha	<i>Um herói, uma canção, um enredo</i>	Significações difusas

### 3.9 – CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE CAPÍTULO

Neste capítulo, verificamos que a Independência e a Escravidão foram os agrupamentos que se repetiram do ciclo 1; enquanto naquele período, de 1943 a 1964, localizamos o percentual de 30% dos sambas empregando a *liberdade* no contexto da Independência do Brasil, nesse ciclo, de 1965 a 1985, o percentual foi de 16%. O tema da Escravidão esteve em 50% dos sambas no período anterior e nesse em 35,14%.

Observamos, também, a inserção de outros temas, personalidades e eventos, Indígenas, Estácio de Sá, Batalha dos Guararapes e Semana de Arte. Elaboramos novos agrupamentos como o Carnaval, o Povo, a República e as Significações Difusas, com o objetivo mesmo de examinar a potencialidade expressiva do nosso vocábulo, naqueles sambas-enredos elaborados e apresentados pelas Escolas de Samba no tempo da Ditadura Militar.

Evidentemente, tivemos de considerar a imposição do contexto na compreensão, a que nos foi alcançada, acerca do trabalho poético dos compositores, de deslocamento da palavra. Assim, alertamos, repetidamente, que o nosso entendimento é uma hipótese, não uma certeza, posto que aqueles escritos assumem a linguagem, muitas vezes, imprecisa. Era necessário sê-lo. Uma linguagem que, não raro, nos perturba, nos incomoda, nos desassossega – é aquilo! Mas, será que não pode ser isso, também?

Talvez tivéssemos entrevistado um ou outro compositor do período, tentado colher um testemunho, pudéssemos ter encontrado alguma resposta mais objetiva a muitas de nossas conjecturas. Por outro lado, além de estarmos diante de um número considerável de autores dos sambas-enredos, comprometeríamos a significação, ao escolher um autor em detrimento de outro, ou mesmo se alguém escolhido argumentasse que a intenção particular em elaborar esse samba foi esta e não aquela. Se assim o fosse, centraríamos a significação somente no autor e sabemos que ele não dá conta de sua obra, em absoluto. A obra de arte, é maior que seus criadores, maior que nós leitores, espectadores e críticos.

De toda forma, a análise, até aqui elaborada, leva-nos a afirmar que, mesmo recontando, nos sambas-enredos, a história oficial a partir de personalidades, monumentos e eventos do passado, em virtude da “imposição” dos temas nacionais, os compositores reescrevem e ressignificam a nossa memória, especialmente, aquela da escravidão negra.

Confirmamos que, no período anterior, os heróis da causa negra foram a Princesa Isabel, o poeta abolicionista Castro Alves, o líder negro africano que se estabeleceu em Ouro Preto, Chico Rei, e a entidade Preto Velho. Nesse ciclo, destacaram-se Palmares, Zumbi, José do Patrocínio e Chica da Silva. Trazer novos símbolos, novos ícones para a escrita parece-nos pretender expandir a memória para outras perspectivas, incluindo, além de outras personalidades já homenageadas, uma mulher negra que superou a condição de escravizada.

Sobre Palmares, é imprescindível conferir que os sambas-enredos a ele aludidos não mencionaram os embates ideológicos que puderam ter existido entre seus destacados líderes – Ganga Zumba e Zumbi, conforme registrado por vários estudiosos. De igual forma, no projeto de luta pela liberdade, as diferenças religiosas também foram desconsideradas pelo olhar do narrador, posto que Alá e Olorum se irmanaram. Observemos que a principal preocupação do escritor é descrever uma comunidade unida, sem se apropriar do elemento servil, como muitas vezes foi cogitada, por alguns teóricos, a permanência da escravidão em Palmares. Os compositores, evidentemente, idealizaram aquele quilombo e seus líderes com justa razão – a de valorizar, às vezes em tom épico, a comunidade negra e o enfrentamento à opressão. Afinal, Palmares, uma comunidade multirracial no imaginário coletivo, era o exemplo maior de um local em que se refugiaria a liberdade. Palmares era a “chama” daqueles negros rebelados que se contrapunha à escuridão das forças autoritárias que controlavam o país.

Do mesmo modo, não podemos desconsiderar que, ao escrever sobre episódios históricos brasileiros, os escritores dos sambas-enredos não evitaram o discurso da democracia racial. Se a indústria da escravidão era denunciada, as críticas se reservaram somente àquele processo, genericamente. Assim, os colonizadores portugueses, os representantes do Estado, a elite eugenista, enfim, todos aqueles que defendiam claramente a escravidão e práticas segregacionistas, não eram combatidos, denunciados em suas posições políticas – ainda que essas autoridades, afastadas pelo tempo, não estivessem presentes no momento da escrita. Portanto, temos de considerar que a estratégia de união de todos, em um projeto nacional, não poderia ser distanciada do ideário de harmonia entre as raças constituidoras do país. Excluindo nomes de autoridades conhecidas que se empenharam pela permanência do elemento servil poderia ser uma forma de aproximação da elite patrocinadora da festa e cada vez mais definidora das regras de desfiles, ingressos e premiações. A proposta era não ofender, provocar, essa elite e, simultaneamente, naquele evento que sempre propiciou alternâncias e renovações,

apontar temas históricos de interesse da comunidade negra, de todos, porque o dito estava incompleto e era preciso dizer mais, sem mágoas, sem cólera, sem ressentimentos, denunciando as sequelas do sistema colonial, clamando por igualdade ao lado de liberdade, sem apontar algozes e enaltecer personalidades anônimas ou pouco lembradas que tiveram importância fundamental, de forma positiva, na memória cultural e histórica do país.

Mesmo nos momentos de dificuldades por que se passava o processo de escrita, na obrigatoriedade de temas nacionais, no controle do Regime, os compositores podem ser comparados, em suas perspectivas e anseios, com aquele poeta de T.S. Eliot “Todo poeta gostaria, imagino, de ser capaz de pensar que a sua obra teve alguma utilidade social direta (...) Ele gostaria de ser um artista popular, de poder pensar o que pensa por trás de uma máscara cômica ou trágica.”. (ELIOT, 2012, p. 155)

No entanto, se os compositores foram bem sucedidos na questão negra, no sentido de apontarem vários exemplos de resistência e de superação da escravidão, como Zumbi e Chica da Silva, há de se ressaltar que a representação dos indígenas, no caso do emprego da palavra *liberdade*, foi estereotipada, consolidando aquela imagem construída no Romantismo, a do mito do bom selvagem e, ao mesmo tempo, acrescentando que o silvícola era um indivíduo propenso a ser aculturado.

Finalizando essas breves considerações, salientamos que neste capítulo a liberdade também foi aludida ao Hino da Independência. Os versos “Já raiou a liberdade/ Já raiou a liberdade no horizonte do Brasil”, de Evaristo da Veiga, em 1822, passam a ser, na nova escrita “Já raiou a liberdade”, de “Festas e tradições no Brasil”, da São Clemente em 1967; “Mais tarde raiou a liberdade/ Para aqueles que completassem/ Sessenta anos de idade”, em “Sublime Pergaminho”, da Unidos de Lucas, em 1968, e “Já raiou a liberdade/ A liberdade já raiou”, em “Heróis da Liberdade”, da Império Serrano, em 1969.

Nesse período, observamos que a *liberdade*, em três sambas-enredos, foi inscrita, apoiando-se nos substantivos “grito” e no verbo “ecoar”, evidenciando o clamor por esse direito. São estes os exemplos: “O grito da independência/ E liberdade da escravidão”, em *Três fases da poesia*, da Acadêmicos de Santa Cruz, em 1971. “Assim, a liberdade ecoou/ Um canto forte se alastrou”, em *A Ressurreição das Coroas*, da Portela, em 1983 e “A liberdade fica/ Ainda ecoa pelos ares”, em *O sonho de Ilê Ifé*, da Unidos do Viradouro, em 1984.

# **CAPÍTULO 4**

## **A palavra liberdade ao longo da democracia (1986-2013)**



## 4.1 – INTRODUÇÃO AO QUATRO CAPÍTULO

Este foi o período em que coletamos um número expressivo de sambas-enredos, 195. Isso ocorreu devido a três fatores: primeiro, o recorte temporal foi um pouco maior que os demais; o segundo, o surgimento da facilidade no acesso aos sambas disponibilizados nos meios eletrônicos pelas agremiações; e o terceiro, o contexto do período democrático, diferente dos demais, em que foi permitida, ilimitadamente, a difusão da liberdade, em todos os aspectos.

Destacamos ainda que, neste período (de 1986 a 2013), além da permanência dos temas Independência e Escravidão, abordados no primeiro e no segundo ciclos, repetem-se aqui os temas que surgiram no segundo, o Carnaval, os Indígenas, o Povo, a República, a Semana de Arte de 22 e as Significações Difusas. Os novos temas desse período são Liberdade de Expressão, Mulheres e Direitos Feministas, Mitologia e Religiosidade e Outras Artes e Representações.

Assim, organizamos onze agrupamentos: Liberdade de Expressão, Independência, Indígenas, Mulheres e Diretos Feministas (Elis Regina, Leci Brandão, Tereza de Benguela, Elza Soares e Sinhá Olímpia), Países (África, Itália, Japão e França), Povo, Mitologia e Religiosidade (Cristã e Afro), Outras Representações (Democracia, República, Invasão Holandesa, Olimpíadas, Loucos, Abdias Nascimento, Chateau, Garibaldi, Gregório de Matos, Jorge Amado, Miroma, Nelson Rodrigues, Oscar Niemeyer e Rui Barbosa), Carnaval e Outras Artes, Significações Difusas e Escravidão.

Consideramos que este período, de 1986 a 2013, apesar de ser uma época democrática, não constituía um tempo uniforme, linear e homogêneo. O que instiga a atenção são as reivindicações por liberdade que transcendem a Independência do país, 3,26% dos sambas, mas que continuam a permanecer no agrupamento relativo à escravidão 33,78% dos sambas, a abrangência daqueles temas do segundo e do terceiro ciclos e a inserção de novas temáticas.

Este capítulo nos permitirá confirmar que, com o passar dos anos de escrita e com a superação de períodos autoritários em nosso país, os sambas-enredos foram ampliando seus referentes sobre a palavra *liberdade* que se expandiu em virtude de reivindicações sufocadas, sentimentos adormecidos e adquiriram novas formas, contornos, sentidos, significados.

Na Tabela 5, encontram-se as referências sobre o nosso objeto de estudo desse período de 1986 a 2013.

**Tabela 5:** Referências sobre a palavra liberdade no ciclo 3

Referências	1986-2013	
	Frequência	(%)
Abdias Nascimento	1	0,45
África	1	0,45
Artes	2	0,90
Carnaval	20	9,01
Chateau	1	0,45
Democracia	1	0,45
Elis Regina	1	0,45
Elza Soares	1	0,45
Escravidão	75	33,78
Expressão	4	1,80
França	5	2,25
Garibaldi	1	0,45
Gregório de Matos	1	0,45
Independência	8	3,60
Indígenas	8	3,60
Invasão Holandesa	1	0,45
Itália	1	0,45
Japão	2	0,90
Jorge Amado	1	0,45
Leci Brandão	1	0,45
Loucos	1	0,45
Miroma	1	0,45
Mitologia greco-romana	5	2,25
Mulher	4	1,80
Nelson Rodrigues	1	0,45
Olimpíadas	1	0,45
Oscar Niemeyer	1	0,45
Povo	10	4,50
Religiosidade	11	4,95
República	1	0,45
Rui Barbosa	1	0,45
Semana de Arte	1	0,45
Significações difusas	46	20,72
Sinhá Olímpia	1	0,45
Tereza de Benguela	1	0,45
Total	222	100

Na Figura 3, observa-se que as referências “Abdias Nascimento”, “África”, “Indígenas”, “Artes”, “Chateau”, “Democracia”, “Elis Regina”, “Elza Soares”, “Expressão”, “França”, “Garibaldi”, “Gregório de Matos”, “Invasão Holandesa”, “Itália”, “Japão”, “Jorge Amado”, “Leci Brandão”, “Loucos”, “Miroma”, “Mitologia greco-romana”, “Mulher”, “Nelson Rodrigues”, “Olimpíadas”, “Oscar Niemeyer”,

“República”, “Rui Barbosa”, “Semana de Arte”, “Sinhá Olímpia” e “Tereza de Benguela” possuem percentual menor que 3% no período de 1986-2013. Dessa forma, essas referências foram agrupadas como “Outros”, totalizando um percentual de 20,27%.

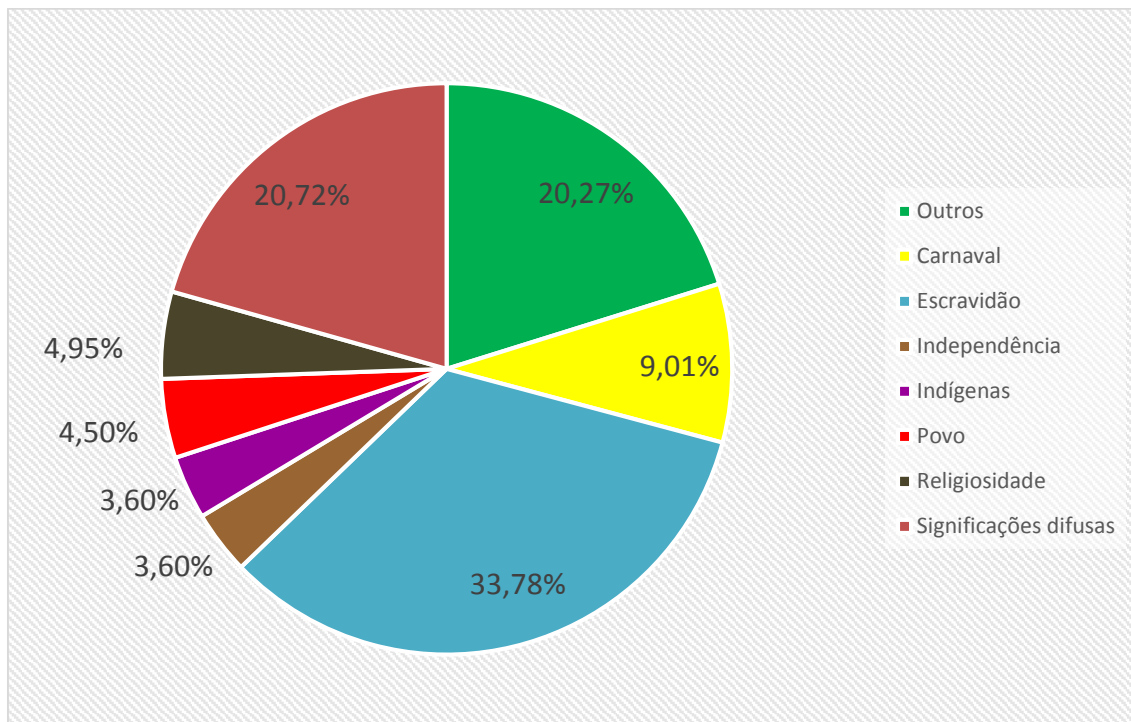


Figura 3: Referências sobre a palavra liberdade no ciclo 3.

#### 4.2 – A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

É de importância capital registrar que a palavra *liberdade*, atribuída à *expressão* do pensamento, das opiniões, das ideias, que muitas vezes podem ser distintas, ocorreu de forma explícita nesse período (1986-2013) de nossa pesquisa. Em 1987, a Acadêmicos do Salgueiro apostou em *De poeta, carnavalesco e louco, todo mundo tem um pouco* (Anexo 90), com os seguintes versos “Arte, ou será loucura? / A busca continua/ Em sua liberdade de expressão” em um samba-enredo que também tratou da imaginação criadora de poetas, pintores, escultores, envolvida em uma atmosfera de loucura que se desdobraria no próprio autor que se enlouqueceria pela cidade, com o seu amor e a sua escola de samba.

A Em Cima da Hora, no mesmo ano, com o samba-enredo *Quem é você, Zuzu Angel? ... Um anjo feito mulher* (Anexo 94) apresentou, poeticamente, uma das referências femininas que se opuseram à Ditadura Militar brasileira. Em sua memória, a

agremiação escreveu os versos seguintes “Me lembro das torturas, que horror! / Quantas noites acordada/ Procurando o seu grande amor”. A última estrofe dessa composição impressiona pelas leituras permitidas “Igualdade sim, violência não/ Deixa a luz da consciência/ Invadir seu coração”. Coração de quem? Da homenageada? Dos seus algozes? Do público? E o samba, dessa forma, se encerra, declarando que “A Em Cima da Hora é nossa/ Liberdade de expressão”. Liberdade que até então não podia ser dita ou vivida.



Zuzu Angel.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu\\_Angel#/media/File:Zuzu-real.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel#/media/File:Zuzu-real.jpg)

Podemos afirmar que o samba da Em Cima da Hora, de 1998, foi um protesto “tardio” contra a Ditadura Militar. Ao atribuírem várias características positivas à estilista mineira, de Curvelo, reescreveram o contexto de opressão “Soldados bordados em rendas/ Tanques de guerra” (Anexo 94) e a confirmação, por parte daqueles autores, do desejo de somente democracia. Finalizando a canção, conclamam os espectadores a permitirem que

a luz da consciência (a razão) invade o coração (a emoção) e reivindica a igualdade, esse substantivo que, por variadas vezes, tem acompanhado este outro, a *liberdade*.

A solidariedade para com os povos do Timor foi externada pela Unidos da Tijuca, em 2002, com os versos “Salve a luta do Timor/ Pela liberdade de expressão”, em *O sol brilha eternamente sobre o mundo da língua portuguesa* (Anexo 128), samba-enredo que enalteceu a nossa língua em forma de “aventura lusitana” pelos cinco continentes. A língua, epicamente descrita, transformara-se em poesia e em odisséia de amor. Esse contexto de louvação do idioma serviu também como expediente para se posicionar diante das questões políticas que afetavam o Timor, distante país asiático, cuja identidade para conosco era a língua.

Em 2005, a Lins Imperial, elaborou o samba-enredo *O bêbado e a equilibrista, o show tem que continuar...* em que convida o Brasil a cantar a partir da trajetória “do homem sem direção/ Que afoga a tristeza na emoção/ No pôr do sol perdendo a razão”. O homem é anônimo, igual à equilibrista que, assim indefinida, nos faz imaginar que talvez seria a própria escola. A esperança, eterna companheira daquele malandro, incentiva o dia a dia dele, afinal

O sonho não foi perdido  
De homens bravos guerreiros  
Que lutaram pela liberdade  
E direito pela força de expressão  
Anda na corda bamba  
Balança, balança, faz rir para não chorar. (Anexo 156)

Merece atenção a maneira como esses sambas-enredos que tratam da liberdade de expressão foram elaborados. Em *De poeta, carnavalesco e louco, todo mundo tem um pouco*, da Salgueiro, em 1997, o autor escreve com orgulho a sua folia multicolor, cuja escola encanta a passarela, em cores belas, irresistíveis, para o seu amor. “Salgueiro é felicidade”, demonstrando, mais uma vez a sua identificação e contentamento em desfilar na escola. Essa postura também foi evidenciada em *Quem é você, Zuzu Angel ... Um anjo feito mulher*, da Em Cima da Hora, 1998, quando o autor evoca a homenageada a vir no bailar da poesia e ser mais feliz com a escola dele, a escola que é a “liberdade de expressão”. De igual forma, o samba-enredo *O sol brilha eternamente sobre o mundo de língua portuguesa*, da Unidos da Tijuca, os autores afirmam também a importância da sua escola, fazendo alusão ao seu símbolo, o pavão. Finalmente, o samba-enredo *O Bêbado e a equilibrista, o show tem que continuar*, da Lins Imperial, as cores da escola, verde e rosa, são mencionadas para afirmarem a identidade dela, a agremiação dos

autores, procedimentos que muito nos rememoram o *Ó Abre alas*, de Chiquinha Gonzaga, ao tornar glorioso o Cordão Rosa de Ouros.

### 4.3 – A LIBERDADE E A INDEPENDÊNCIA

Nesse período, denominado democrático, foram coletados oito sambas-enredos que trataram da Independência do Brasil relacionada à *liberdade*. Em *Amor, sublime amor*, da Unidos do Viradouro, 1993, (Anexo 76), encontramos, mais uma vez, a referência a Tiradentes e ao lema da Inconfidência Mineira, nos seguintes versos “No sonho do herói inconfidente/ Mesmo que tarde a liberdade”. Essa música que reverencia o amor no sertão e em Palmares também aponta esse nobre sentimento no Guarani, em Orfeu, na Colombina, no Pierrot, em Chica da Silva – grafada com “x” – “Negra Xica, eu te amo!” e, de forma sugestiva, em Aleijadinho, “Na arte o amor no gênio mulato”. O autor, na estrofe que encerra o samba-enredo sobre o amor, evoca a proteção espiritual “Clareia mãe Oxum, clareia minha fé!”.

A Acadêmicos do Cubango, com o samba-enredo *Dos Brasões do reino de Portugal ao esplendor da bandeira nacional*, 1996, de forma implícita, reverencia a nobreza portuguesa como impulsionadora da Independência do Brasil “Foi riscada nesse chão/ A liberdade sonhada/ Anseios do povo/ Oh, Pátria amada”. (Anexo 86) Nessa mesma direção, o samba-enredo *Dos filhos deste solo sou mãe gentil, muito prazer, Pátria Brasil*, da Acadêmicos do Dendê, uma das canções carnavalescas que celebraram os 500 anos do “descobrimento” de nosso país, naquele ano de 2000, sugere, pela linearidade do texto, que o nosso processo de Independência de Portugal estava predestinado e confirmado na figura do Imperador “Luta pela liberdade/ Já tens maioridade, grita o imperador/ Fico Brasil”. (Anexo 107)

Em 2002, a Unidos da Ponte, com o samba-enredo *De Minas para o Brasil – Tancredo Neves, o mártir da nova República*, mesclou a história daquele político com a da Inconfidência Mineira. Após destacar Tancredo como “A voz das diretas/ Com as indiretas nas mãos” e que ele “O presidente escolhido/ Que nunca foi – poderia ter sido”, o samba é encerrado com o lema dos conjurados “Liberdade, ainda que tardia/ Leva nosso herói/ Para transformá-lo em estrela guia”. (Anexo 127)

O grito do Ipiranga também foi reconfigurado no verso “Num grito forte anuncie a liberdade do Brasil”, do samba-enredo *Sou Tigre, sou Porto da Pedra, da pedra à*

*Internet? Mensageiro da história da vida do leva e traz*, apresentado em 2004 pela referida escola. Nessa escrita, o autor reafirma-se por várias vezes, “Eu sou o Tigre...”, “Eu fui a voz das antigas civilizações”, “Fui escrita em argila...”, “Sou popular, onde quer que eu vá”, “Sou mensageiro, tô no mundo digital/ Alegria! Estou na rede, vou para o espaço sideral”. (Anexo 146) Aqui, percebe-se que o sujeito que canta ocupa vários lugares, inclusive o do imperador, afinal é ele quem anuncia a “liberdade do Brasil” e tem a voz dos antigos e dos modernos para “ir ao espaço sideral”, evadindo-se, consciente, na festa do povo.

Em 2006, a União da Ilha do Governador, com o samba-enredo *As Minas Del Rei São João*, homenageou a cidade de São João Del Rei e a Inconfidência Mineira: “Pisei no chão da liberdade/ Berço da Inconfidência... do meu país”. O autor também trouxe à tona o contexto do Século XVIII, o Século da Luzes, a exemplo, a revolta sobre os impostos “O quinto é dos infernos”, a beleza do barroco, a religiosidade cristã e o folclore “Seu padre, se a moça é solteira dá azar/ Vai virar mula sem cabeça, eu quero ver”. Afinal, “Dessa gente divinal/ Por São João Del Rei eu me apaixonei/ E dei as cores ao meu carnaval. (Anexo 171)

Ao reverenciar os 200 anos do Paço de São Cristóvão do Rio de Janeiro, a Escola de Samba Arrastão de Cascadura, em 2008, também atribuiu à realeza a emancipação de Portugal “Um grito ecoou, Independência à nação/ Liberdade é um direito em forma de oração” e lamenta que “Mas com o fim da Monarquia/ O improvável aconteceu/ E o Paço quem diria se transformou em museu”. No entanto, o acervo do museu<sup>35</sup> é elogiado pelas arqueologias africanas, romanas, incas e pelos diversos exemplares da flora e da fauna. Destaque para uma biblioteca de grande extensão, com o livro sagrado dos judeus e uma múmia que “não vai te pegar”. (Anexo 189)

O samba-enredo de 2008, da Império da Tijuca também homenageou os 200 anos da família real no Brasil, sem citar, evidentemente, os feitos de Napoleão Bonaparte. *200 anos da corte real nos jardins da família imperial* iniciou-se com uma paráfrase ao poeta

---

<sup>35</sup> Essa passagem desse samba enredo faz-nos refletir sobre o significado do museu apresentado por Diana Taylor, em *O Arquivo e o Repertório*: “Desde seu início no século XIX, os museus têm tornado literal a teatralidade do colonialismo. Um pouco como um roteiro, um museu parece ser tanto um lugar quanto uma prática. Embora etimologicamente seja um lugar ou templo dedicado às musas e funcione como um arquivo, devido ao fato de que também significa uma sala de leitura ou biblioteca, o museu também sinaliza uma prática cultural que converte um lugar em um espaço. Os museus têm, há muito tempo, tomado o Outro cultural fora de contexto, isolando-o e reduzindo o que é vivo a um objeto morto, por trás de um vidro. (...) Os museus preservam uma história (particular), (certas) tradições e os valores (dominantes). Eles encenam o encontro com a alteridade. A monumentalidade da maioria dos museus enfatiza a discrepância, em relação ao poder, entre a sociedade que pode conter todas as outras e aquelas representadas apenas pelos restos, os cacos e fragmentos salvos em exibições em miniatura”. (TAYLOR, 2013, p. 106-107)

Fernando Pessoa<sup>36</sup> “Veio de longe a família real/ As águas do mar da saudade/ São lágrimas de Portugal” e relatou o encantamento do povo ao receber Dom João, com um sol que [...]

Revela todas as cores  
No despertar da natureza  
Cresce a raiz da liberdade  
Com esplendor da primavera. (Anexo 190)

E assim encerrou a canção celebrando um legado deixado pela corte que seria “coroadado no meu carnaval”. Eram os sambistas, novamente, posicionando-se na condição de nobres. Em *Brasil, uma biografia*, encontramos registro sobre aquele tempo carnavalizado pela Império da Tijuca. Segundo as autoras, Sidney Smith, famoso comandante da frota britânica, conduziu o príncipe D. João e toda a família real para o Brasil. Vários foram os parentes de ministros, nobres, conselheiros de Estado, oficiais, servidores e os amigos mais próximos que tentaram embarcar. “A imagem era dantesca, com famílias divididas, naves superlotadas e muita desorganização. Na manhã do domingo 29 de novembro levantaram âncoras. No mesmo dia, os soldados de Napoleão entravam em Lisboa.” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 162)

Uma característica que merece destaque nesse agrupamento sobre o tema da Independência é a retomada da tradição frente aos anseios do futuro, a exemplo, o samba-enredo *Amor, sublime amor*, da Viradouro, 1993, aponta para uma expectativa vindoura “Meu sonho eu vou realizar/ Esse futuro o que será?” e volta-se para o passado do nosso país, resgatando os encantos do amor de variadas formas: no índio, no negro – Chica da Silva e Palmares – em Tiradentes, em Aleijadinho, na obra literária *O Guarani* e no *Orfeu do Carnaval*, além de agregar esse sentimento ao Pierrot e à Colombina, elementos do carnaval, evocando a proteção religiosa “Clareia mãe Oxum”. (Anexo 76)

A Acadêmicos do Cubango, com *Dos Brasões do Reino de Portugal, ao esplendor da bandeira nacional*, 1996, também retomou a tradição cultural, especialmente o nosso folclore com o bumba meu boi e maracatu. Defendeu, em aquarela, a nossa nacionalidade: “pátria amada”, “Ordem e progresso, Brasil”. Semelhante à Viradouro, escreveu também a religiosidade “Ordem de Cristo”, ‘A fé que me leva’. (Anexo 86)

---

<sup>36</sup> De Pessoa, os versos do “Mar português”, em *Mensagem* “Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!” (PESSOA, 1976, p. 57)



A Acadêmicos do Dendê com *Dos filhos deste solo sou mãe gentil, muito prazer, pátria Brasil*, 2000, faz alusões à “descoberta” do nosso país. “Terra à vista” é o aviso de chegada dos portugueses, para depois apresentarem o índio, o negro e a miscigenação. Nessa investida, também homenageia o Imperador D. Pedro I pela Independência, Isabel pela abolição, apontando, para o futuro, a criança nascida na Era de Aquário. Assim, o amanhã, mais uma vez, é projetado nas imagens do ontem. (Anexo 107) Essa recuperação de episódios pretéritos, culturais e históricos, para precipitar o futuro também foi instrumento de escrita do samba-enredo *Sou tigre, sou Porto da Pedra, da pedra à Internet? Mensageiro da história da vida do leva e traz*, da Porto da Pedra, 2004, afinal a voz daqueles autores era a das antigas civilizações, de navegadores, de escravizados. (Anexo 146)

#### 4.4 – A LIBERDADE E OS INDÍGENAS

Coincidindo numericamente com o tema da Independência, a questão indígena foi tratada por oito sambas-enredos nesse terceiro ciclo. A Imperatriz Leopoldinense, com o samba-enredo *Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajares*, 1994, destaca os versos em homenagem aos indígenas “Sou índio, sou forte/ Sou filho da sorte, sou natural (e sou natural) / Sou guerreiro, sou luz da liberdade/ Carnaval”. (Anexo 79)

Com o seu *Todo dia é dia de índio*, a União da Ilha do Governador, 1995, trouxe à avenida uma composição em que a voz do autor se misturou, integrou-se, com a do personagem indígena em um momento festivo, de celebração nacionalista e carnalizada, a partir da própria linguagem. É o que confirmam estes versos:

Cantando eu vou!  
Ôôô vou buscando liberdade  
“Mim só qué brasilidade”!  
Me deixa qu’eu quero sambar. (Anexo 84)

A Acadêmicos do Salgueiro, 2001, investiu no tema indígena com o samba-enredo *Salgueiro no mar de Xarayés, é pantanal, é carnaval* (Anexo 116) “Heroicos Guaykuru/ Um galopar da liberdade/ Um dia o pantanal chorou... chorou... chorou/ E floresceu brasilidade”. De igual forma, naquele mesmo ano, a Unidos de Vila Santa Tereza reverenciou os povos indígenas em *Palmares, a festa da liberdade*, principalmente quando o autor se posicionou como o outro, nestes seguintes versos:

Eu sou índio  
E sou flecheiro  
Faço pesca, sou guerreiro caçador ô ô ô  
Liberdade é quem me guia  
Dia e noite, noite e dia  
Vou que vou. (Anexo 119)

A Imperatriz Leopoldinense, 2002, assim versificou “Com o tempo, um novo índio se vestiu de ousadia/ Num ritual de liberdade” em seu samba-enredo intitulado *Goytacazes... Tupy or not Tupy in a South American way*. (Anexo 124) Imprescindível verificar que esse samba-enredo difere dos demais pela questão da antropofagia: “Campos ... terra dos Goytacazes/ São ferozes, são vorazes/ Vida de antropofagia” e relata que, ao saber disso, a Europa se assustava “Índio come gente, quem diria!”. Aí o mito se desfaz na canção, posto que “Peri beijou Ceci... ao som do Guarani”. Tupy or not Tupy, naquela escrita, é a visão de um artista sobre o nosso país. É mistura. É “Macunaíma e Zé Pereira/ É índio, é negro, é imperador”.

Em 2003, a Independentes da Praça da Bandeira apresentou o samba-enredo *A biodiversidade com justiça ambiental, o ouro verde voltará a brilhar*. (Anexo 138) Na visão do narrador, o Brasil foi um paraíso criado por Deus. O índio “preservava tudo com amor” e “respirava a liberdade/ Até o homem branco aqui aparecer”. Imprescindível verificar que a denúncia a ser destacada, evidenciada, pelo autor não é a escravidão indígena como podemos supor. A manifestação é em defesa da ecologia, contra a poluição do ar e em favor da Eco 92 que ocorreu no Rio. Portanto, a consciência da potencialidade do samba é confirmada nestes versos: “O meu samba tem a força/ Vou protestar/ Com justiça ambiental nesse carnaval”.

A Salgueiro, em 2004, apostou em “A cana que aqui se planta tudo dá... até energia. Álcool, o combustível do futuro” (Anexo 148) e sugere com os versos: “Caminha descrevendo a nossa terra/ Veio da Índia inspiração para o cultivo/ Que dava fim à liberdade do nativo” que o cultivo da cana de açúcar foi um dos fatores que impulsionaram a escravidão indígena no Brasil.

A Beija Flor de Nilópolis, em 2005, elaborou o samba-enredo *O vento corta as terras dos pampas, em nome do pai, do filho e do espírito Guarani. Sete povos na fé e na dor... sete missões de amor*. Naquela escrita, o autor afirmou que a Companhia de Jesus se estabeleceu no Brasil para restaurar a fé e semear a paz. Os Jesuítas de além mar vieram “catequizar ... e civilizar”. Tudo em um ambiente de paz e de harmonia: “Na liberdade dos campos e aldeias/ Em lua cheia, canta e dança o Guarani”. (Anexo 153)

Destacamos que, nesse agrupamento, três sambas-enredos tiveram como foco narrativo a primeira pessoa do singular. Os autores assumiam a voz dos indígenas em *Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajares*, da Imperatriz Leopoldinense, 1994, representando um índio forte, filho da sorte, natural, guerreiro e luz liberta no carnaval. (Anexo 79) De igual forma, em *Todo dia é dia de índio*, da Ilha do Governador, 1995, a primeira pessoa quer ver o sol brilhar, nas ondas do mar, é tupi, é mestiço e é linguagem do outro: “Mim só qué brasilidade”. (Anexo 84) No samba-enredo *Palmares, a festa da liberdade*, da Vila Santa Tereza, os autores dizem ser palmarinos, filhos de Xangô que pediam também graças ao “Meu deus Tupã”, são um índio flecheiro, que pesca, caça e guerreia, sempre guiado pela liberdade. (Anexo 119)

#### **4.5 – A LIBERDADE, AS MULHERES E OS DIREITOS FEMINISTAS**

Dentre os sambas-enredos selecionados para esse terceiro ciclo, encontramos cinco que reverenciam a palavra *liberdade*: Elis Regina, Sinhá Olímpia, Leci Brandão, Tereza de Benguela e Elza Soares. Também, destacamos quatro canções sobre os direitos feministas.

Foi a Mocidade Independente de Padre Miguel que, em 1989, homenageou a cantora Elis Regina com o samba-enredo *Elis, um trem chamado emoção* (Anexo 55): “Nas andanças, travessias/ No caminhar por entre as pedras desse chão/ Na perfeição de se cantar a liberdade/ Na poesia de uma canção”. Observemos que o compositor demonstra conhecer muito bem a biografia da homenageada: “Artista, mãe, mulher, irreverente e tão sutil/ Cantando uma canção/ Que faz lembrar o irmão do Henfil”.

Sinhá Olímpia, uma das personalidades folclóricas de Ouro Preto, foi referência no samba-enredo *E deu a louca no Barroco*, elaborado pela Mangueira em 1990. Aquela personagem foi a “Cinderela de Ouro Preto” na nova escrita, apresentada pelos compositores da Estação Primeira. O delírio dela era doce e por isso conquistara corações: “Acalentou o ideal de liberdade/ E transformou toda mentira/ Na mais fiel realidade”. (Anexo 58)

*Leci Brandão, nossa musa inspiradora* era o samba-enredo da Unidos de Cosmos no Carnaval de 1991. Resgatando e ressignificando a cultura negra, o narrador escreve que “Essa negra bamba/ Foi a fundo em Luanda/ Ao encontro da raiz/ Liberdade de expressão/ Faz o seu coração feliz”. (Anexo 67)

*Tereza de Benguela – Uma rainha negra no Pantanal*, da Unidos do Viradouro, 1994, é mais uma referência feminina no contexto da liberdade. “No cativeiro sofrimento e agonia/ A rebeldia acendeu a chama da liberdade/ No quilombo o sonho de felicidade”. (Anexo 82) Ao analisar esse poema do Carnaval, mais detidamente, podemos também inseri-lo, sem dificuldades, na grande seção destinada ao tema da escravidão. A história de Tereza de Benguela, uma rainha africana, foi de resistência exemplar. “No seio de Mato Grosso, a festança começou/ Com o parlamento, a rainha negra governava/ Índios, caboclos e mestiços/ Numa civilização”, mas o fim trágico da rainha foi inescapável e registrado pelos compositores – a loucura e o sacrifício.

Comparando os dois sambas-enredos, comprovamos que a morte de Elis Regina e Tereza de Benguela foi representada em forma de luz. A travessia espiritual de Elis é performatizada na palavra “estrela” e a de Tereza na luz “solar”. Elementos da noite e do dia. Elementos da claridade e da altura elevada.

Igualmente simbólico foi *Elza Soares, a Zumbi do morro e do samba*, composição da Foliões de Botafogo, em 2003: “Vem cantar as belas canções ... tu és exemplo de liberdade/ No carnaval dessa cidade”. Além de ser valorizada pela arte e pelo exemplo de liberdade feminina, Elza é descrita como heroína e guerreira, mulher de encantamento e “assanhada”, que marcou um gol provavelmente no coração de Mané Garrincha e nos sambas.

Finalizando esse agrupamento, registramos que, coincidentemente, nesses cinco sambas-enredos sobre as personalidades femininas, há o emprego também do vocábulo *brilho* presente em cada composição. É o que nos comprovam os versos a seguir, respectivamente, aludindo a Elis Regina, Sinhá Olímpia, Leci Brandão, Tereza de Benguela e Elza Soares:

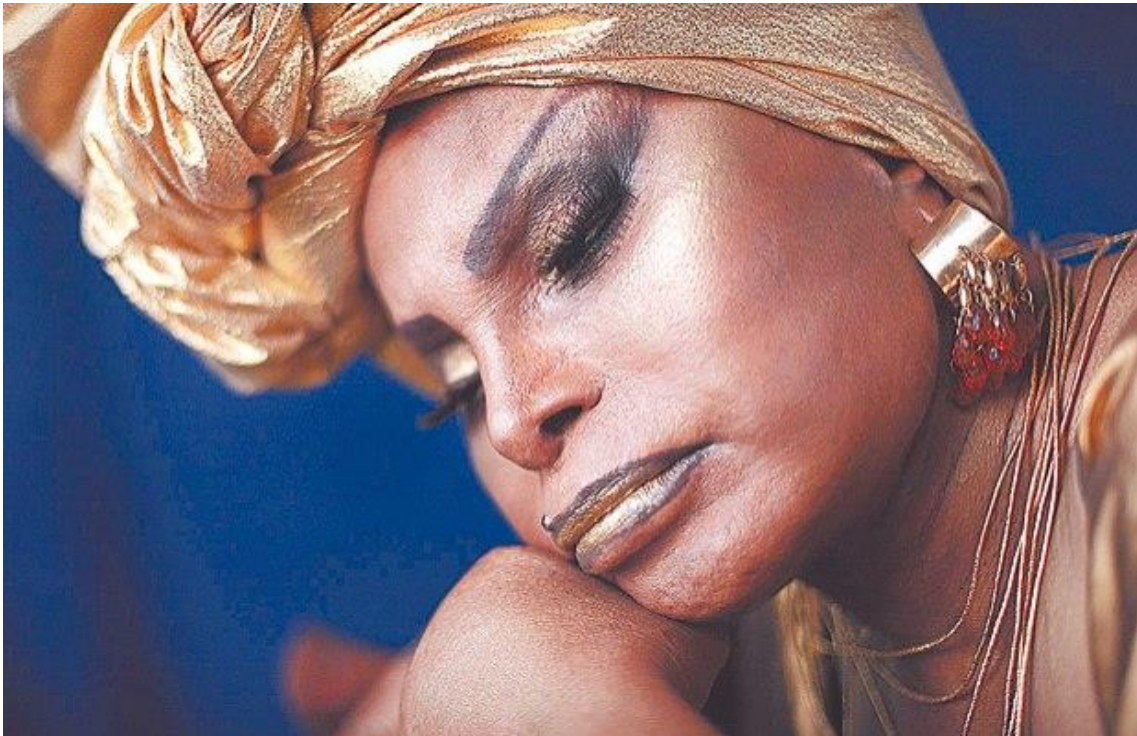
“Brilhando nessa passarela/ Eu sou Elis com a Mocidade”. (Anexo 55)

“Viveu em Vila Rica a Cinderela (...) brilhou sob o sol da primavera”. (Anexo 58)

“Já brilhou em Tóquio”. (Anexo 67)

“A luz de Tereza não apagará/ E a Viradouro brilhará na nova era”. (Anexo 82)

“Elza Soares brilhou... / Bem no balanço... da bateria”. (Anexo 137)



Elza Soares canta samba em esquema 'noise' no álbum 'A mulher do fim do mundo', trabalho visceral e já antológico, gravado com músicos da cena contemporânea de São Paulo.  
Foto: Divulgação / Stéphane Munner.

Fonte: <http://odia.ig.com.br/diversao/2015-10-04/mauro-ferreira-guitarrista-faz-cuica-chorar-com-samba-nascido-da-dor.html>

Sobre os direitos feministas, em *Por uma independência de fato*, samba-enredo da Acadêmicos do Cubango, 2000, verificamos uma escrita que, além de mencionar a questão da escravidão negra citando Ganga Zumba e Zumbi de Palmares, aponta diretamente para os direitos das mulheres: “Oh, mulher, o sutiã em chamas / Em teu seio a liberdade”. (Anexo 106)

Em 2006, a Unidos do Porto da Pedra, com *Bendita és tu entre as mulheres do Brasil*, homenageou as mulheres com as palavras “semente”, “fertilidade”, “mãe protetora”, “dom de encantar o mundo”, “índia, branca ou negra, é sedução” e “mulher que fez brotar no meu Brasil/ A flor da liberdade/ Levou ao chão barreiras/ Construiu a igualdade”. (Anexo 173)

A Unidos do Uraiti, em 2007, apresentou na avenida o samba-enredo *Uraiti brinda a folia! É carnaval dos carnavais* cujo autor convocou o povo a abrir “as cortinas da imaginação/ No maior show da terra”, relatando que pelo mundo viajara, que em Veneza “máscaras usei/ Na Alemanha, liberdade da mulher/ Cerveja embalando a multidão”. (Anexo 185)

As Amazonas, mulheres guerreiras, foram ressignificadas no samba-enredo *Ikamiabas*, da Acadêmicos da Rocinha, 2010. A canção descreve a formação do reino das

Ikamiabas e atribui às amazonas a proteção da natureza diante da exploração espanhola: “As protetoras da mãe natureza/ Amazonas, na expressão da liberdade”. (Anexo 200) Necessário ressaltar que esse samba-enredo também poderia ser classificado no contexto dos indígenas, inicialmente, mas os versos “mulheres pra governar e temer”, “mulheres de luta, as filhas da guerra”, “A deusa senhora de todo lugar” fazem-nos aceitar que se trata de uma defesa da força da mulher indígena e também da mulher favelada, confirmada nos seguintes versos: “Na rocinha, o exemplo de mulher/ A coragem, a ternura e a magia/ Preservação da natureza/ Quanta beleza/ No raiar do novo dia”.

#### 4.6 – A LIBERDADE E OS PAÍSES

Nesse período de 1986 a 2013, encontramos uma diversidade de temas nos sambas-enredos cariocas e o emprego da palavra *liberdade* nas escritas sobre os países homenageados mereceu uma análise reflexiva. Assim, sublinhamos aqui quatro nações, a Itália, o Japão, a África e a França, o país mais citado.

A Itália foi tema da Mocidade Independente de Padre Miguel, com *Buon mangiare, Mocidade! A arte está na mesa*, em 2005. Os bailes de Veneza, a ópera, os artistas, os maestros e os compositores foram utilizados para reverenciar aquele país, inclusive a moda, “A moda em Milão/ Mistura de cultura e liberdade/ Cobre de brasilidade/ Essa vida, esse chão”. (Anexo 157)

O Japão foi agraciado por duas vezes no contexto da palavra liberdade. Em 1994, pela Unidos do Cabuçu, com “*Brajiru, meu Japão brasileiro*”, escrevendo-se estes versos: “Quem vai à liberdade, vai a um pedacinho do Japão/ Cerejeira é uma festa popular/ Tanaba é lenda do amor/ Banzai é uma arte milenar”. (Anexo 81) De igual forma, em 2008, a Unidos do Porto da Pedra, com o samba-enredo *Tem pagode no Maru/ 100 anos de imigração japonesa*, reverencia o país asiático com os versos “O Maru cruzou o mar/ Lançando à sorte, o braço forte na lavoura trabalhou/ A liberdade cultura viva”. (Anexo 194)

Em 2013, a Escola de Samba União do Parque Curicica, com “*Quando o samba era samba*, ressignifica a África como lugar de “encanto e magia/ Berço da sabedoria”. Lá, “nasceu a liberdade a ferro e fogo”. Assim, alguns elementos da cultura afro-brasileira são retomados, mas sem relacioná-los à escravidão: “Capoeira, o samba vai levantar

poeira”. “Esse batuque gostoso não pode parar”. “Axé vem de Luanda/ Sacode a negritude na cidade”. (Anexo 230)

Nessa perspectiva, há de se retomar as cinco alusões feitas à França, todas elas no contexto da Revolução de 1789. A liberdade inserida no lema dos franceses foi também revista nos versos da Imperatriz Leopoldinense, em 1994, “Na França o bom selvagem/ Deu o tom de Igualdade, Fraternité, Liberté” (Anexo 79), do samba-enredo *Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajares*. No Carnaval de 1998, a Vila Isabel com *Lágrimas, suor e conquistas no mundo em transformação* cantou estes versos, cujo autor se inseriu na obra, como se deles fosse uma testemunha:

Na França movimentos radicais  
Deram ao mundo outra mentalidade  
No girar da coroa a liberdade  
Igualdade ecoou no meu cantar  
A vila, numa boa, agita o carnaval  
É fraternidade universal. (Anexo 96)

A Acadêmicos de Santa Cruz, em 2006, apresentou o samba-enredo *Liberdade, igualdade e fraternidade: um sonho chamado França*. “Cante a liberdade, a fraternidade, a igualdade/ Esse lema é imortal/ França dos pintores, poetas, escritores/ Polo da cultura universal”. (Anexo 161) O lema da Revolução foi aclamado no título do samba-enredo da Grande Rio: *Voialá, Caxias! Para sempre liberté, egalité, fraternité, merci beaucoup, Brésil! Não tem de qué!* com os versos: “Vem no anseio de alcançar liberdade/ Meu lema é egalité, fraternidade/ Eu vi nascer um novo dia florescer/ Sonhei com as cores de Debret”. (Anexo 195) Para finalizar, a Arame de Ricardo, em 2001, apresentou a canção “*O Arame é fogo!*” mencionando aquele famoso lema nos seguintes versos “Ardem as bruxas no fogo da traição (Kaô, meu pai) / É o Santo Ofício, a purificação, a revolução. / Liberdade, Fraternidade e Igualdade”. (Anexo 211)

Salientamos que, nesse agrupamento de sambas, a palavra *liberdade* foi inscrita nos trechos que mencionam diferentes países em um contexto em que vários autores se apropriaram de excertos da língua do outro, do homenageado e, concomitantemente, inseriram o nosso país, como local de recepção de diferentes culturas, potenciando, assim, o sentimento nacionalista, patriótico, mantendo diálogo e reconhecendo as diferenças culturais.

Assim, a Imperatriz Leopoldinense, com *Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajares*, 1994, escreveu os seguintes versos em francês: “Mon amour, c’est beau” e “Fraternité, liberté” como referências para afirmar-se em um sujeito

indígena, forte, filho da sorte, natural e guerreiro. (Anexo 79) *Brajiru, meu Japão brasileiro*, da Unidos do Cabuçu, 1994, também ilustra esse dialogismo intercultural: “Hoje põe cartas na mesa, sayonará, sayonará”, no contexto da linguagem, agregando elementos daquele país – monges, samurais, Buda, cerejeira, Tanaba, banzai – enquanto o Brasil, que é o país do futebol, homenageia o Império do Sol. (Anexo 81) A Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2005, utilizou-se da linguagem italiana no próprio título do samba, *Buon Mangiare, Mocidade! A arte está na mesa*, exaltando nacionalismo nos versos: “Artista, descendente desse traço/ Brasitália/ Aquele abraço/ um banquete de união”. (Anexo 157) A Acadêmicos de Santa Cruz, com *Liberdade, igualdade e fraternidade: um sonho chamado França*, 2006, escreveu estas expressões francesas “Oh! Quanto glamour/ Vien mom amour para conhecer/ A Torre Eiffel, perfume, alta cultura/ Culinária, que loucura!”. (Anexo 161)

Nessa perspectiva, a Acadêmicos do Grande Rio, 2009, segue o mesmo projeto estético da Mocidade, em 2005, apresentando, desde o seu título, a interlocução linguística entre nações, *Voialá, Caxias! Para sempre liberté, égalité, fraternité, merci beaucoup, Brésil! Não tem de quê!*, apontando o tema da revolução já bem conhecido e lembrado, junto ao tema inevitável, o amor: “A Grande Rio balança/ Le mon amour é a França/ Vem brindar!”. (Anexo 195)

#### **4.7 – A LIBERDADE E O POVO**

A palavra *liberdade* tem como referência o substantivo povo em dez sambas-enredos desse ciclo. Em *Viva o povo brasileiro*, da Império da Tijuca, do Carnaval de 1987, encontramos os versos: “No verde esperança nos olhos de Maria Luiza Afê/ De um povo que sofria/ Com ele lutou pelo ideal/ De liberdade e justiça social”. (Anexo 46)

Os versos “O sol da liberdade/ No horizonte enfim raiou/ Com rara felicidade/ O povo livre votou” (Anexo 63), da Unidos do Cabuçu, questionam, desde o seu título, a situação política da época, naquele ano de 1990: “Será que votei certo para presidente?”. No mesmo ano, “Corsários, aventureiros/ Abrindo caminhos para a liberdade/ De um povo guerreiro” foram versos de *Anita Garibaldi, heroína das 7 magias*, da Unidos do Viradouro. (Anexo 102)

Em 2000, várias escolas tematizaram os 500 anos da “descoberta”. A Unidos do Cabuçu, com o samba-enredo *Brasil 500... ano 2000, Cabral faz a festa do Brasil*, idealiza



a nação, a convivência harmoniosa do nosso povo, em democracia racial, “Hoje é paz, é liberdade/ Há amor no coração/ Igualdade das três raças/ Deu-se a miscigenação”. (Anexo 111) A Porto da Pedra, com *Ordem, progresso, amor e folia no milênio da fantasia*, escreveu que “Brilhou no céu/ O ideal da liberdade/ O país querendo ser feliz/ Sonhou com a igualdade”. Ressaltamos que, na discussão acerca do lema de nossa bandeira republicana, o narrador textual reivindica a união e o amor, “Mas sem união e amor? Não dá pra melhorar”, “Mas sem amor não vai construir/ A integração que quer”, “O povo faz-se independente/ Caminhou/ Com amor fez a folia/ Saudando o milênio, tudo é fantasia”. (Anexo 112) Em 2003, a Inocentes da Baixada apresentou o samba-enredo *O gênio da Inocentes e a lâmpada maravilhosa*, com os versos expressivos:

Sou negro, sou índio  
Sou filho da terra  
A luz do saber  
Que diz não à guerra  
Meu grito ecoa de verdade... Liberdade! (Anexo 139)

Nos versos supracitados, chama-nos a atenção a recusa em mencionar os portugueses, como parte integrante de nosso povo, certamente, pelo fato de eles representarem o elemento colonizador, ao passo que os negros e indígenas, os colonizados, os oprimidos. E há a questão do sujeito comunicante – o que assume o discurso, a fala, o texto – e que, provavelmente, estaria em um lugar mais próximo daqueles reservados aos negros e indígenas. Trata-se também de uma canção de desejos. Desejos de paz e de harmonia, de ser criança, de ser um *pop star*, de acertar na loteria, de ver a escola campeã e “E muito mais... a baixada pede paz”.

Em uma postura crítica, as celebrações do meio milênio do nosso país fazem-nos refletir acerca do pensamento de Paul Ricœur no Capítulo intitulado “Da memória e da Reminiscência” de sua *História, Memória e esquecimento*, ao argumentar sobre as celebrações de acontecimentos fundadores. Para ele, atos que na essência são violentos e legitimados por um estado de direito precário, “A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde à execração do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura”. (RICŒUR, 2012, p. 92) Então, nesses sambas-enredos, elaborados para a festa do povo, é permitido reescrever a história e inserir novos personagens, novas perspectivas do outro, com o propósito mesmo de tentar curar as feridas, ainda abertas, de nossa “descoberta”.

“No ‘compasso’ o traço e um povo/ Que construiu a liberdade em seu lugar” foram os versos da Vila Isabel em *A Vila é para ti* (Anexo 145), canção que homenageou Paraty. “Um Brasil feito à mão/ Um só coração – liberdade!” foram versos da Mocidade Independente de Padre Miguel, no samba-enredo *O futuro no pretérito – uma história feita à mão*, reconhecendo a importância dos trabalhos manuais, especialmente, do artesanato. (Anexo 182)

Em 2010, a mesma Mocidade de Padre Miguel, com *Do paraíso de Deus ao paraíso da loucura, cada um sabe o que procura* (Anexo 205), escreveu estes versos: “Hoje o povo quer felicidade/ No paraíso da igualdade e liberdade”, após o escritor relatar o seu retorno ao Éden, querendo sambar com a sua escola, suportando o mal a ele causado pela serpente. O enredo é linear, passando pela Idade Média, os bandeirantes, os índios, até chegar à Sapucaí – o paraíso da loucura.

Naquele mesmo ano, a Unidos do Viradouro apostou em *México, o paraíso das cores, sob o signo do sol*. O narrador assumiu uma voz coletiva que se comprometeu em lutar contra piratas que buscavam o ouro. “Meu sangue eu entrego à terra, à liberdade/ ‘O grito’ vai raiar o sonho de felicidade/ A fé que desata os nós une a gente de novo”. (Anexo 209)

O povo inscrito nos sambas-enredos que versificaram a palavra *liberdade* é a nossa gente, costumeiramente descrita como valorosa, harmônica, civilizada: “Por trás desta alegria, à sombra de uma dor, de uma dor/ De um povo hospitaleiro/ Viva nós, viva nós, viva o povo brasileiro”, conforme encontrado em *Viva o povo brasileiro*, da Império da Tijuca, 1997. (Anexo 46) A repetição da palavra *dor* serve para enfatizar que esse sentimento será superado com a vitória do povo em *viva nós*, identicamente reiterado.

O povo é guerreiro no samba da Viradouro: *Anita Garibaldi, heroína das sete magias* (Anexo 102), e evidentemente destaca-se especialmente naquelas comemorações acerca do meio milênio de existência do país. A Unidos do Cabuçu (Anexo 111) apresentou um samba que celebrava uma união apenas na letra, pois estamos distante da “igualdade das três raças”, apesar da miscigenação. A Porto da Pedra (Anexo 112) vai em direção oposta, uma vez que a escrita é crítica. O país retratado é aquele que deseja ser feliz, que sonha com a igualdade. Os autores mencionam que a situação pode melhorar com amor e união. Os ideais republicanos, a partir do contato com os franceses, são criticados, pelo fato de eles terem desconsiderado as opiniões do povo. A “Ordem e Progresso”, escritos no samba, é o que pode proporcionar a “União e fé (com muito axé)”, e o amor é indispensável. Chama a atenção o emprego do modo subjuntivo para enunciar

o amor e a paz entre os governados e governantes: “Se povo e governo pudessem brindar/  
Um elo de amor e paz/ Na festa dos 500 anos/ Não separar jamais”. A Inocentes da  
Baixada apresentou um samba escrito em primeira pessoa, cujos autores se identificavam  
com as classes menos favorecidas, negros e índios, e desejando “acertar na loteria”.  
(Anexo 139)

#### 4.8 – LIBERDADE, MITOLOGIA E RELIGIOSIDADE

A mitologia greco-romana inserida no emprego da palavra *liberdade* foi citada  
por quatro Escolas de Samba, a Unidos de Lucas, a Beija-Flor, a União de Jacarepaguá e  
a Boi da Ilha do Governador.

“Diz o reino da mitologia/ Que Dionísio [*sic*] o criador/ Fez raiar a liberdade/ E  
Baco, em deus se transformou”, conforme samba-enredo *O galo cantou e Lucas  
saboreou*, Unidos de Lucas, 1993. (Anexo 75) “Inspiração que fez o homem voar/  
Na mitologia construiu/ Asas de cera para a liberdade”, no samba-enredo *O Brasil dá o ar de  
sua graça, de Ícaro a Rubem Berta, o ímpeto de voar*, Beija-Flor, 2002. (Anexo 120)  
“Liberdade, sonho, sedução/ A mitologia nas asas da imaginação/ (...) / Com as asas de  
cera, Ícaro voou em busca da liberdade”, no samba-enredo *Asas, sonho de muitos,  
privilegio de poucos, tecnologia de todos*, 2002, União de Jacarepaguá. (Anexo 126) “Boi  
Ápis, cultuado no Egito/ Do labirinto sacrifício e liberdade/ Guerreiro e heróis, as crenças  
e o valor/ Que a mitologia consagrou”, no samba-enredo *Do sagrado ao profano... E o  
boi, quem diria, foi parar na freguesia*, em Boi da Ilha do Governador, 2010. (Anexo 204)

Se, com Dioniso, Ícaro e Boi Ápis, temos as alusões à mitologia greco-romana,  
o contexto da religiosidade nos permite verificar a existência de duas vertentes, a cristã,  
a minoritária, composta por três sambas-enredos e a afro-brasileira, majoritária,  
mencionada em sete. A religiosidade cristã é simbolizada por anjos, querubins e serafins  
nos sambas *Arautos do Brasil mulato* e *Sonhos*, ao passo que Moisés, personagem bíblico,  
desafia o rei pela causa da liberdade e o Mar Vermelho é transformado em passarela,  
numa carnavalização completa do sagrado para o profano. Assim, seguem,  
respectivamente, Escolas, os versos e os títulos dos enredos que ilustram esta seção:

Leão de Nova Iguaçu: “Querubins e Serafins/ Os anjos da liberdade/ Com a  
missão de semear a sedução/ Criara o tom da miscigenação (e assim)”, samba-enredo  
*Arautos do Brasil mulato*, 1995. (Anexo 83)

Mangueira: “Moisés desafia o rei/ A ira divina desaba na terra/ Libertação! E num gesto encantado/ O mar virou passarela/ (...) / Quem plantar a paz vai colher amor”, no samba-enredo *Os dez mandamentos: o samba da paz canta a saga da liberdade*, 2003 (Anexo 132)

Unidos do Anil: “Sonhei.../ Com anjos querubins/ Dizendo assim/ Que a luz do sonho nunca se apagará/ Liberdade, fé e esperança/ Um sorriso de criança/ Ó ó ó... Divino mestre criador”, no samba-enredo *Sonhos*, 2011. (Anexo 215)

Muitas entidades representativas das religiões de matrizes africanas foram reverenciadas no despertar do nosso terceiro milênio, especialmente nesse emprego da liberdade. Xangô, Oxalá, Oxaguiã, Obaluyaê, Olubajé, Iemanjá, Oxum são algumas dessas referências. Vejamos os exemplos:

Acadêmicos do Cubango: “Do pranto à união, um canto em oração/ Que o ideal de liberdade não seja ilusão/ (...) / O toque do tambor embala minha fé/ Salve a nação nagô/ Raiz do Candomblé”, no samba-enredo *O fruto da África de todos os deuses no Brasil de fé: Candomblé*, 2005. (Anexo 151)

Boi da Ilha do Governador: “Nos soldados de Xangô ô ô ô/ A prisão de Oxalá, pai Oxalá/ (...)/ Liberdade! / Das águas do senhor felicidade / Liberdade, o perdão, a igualdade/ Salve a força da fé/ Nos traga o axé, ó Oxaguiã”, no samba-enredo *As águas de Oxalá*, 2005. (Anexo 154)

Em Cima da Hora: “O navio negreiro chegou/ Surgiu a crença, nos rituais/ O candomblé, a fé nos orixás/ (...) / Preces em devoção/ A liberdade de um dia ecoou/ Nas terras de São Salvador”, no samba-enredo *Mãe baiana, signo da africanidade carioca*, 2005. (Anexo 155)

Difícil é o Nome: “Arerê Obaluyaê nos traga felicidade/ A vida aqui está muito ruim/ Nós queremos liberdade”, no samba-enredo *Olubajé, a festa da libertação*, 2005. (Anexo 166)

Salgueiro: “Odoyá, Iemanjá, Saluba Nanã/ Eparrei Oyá/ Orayê, Oxum! Obá Xi Oba/ (...) / Candaces, mulheres guerreiras/ Na luta... justiça e liberdade/ Rainhas soberanas/ Florecendo pra eternidade”, no samba-enredo *Candaces*, 2007. (Anexo 175)

Beija-Flor: “Olodumaré, o deus maior, o rei senhor/ Olorum derrama a sua alteza na Beija-Flor/ Oh, majestade negra! / Oh, mãe da liberdade/ África: o baobá da vida Ilê Ifé/ Áfricas: realidade, realeza, axé” no samba-enredo *Áfricas: Do berço real à corte brasileira*, 2007. (Anexo 177)

Alegria da Zona Sul: “A voz que ecoa na pedreira/ Kaô! É Xangô, o Rei de Oyó/  
Pai da justiça e da igualdade/ É fogo, é trovão da liberdade”, samba-enredo *Os doze obás  
de Xangô*, 2011. (Anexo 210)



Salgueiro, 2007, alegoria “Mães de Santo, Mães do Samba”.  
Fonte: <http://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2014/03/24262/>

Nesse agrupamento, pudemos verificar que o tema sobre a religiosidade de matriz africana foi tratado de forma especial. Há de se considerar que aquelas manifestações negras sempre estiveram presentes em nosso país, eram discriminadas no período colonial, resistiram nos terreiros durante os períodos autoritários, de controle das liberdades, e ainda hoje enfrentam contextos de rejeição, quando fundamentalistas religiosos tentam, de variadas formas, rechaçar, excluir, diminuir a Umbanda e o Candomblé, sem mínimo esforço de compreender a necessidade de se respeitar o outro, não por concordância, mas, por direito, por regra, por lei. Ademais, não consideram em suas posições a dimensão histórica e cultural daquelas religiões de matriz africana, que também fazem parte de nossa memória cultural. Assim, os autores desses sambas, conscientes da potencialidade das palavras escritas, verbalizadas, cantadas, recusaram o cômodo lugar da neutralidade para se posicionarem como integrantes do Candomblé ou da Umbanda, ao lado de mães e pais de santo, abençoados pelos orixás.

#### 4.9 – A LIBERDADE E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

Nesta seção, vamos analisar outras referências do emprego da palavra *liberdade*, todas elas aparecendo uma única vez e sendo alusão a uma personalidade, a um estado, a um evento ou a um regime político. Vejamos os quatorze casos:

Democracia: “O sol da liberdade vai raiar/ Anunciando um novo dia/ O filho da democracia/ Quantas saudades nos traz/ O mártir de Minas Gerais”, por Unidos da Ponte, no samba-enredo *De Minas para o Brasil – Tancredo Neves, o mártir da Nova República*”, 2005. (Anexo 127)

República: “O marechal que proclamou/ Foi presidente/ Liberdade, liberdade! / Abre as asas sobre nós/ E que a voz da igualdade/ Seja sempre a nossa voz!”, Imperatriz Leopoldinense, no samba-enredo *Liberdade, Liberdade! Abre as asas sobre nós!*, 1989. (Anexo 52)

Invasão Holandesa: “Bahia envolvida nessa guerra/ Holandeses nessa terra/ Em solo fértil a liberdade então se deu”, da Acadêmicos do Grande Rio, no samba-enredo *Na era dos Felipes o Brasil era espanhol*, 1996. (Anexo 87)

Olimpíadas: “As Olimpíadas voltaram/ É o amor e a liberdade/ Exaltando o valor e a igualdade”, da Mangueira, em *O Olimpo é verde e rosa*, 1997. (Anexo 92)

Loucos: “Vesti verde e branco, ninguém me segura/ Cubango encanta e traz liberdade/ Aos loucos da praia chamada saudade”, da Acadêmicos do Cubango, em *Os loucos da praia chamada saudade*, 2010. (Anexo 201)

Abdias Nascimento: “Canta, Vigário Geral/ A luta de um negro neste carnaval/ Abdias estudou e venceu/ (...) / Fez faculdade se tornou doutor/ Nascia a liberdade/ Sua cultura pelo mundo se espalhou”, da Acadêmicos de Vigário Geral, em *Abdias Nascimento: Uma vida de lutas*, 2012. (Anexo 217)

Chateau: “Ei, ei, ei, Chateau é o nosso rei/ (...) / Deu asas à nossa aviação/ Liberdade ao Beija-flor/ Em São Paulo um sonho realizou”, da Acadêmicos do Grande Rio, em *Ei, ei, ei, Chateau é nosso rei*, 1999. (Anexo 98)

Garibaldi: “Garibaldi, o nosso herói, viveu/ (...) / Liberdade foi o seu ideal (de lá pra cá...) / No Brasil, quanta riqueza! / Abraçando a natureza/ Ele se encantou (e foi por ai...)”, da Imperatriz Leopoldinense, no samba-enredo *Um por todos e todos por um*, 2006. (Anexo167)

Gregório de Matos: “Na luta da sonhada liberdade/ Um preço bem alto ‘Boca do Inferno’ pagou/ Mas nos becos e vielas, nas cidades e favelas/ Ecoou pelos ares, despertou

Palmares”, da Acadêmicos de Santa Cruz, no samba-enredo *O Boca do Inferno*, 1991. (Anexo 64)

Jorge Amado: “O vento soprou/ As letras em liberdade/ Joga a rede, pescador! / O povo tem sede de felicidade”, Imperatriz Leopoldinense, “Jorge, amado Jorge”, 2012. (Anexo 222)

Miroma (Guerreiro): “Surge Miroma, guerreiro forte/ Valente que luta por sua gente/ Herói, símbolo da liberdade/ Querendo justiça e dignidade”, Gato de Bonsucesso, *Milagre do povo, a esperança é a última que morre*, 2007. (Anexo 179)

Nelson Rodrigues: “Quando a cortina se abrir/ No palco da ilusão/ Visto a nudez da liberdade/ Nas asas da imaginação/ (...) / Nelson Rodrigues? Sou Viradouro/ Quero ver me censurar”, Unidos do Viradouro, *A vida como ela é, bonitinha, mas ordinária... assim falou Nelson Rodrigues*, 2012. (Anexo 225)

Oscar Niemeyer: “A luta pelo povo jamais abandonou/ Liberdade na expressão da emoção/ O nosso manto estampado da vida/ Desse nome singular/ Que a comunidade abraça pra sambar”, de Vila Isabel, no samba-enredo *Oscar Niemeyer, o arquiteto no recanto da princesa*, 2003. (Anexo 142)

Rui Barbosa “Minha escola faz a festa/ Traz para o povo um baiano genial/ Defensor da igualdade/ A liberdade, seu ideal”, da São Clemente, no samba-enredo *A São Clemente comemora e traz Rui Barbosa para os braços do povo*, 1999. (Anexo 100)

Com esses exemplos, comprovamos que a inscrição da *liberdade* ocorreu de forma ampla, especialmente nesse período democrático, quando foram inseridos nas composições eventos e personalidades que fizeram parte de nossa história brasileira. Naqueles sambas, eventos como democracia, república, invasão holandesa e olimpíadas, foram escritos em um contexto de crítica sobre o nosso passado, mas sempre evocando a igualdade, a nossa união e enaltecendo a própria Escola de Samba. A exemplo, os loucos da “praia chamada saudade” eram, na verdade, foliões bem conscientes de seus atos, ao se vestirem com as cores da sua agremiação na avenida.

Distintas personalidades, Chateau, Garibaldi, Gregório de Matos Guerra, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, Oscar Niemeyer e Rui Barbosa, são apresentadas a partir da exaltação de suas biografias e da proximidade do narrador com o referente narrado, reconhecendo os valores literários, políticos e culturais que fazem parte de nossa identidade nacional.

Temos de considerar que muitas representações fizeram parte de um passado muito distante, além dos períodos anteriores, mencionados neste trabalho, a Ditadura

Militar, a Democracia Populista e a Era Vargas. A exemplo, temos personalidades reescritas como o poeta barroco Gregório de Matos Guerra (Acadêmicos de Santa Cruz, 1991) e o político e jurista Rui Barbosa de Oliveira (São Clemente, 1999). São temas inesgotáveis sobre personalidades que são rememoradas pela liberdade coletiva, o Boca do Inferno, “jovem inteligente/ De versos maldizentes” (Anexo 65), pela poesia satírica; e a Águia de Haia pela oratória, pelo discurso e pelo engajamento político em prol da liberdade e do progresso. Outra observação, que merece anotação, é que, ao apontarem essas duas personalidades, com a mesma atenção que dispensamos a Jorge Amado, os autores exaltam o lugar deles e, não por coincidência, evocam a terra natal, épica e honrosamente.

Assim, quanto a Gregório de Matos, “Floresceu seu ideal lá na Bahia” (Anexo 64), a Rui Barbosa “Minha escola faz a festa/ Traz para o povo um baiano genial” (Anexo 100), a Jorge Amado: “Ave, Bahia sagrada! / Abençoada por Oxalá”. (Anexo 222) A homenagem à Bahia de Todos-os-Santos é um reconhecimento do lugar não apenas de Gregório, Rui e Amado, é igualmente memória do autor que se identifica com a cultura afro-brasileira, que tem consciência de que antes do Rio havia a Bahia. A Bahia que enviara vários descendentes que, igualmente, colaboraram para o surgimento do samba e do nosso carnaval.

#### **4.10 – A LIBERDADE, O CARNAVAL E OUTRAS ARTES**

Nesse agrupamento, verificamos tratar das alusões da palavra *liberdade* à Semana de Arte Moderna, às artes em geral, às personalidades do Carnaval (cinco compositores) e à própria festa do povo, em um exercício metalinguístico. Dessa forma, destaquemos os temas e as alusões a eles:

A Semana de Arte Moderna: “Ecoou, ecoou/ Um grito forte: Liberdade/ Fecundou o Modernismo em nossa arte/ E na literatura nacional/ Nossos artistas por aqui se propagaram/ E também se consagraram com a primeira bienal”, da Unidos da Tijuca, em *De Portugal à bienal do país do Carnaval*, 1989. (Anexo 56)

Artes: “Difícil/ Conviver na adversidade/ Com arte ser eficiente/ Fazer da pintura sua liberdade/ Fazer esculturas usando a paixão/ Feitiço de poeta invade o coração/ Divino é o poder da criação”, da Império Serrano, em *Ser diferente é normal: O Império Serrano faz a diferença no Carnaval*, 2007. (Anexo 180)



“Do alto do morro o Redentor abraça o gênio/ Que hoje repinta essa cidade/  
Moleque recife é saudade/ Há tantos meninos assim/ Querendo um sonho, / Na liberdade  
das cores sem fim/ Pintor da alegria, calor da emoção/ Pintou renascer no meu coração/  
No tom da folia vou me apresentar/ Na galeria da Jacarepaguá”, da *Renascer de  
Jacarepaguá*, em *O artista da alegria dá o tom da folia*, 2012. (Anexo 224)

Significativo enfatizar que, ao se voltar para uma situação metalinguística, o escritor reverencia o Carnaval e as personalidades destacadas que dele fizeram e fazem parte. Assim, percebemos que, no contexto da palavra *liberdade*, os carnavalescos, sambistas e compositores Mano Décio, Candeia, Dona Ivone Lara e João Nogueira foram versificados nesse período de 1986 a 2013, como reconhecimento do lugar que eles ocupam na memória do Carnaval.

Mano Décio: “De sua arte veio a Glória/ De Mangueira a Madureira/ O pregão de um jornaleiro/ Era a luz de liberdade/ No talento de um guerreiro/ Braço forte no trabalho/ Com o sonho de vencer”, *Arrastão de Cascadura*, *Mano Décio, apoteose do samba*, 1986. (Anexo 40) Mano Décio da Viola, Décio Antônio Carlos, compôs mais de 500 sambas e, com o parceiro Silas de Oliveira, foi um dos pioneiros na composição de samba-enredo para os desfiles do Carnaval. A Império Serrano desfilou por 19 anos cantando composições suas<sup>37</sup>.

Candeia: “Vamos lembrar na avenida/ Candeia, Luz da inspiração (ao som) / Ao som da viola e do pandeiro/ Sou mais o negro brasileiro/ Assim ele nos dizia/ (...) / Igualdade, liberdade é natural/ Pro negro não voltar ao humilde barracão”, da *Unidos do Jacarezinho*, em *Candeia, luz da inspiração*, 1986. (Anexo 44) Candeia, cognome de Antônio Candeia Filho, começou a frequentar as rodas de samba aos seis anos. Tocava violão e cavaquinho, jogava capoeira e costumava a frequentar os terreiros de candomblé. Foi muito respeitado por sua firme oposição em favor do negro, tanto que em 1975 deixou a Portela e criou o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, do qual foi o primeiro presidente.

Dona Ivone Lara “Dona, dama, diva... / Estrela do samba de luz radiante/ Show na opinião/ Parceira de bambas, carreira brilhante/ Com a liberdade num lindo alvorecer”, Império Serrano, “Dona Ivone Lara, enredo do meu samba”, 2012. (Anexo 223) Dona

---

<sup>37</sup> Essas informações foram extraídas da *Enciclopédia da música brasileira: samba e choro*/ editor Marcos Marcondes: seleção de verbetes Zuza Homem de Mello. São Paulo: Art Editora, Publifolha, 2000. As referências a Mano Décio estão nas páginas 140; de Candeia 52 e 53; de Dona Ivone Lara 134 e de João Nogueira 171.

Ivone Lara participou ativamente da Império Serrano e escrevia sambas-enredos em um período em que não se aceitavam mulheres sambistas. Compôs quase 300 músicas. Em 1984, apresentou-se em shows no Japão, na Itália, na Martinica e na Espanha, junto com o Fundo de Quintal, Martinho da Vila e Paulinho da Viola.

João Nogueira: “Chora viola, a saudade está no ar/ Pai abençoe essa homenagem/ Na grande tela a dor da liberdade/ No compasso reescrevo a sua história/ (...) / João meu Brasil ... encanta. / É Nogueira, de todos os sambas/ Um ser de luz, pura magia/ Meu poeta virou poesia”, Em Cima da Hora, “Além do espelho, João Nogueira de todos os sambas”, 2013. (Anexo 227) João Batista Nogueira Júnior também teve uma grande produção escrita e participou de várias gravações musicais, inclusive, foi presidente do Clube do Samba, fundado em 1979, por ele e outros sambistas famosos, como Alcione, Martinho da Vila e Beth Carvalho.

Nesses sambas-enredos, que reverenciaram as quatro personalidades relacionadas ao carnaval, é inescapável uma coincidência, além do emprego da palavra *liberdade*, nosso objeto de estudo, o vocábulo *luz* está atribuindo sentidos a cada um dos sambistas. Mano Décio é a “luz da liberdade”, Candeia a “luz da inspiração”, Dona Ivone Lara a “luz radiante” e João Nogueira é “um ser de luz”.



Dona Ivone Lara – (Foto Silvana Marques – Arquivo Pessoal).

Fonte: <http://ego.globo.com/musica/noticia/2016/04/dona-ivone-lara-comemora-95-anos-da-forma-que-mais-gosta-com-samba.html>

Por sua vez, localizamos quatorze sambas-enredos em que foi empregada a palavra *liberdade*, aludindo ao Carnaval, propriamente dito, confirmando o uso da metalinguagem, da reflexão na letra sobre o próprio evento. Dessa forma, relacionamos, por ordem cronológica as escolas, os sambas, e os versos sobre o Carnaval:

1989 – Arranco: *Quem vai querer?*, “Chegou o carnaval/ Sou liberdade nessa avenida”. (Anexo 54)

1990 – Unidos da Tijuca: *E o Borel descobriu... navegar foi preciso*, “Por mares nunca dantes navegados/ Meu Brasil vem empolgado/ (...) / São caravelas/ Ventos da liberdade e amor / E nessa onda/ Seu Cabral nos encontrou”. (Anexo 61)

1990 – Unidos de Lucas: *O magnífico Niemeyer*, “Chegou a hora, o Galo cantou/ Liberdade, liberdade! / Brasília você é bonita”. (Anexo 62)

1992 – Mangueira: *Se todos fossem iguais a você*, “É carnaval/ É a doce ilusão/ É a presença de vida no meu coração/ Vem... vem amar a liberdade/ Vem cantar e sorrir/ Vem em um mundo melhor/ Vem... meu coração está em festa”. (Anexo 71)

1997 – Boi da Ilha do Governador: *Galanga no Congo, Chico Rei em terras de Vila Rica*, “Inspirado na coragem vou pedindo passagem/ Liberdade, liberdade”. (Anexo 91)

1999 – Unidos da Ponte: *O samba é a minha voz*, “Bumbum, paticumbum, ziriguidum/ Liberdade, liberdade! / Kizomba foi o sonho que sonhei”. (Anexo 101)

2000 – Acadêmicos do Grande Rio: *Carnaval à vista*, “Verdade/ Se tornou realidade/ Enfim o carnaval da liberdade/ Pega o tambor, me leva que eu quero ir/ Amor vem fazer sorrir”. (Anexo 108)

2002 – Acadêmicos da Barra da Tijuca: *Da magia imperial ao atual cenário republicano, mas podem me chamar de tijucano*, “Tijuca é poema/ É nossa liberdade de viver/ Na praça, teatro, cinema/ Sou tijucano pra valer”. (Anexo 121)

2003 – Unidos do Porto da Pedra: *Os donos da rua, um jeitinho brasileiro de ser*, “Lá vou eu/ Sou bem malandro e sou fã da liberdade... / Lá vou eu/ Sou o Tigre, eu sou dono da cidade”. (Anexo 143)

2004 – Difícil é o Nome: *Vinte anos de glória da LIESA*, “Quando um grupo de amigos bambas/ De dez escolas de samba/ Ecoando a voz da liberdade/ Fundou nossa liga independente”. (Anexo 150)

2005 – Paraíso do Tuiuti: *Cravo de ouro, eu também sou da lira e não quero negar*, “Cinema, cultura e arte / Liberdade, não calem a nossa voz/ Gira a baiana a anunciar/ Quem é do samba não pode faltar”. (Anexo 159)

2008 – Acadêmicos do Dendê: *Lendas à brasileira, com gosto de manga e perfume de jasmim*, “minha escola vai brilhar/ Lendas de paz e amor, assombrações e pavor/ De heróis e liberdades”. (Anexo 187)

2009 – Imperatriz Leopoldinense: *Imperatriz... Só quer mostrar que faz samba também!*, “O grito de campeão vem/ Arlindo, o que é que a Bahia tem/ Com Lamartine és a mais bela/ Liberdade, liberdade na passarela”. (Anexo 196)

2012 – Estácio de Sá: *Luma de Oliveira: coração de um país em festa*, “No Cordão da Bola Preta, a fantasia / Cinelândia, onde tudo acontecia/ Arlequins, pierrôs e colombinas/ Onde a liberdade predomina”. (Anexo 221)

Nesse agrupamento, destacamos que a Semana de 22 foi enaltecida nos versos da Unidos da Tijuca, em 1989, escultores, pintores e poetas foram reverenciados no seu papel artístico, inclusive os autores de enredo alegaram que “até o meu Borel ganhou uma cor bem mais viril”. Desperta-nos a atenção a maneira irônica com que se referiram a Dom João VI: “Foi João, foi/ Dom rei fujão/ Que trouxe a missão/ Que fez da arte a profissão” (Anexo 56), afinal poucos sambas trataram personalidades históricas com críticas, sátiras e deboches, de forma direta, nos sambas-enredos aqui coletados.

O samba-enredo da Império Serrano, 2007, apresentou críticas à dificuldade em se conviver na adversidade, com os diferentes, os loucos, e ser eficiente com a arte. A convivência harmoniosa é, para eles, a maneira de se chegar à felicidade. Encerram a canção perguntando aos pintores, escultores, poetas, foliões, interlocutores “Será que existe? / Limite entre a loucura e a razão”. (Anexo 180)

Importante verificar que, aliada ao tema das artes, a religiosidade também foi inscrita pela Renascer de Jacarepaguá, 2012, ao homenagear o pintor Romero Brito, “Deus mora na inspiração” e “Do alto do morro o Redentor abraça o gênio”.

A respeito dos quatro carnavalescos reverenciados com a inscrição da palavra *liberdade*, devemos considerar que eles passaram a ocupar o lugar das personalidades históricas oficiais da nossa memória. Parece-nos que os dirigentes das escolas de samba e os autores dos sambas-enredos compreenderam a necessidade de apontar, num discurso metalinguístico e intertextual, a questão da memória dos seus próprios produtores. Afinal, se a história oficial cuidava das nossas personalidades mais destacadas na política, na cultura e na literatura, por exemplo, a eles, que mais vivenciavam o carnaval, competiria falar sobre os integrantes da sua comunidade. Quem poderia saber mais sobre Mano Décio, Candeia, Dona Ivone e João Nogueira?

Imprescindível destacarmos, nessas composições, a predominância do foco narrativo na primeira pessoa do singular naqueles sambas-enredos que trazem alusões ao carnaval, no contexto do emprego do vocábulo liberdade, naqueles anos de 1989 a 2012. Os autores participam da enunciação, a sua experiência é a vivida, a presenciada e testemunhada. A escrita em primeira pessoa é o reconhecimento da urgência de se posicionar como sujeito ativo, pertencente a sua escola. Ao escrever em primeira pessoa, também se permite que os espectadores se solidarizem com a agremiação dos autores e abrem-se todas as possibilidades que os pronomes “eu” e “nós” podem proporcionar, bem diferente de “ele” e “eles”. O outro passa a ser nós, em várias composições carnavalescas.

#### **4.11 – A LIBERDADE E AS SIGNIFICAÇÕES DIFUSAS**

A seguir, apontaremos 33 exemplos do emprego da palavra *liberdade* em significações difusas. São escritas diversas que refletem sobre o estrangeiro, a celebração da bonança, a homenagem ao nordeste “tão sofrido e sem amparo”, a denúncia de que a liberdade não raiara, o gozo propiciado pela liberdade nos braços da Escola de Samba, a primavera – espetáculo das flores, liberdade é religião, o meu ideal, a liberdade de criticar o governo Collor: “Eu sou cara pintada”, a liberdade no rincão, em qualquer parte, liberdade como a do passarinho, a denúncia das prisões injustas, a liberdade sendo reluzida pela luz da lua, “na maré cheia”, a liberdade da necessidade de “vestir a camisinha, meu amor”, a liberdade de escrever um final feliz, a liberdade exercida nas máscaras e nas pinturas, a liberdade aliada à igualdade, a liberdade no vento vendaval, a liberdade no progresso social, “na luta por dignidade”. É o que nos comprovam estes excertos:

1986 – Caprichosos de Pilares: *Brazil não seremos jamais... ou seremos?*”: “Contra o que vem de lá/ Canto a liberdade/ Meu hino, minha verdade/ A feijoada e o vatapá”. (Anexo 41)

1986 – Império Serrano: *Eu quero*: “Cessou a tempestade, é tempo de bonança/ Dona liberdade chegou junto com a esperança”. (Anexo 42)

1988 – São Clemente: *Quem avisa amigo é*: “O nordeste tão sofrido e sem amparo/ Cidade grande, a polícia e o ladrão/ Se defendendo do monstro da inflação/ Liberdade/ Quero mudar/ O meu canal para outro mundo”. (Anexo 50)

1990 – Unidos de Vila Isabel: *Direito é direito*: “É hora da verdade/ A liberdade ainda não raiou/ Queremos o direito de igualdade/ Viver com dignidade”. (Anexo 57)

1990 – Acadêmicos de Santa Cruz: *Os heróis da resistência*: “Por favor, não apague a luz! Goze desta liberdade/ Nos braços da Santa Cruz”. (Anexo 59)

1992 – Tradição: *O espetáculo maior... as flores*: “Um mistério de magias sem igual/ Fez a primavera multicolor/ (...) / Uma sensação de liberdade, devia ser o símbolo da paz”. (Anexo 72)

1992 – Unidos do Viradouro: *E a magia da sorte chegou*: “A cada passo, a poeira levanta do chão/ Ferreiro, feiticeiro, bandoleiro/ A liberdade é a sua religião”. (Anexo 73)

1994 – Caprichosos de Pilares: *Estou amando loucamente uma coroa de quase 90 anos*: “O amor viaja na lembrança/ Eu pinto a cara de esperança/ A liberdade faz meu ideal”. (Anexo 78)

1994 – São Clemente: *Onde vai a corda vai a caçamba ou uma andorinha só não faz verão*: “Sai pra lá bicho malandro que eu sou cara pintada/ Fomos às lutas e ganhamos a parada/ Brilhou o sol da liberdade”. (Anexo 80)

1996 – Unidos de Vila Isabel: *A heroica cavalgada de um povo*: “Brilha no ar a senhora liberdade/ E no rincão um canto de felicidade”. (Anexo 89)

1998 – Canários das Laranjeiras: *Livre como um passarinho*: “Eu vou brindar a liberdade/ E voar nas asas da ilusão/ E colorir toda a cidade”. (Anexo 93)

1998 – Unidos do Porto da Pedra: *Samba no pé e mãos ao alto: isto é um assalto*, “Um viva à liberdade/ E paz no coração/ Meu tigre é só amor/ Mas sem razão caiu na prisão”. (Anexo 105)

2000 – Acadêmicos da Rocinha: *O sonho da França Antártica de Villegagnon*: “Quando a lua no céu vagueia/ Despontando na maré cheia/ Reluz a liberdade/ O paraíso da felicidade”. (Anexo 105)

2002 – Foliões de Botafogo: *Deus ajuda a quem cedo madruga*: “Brilhou no horizonte/ Desperta trabalhador/ Com as bênçãos do criador/ Agradeço pelo novo dia”. (Anexo 123)

2002 – Império Serrano: *Aclamação e coroação do imperador da pedra do reino: Ariano Suassuna*, “Cabra macho, firmeza, que emoção/ Liberdade, esperança, ressurreição/ A bondade, a maldade no coração/ Amor, verdade, eu encontro nesse chão”. (Anexo 125)

2003 – Acadêmicos do Cubango: *Cândido Mendes, um século de paixão na história da educação*: “Eu vou ao paço... / Que eu não passo sem você/ Tradição e liberdade, vem ver”. (Anexo 133)

2003 – Império Serrano: *E onde houver trevas, que se faça a luz*: “E a paz, desejo da humanidade/ Se faz com liberdade e igualdade/ Feliz, muito feliz”. (Anexo 144)

2004 – Acadêmicos do Grande Rio: *Vamos vestir a camisinha meu amor!*: “Eu vou brincar, curtir, vou sacudir essa cidade/ GLS, adolescentes, gente da melhor idade/ Num grito de liberdade/ Saúde e vigor quero ter pra ver/ O milagre da vida acontecer”. (Anexo 147)

2004 – Unidos da Vila Kennedy: *Que rei sou eu?*: “Essa estátua que surgiu, liberdade/ Simboliza o poder da nossa atualidade/ Segue a humanidade”. (Anexo 149)

2006 – Acadêmicos do Cubango: *Na magia da escrita, a viagem do saber*: “Um novo mundo repleto de paz/ Na liberdade que eu sempre quis/ Escrevo um final feliz” (Anexo 162)

2006 – Arranco: *Uéledés, o retrato da alma*, “Mascarei a liberdade/ E pintei poder e fê” (Anexo 164)

2006 – Beija-Flor: *Poços de Caldas derrama sobre a terra suas águas milagrosas: Do caos inicial à explosão da vida, a nave mãe da existência*: “Surgem civilizações/ Com arte e sabedoria/ A liberdade de buscar/ Um novo mundo conquistar”. (Anexo 165)

2006 – Mocidade Independente de Padre Miguel: *A vida que pedi a Deus*: “E amanhã, quando brilhar o novo amanhecer/ Com liberdade e igualdade/ Será um mundo bem melhor para se viver”. (Anexo 169)

2006 – São Clemente: *De Gonzagão a Gonzaguinha: Em vida de viajante*: “Amar a mulher e a pureza da criança/ No futuro há esperança/ Com liberdade sonhar”. (Anexo 170)

2011 – Mocidade Independente de Padre Miguel: *Parábola dos divinos semeadores*: “Uma luz no céu brilhou, liberdade! / Meu coração venceu o medo”. (Anexo 213)

2011 – Unidos de Vila Isabel: *Mitos e histórias entrelaçadas pelos fios de cabelos*: “Respeite a coroa e meu pavilhão/ A desfilarmos na avenida / Carrega os filhos de Isabel, da liberdade/ É minha vida, é a vila”. (Anexo 214)

2011 – Unidos do Porto da Pedra: *O sonho sempre vem pra quem sonhar*: “A bruxa boa vem aí, eu quero ver! / O saboroso elixir, eu vou provar! / No vento vendaval da liberdade/ Um samba de verdade vai passar”. (Anexo 216)

2012 – Acadêmicos da Grande Rio: *Eu acredito em você! E você?* “Me dê a sua mão por liberdade/ Sou brasileiro, mandei a tristeza embora/ Eu ‘tô’ sentindo que chegou a nossa hora”. (Anexo 218)

2012 – Alegria da Zona Sul: *Os saltimbancos*: “Lutar.../ A liberdade tão sonhada conquistar/ Com força e coragem/ A felicidade, eu hei de encontrar”. (Anexo 219)

2012 – Vizinha Faladeira: *A essência da vida... o progresso social sob a liberdade e igualdade*: “Quero igualdade, dignidade, romper barreiras/ Tenho os meus direitos/ Exijo respeito e hoje vou me declarar/ Raiou o sol da liberdade tão sonhada”. (Anexo 226)

2013 – Inocentes do Belford Roxo: *As sete confluências do Rio Han*: “O destino soprou, saudade/ Um porto seguro, o futuro revela/ Um bom retiro de esperança e liberdade/ Sinto a emoção”. (Anexo 228)

2013 – Mocidade Independente de Padre Miguel: *Eu vou de Mocidade com samba e Rock in Rio – por um mundo melhor*: “Em verde e branco reluziu/ Um sonho de amor e liberdade/ De lama então, a flor se abriu/ Cantei a paz, a igualdade”. (Anexo 229)

2013 – Unidos do Cabuçu: *O mestre-sala dos mares*: “Ecoou... Um grito de liberdade/ Florescendo a igualdade/ Na ‘luta’ por dignidade”. (Anexo 231)

Esses trinta e três sambas-enredos, escritos entre os anos de 1986 a 2013, ilustram, significativamente, a importância atribuída a um novo conceito de liberdade. A liberdade sem um qualificativo específico. Talvez, pudéssemos escrever assim – a liberdade de ir e vir, de não se estar preso(a) a nada. Uma liberdade em seu conceito mais abstrato possível por não ser, ou ser além, das liberdades tão conhecidas, políticas, econômicas, filosóficas. A liberdade por ela mesma.

Nessa perspectiva, há de se considerar que somente no período democrático de nosso país é que os autores dos sambas-enredos puderam ampliar o significado da palavra *liberdade*. Não que eles não soubessem das potencialidades múltiplas desse vocábulo; é que o contexto dos períodos autoritários era desfavorável para fazê-lo.

Foi uma questão de estratégia, de sobrevivência discursiva, empregar a palavra liberdade a heróis de há muito consagrados como Isabel, Tiradentes, Dom Pedro I, Deodoro, José do Patrocínio, Castro Alves e ressignificar Zumbi, Chica da Silva, Chico Rei, Chiquinha Gonzaga, todos personalidades pertencentes a um passado distante do



momento da escrita, o que não significa afirmar que os autores estavam evadindo-se no tempo para distanciar do presente. Muito pelo contrário, escrever sobre aqueles homens e mulheres era uma forma de dizer que o hoje estava prisioneiro do ontem e que a liberdade ainda era um ideal, um objetivo, uma meta a ser conquistada.

E nesses escritos sobre as significações difusas, fica evidente a crítica direta, bem explícita, escancarada, dos autores sobre a nossa realidade, a exemplo daquele samba-enredo da São Clemente, de 1988, que denuncia a realidade de um nordeste “sofrido e sem amparo”, da polícia e do ladrão, na cidade grande “se defendendo do monstro da inflação”. Nessa direção, a Vila Isabel, 1990, acrescentou que “a liberdade ainda não raiou”. A São Clemente, 1994, posicionou-se politicamente nestes versos: “sai prá lá bicho malandro que eu sou cara pintada/ Fomos às lutas e ganhamos a parada”. Uma crítica direta ao sistema que não poderia ser efetuada nos momentos de opressão.

#### **4.12 – A LIBERDADE E A ESCRAVIDÃO**

Nesse agrupamento, vamos destacar que as produções sobre o tema da escravidão, no que diz respeito ao emprego da palavra liberdade, permanecem em número expressivo. Intentando colaborar para a apresentação dos escritos desse último conjunto, decidimos apresentar os sambas-enredos nos seguintes subgrupos: O centenário da Lei Áurea e a Princesa Isabel, Zumbi e outros referentes negros (Ganga Zumba, Chico Rei, Rainha Ginga, Agotime), Palmares, África e a escravidão propriamente dita.

##### **4.12.1 – O CENTENÁRIO DA LEI ÁUREA E A PRINCESA ISABEL**

Em 1988, na ocasião das comemorações do centenário da abolição da escravidão negra no Brasil, a Lei Áurea vai ocupar o lugar da “autora”, a Princesa Isabel. Apresentemos, então, os quatro sambas-enredos em que se destacam a palavra *liberdade*<sup>38</sup>:

---

<sup>38</sup> Sobre o fim da escravidão é importante verificar que Lilia Schwarcz e Heloisa Starling afirmam que “o Treze de Maio redimiu 700 mil escravos que representavam, a essas alturas, um número pequeno no total da população geral, estimada em 15 milhões de pessoas. Mesmo assim, a penada da princesa não foi simples manipulação política, e de fato oficializou e acabou por encerrar o final desse sistema, ao menos nas bases mercantis, que insistia em perseverar no Brasil”. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 310)

1988 – Mangueira: *Cem anos de liberdade, realidade e ilusão*: “Será... / Que já raiou a liberdade/ Ou se foi tudo ilusão/ Será.../ Que a Lei Áurea tão sonhada/ Há tanto tempo assinada/ Não foi o fim da escravidão/ Hoje dentro da realidade/ Onde está a liberdade/ Onde está que ninguém viu”. (Anexo 47)

1988 – Portela: *Lenda carioca, os sonhos do vice-rei*: “Está fazendo um centenário/ A Portela em louvação/ Voa com a liberdade/ A águia e o negro num só coração”. (Anexo 48)

1988 – Império Serrano: *Para com isso, dá cá o meu*: “O rio é negro e negro luta pelo Rio/ Buscando a liberdade, enfrentando desafio/ O Rio é negro e é negra essa nação/ Vamos firmes nessa luta/ Proclamando a abolição”. (Anexo 49)

1988 – Beija-Flor: *Sou negro, do Egito à liberdade*: “Eu sou negro, e hoje enfrento a realidade/ E abraçado à Beija-Flor, meu amor/ Reclamo a verdadeira liberdade/ Raiou o sol, e veio a lua/ Eu sou negro, fui escravo/ E a vida continua/ Liberdade raiou, mas igualdade não, não, não, não!”. (Anexo 51)

Observemos que, dos quatro sambas-enredos mencionados nas celebrações do centenário da Lei Áurea, nos trechos destacados sobre a liberdade, três escolas apresentaram, em forma de protesto, a realidade percebida pelos seus autores. A Mangueira, por exemplo, iniciou o samba questionando se a Lei Áurea, depois de tanto tempo assinada, teria posto, de fato, fim à escravidão. O tempo da denúncia é o presente, o agora, o “hoje dentro da realidade”. Questionam-se por onde está a liberdade, não vista por ninguém. A Império Serrano apresentou um samba de exaltação do negro, o negro carioca, brasileiro, convidando a todos nós para seguirmos firmes nessa luta e proclamar uma nova abolição. A Beija Flor reclama “a verdadeira liberdade”. O escritor também se assume negro e ex-escravizado, garantindo que a “liberdade raiou”, “mas a igualdade não, não, não, não!”, reiterando esse advérbio de negação por excelência para enfatizar o seu posicionamento crítico. Se a autora da Lei Áurea não foi mencionada nesses sambas-enredos do centenário da abolição, nos anos subsequentes a imagem dela será retomada:

1989 – Imperatriz Leopoldinense: *Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós*: “Pra Isabel, a heroína/ Que assinou a lei divina/ Negro dançou comemorou o fim da sina”. (Anexo 52)

1991 – Foliões de Botafogo: *África, Palmares em festa*: “Liberdade raiou/ A Princesa Isabel/ A Lei Áurea assinou/ A escravidão no Brasil terminou”. (Anexo 70)

2003 – Mocidade Independente de Inhaúma: *Ilê Saim à nação malê*: “Glórias à princesa que, afinal, assinou a redenção/ Sou livre, sou negro, sou raiz/ Nessa folia sou um rei, sou feliz/ Nas asas da liberdade/ Vou voar com a mocidade”. (Anexo 140)

Assim percebemos que nos anos subsequentes ao centenário da Lei Áurea, 1989, 1991 e 2003, a memória da Princesa Isabel, no que se refere à inscrição da liberdade, permaneceu enaltecida. Há de se considerar, também, que falar sobre ela é falar sobre a memória do Rio de Janeiro e da escravidão. E essa fala, essa escrita, por mais que possam ser questionadoras, com relação à permanência das desigualdades étnicas e raciais, não visam a reduzir o valor da carta assinada pela Princesa. Parece-nos que, para os compositores, ela cumpriu o seu papel, por exemplo, igual a Cabral diante da “descoberta”, Tiradentes, na Inconfidência, Dom Pedro I, no grito da Independência.

#### **4.12.2 – ZUMBI E OUTROS REFERENTES NEGROS**

Do mesmo modo que a Princesa Isabel, Zumbi permanecerá como uma referência importante na luta contra a escravidão, especialmente na memória coletiva dos compositores dos sambas-enredos. Abaixo, apresentamos quatro textos a ele aludidos no emprego da palavra *liberdade*. Nessa perspectiva, também inserimos, no contexto das personalidades negras, Ganga Zumba, Chico Rei, Rainha Ginga (africana de Angola) e Agotime (da Casa das Minas, em São Luís do Maranhão).

2003 – Paraíso da Alvorada: *Revoluções e revoltas no Brasil de Palmares*: “Enfim, raiou o sol da liberdade/ E assim surge o Quilombo de Palmares/ E Ganga Zumba sucumbiu, surgiu Zumbi/ (...)/ A Alvorada é o meu Quilombo/ Paraíso é liberdade/ Rei Zumbi é estrela guia”. (Anexo 141)

2006 – Mocidade de Vicente de Carvalho: *África, alma gêmea brasileira*: “Zumbi guerreiro valente/ Conquistou terras no Brasil colonial/ A liberdade foi a voz da igualdade”. (Anexo 168)

2008 – Acadêmicos da Rocinha: *Rocinha minha vida, nordeste minha história*: “Lutas, em cada canto uma esperança, uma razão/ Zumbi valente não se rende à opressão/ E vai buscar a liberdade”. (Anexo 186)

2010 – Unidos de Vila Santa Tereza: *Que rei sou eu/ Do castelo real à corte do carnaval*: “No mundo animal manda o leão/ Na mata Oxossi é soberano/ Candaces não perderam a majestade/ Zumbi só quis pro negro liberdade/ Rei momo abre as portas pra folia”. (Anexo 208)

Importante registrarmos que Zumbi e Isabel foram as personalidades que mais se destacaram nos três ciclos que constituem essa pesquisa. Ao longo dos 70 anos de abrangência dos nossos estudos, o líder maior do Quilombo de Palmares e a Princesa que assinou a Lei Áurea foram homenageados em vários sambas-enredos que trataram desse nosso objeto de estudo. Um homem negro do período colonial que comandou o maior quilombo de nossa história e uma mulher do país de economia independente, que ainda mantinha a indústria da escravidão, mas que contribuiu, politicamente, para o seu fim, ao menos em documentos oficiais.

Mencionar essas duas personalidades, ao longo dos tempos, é reconhecer a importância do papel desempenhado por elas, cujo comparecimento nos escritos supera outras personalidades históricas, como Cabral, D. Pedro I, Deodoro, por exemplo.

Em 2001, a Acadêmicos do Engenho da Rainha, com *51 anos, uma boa ideia*, um samba-enredo que homenageou os cinquenta e um anos da escola, rememorou Carlota Joaquina, Carlos Cachça, o povo carioca e Ganga Zumba, líder palmarino “Fui Ganga Zumba/ Sou grito de liberdade/ Ecoando pela cidade”. (Anexo 115)

Chico Rei foi homenageado pela Boi da Ilha do Governador, 1997, no samba-enredo *Galanga no Congo, Chico em terras de Vila Rica*, com esses versos “Cativando esse povo/ A luz da liberdade floresceu/ Na congada e na religião/ Coroado pelas mãos que o nobre mereceu”. (Anexo 91)

A Rainha Ginga, Nizinga Mbande Ngola Kiluanji (1582 a 1663), que também adotou o nome português Dona Ana de Sousa, foi soberana dos Jagas em Angola. Firmara um pacto de paz com portugueses e holandeses em seu tempo. É uma das personalidades negras reverenciadas no carnaval e nas congadas. Dessa forma, a Unidos do Bangu, 1991, com “Ginga, Palmares e liberdade”, escreveu sobre essa líder africana “Ginga, rainha negra linda de Angola/ Ginga liberdade ou morte/ (...) / Liberdade, liberdade/ Rainha Ginga/ Sonho de felicidade/ Oh, luz infinita!”. (Anexo 68)

Em 2001, a Beija-Flor com o samba-enredo *A saga de Agotime, Maria Mineira Naê*, homenageou Agotime, outra rainha africana, de Daomé, quem conhecia e praticava, segundo relatos da tradição oral, cultos dos Voduns e rituais dançantes dos povos Djeje. A Casa das Minas, terreiro histórico do Maranhão foi o local em que os valores culturais e religiosos trazidos por Agotime e seus descendentes foram estabelecidos. Eis os versos sobre a líder política e religiosa, no contexto da liberdade: “Maria Mineira Naê/ Agotime do clã de Daomé/ (...) / Chegou nessa terra santa/ Bahia viu a Nação Nagô ô ô/ E através

dos orixás/ O rumo do seu povo encontrou/ Brilhou o ouro, com ele a liberdade”. (Anexo 114)

#### 4.12.3 – PALMARES

O maior quilombo de nossa história, Palmares teve a sua primeira referência na condição de tema de uma escola de samba pela Salgueiro, em 1960. Nesse período, foram escritos, em dez sambas-enredos (de 1986 a 2009), textos que apontam Palmares como o espaço, o lugar em que foi possível exercer a liberdade, nos tempos da escravidão. Relevante verificarmos que o verbo ecoar apareceu em 90% desses sambas-enredos dedicados ao maior quilombo de nossa história.

1986 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: *Ganga Zumba raiz da liberdade*: “O rufar dos atabaques/ Ecoava pelos ares/ No grito de liberdade/ Do quilombo de Palmares”. (Anexo 38)

1990 – Independentes de Cordovil: *Cantares ao meu povo (Solano Trindade)*: “Ecoou ô ô ecoou/ O canto da liberdade/ Todo negro que fugia/ Pensava livre viver/ Palmares, sonho de uma nação”. (Anexo 60)

1991 – Unidos do Jacarezinho: *Sou negro, sou raça, sou gente*: “No Quilombo de Palmares/ Nem o banzo recuava/ Surgiu um grito forte/ Na aldeia ecoou liberdade”. (Anexo 66)

1996 – Unidos da Tijuca: *Ganga-Zumbi, expressão de uma raça*: “Ecoou, novamente o atabaque de Palmares/ Ressoou, é canto, é dança, é festa, é liberdade/ Salve a força da cor guerreira/ Herdeiros de Zumbi”. (Anexo 88)

2000 – Foliões de Botafogo: *Palmares em festa*, “Ecoou tambores, matizes, Palmares/ Terra sagrada, consagrada por um rei/ Mito de esperança e liberdade”. (Anexo 109)

2001 – Arrastão de São João: *Palmares, um canto de liberdade*: “Despontou.../ Um ideal de liberdade/ Ecoou.../ Um grito forte nos Palmares/ Brasil”. (Anexo 117)

2001 – Unidos de Vila Santa Tereza: *Palmares, a festa da liberdade*: “Um grito forte ecoou/ Ao som do atabaque à igualdade/ A Vila Santa Tereza vem mostrar sua beleza / Sou Palmares, sou festa da liberdade”. (Anexo 119)

2003 – Caprichosos de Pilares: *Zumbi, Rei de Palmares e herói do Brasil. A história que não foi contada*: “– Quero ser livre/ Esse lamento ressoou na sociedade/ Que

tem as chaves/ Mas prende seus heróis na marginalidade/ Vi nos olhos verdes do holandês outro país/ Caiu Palmares, liberdade não se mata na raiz”. (Anexo 136)

2003 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: *Ganga-Zumba, a raiz da liberdade*: “O rufar dos tambores/ Ecoava pelos ares/ No grito de liberdade/ Do quilombo de Palmares”. (Anexo 174)

2009 – Mocidade Independente de Inhaúma: *Gritos de liberdade*: “É Ganga Zumba, é Zumbi Rei dos Palmares/ Seus gritos de liberdade ecoam pelos ares”. (Anexo 197)

Podemos verificar que os excertos supracitados acerca de Palmares dialogam entre si, apresentam um discurso que se associa à liberdade, por meio da resistência. Comumente, Zumbi e Ganga Zumba, seus principais líderes são reverenciados como exemplos notáveis de heroísmo. É a escrita sobre a liberdade, muito provavelmente pela parcela da população que dela foi a mais desprovida, e que encontra na memória cultural a sua identidade, a sua força expressiva, o seu grito que ecoa na avenida e para além dela.

#### 4.12.4 – ÁFRICA

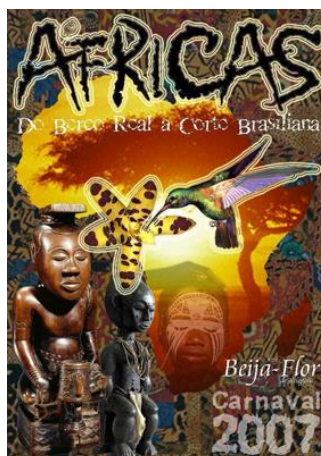
Apresentamos, a seguir, quatro sambas-enredos, escritos no período de 1986 a 2000, em que se inscreveu a *liberdade* relacionada à África. África, um lugar em que o negro tinha as suas próprias regras e era livre. África, o berço da sabedoria. África, a raiz mãe. África, Angola, navio negreiro.

1986 – Tradição: *Rei senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô*: “O negro lá na África era um rei/ Foi artesão, foi caçador/ Guerreiro, feiticeiro, camponês/ Exímio dançador/ Tinha sua própria lei/ E a liberdade sem favor”. (Anexo 43)

1994 – Portela: *Quando o samba era samba*: “África encanto e magia/ Berço da sabedoria/ Razão do meu cantar/ Nasceu a liberdade a ferro e fogo/ A mãe negra abriu o jogo/ Fez o povo delirar”. (Anexo 77)

1998 – Império Serrano: *Sou ouro negro da mãe África*: “Vim da África/ Minha raiz mãe tesouro/ A liberdade é meu ouro/ Sou negro sim senhor”. (Anexo 95)

2000 – Tradição: *Liberdade! Sou negro, Raça e Tradição*: “Liberdade/ Sou negro, raça e Tradição/ Vim de Angola, da minha mãe África/ Num navio negreiro clamando por Zumbi”. (Anexo 110)



Cartaz de divulgação do enredo da Beija Flor 2007.

Fonte: <http://www.apoteose.com/siteantigo/beija-flor/sinopse2007.htm>

A África aqui representada como referência da liberdade é um lugar de origem e de orgulho para aqueles que reescrevem a sua história. Aquele continente de diversidades étnicas, heterogeneidades, foi sempre representado, nos sambas-enredos, sem os seus conflitos de variadas ordens. A imagem da África, aqui, é também idealizada porque o propósito é exaltar o seu lugar, a sua história, a sua identidade como contraponto à história contada por outros sujeitos de fora, que muitas vezes desprezaram ou trataram as culturas daquele continente de forma pejorativa, procurando justificativas sociais, econômicas e históricas para legitimarem performances eurocêntricas. Portanto, os escritores dos sambas-enredos estavam realmente conscientes de que era necessário construir um novo discurso sobre o negro, sobre Palmares, sobre a África – afinal, eles eram parte de uma história silenciada que teria de ser ecoada nas passarelas e, quem sabe, para além delas.

#### **4.12.5 – A ESCRAVIDÃO**

A seguir, apontamos, do período de 1989 a 2013, 26 sambas-enredos que abordam a escravidão propriamente dita. Igual aos períodos anteriores, os compositores permaneceram denunciando as heranças daquele regime, o preconceito, a discriminação, a desigualdade e outras injustiças. Dentre tantas leituras permitidas nesses escritos, destaquemos que, não é incomum, o narrador se identificar como negro, numa espécie de voz testemunhal, ao escrever sobre o nosso passado histórico.

E se se escreve sobre os espaços dolorosos, senzalas e navios negreiros, a cultura sempre emerge como superação em danças, jongs e capoeiras. Se a indústria da

escravidão foi implacável e o negro ainda permaneceu em posições desfavoráveis, é no samba-enredo que ele também poderá superar o sofrimento. Afinal, segundo os escritores da música para o Carnaval “negro é de ouro”, “negro é virtude”, “Negro tem força, tem raça”, “negro é rei”, “negro não humilha e nem se humilha a ninguém”. Observemos os versos:

1989 – Acadêmicos do Salgueiro: *Templo negro em tempo de consciência negra*: “Vai, meu samba vai/ Leva a dor, traz alegria/ Eu sou negro sim, liberdade e poesia/ E na atual sociedade, lutamos pela igualdade”. (Anexo 53)

1991 – São Clemente: *Já vi esse filme*: “Na evolução do tempo veio a voz da liberdade/ Com a corda no pescoço/ Se calou sem piedade”. (Anexo 65)

1991 – Império do Marangá: *Do império do Congo à coroação de reis*: “Agoiê é agoiê, era o lamento do negro/ Na senzala do senhor/ Com a sonhada liberdade/ Seu talento se alastrou/ Danças, jongs e capoeiras/ Demonstram seu valor”. (Anexo 69)

1993 – Acadêmicos de Santa Cruz: *Quo vadis, meu negro de ouro*: “A humanidade depende mim/ Sou liberdade e poder enfim/ Sou princípio, sou meio e fim/ Negro de ouro cobiçado sim”. (Anexo 74)

1996 – Acadêmicos da Rocinha: *Bahia com muito amor*: “A primeira capital/ Suor, enlace de raças/ A resistência a dor criou/ A liberdade e a consciência/ Na ladeira do Pelô”. (Anexo 85)

1999 – Lins Imperial: *Quatro damas negras*: “Sofrer jamais/ Salve a liberdade/ Peça igualdade e paz/ Sou negro sim/ Vivo a lutar/ Negro é virtude/ Razão do meu cantar”. (Anexo 99)

2000 – Beija-Flor: *Um coração que pulsa forte, pátria de todos ou terra de ninguém*: “A pátria de todos os povos então/ E o negro aqui chegou... chegou/ O seu canto de fé ecoou... ecoou/ Liberdade pra ser feliz... feliz/ O braço forte que ergueu nosso país”. (Anexo 103)

2000 – Mangueira: *Dom Obá II – Rei dos esfarrapados, príncipe do povo*: Brasil/ E a raça negra não viu/ O clarão da igualdade/ Fazer o negro respirar felicidade/ (...) / Vi no morro da Mangueira/ Sambar de porta-bandeira/ A Princesa Isabel”. (Anexo 104)

2000 – Unidos do Viradouro: *Brasil – Visões de paraísos e infernos*: “Ire, ire, pra agba yê/ O negro canta, o negro dança em liberdade/ Ire, ire pra agba yê/ Pra agba yê, felicidade”. (Anexo 113)



2001 – Império da Tijuca: *Macaé, a princesinha do Atlântico*: “O índio era o dono dessa terra/ Quando o homem branco aqui chegou/ E o negro feiticeiro vai pra mata/ No Quilombo a liberdade das amarras do senhor”. (Anexo 118)

2002 – Acadêmicos do Grande Rio: “*Os papagaios amarelos nas terras encantadas do Maranhão*”, “No balaio tem a revolução, a Balaiada! / Negro Cosme quer seu povo feliz/ O imperador das liberdades bem-te-vis”. (Anexo 122)

2002 – Unidos de Vila Rica: “Sou Rio, sou grande, sou Vila Rica do Norte”, “Mossoró de relíquias, riquezas minerais/ Deu ao liberdade, um canto de paz”. (Anexo 129)

2002 – Unidos do Viradouro: “Viradouro, vira-mundo, rei do mundo”, “Eu também sou um rei nessa magia/ Em liberdade eu peço axé/ Vou na onda do afoxé”. (Anexo 130)

2003 – Beija-Flor: “O povo conta a sua história ‘saco vazio não para em pé’ – a mão que faz a guerra faz a paz”, “E o índio muito forte resistiu/ A tortura implacável assistiu/ Enquanto o negro cantava saudade/ Da terra mãe de liberdade”. (Anexo 131)

2003 – Alegria da Zona Sul: “Festa no quilombo, na coroação de um rei negro”, “Foi no quilombo a consagração/ Liberdade, um grito forte ecoou... / De um povo guerreiro / De seus costumes neste solo semeou”. (Anexo 134)

2005 – Paraíso da Alvorada: “Realidade ou ilusão? O paraíso conta a abolição”, “E desprezadas pela força da ambição/ Mas a liberdade tão sonhada/ Foi alcançada no clamor da abolição”. (Anexo 158)

2005 – União de Jacarepaguá: “Iriruama, arara o ama, por toda a eternidade”, “O tempo passou, o progresso chegou/ Trouxe a realeza/ O negro sorriu, se livrou das correntes, / Liberdade!”. (Anexo 160)

2006 – Acadêmicos do Dendê: “Com trabalho e cultura os afrodescendentes constroem o Brasil”, “O negro tem força, tem raça/ Bota a mão na massa, constrói a nação / Lutando por liberdade/ Herança dessa africanidade”. (Anexo 163)

2007 – Alegria da Zona Sul: “Negro não humilha e nem se humilha a ninguém, todas as raças já foram escravas também”, “Liberdade/ Há mais de dois mil anos atrás/ O homem já implorava aos deuses/ Através das civilizações/ O fim dessa cruel escravidão” (Anexo 176)

2007 – Mocidade Independente de Inhaúma: “A negritude está em festa! Um rei negro é coroado no quilombo da Mocidade”, “Orgulhosamente os quilombolas/ Cantam

e dançam em nosso carnaval/ Um grito de liberdade/ Se tornou realidade/ O negro é rei no quilombo Mocidade”. (Anexo 181)

2008 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: “De braços abertos, o Engenho embala a África em berço esplêndido”, “Nesta festa popular/ Seu canto de lamento é liberdade/ Entre senzalas o grito ecoou/ (...) / Majestosamente, viva o axé dos orixás/ Dom Obá ou Ganga Zumba/ Liberdade eu peço paz”. (Anexo 188)

2008 – Mocidade de Vicente de Carvalho: “Brasil, país mulato”, “O negro é rei/ Filho da nação Yorubá e Nagô/ É a voz da liberdade/ Foi Oxum quem abençoou”. (Anexo 191)

2008 – Unidos de Vila Isabel: “Trabalhadores do Brasil”, “Nativa cor que foi presente/ Pintou as dores da escravidão/ A resistência mudou de cor e renasceu/ Com a força e a fé do negro/ E ao quilombo ascendeu/ Nosso ideal de liberdade”. (Anexo 193)

2011 – Caprichosos de Pilares: “Gente humilde”, “Um grito de liberdade ecoou.../ O negro vibrou, maior confusão/ ‘Tá tudo lotado’ a casa caiu!!!/ Botar abaixo foi a solução...”. (Anexo 212)

2012 – Beija-Flor: “São Luiz? O poema encantado do Maranhão”, “Mensageiro da dor/ Liberdade roubou dos meus lugares/ Rompendo grilhões, em busca da paz/ A força dos meus ancestrais”. (Anexo 220)

2013 – Unidos do Viradouro: “Diego Nicolau”, “Ôôôôôô/ O negro canta o amor e a liberdade/ É meu quilombo em festa eu vou dançar/ Africanidade/ Pega no ganzê, pega no ganzá”. (Anexo 232)

O samba vai levar a dor e trazer a alegria, é um sujeito negro que luta pela igualdade e, mesmo diante de um período de avanço tecnológico, em todos os setores, em que as favelas, as comunidades são alcançadas pela internet, por exemplo, os compositores atuais ainda falam de senzalas e de navios negreiros com o objetivo de dizer do passado, para superar as desigualdades presentes.

Assim, verificamos que nos três sambas aqui exemplificados nesse agrupamento denominado escravidão propriamente dita, todos expostos no ano de comemoração dos 500 anos da “descoberta” do nosso país, o negro é escrito como um sujeito fundador, que sempre desejou a liberdade e por ela se empenhou. Um negro que, ainda brasileiro, não negou a sua ancestralidade africana.

Importante registrar, finalizando esse tema da escravidão, que Paul Ricœur, naquela conferência em Budapeste, afirmou que há o dever de fazer memória, de não se esquecer “O dever de memória é, muitas vezes, uma reivindicação, de uma história

criminosa, feita pelas vítimas; a sua derradeira justificação é esse apelo à justiça que devemos às vítimas<sup>39</sup>. E é essa memória da escravidão que aqui foi ressignificada pelos compositores, em forma de um alegre apelo por uma sociedade livre e igualitária. Um dever de memória, especialmente por eles, por meio de seus ancestrais, terem sido vítimas do sistema escravista. A invocação, o apelo à justiça se dá pela urgência da equidade como reparação.

A seguir, estão apresentados na Tabela 6 os 195 sambas-enredos desse ciclo acerca do emprego da *liberdade* e as respectivas escolas de samba.

**Tabela 6:** 1986 a 2013

<b>Ano</b>	<b>Escola de Samba</b>	<b>Samba-Enredo</b>	<b>Referências sobre a liberdade</b>
1986	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>Ganga Zumba, raiz da liberdade</i>	Escravidão Palmares Significações difusas
	Salgueiro	<i>Tem que tirar da cabeça o que não se tem no bolso</i>	Carnaval
	Arrastão de Cascadura	<i>Mano Décio, apoteose do samba</i>	Carnaval (Mano Décio)
	Caprichosos de Pilares	<i>Brazil não seremos jamais... ou seremos?</i>	Significações difusas
	Império Serrano	<i>Eu quero</i>	Significações difusas
	Tradição	<i>Rei senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô</i>	Escravidão (África)
	Unidos de Jacarezinho	<i>Candeia, luz da inspiração</i>	Carnaval (Candeia)
1987	Arranco	<i>Tradição de uma raça</i>	Palmares
	Império da Tijuca	<i>Viva o povo brasileiro</i>	Povo
1988	Mangueira	<i>Cem anos de liberdade, realidade e ilusão</i>	Escravidão Escravidão (Lei Áurea)
	Portela	<i>Lenda carioca, os sonhos do vice-rei</i>	Escravidão (Lei Áurea)
	Império Serrano	<i>Para com isso, dá cá o meu!</i>	Escravidão (Lei Áurea)
	São Clemente	<i>Quem avisa amigo é</i>	Significações difusas
	Beija-Flor	<i>Sou negro, do Egito à liberdade</i>	Escravidão (Lei Áurea) Significações difusas
1989	Imperatriz Leopoldinense	<i>Liberdade, liberdade! Abre as asas sobre nós!</i>	Escravidão (Princesa Isabel) República (Deodoro)
	Salgueiro	<i>Templo negro em tempo de consciência negra</i>	Escravidão
	Arranco	<i>Quem vai querer?</i>	Carnaval
	Mocidade Independente	<i>Elis, um trem chamado emoção</i>	Elis Regina
	Unidos da Tijuca	<i>De Portugal à bienal no país do carnaval</i>	Semana de Arte
	Vila Isabel	<i>Direito é direito</i>	Significações Difusas
1990	Mangueira	<i>E deu a louca no barroco</i>	Sinhá Olímpia

<sup>39</sup> Disponível em [http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia).

	Acadêmicos de Santa Cruz	<i>Os heróis da resistência</i>	Significações difusas
	Independentes de Cordovil	<i>Cantares ao meu povo (Solano Trindade)</i>	Escravidão (Palmares) Escravidão
	Unidos da Tijuca	<i>E o Borel descobriu... navegar foi preciso</i>	Carnaval (Descobrimento)
	Unidos de Lucas	<i>O magnífico Niemeyer</i>	Carnaval
	Unidos do Cabuçu	<i>Será que votei certo para presidente?</i>	Povo
1991	Acadêmicos de Santa Cruz	<i>O boca do inferno</i>	Gregório de Matos Escravidão (Palmares)
	São Clemente	<i>Já vi esse filme</i>	Escravidão
	Unidos do Jacarezinho	<i>Sou negro, sou raça, sou gente</i>	Escravidão (Palmares)
	Unidos de Cosmos	<i>Leci Brandão, nossa musa inspiradora</i>	Leci Brandão
	Unidos de Bangu	<i>Ginga, Palmares e liberdade</i>	Escravidão (Rainha Ginga) Escravidão (Palmares) Escravidão (Rainha Ginga) Escravidão
	Império do Marangá	<i>Do império do Congo à coroação de reis</i>	Escravidão
	Foliões de Botafogo	<i>África, Palmares e festa</i>	Escravidão (Princesa Isabel)
1992	Mangueira	<i>Se todos fossem iguais a você</i>	Carnaval
	Tradição	<i>O espetáculo maior... as flores</i>	Significações difusas
	Unidos do Viradouro	<i>E a magia da sorte chegou</i>	Significações difusas
1993	Acadêmicos de Santa Cruz	<i>Quo Vadis, meu negro de ouro</i>	Escravidão
	Unidos de Lucas	<i>O galo cantou e Lucas saboreou</i>	Mitologia greco-romana
	Viradouro	<i>Amor, sublime amor</i>	Independência (Tiradentes)
1994	Portela	<i>Quando o samba era samba</i>	Escravidão (África)
	Caprichosos de Pilares	<i>Estou amando loucamente uma coroa de quase 90 anos</i>	Significações difusas
	Imperatriz Leopoldinense	<i>Catarina de Médici na corte dos Tupinambôs e Tabajares</i>	França (Revolução) Indígenas
	São Clemente	<i>Onde vai a corda vai a caçamba, ou uma andorinha só não faz verão</i>	Significações difusas
	Unidos do Cabuçu	<i>Brajiru, meu Japão brasileiro</i>	Japão
	Viradouro	<i>Tereza de Benguela – uma rainha negra no Pantanal</i>	Tereza de Benguela
1995	Leão de Nova Iguaçu	<i>Arautos do Brasil mulato</i>	Religiosidade (Cristã)
	União da Ilha	<i>Todo dia é dia de índio</i>	Indígenas
1996	Acadêmicos da Rocinha	<i>Bahia com muito amor</i>	Escravidão (Bahia)
	Acadêmicos do Cubango	<i>Dos brasões do reino de Portugal ao esplendor da bandeira nacional</i>	Independência
	Grande Rio	<i>Na era dos Felipes o Brasil era espanhol</i>	Invasão Holandesa
	Unidos da Tijuca	<i>Ganga-Zumbi, expressão de uma raça</i>	Escravidão (Palmares)
	Vila Isabel	<i>A Heroica cavalgada de um povo</i>	Significações difusas
1997	Salgueiro	<i>De poeta, carnavalesco e louco, todo mundo tem um pouco</i>	Expressão

	Boi da Ilha do Governador	<i>Galanga no Congo, Chico em terras de Vila Rica</i>	Escravidão (Chico Rei) Carnaval
	Mangueira	<i>O Olimpo é verde e rosa</i>	Olimpíadas
1998	Canários das Laranjeiras	<i>Livre como um passarinho</i>	Significações difusas
	Em Cima da Hora	<i>Quem é você, Zuzu Angel? ... um anjo feito mulher</i>	Expressão
	Império Serrano	<i>Sou ouro negro da mãe África</i>	Escravidão (África) Escravidão
	Vila Isabel	<i>Lágrimas, suor e conquistas no mundo em transformação</i>	França (Revolução)
	Porto da Pedra	<i>Samba no pé e mãos ao alto, isto é um assalto</i>	Significações difusas
	1999	Grande Rio	<i>Ei, ei, ei, Chateau é nosso rei!</i>
Lins Imperial		<i>Quatro damas negras</i>	Escravidão
São Clemente		<i>A São Clemente comemora e traz Rui Barbosa para os braços do povo</i>	Rui Barbosa
Unidos da Ponte		<i>O samba é a minha voz</i>	Carnaval
Viradouro		<i>Anita Garibaldi, heroína das 7 magias</i>	Povo
2000	Beija-Flor	<i>Brasil, um coração que pulsa forte, pátria de todos ou terra de ninguém</i>	Escravidão
	Mangueira	<i>Dom Obá II – Rei dos esfarrapados, príncipe do povo</i>	Escravidão
	Acadêmicos da Rocinha	<i>O sonho da França Antártica de Villegagnon</i>	Significações difusas
	Acadêmicos do Cubango	<i>Por uma independência de fato</i>	Mulher Significações difusas
	Acadêmicos do Dendê	<i>Dos filhos deste solo sou mãe gentil, muito prazer, pátria Brasil</i>	Independência (Dom Pedro)
	Grande Rio	<i>Carnaval à vista</i>	Carnaval
	Foliões de Botafogo	<i>Palmares em festa</i>	Escravidão (Palmares)
	Tradição	<i>Liberdade! Sou negro, raça e tradição!</i>	Escravidão (África)
	Unidos do Cabuçu	<i>Brasil 500... ano 2000, Cabral faz a festa do Brasil</i>	Povo
	Porto da Pedra	<i>Ordem, progresso, amor e folia no milênio da fantasia</i>	Povo
	Viradouro	<i>Brasil – Visões de Paraísos e Infernos</i>	Escravidão
2001	Beija-Flor	<i>A saga de Agotime, Maria Mineira Naê</i>	Escravidão (Agotime)
	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>51 anos, uma boa ideia</i>	Escravidão (Ganga Zumba)
	Salgueiro	<i>Salgueiro no mar de Xarayés, é pantanal, é carnaval!</i>	Indígenas
	Arrastão de São João	<i>Palmares, um canto de liberdade</i>	Escravidão (Palmares)
	Império da Tijuca	<i>Macaé, a princesinha do Atlântico</i>	Escravidão
	Unidos de Vila Santa Tereza	<i>Palmares, a festa da liberdade</i>	Escravidão (Palmares) Indígenas

2002	Beija-Flor	<i>O Brasil dá o ar de sua graça, de Ícaro a Rubem Berta, o ímpeto de voar</i>	Mitologia greco-romana
	Acadêmicos da Barra da Tijuca	<i>Da magia imperial ao atual cenário republicano, mas podem me chamar de tijucano</i>	Carnaval
	Grande Rio	<i>Os papagaios amarelos nas terras encantadas do Maranhão</i>	Escravidão
	Foliões de Botafogo	<i>Deus ajuda a quem cedo madruga</i>	Significações difusas
	Imperatriz Leopoldinense	<i>Goytacazes... Tupy or not tupy in a South American way</i>	Indígenas
	Império Serrano	<i>Aclamação e coroação do imperador da pedra do reino: Ariano Suassuna</i>	Significações difusas
	União de Jacarepaguá	<i>Asas, sonho de muitos, privilégio de poucos, tecnologia de todos</i>	Mitologia greco-romana Mitologia greco-romana Significações difusas
	Unidos da Ponte	<i>De minas para o Brasil – Tancredo Neves, o mártir da Nova República</i>	Democracia Inconfidência (Lema)
	Unidos da Tijuca	<i>O sol brilha eternamente sobre o mundo de língua portuguesa</i>	Expressão
	Unidos de Vila Rica	<i>Sou Rio, sou grande, sou Vila Rica do Norte</i>	Escravidão
	Viradouro	<i>Viradouro, vira-mundo, rei do mundo</i>	Escravidão
2003	Beija – Flor	<i>O povo conta a sua história: “saco vazio não para em pé” – a mão que faz a guerra faz a paz.</i>	Escravidão Significações difusas
	Mangureira	<i>Os dez mandamentos: o samba na paz canta a saga da liberdade</i>	Religiosidade (Cristã)
	Acadêmicos do Cubango	<i>Cândido Mendes, um século de paixão na história da educação</i>	Significações difusas
	Alegria da Zona Sul	<i>Festa no quilombo, na coroação de um rei negro</i>	Escravidão
	Arranco	<i>Saravá! Negritude, Saravá!</i>	Escravidão (África)
	Caprichosos de Pilares	<i>Zumbi, Rei de Palmares e herói do Brasil ... a história que não foi contada</i>	Escravidão (Palmares)
	Foliões de Botafogo	<i>Elza Soares, a Zumbi do morro e do samba</i>	Elza Soares
	Independentes da Praça da Bandeira	<i>A biodiversidade com justiça ambiental, o ouro verde voltará a brilhar.</i>	Indígenas
	Inocentes da Baixada	<i>O gênio da inocentes e a lâmpada maravilhosa</i>	Povo
	Mocidade Independente de Inhaúma	<i>Ilê Saim à nação Malê</i>	Escravidão (Princesa Isabel)
	Paraíso da Alvorada	<i>Revoluções e revoltas no Brasil de Palmares</i>	Escravidão Escravidão (Palmares) Escravidão Escravidão (Zumbi)

	Vila Isabel	<i>Oscar Niemeyer, o arquiteto no recanto da princesa</i>	Oscar Niemeyer
	Porto da Pedra	<i>Os donos da rua, um jeitinho brasileiro de ser</i>	Carnaval
	Império Serrano	<i>E onde houver trevas, que se faça a luz!</i>	Significações difusas
2004	Vila Isabel	<i>A Vila é para ti</i>	Povo
	Porto da Pedra	<i>Sou tigre, sou Porto da Pedra, da pedra à Internet? Mensageiro da história da vida do leva-e-traz.</i>	Independência
	Grande Rio	<i>Vamos vestir a camisinha, meu amor!</i>	Significações difusas
	Salgueiro	<i>A cana que aqui se planta, tudo dá... até energia. Álcool, o combustível do futuro.</i>	Indígenas
	Unidos da Vila Kennedy	<i>Que rei sou eu?</i>	Significações difusas
	Difícil é o nome	<i>Vinte anos de glória da LIESA</i>	Carnaval (LIESA)
2005	Acadêmicos do Cubango	<i>O fruto da África de todos os deuses no Brasil de fé: Candomblé.</i>	Religiosidade (Afro)
	Arranco	<i>Quem vai querer?</i>	Carnaval
	Beija-Flor	<i>O Vento corta as terras dos pampas. Em nome do pai, do filho e do espírito guarani. Sete povos na fé e na dor... sete missões de amor.</i>	Indígenas
	Boi da Ilha do Governador	<i>As águas de Oxalá</i>	Religiosidade (Afro) Religiosidade (Afro)
	Em Cima da Hora	<i>Mãe baiana, signo da africanidade carioca.</i>	Religiosidade (Afro)
	Lins Imperial	<i>O show tem que continuar... O Bêbado e a equilibrista.</i>	Expressão
	Mocidade Independente	<i>Buon mangiare, Mocidade! A arte está na mesa</i>	Significações difusas Itália
	Paraíso da Alvorada	<i>Realidade ou Ilusão? O Paraíso conta a abolição.</i>	Escravidão
	Paraíso do Tuiuti	<i>Cravo de ouro, eu também sou da lira e não quero negar.</i>	Carnaval
	União de Jacarepaguá	<i>Iriruama, arara o ama, por toda eternidade</i>	Escravidão
2006	Acadêmicos de Santa Cruz	<i>Liberdade, Igualdade e Fraternidade: Um sonho chamado França.</i>	França (Revolução)
	Acadêmicos do Cubango	<i>Na magia da escrita, a viagem do saber.</i>	Significações difusas
	Acadêmicos do Dendê	<i>Com trabalho e cultura, os afrodescendentes constroem o Brasil.</i>	Escravidão
	Arranco	<i>Uéledés, o retrato da alma.</i>	Significações difusas
	Beija-Flor	<i>Poços de Caldas derrama sobre a terra suas águas milagrosas: Do caos</i>	Significações difusas

		<i>inicial à explosão da vida, a nave mãe da existência.</i>	
	Difícil é o Nome	<i>Olubajé, a festa da libertação.</i>	Religiosidade (Afro)
	Imperatriz Leopoldinense	<i>Um por todos e todos por um.</i>	Garibaldi
	Mocidade de Vicente de Carvalho.	<i>África, alma gêmea brasileira</i>	Escravidão (Zumbi)
	Mocidade Independente	<i>A vida que pedi a Deus</i>	Significações difusas
	São Clemente	<i>De Gonzagão a Gonzaguinha: Em vida de viajante.</i>	Significações difusas
	União da Ilha	<i>As minas Del Rei São João.</i>	Independência (Inconfidência)
	Vila Isabel	<i>Soy loco por ti, América – A Vila canta a latinidade.</i>	Significações difusas
	Unidos do Porto da Pedra	<i>Bendita és tu entre as mulheres do Brasil</i>	Mulher
2007	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>Ganga-Zumba, a raiz da liberdade.</i>	Escravidão Escravidão (Palmares) Significações difusas
	Salgueiro	<i>Candaces</i>	Religiosidade (Afro)
	Alegria da Zona Sul	<i>Negro não humilha e nem se humilha a ninguém, todas as raças já foram escravas também.</i>	Escravidão
	Beija-Flor	<i>Áfricas: Do berço real à corte brasileira.</i>	Religiosidade (Afro) Escravidão
	Boêmios de Inhaúma	<i>Estácio de Sá – Da fundação da cidade à universidade do samba, formando a comunidade.</i>	Escravidão (Princesa Isabel)
	Gato de Bonsucesso	<i>Milagre do povo, a esperança é a última que morre.</i>	Miroma
	Império Serrano	<i>Ser diferente é normal: O Império Serrano faz a diferença no Carnaval.</i>	Artes
	Mocidade Independente de Inhaúma	<i>A negritude está em festa! Um rei negro é coroado no quilombo da Mocidade.</i>	Escravidão
	Mocidade Independente	<i>O futuro no pretérito – Uma história feita à mão.</i>	Povo
	Renascer de Jacarepaguá	<i>Jacarepaguá, fábrica dos sonhos</i>	Significações difusas
	Unidos do Cabral	<i>Thereza Santos, quizomba, consciência e liberdade.</i>	Escravidão (África)
	Unidos do Uraiti	<i>Uraiti brinda a folia! É carnaval dos carnavais.</i>	Mulher
2008	Acadêmicos da Rocinha	<i>Rocinha minha vida, nordeste minha história.</i>	Escravidão (Zumbi)
	Acadêmicos do Dendê	<i>Lendas à brasileira, com gosto de manga e perfume de jasmim.</i>	Carnaval
	Acadêmicos do Engenho da Rainha.	<i>De braços abertos, o Engenho embala a África em berço esplêndido.</i>	Escravidão Escravidão



	Arrastão de Cascadura.	<i>Paço de São Cristóvão: Do Palácio Real ao Museu Nacional, 200 anos de história.</i>	Independência
	Império da Tijuca	<i>200 anos da corte real nos jardins da família imperial</i>	Independência
	Mocidade de Vicente de Carvalho	<i>Brasil, país mulato</i>	Escravidão
	Renascer de Jacarepaguá	<i>É chegado a Portugal o tempo de padecer, se te oprime a cruel França, sorte melhor hás de ter...</i>	Significações difusas
	Vila Isabel	<i>Trabalhadores do Brasil</i>	Escravidão
	Porto da Pedra	<i>Tem pagode no Maru! 100 anos da imigração japonesa</i>	Japão
2009	Grande Rio	<i>Voialá, Caxias! Para sempre Liberté, Egalité, Fraternité, merci beaucoup, Brésil! Não tem de quê!</i>	França (Revolução)
	Imperatriz Leopoldinense	<i>Imperatriz... só quer mostrar que faz samba também!</i>	Carnaval
	Mocidade Independente de Inhaúma	<i>Gritos de liberdade</i>	Escravidão (Palmares)
	Portela	<i>E por falar em amor, onde anda você?</i>	Escravidão (África)
	São Clemente	<i>O beijo moleque da São Clemente.</i>	Escravidão
2010	Acadêmicos da Rocinha	<i>Ycamiabas</i>	Mulher (Amazonas)
	Acadêmicos do Cubango	<i>Os loucos da praia chamada saudade.</i>	Loucos
	Grande Rio	<i>Grande Rio, eu sou guerreiro</i>	Significações difusas
	Beija-Flor	<i>Brilhante ao sol do novo mundo, Brasília: do sonho à realidade, a capital da esperança.</i>	Significações difusas
	Boi da Ilha do Governador	<i>Do sagrado ao profano... e o boi, quem diria, foi parar na freguesia.</i>	Mitologia greco-romana
	Mocidade Independente	<i>Do paraíso de Deus ao paraíso da loucura, cada um sabe o que procura.</i>	Povo
	Portela	<i>Derrubando fronteiras, conquistando a liberdade... um rio de paz em estado de graça</i>	Significações difusas
	Tradição	<i>Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô... E tô aí, tô aí sim senhor</i>	Escravidão (África)
	Unidos de Vila Santa Tereza	<i>Que rei sou eu? Do castelo real à corte do carnaval</i>	Escravidão (Zumbi)
	Viradouro	<i>México, o paraíso das cores, sob o signo do sol</i>	Povo
2011	Alegria da Zona Sul	<i>Os doze obás de Xangô</i>	Religiosidade (Afro)
	Arame de Ricardo	<i>O Arame é fogo!</i>	França (Revolução)
	Caprichosos de Pilares	<i>Gente humilde</i>	Escravidão
	Mocidade Independente	<i>Parábola dos divinos semeadores</i>	Significações difusas

	Vila Isabel	<i>Mitos e histórias entrelaçadas pelos fios de cabelos</i>	Significações difusas
	Unidos do Anil	<i>Sonhos</i>	Religiosidade (Cristã)
	Porto da Pedra	<i>O sonho sempre vem pra quem sonhar</i>	Significações difusas
2012	Acadêmicos de Vigário Geral	<i>Abdias Nascimento: Uma vida de lutas</i>	Abdias Nascimento
	Grande Rio	<i>Eu acredito em você! E você?</i>	Significações difusas
	Alegria da Zona Sul	<i>Os saltimbancos</i>	Significações difusas
	Beija-Flor	<i>São Luís? O poema encantado do Maranhão</i>	Escravidão
	Estácio de Sá	<i>Luma de Oliveira: coração de um país em festa!</i>	Carnaval
	Imperatriz Leopoldinense	<i>Jorge, amado Jorge</i>	Jorge Amado
	Império Serrano	<i>Dona Ivone Lara, Enredo do meu samba</i>	Carnaval (Dona Ivone Lara)
	Renascer de Jacarepaguá	<i>O artista da alegria dá o tom da folia</i>	Artes (cores)
	Viradouro	<i>A Vida como ela é, Bonitinha, mas ordinária... assim falou Nelson Rodrigues</i>	Nelson Rodrigues
	Vizinha Faladeira	<i>A essência da vida... o progresso social sob a liberdade e a igualdade</i>	Significações difusas
2013	Em Cima da Hora	<i>Além do espelho, João Nogueira de todos os sambas.</i>	Carnaval (João Nogueira)
	Inocentes de Belford Roxo	<i>As sete confluências do Rio Han</i>	Significações difusas
	Mocidade Independente de Padre Miguel	<i>Eu vou de Mocidade com samba e rock in Rio – por um mundo melhor</i>	Significações difusas
	União do Parque Curicica	<i>Quando o samba era samba</i>	África
	Unidos do Cabuçu	<i>O Mestre-sala dos mares</i>	Significações difusas
	Unidos do Viradouro	<i>Diego Nicolau</i>	Escravidão

#### 4.13 – CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE CAPÍTULO

A escrita deste capítulo permitiu-nos verificar que durante o período Democrático a abrangência da inscrição da *liberdade*, nos sambas-enredos cariocas, foi notadamente mais ampla que naqueles períodos anteriores, quando havia um forte controle do Estado sobre o modo de produção. A palavra *liberdade* não poderia ser aplicada ao tempo presente da escrita. Há que se considerar aqui que, semelhante aos períodos anteriores, nesse ciclo, os autores dos sambas-enredos igualmente realizaram uma reescrita daqueles versos do Hino da Independência “Já raiou a liberdade/ Já raiou a

liberdade, no horizonte do Brasil”, em nove composições. Seguem, respectivamente ano, escola, excerto e título do samba-enredo:

1988 – Mangueira: “Será.../ Que já raiou a liberdade/ Ou se foi tudo ilusão”, em *Cem anos de liberdade, realidade e ilusão*.

1988 – Beija-Flor “Liberdade raiou, mas igualdade ainda não, não, não”, em *Sou negro, do Egito à liberdade*.

1989 – Vila Isabel: “Liberdade ainda não raiou/ Queremos o direito de igualdade”, em *Direito é direito*.

1990 – Unidos do Cabuçu: “O sol da liberdade/ No horizonte enfim raiou”, em *Será que votei certo para presidente?*

1991 – Foliões de Botafogo: “Liberdade raiou/ A princesa Isabel a Lei Áurea assinou”, em *África, Palmares e festa*.

1993 – Unidos de Lucas: “Que Dionísio o criador/ Fez raiar a liberdade”, em *O galo cantou e Lucas Saboreou*.

2002 – Foliões de Botafogo: “Brilhou no horizonte a liberdade”, em *Deus ajuda a quem cedo madruga*.

2003 – Paraíso da Alvorada: “Enfim raiou o sol da liberdade/ E assim surgiu o Quilombo de Palmares”, em *Revoluções e revoltas no Brasil de Palmares*.

2007 – Beija Flor: “Obatalá anunciou/ Já raiou o sol da liberdade”, em *Áfricas: Do berço real à corte brasileira*.

Versos do Hino Nacional Brasileiro, especialmente aqueles que aludem ao sol “E o sol da liberdade em raios fúlgidos/ Brilhou no céu da pátria nesse instante”, são também utilizados como parte de uma estratégia intertextual, dialógica, com a música oficial do nosso país, evidentemente, com novos desdobramentos e significações de outras liberdades. Vejamos os três exemplos:

1994 – São Clemente: “Fomos às lutas e ganhamos a parada/ Brilhou o sol da liberdade”, em *Onde vai a corda vai a caçamba ou uma andorinha só não faz verão*.

2002 – Unidos da Tijuca: “O sol da liberdade vai raiar/ Anunciando um novo dia”, em *De Minas para o Brasil – Tancredo Neves, o mártir da nova República*.

2012 – Vizinha Faladeira: “Raiou o sol da liberdade tão sonhada/ Iluminando o caminho de quem buscou nova morada”, em *A essência da vida... o progresso social sob a liberdade e igualdade*.

Como um prolongamento, nesse ciclo também permanece a escrita da liberdade atribuída a um grito, um eco, um brado, certamente pelo fato de os escritores saberem que

o som penetrante emitido pelas vozes do passado e do presente seria uma forma de estabelecer a sua liberdade, porque sensibilizaria o outro. O grito teria a força necessária para extravasar as dores da opressão, sem tempo, além do tempo, porque ainda permaneciam como cicatrizes não curadas. O grito na escrita teria a função não apenas plástica, estética, mas demasiadamente ideológica, porque poderia ser instrumento de resistência, de demarcação de lugares. Dessa forma, passemos a expor os quinze exemplos em que os autores empregaram esse substantivo e o relacionaram à liberdade:

1986 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: “No grito de liberdade/ Do quilombo de Palmares”, em *Ganga Zumba, raiz da liberdade*.

1989 – Unidos da Tijuca: “Ecoou, ecoou/ Um grito forte: Liberdade”, em *De Portugal à bienal no país do carnaval*.

1991 – Unidos do Jacarezinho: “Surgiu um grito forte/ Na aldeia ecoou liberdade”, em *Sou negro, sou raça, sou gente*.

1998 – Império Serrano: *Meu grito é um cantar de liberdade*, em *Sou ouro negro da mãe África*.

2001 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: “Sou grito de liberdade/ Ecoando pela cidade”, em *51 anos, uma boa ideia*.

2003 – Mangueira: “Um grito forte de liberdade/ Na estação primeira ecoou!”, em *Os dez mandamentos: o samba da paz canta a saga da liberdade*.

2003 – Alegria da Zona Sul: “Liberdade, um grito forte ecoou.../ De um povo guerreiro”, em *Festa no quilombo, na coroação de um rei negro*.

2003 – Inocentes da Baixada: “Meu grito ecoa de verdade.../ Liberdade”, em *O gênio da Inocentes e a lâmpada maravilhosa*.

2004 – Porto da Pedra: “Num grito forte anunciei a liberdade do Brasil”, em *Sou Tigre, sou Porto da Pedra, da pedra à internet? Mensageiro da história do leva e traz*”.

2004 – Acadêmicos do Grande Rio: “Num grito de liberdade/ Saúde e vigor quero ter pra ver”, em *Vamos vestir a camisinha meu amor!*

2004 – Difícil é o Nome: “Ecoando a voz da liberdade”, em *Vinte anos de glória da LIESA*.

2005 – Em Cima da Hora: “A liberdade um dia ecoou”, em *Mãe baiana, signo da africanidade carioca*.

2007 – Acadêmicos do Engenho da Rainha: “No grito de liberdade/ Do quilombo de Palmares”, em *Ganga Zumba, raiz da liberdade*.

2007 – Mocidade Independente de Inhaúma: “Um grito de liberdade/ Se tornou realidade”, em *A negritude está em festa! Um rei negro é coroado no quilombo da mocidade*.

2013 – Unidos do Cabuçu: “Ecoou... Um grito para liberdade/ Florescia a igualdade”, em *O mestre de sala dos mares*.

Com efeito, a inscrição da *liberdade* nos sambas-enredos cariocas também foi inspirada naquela *liberdade guiando o povo*, famoso quadro de Eugène Delacroix, de 1830, em que uma mulher empunha a bandeira da Revolução Francesa. Observemos dois exemplos de intertextualidade em que a *liberdade* personifica-se na imagem feminina:

1986 – Império Serrano “Cessou a tempestade, é tempo de bonança/ Dona liberdade chegou junto com a esperança”, em *Eu quero*.

1996 – Vila Isabel “Brilha no ar a senhora liberdade/ E no Rincão um canto de felicidade”, em *A heroica cavalgada de um povo*.

Percebemos os elementos estrangeiros, trazidos para os temas nacionais, com o objetivo de universalizá-los e adaptá-los a novos contextos, potencializando a palavra para a nossa realidade e reconhecendo que a liberdade está para além das fronteiras geográficas que nos separam. Finalmente, há aquela composição elaborada pela Imperatriz Leopoldinense que tem um lugar especial em nossa memória coletiva, principalmente ao se referir à palavra *liberdade* nos sambas-enredos, com estes versos:

Liberdade, liberdade  
Abre as asas sobre nós  
E que a voz da igualdade  
Seja sempre a nossa voz (Anexo 52)

Essa estrofe dialoga diretamente com um trecho do Hino à Proclamação da República “Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós/ Das lutas na tempestade/ Dá que ouçamos tua voz”, letra de Medeiros e Albuquerque, 1890. Assim, ao comemorar o Centenário da República, em 1989, a Imperatriz Leopoldinense elaborou uma nova estrutura, uma nova escala, um novo significado no imaginário coletivo, inserindo um complemento para a liberdade, uma outra reivindicação – a igualdade. Igualdade, “sempre a nossa voz”. Denunciando que, mesmo livres, ainda somos desiguais.

Mais uma vez, podemos pensar nas reflexões de T.S. Eliot acerca da poesia, que aqui comparamos com o samba-enredo. A poesia, segundo o poeta inglês, não pode ser definida pelos seus usos, ela pode perfeitamente comemorar uma ocasião pública, celebrar um festival, um rito religioso, divertir uma multidão, efetuando revoluções,

periodicamente necessárias à sensibilidade, fazer-nos perceber o mundo de outra maneira, ou alguma parte dele: “Pode nos tornar, de tempos em tempos, mais conscientes dos sentimentos mais profundos e inominados que formam o substrato do nosso ser, no qual raramente penetramos, pois nossas vidas são, em sua maior parte, uma constante evasão de nós mesmos, e uma evasão do mundo visível e invisível”. (ELIOT, 2012, p. 156) E foi dessa forma que aqueles autores dos sambas-enredos se comportaram, reescrevendo parte de uma história que para eles tem fundamental importância – a história do Brasil por outra via, um olhar popular, periférico, deslocado dos grandes centros.

Significativo recordar que Paul Ricœur, em 08 de março de 2003, em Budapeste, na conferência internacional “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”, afirmou que a noção de dever de memória deve ser unida às de trabalho da memória e de luto, noções puramente psicológicas: “A vantagem dessa aproximação é que ela permite incluir a dimensão crítica do conhecimento histórico no seio do trabalho de memória e de luto. Mas a última palavra deve ser do conceito moral de dever de memória, que se dirige, como se disse, à noção de justiça devida às vítimas.<sup>40</sup>” E é essa noção de justiça que percebemos nesses escritos, por eles serem, de certa forma, de autoria de muitos descendentes de escravizados, ou mesmo de pessoas de outras etnias, que são solidários com o outro e também com a nossa história e identidade brasileiras.

Encerrando as considerações deste último capítulo, apresentamos a Tabela 7, em que relacionamos 70 Escolas de Samba em cada período, separadamente, e o número total de sambas-enredos que empregaram a palavra *liberdade*, coletados por nós. Nota-se que a Portela obteve o maior número de composições durante todos os ciclos, totalizando 11 sambas, dos quais 4 foram do período de 1943-1964, 3 de 1965-1985 e 4 de 1986-2013. As escolas Beija-Flor e Salgueiro ocuparam a segunda posição com 10 sambas-enredos, a Vila Isabel e a Império Serrano na terceira posição, com nove composições. Ressaltamos que essas produções foram resultado da pesquisa de 232 sambas-enredos, por nós coletados, e que foram produzidos nesse espaço de 70 anos.

**Tabela 7:** Número de sambas-enredos das Escolas de Samba

<b>Escolas de Samba</b>	<b>1943-1964</b>	<b>1965-1985</b>	<b>1986-2013</b>	<b>Total</b>
Acadêmicos da Barra da Tijuca	-	-	1	1
Acadêmicos da Rocinha	-	-	4	4
Acadêmicos de Santa Cruz	-	1	4	5
Acadêmicos de Vigário Geral	-	-	1	1

<sup>40</sup> Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia).

Acadêmicos do Cubango	-	-	6	6
Acadêmicos do Dendê	-	-	3	3
Acadêmicos do Engenho da Rainha	-	1	4	5
Alegria da Zona Sul	-	-	4	4
Arame de Ricardo	-	-	1	1
Arranco	-	1	5	6
Arrastão de Cascadura	-	-	2	2
Arrastão de São João	-	-	1	1
Beija-Flor	-	-	10	10
Boêmios de Inhaúma	-	-	1	1
Boi da Ilha do Governador	-	-	3	3
Canários das Laranjeiras	-	1	1	2
Caprichosos de Pilares	-	-	4	4
Difícil é o nome	-	-	2	2
Em Cima da Hora	-	1	3	4
Estácio de Sá	-	-	1	1
Foliões de Botafogo	-	-	4	4
Gato de Bonsucesso	-	-	1	1
Grande Rio	-	-	8	8
Imperatriz Leopoldinense	-	2	6	8
Império da Tijuca	-	1	3	4
Império do Marangá	-	-	1	1
Império Serrano	1	1	7	9
Independentes da Praça da Bandeira	-	-	1	1
Independentes de Cordovil	-	-	1	1
Inocentes da Baixada	-	-	1	1
Inocentes de Belford Roxo	-	-	1	1
Leão de Nova Iguaçu	-	-	1	1
Lins Imperial	-	-	2	2
Mangueira	1	1	6	8
Mocidade de Vicente de Carvalho	-	-	2	2
Mocidade Independente de Inhaúma	-	-	3	3
Mocidade Independente de Padre Miguel	-	-	7	7
Paraíso da Alvorada	-	-	2	2
Paraíso do Tuiuti	-	1	1	2
Portela	4	3	4	11
Porto da Pedra	-	-	6	6
Renascer de Jacarepaguá	-	-	3	3
Salgueiro	3	1	6	10
São Clemente	-	1	6	7
Tradição	-	-	4	4
Tupy de Brás de Pina	1	-	-	1
União da Ilha	-	1	2	3
União de Jacarepaguá	-	-	2	2
União do Parque Curicica	-	-	1	1
Unidos da Ponte	-	-	2	2
Unidos da Tijuca	-	1	4	5
Unidos da Vila Kennedy	-	-	1	1

Unidos de Bangu	-	-	1	1
Unidos de Cabuçu	-	1	-	1
Unidos de Cosmos	-	-	1	1
Unidos de Jacarezinho	-	-	1	1
Unidos de Lucas	-	2	2	4
Unidos de São Carlos	-	2	-	2
Unidos de Vila Rica	-	-	1	1
Unidos de Vila Santa Tereza	-	-	2	2
Unidos do Anil	-	-	1	1
Unidos do Cabral	-	-	1	1
Unidos do Cabuçu	-	1	4	5
Unidos do Jacarezinho	-	1	1	2
Unidos do Porto da Pedra	-	-	1	1
Unidos do Uraiti	-	-	1	1
Unidos do Viradouro	-	-	2	2
Vila Isabel	-	1	8	9
Viradouro	-	1	7	8
Vizinha Faladeira	-	-	1	1
TOTAL	10	27	195	232



# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao desenvolver este estudo, que não é conclusivo, comprovamos que o Carnaval, independentemente de povos, lugares e épocas, sempre foi um tempo reservado para a celebração da vida. Era e ainda são festejos sem distinção de gênero, idade, etnia e condição social, caracterizados pelas possibilidades de inversão.

Debret, aqui em nossas terras, em 1818, com a missão artística francesa, percebeu que, nas festas do Entrudo, negros se fantasiavam de europeus e imitavam os gestos deles, confirmando exatamente a inversão de posições que podemos exemplificar a partir das análises de Bakhtin acerca do carnaval e em muitas letras de nossos sambas-enredos. O Zé Pereira, manifestação cultural surgida na primeira metade do Século XIX, por muito tempo, foi um atrativo no carnaval carioca.

Os Cordões, que surgiram na segunda metade do Século XIX eram agrupamentos que reuniam senhores e escravizados e, dentre outras alegorias, os negros saíam fantasiados de reis. Essa manifestação cultural também foi interpretada como uma sátira do povo carioca ao sistema da época. De igual forma, os Ranchos, fundados por volta de 1870, pelas classes populares, inseriram reis e rainhas em seus cortejos. Em ambos, encontramos referências religiosas e culturais, congada, ternos de reis nordestinos, festas folclóricas de dezembro em suas características. Impossível, assim, ignorar a participação do povo na formação de nosso Carnaval.

Por outro lado, se a elite econômica e letrada, majoritariamente branca, integrava as Grandes Sociedades ou Clubes Carnavalescos, era exatamente esse grupo que protestava em seus carros de crítica contra o sistema político e defendia abertamente a Proclamação da República e a Abolição da Escravidão, muitas vezes, deixando de desfilar para comprarem cartas de alforria.

Dessa forma, constatamos que várias manifestações culturais do passado (Entrudo, Zé Pereira, Cordões, Ranchos, Sociedades Carnavalescas) colaboraram para a formação das nossas Escolas de Samba como a conhecemos hoje. Evidentemente, muitos locais como a casa da Tia Ciata, a Praça Onze, e os terreiros, que não pudemos representar geograficamente, foram espaços de elaboração de variadas e significativas composições.

Com o passar dos tempos, a letra em conformidade com a apresentação do tema, do desfile, torna-se uma necessidade e um valor. Assim, o samba-enredo passa a ser quesito obrigatório. Se o carnaval pode ser interpretado como a festa do povo e da liberdade, tornou-se significativo para nós analisar a inscrição da *liberdade* nos sambas-enredos. Ora, estudar a forma de escrever é tentar compreender não apenas a letra, mas o

que ela representa no tempo, no espaço e na memória<sup>41</sup>. Desse modo, após analisarmos os 232 sambas-enredos cariocas, coletados por nós, escritos no período de 1943 a 2013, chegamos às seguintes considerações:

Ao empregar a palavra *liberdade* no período de 1943 a 1964, ao que denominamos “Era Vargas e Democracia Populista”, os compositores se referiram à Segunda Guerra Mundial, à Independência do Brasil (Inconfidentes, Tiradentes e José Bonifácio) e à Escravidão (Princesa Isabel, Castro Alves, Palmares, Preto Velho e Chico Rei), em 10 sambas-enredos. No contexto da Segunda Guerra, o autor, além de apresentar um discurso patriótico, posicionou-se em defesa da Democracia, diante da Ditadura Vargas. Na memória da luta pela Independência política e econômica de Portugal, voltou o olhar não somente para o passado dos Inconfidentes e de José Bonifácio, manteve-se em estado de atenção com o presente, o seu tempo e lugar. A realidade do negro foi contundentemente representada naqueles escritos ao descreverem navios negreiros, senzalas, dores e cantos de Preto Velho, refúgio em Palmares, Princesa Isabel.

Ao inserir o vocábulo *liberdade* no período de 1965 a 1985, de “Ditadura Militar”, os autores do samba-enredo apontaram o Carnaval, a Escravidão, a Independência, o Povo, os Indígenas, a República, a Semana de Arte Moderna, as Significações Difusas, o fundador do Rio, Estácio de Sá e a Batalha de Guararapes, em 27 sambas-enredos. No contexto ditatorial, comprova-se que a escrita foi utilizada, ainda que de forma muito implícita e cuidadosa, para também denunciar aquele regime, reescrevendo episódios da nossa história. O reconhecimento da literatura e da linguagem coloquial, do povo, confirmou-se em algumas letras. Em um exercício metalinguístico, escritas reverenciaram o próprio Carnaval. Nesse período de repressão, a liberdade adquiriu significados difusos em vários sambas, mas o maior conjunto relacionou-se à Escravidão. Além do regime escravista, propriamente dito, os compositores recontaram as histórias de Zumbi, José do Patrocínio e Chica da Silva, ressignificando os valores negros, a cultura e a superação.

Ao inscrever a palavra *liberdade* no período de 1986 a 2013, a “Democracia”, os escritores se referiram às seguintes linhas temáticas, percebidas e agrupadas por nós:

---

<sup>41</sup> Com respeito aos que pensam de forma diversa, aqui pouco nos importou, até esse ponto a que chegamos, a pessoa física que escreveu o samba-enredo e nele inseriu a palavra *liberdade*. Tivemos de recusar seu nascimento, sua origem, sua etnia, seu sexo, suas ideologias, suas formas de escrever. Entretanto, não ignoramos a relevância das contribuições das críticas genética e biográfica, estamos cientes de que, em outro estudo, elas podem servir de suporte, de instrumento. Aqui, o que esteve ao nosso alcance foi compreender, ou melhor, tentar interpretar o texto escrito. Texto e contexto, com todas as nossas limitações.

Liberdade de Expressão, Independência, Indígenas, Mulheres e Diretos Feministas (Elis Regina, Leci Brandão, Tereza de Benguela, Elza Soares e Sinhá Olímpia) Países (África, Itália, Japão e França), Povo, Mitologia e Religiosidade (Cristã e Afro), Outras Representações (Democracia, República, Invasão Holandesa, Olimpíadas, Loucos, Abdias do Nascimento, Chateau, Garibaldi, Gregório de Matos, Jorge Amado, Miroma, Nelson Rodrigues, Oscar Niemeyer e Rui Barbosa), Carnaval e Outras Artes, Significações Difusas e Escravidão. Comprovamos que a Independência e a Escravidão foram as referências que se repetiram nos três ciclos analisados. Enquanto o tema da Independência foi reduzido com o passar dos anos (30%, 16,22% e 3,6%), o da Escravidão permaneceu significativo nos três ciclos, mesmo com novas significações, (50%, 35, 14% e 33, 78%).

A partir do exposto, estamos convictos de que a pesquisa não se encerra nestas páginas. O que ora fizemos foi contribuir, de forma modesta, para uma parte dos estudos culturais, inserindo, notadamente, reflexões sobre a escrita do Carnaval, após a eleição de uma palavra que sempre acompanhou a festa, desde as suas primeiras manifestações, talvez ao redor das fogueiras, nos rituais da agricultura, nas praças da Idade Média até os nossos dias, nesse grande espetáculo do Rio de Janeiro.

Decisivamente, o estudo não se encerra, mesmo porque há outras liberdades que, ao nosso sentir, anseiam por sua inscrição, sua voz, seu lugar. E as necessidades são urgentes, a exemplo a liberdade dos gays, lésbicas, transexuais. A liberdade das crianças. A liberdade dos idosos. A liberdade das mulheres, de forma mais contundente e a liberdade dos indígenas, igual à dos negros, agentes de sua história. Por que estamos propondo essas linhas temáticas? Porque o Carnaval trata de todo o assunto, como a Literatura.

Finalizando este estudo, asseguramos, após a análise da inscrição da palavra *liberdade* nos sambas-enredos cariocas, no período de 1943 a 2013, que o significado desse vocábulo, em parte considerável dos escritos, refere-se a um processo histórico, político e econômico que perdurou no nosso país por mais de 350 anos – a escravidão negra. A escrita da *liberdade* negra é um processo polissêmico que denuncia as mazelas de variadas formas, seja retomando imagens de navios negreiros e senzalas, seja recuperando a paisagem de Palmares e os feitos de Zumbi, Ganga Zumba e Chico Rei, seja exaltando a elegância de Chica da Silva e a resistência de Tereza de Benguela, seja reverenciando personalidades da literatura e da política, Castro Alves, José do Patrocínio, Princesa Isabel, seja reescrevendo o sol da liberdade nos Hinos Nacional, da Bandeira e

da Proclamação. Portanto, podemos afirmar, com veemência, que o trabalho desses escritores/compositores, relacionado à memória da escravidão, dentre outros temas, foi o “de não esquecer, mas de dizer o passado de um modo pacífico, sem cólera, por muito doloroso que seja<sup>42</sup>”, conforme nos propôs Paul Ricœur, naquela conferência de Budapeste, em 2003.

---

<sup>42</sup> Disponível em [http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia).

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgar de. *O carnaval carioca através da música*. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

ALVES, Castro. *Obra completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). *Memória do Carnaval*. Rio de Janeiro: RIOTUR (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro). Oficina do Livro, 1991.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 5. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; 2002.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1984.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale, João Ferreira e outros. 10. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997.

BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. São Paulo: Martins, 1969. 2v.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Zahar Editores, RJ, 1981.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a "Redentora" dos Escravos*. Uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). São Paulo: Edusc/Fapesp, 2004.

ELIOT, T.S. *O uso da poesia e o uso da crítica: estudos sobre a relação da crítica com a poesia na Inglaterra*. Tradução Cecília Prada. São Paulo. É Realizações, 2015.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Três vezes Zumbi, a construção do herói brasileiro*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Viagem à Itália, Minha campanha da França, Excertos sobre uma viagem no Reno, Anais*. Tradução de Osório Borba. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

JAMESON, Fredric; ZIZEK, Slavoj. *Estudios culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

JEUNE, Simon. Literatura geral e literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 219-240.

MARCONDES, Marcos. *Enciclopédia da música brasileira: samba e choro*. Seleção de verbetes de Zuza Homem de Mello. São Paulo: Art Editora, Publifolha, 2000.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Introdução aos Estudos Culturais. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira: 1958.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. *Samba enredo: história e arte*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2010.

PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros eus: seleção poética; seleção e nota editorial de Afrânio Coutinho*. 5. ed. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1976.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas; Editora Unicamp, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social, princípios do direito político*. 5. ed. Tradução. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 2006.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (coord.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1998.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei do Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TAYLOR, DIANA. *O Arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular: da modinha ao tropicalismo*. São Paulo: Art, 2013.

TUPY, Dulce. *Carnavais de Guerra – o nacionalismo no samba*. Rio de Janeiro: ASB arte gráfica e editora Ltda.1985.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar ed. UFRJ, 2012.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.



## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS DO TEXTO DA TESE

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Egito\\_Antigo/Galeria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Egito_Antigo/Galeria). Acesso em 19-01-2016

<http://www.wikiart.org/en/william-adolphe-bouguereau/the-youth-of-bacchus-1884>. Acesso em 19-01-2016.

[http://carnaxe.com.br/axelook/quadros/arquivos/debret\\_1823\\_scenecarnival.htm](http://carnaxe.com.br/axelook/quadros/arquivos/debret_1823_scenecarnival.htm). Acesso em 19-01-2016.

<http://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cordoes-blocos.html>. Acesso em 19-01-2016.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/carnaval-por-liberdade>. Acesso em 19-01-2016.

<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/fotos-que-retratam-a-historia>. Acesso em 19-01-2016.

<http://urbecarioca.blogspot.com.br/2016/05/o-samba-e-praca-onze-de-cleia-schiavo.html>. Acesso em 19-01-2016.

<http://riodejaneirodehontem.blogspot.com.br/2015/07/grupo-dos-pierrots-do-club-tenentes-do.html>. Acesso em 19-01-2016.

[http://turismobile.blogspot.com.br/2012\\_04\\_01\\_archive.html](http://turismobile.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html). Acesso em 19-01-2016.

[http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?page\\_id=1781](http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?page_id=1781). Acesso em 19-01-2016.

[http://www.cultura.gov.br/100-anos-de-samba/-/asset\\_publisher/NL9Jw9zBUXPC/content/tia-ciata-a-matriarca-do-samba/10883](http://www.cultura.gov.br/100-anos-de-samba/-/asset_publisher/NL9Jw9zBUXPC/content/tia-ciata-a-matriarca-do-samba/10883). Acesso em 06-01-2017.

<http://www.bn.br/acervo/musica-arquivo-sonoro>. Acesso em 19-01-2016.

<http://www.projetonowloading.com.br/o-inicio-das-escolas-de-samba-rio-de-janeiro/>. Acesso em 19-01-2016.

<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/uma-viagem-por-antigos-carnavais/>. Acesso em 19-01-2016.

<http://cjcarnaval.blogspot.com.br/2015/05/e-quando-o-salgueiro-passou-alguem.html>. Acesso em 19-01-2016.

<http://especiais.ig.com.br/zoom/carnavais-de-antigamente/>. Acesso em 19-01-2016.

<https://bancadadosamba.wordpress.com/grandes-enredos/herois-da-liberdade-imperio-serrano-1969/>. Acesso em 19-01-2016.

<http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/um-hino-liberdade-em-tempos-de-perseguido-politico-11492976.html>. Acesso em 19-01-2016.

<http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/poetas-imperianos-capitulo-1-serie-mostra-importancia-do-imperio-serrano-11560127.html>. Acesso em 19-01-2016.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu\\_Angel#/media/File:Zuzu-real.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel#/media/File:Zuzu-real.jpg). Acesso em 19-01-2016.

<http://odia.ig.com.br/diversao/2015-10-04/mauro-ferreira-guitarrista-faz-cuica-chorar-com-samba-nascido-da-dor.html>. Acesso em 20-08-2016

<http://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2014/03/24262/>. Acesso em 20-10-2016

<http://ego.globo.com/musica/noticia/2016/04/dona-ivone-lara-comemora-95-anos-da-forma-que-mais-gosta-com-samba.html>. Acesso em 16/01/2017.

<http://www.apoteose.com/siteantigo/beija-flor/sinopse2007.htm>. Acesso em 19-08-2016.

[http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia). Acesso em 19-09-2016.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS ANEXO DA TESE

### NÚMERO DO ANEXO – SITE CONSULTADO

- 1 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/portela/1943.htm>. Acesso em 14-01-2016.  
[http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=48%22&cod\\_cat=1](http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=48%22&cod_cat=1). Acesso em 14-01-2016.
- 2 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/portela/1946/1/>. Acesso em 14-01-2016.
- 3 [http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=53&cod\\_cat=1](http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=53&cod_cat=1). Acesso em 14-01-2016.
- 4 <https://www.letras.mus.br/imperio-serrano-rj/473125/>. Acesso em 14-01-2016.
- 5 <https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/710530/>. Acesso em 14-01-2016.
- 6 [http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=63&cod\\_cat=1](http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=63&cod_cat=1). Acesso em 14-01-2016.
- 7 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/tupy-de-bras-de-pina/1958/154/>. Acesso em 14-01-2016.
- 8 <https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/683006/>. Acesso em 14-01-2016.
- 9 <https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/476912/>. Acesso em 14-01-2016.
- 10 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1964.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 11 [http://www.portelaweb.com.br/outro.php?codigo=70&cod\\_cat=1](http://www.portelaweb.com.br/outro.php?codigo=70&cod_cat=1). Acesso em 14-01-2016.
- 12 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1967.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 13 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-sao-clemente/samba-enredo-1967.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 14 <https://www.letras.mus.br/unidos-de-lucas/910933/>. Acesso em 14-01-2016.
- 15 <https://www.vagalume.com.br/escola-de-samba-imperio-serrano/samba-enredo-1969.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 16 <http://academiadosamba.com.br/passarela/imperiodatijuca/1969.htm>. Acesso em 14-01-2016.

- 17 <https://www.letras.mus.br/unidos-de-lucas/1002016/>. Acesso em 14-01-2016.
- 18 <https://www.vagalume.com.br/imperatriz-leopoldinense/samba-enredo-1970.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 19 <http://academicosdesantacruz.com.br/carnaval-1971/>. Acesso em 14-01-2016.
- 20 <https://www.letras.mus.br/cces-canarios-das-laranjeiras/1649349/>. Acesso em 14-01-2016.
- 21 <https://www.letras.mus.br/martinho-da-vila/287430/>. Acesso em 14-01-2016.
- 22 <https://www.vagalume.com.br/escola-de-samba-em-cima-da-hora-paulistana/samba-enredo-1972.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 23 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-estacio-de-sa/samba-enredo-1972-rio-grande-do-sul-na-festa-do-preto-forro.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 24 <https://m.letras.mus.br/academicos-do-engenho-da-rainha/criacao-do-mundo-segundo-os-carajas/>. Acesso em 14-01-2016.
- 25 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=cabucu>. Acesso em 14-01-2016.
- 26 <https://www.letras.mus.br/gres-estacio-de-sa-rj/746430/>. Acesso em 14-01-2016.
- 27 <https://www.vagalume.com.br/gres-arranco/samba-enredo-1981-ou-isto-ou-aquilo.html>. Acesso em 14-01-2016.
- 28 [http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=88%22&cod\\_cat=5](http://www.portelaweb.com/outro.php?codigo=88%22&cod_cat=5). Acesso em 14-01-2016.
- 29 <https://www.letras.mus.br/imperatriz-leopoldinense-rj/473098/>. Acesso em 14-01-2016.
- 30 <http://www.galeriadosamba.com.br/espacoaberto/topico/202239/0/2/0/>. Acesso em 14-01-2016.
- 31 <http://www.apoteose.com/siteantigo/paraisodotuiuti/samba1984.htm>. Acesso em 14-01-2016.
- 32 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/unidosdojacarezinho/1984.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 33 <http://academiadosamba.com.br/passarela/viradouro/1984.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 34 <https://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-1985.html>. Acesso em 21-07-2016.

- 35 <https://www.vagalume.com.br/unidos-do-cabucu/samba-enredo-1985.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 36 <https://www.vagalume.com.br/portela/samba-enredo-1985.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 37 <https://www.letras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/474658/>. Acesso em 21-07-2016.
- 38 <https://www.letras.mus.br/academicos-do-engenho-da-rainha/ganga-zumba-raiz-da-liberdade/>. Acesso em 21-07-2016.
- 39 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1986.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 40 <https://m.letras.mus.br/arrastao-de-cascadura/1755849/>. Acesso em 21-07-2016.
- 41 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/caprichosos/ficha-1986.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 42 <https://www.letras.mus.br/imperio-serrano-rj/477555/>. Acesso em 21-07-2016.
- 43 <https://musicasemrotulos.wordpress.com/2014/09/21/rei-senhorrei-zumbirei-nago-joao-nogueira-paulo-cesar-pinheiro/>. Acesso em 21-07-2016.
- 44 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-jacarezinho/1986/29/>. Acesso em 21-07-2016.
- 45 <https://www.vagalume.com.br/gres-arranco/samba-enredo-1987-tradicao-de-uma-raca.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 46 <https://www.vagalume.com.br/imperio-da-tijuca/samba-enredo-1987.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 47 <https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/478753/>. Acesso em 21-07-2016.
- 48 <https://www.letras.mus.br/portela-rj/481257/>. Acesso em 21-07-2016.
- 49 <https://www.vagalume.com.br/escola-de-samba-imperio-serrano/samba-enredo-1988.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 50 <https://www.letras.mus.br/sao-clemente/1676881/>. Acesso em 21-07-2016
- 51 <https://www.vagalume.com.br/beija-flor-de-nilopolis/samba-enredo-1988.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 52 <https://www.letras.mus.br/imperatriz-leopoldinense-rj/46373/>. Acesso em 21-07-2016.

- 53 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1989.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 54 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=arranco>. Acesso em 21-07-2016.
- 55 <https://www.vagalume.com.br/mocidade-independente/samba-enredo-1989.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 56 <https://www.letras.mus.br/unidos-da-tijuca-rj/710680/>. Acesso em 21-07-2016.
- 57 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-vila-isabel/samba-enredo-1989.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 58 <https://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-1990.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 59 <https://www.vagalume.com.br/academicos-de-santa-cruz/os-herois-da-resistencia-gip-gip-nheco-nheco-carnaval-1990.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 60 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=cordovil1990>. Acesso em 21-07-2016.
- 61 <https://www.vagalume.com.br/unidos-da-tijuca/samba-enredo-1990.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 62 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-lucas/1990/207/>. Acesso em 21-07-2016.
- 63 <https://www.letras.mus.br/unidos-do-cabucu/1744518/>. Acesso em 21-07-2016.
- 64 <https://www.letras.mus.br/gres-academicos-de-santa-cruz/759467/>. Acesso em 21-07-2016.
- 65 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-sao-clemente/samba-enredo-1991.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 66 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-jacarezinho/1991/29/>. Acesso em 21-07-2016.
- 67 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-cosmos/1991/213/>. Acesso em 21-07-2016.
- 68 <http://academiadosamba.com.br/passarela/unidosdebangu/1991.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 69 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/imperiodomaranga/1991.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 70 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/folioes-de-botafogo/1991/194/>. Acesso em 21-07-2016.

- 71 <https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/47188/>. Acesso em 21-07-2016.
- 72 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/tradicao/1992/24/>. Acesso em 21-07-2016.
- 73 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-viradouro/1992/10/>. Acesso em 21-07-2016.
- 74 <https://www.letras.mus.br/gres-academicos-de-santa-cruz/759469/>. Acesso em 21-07-2016.
- 75 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-sao-lucas/samba-enredo-1993-o-galo-cantou-e-lucas-saboreou.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 76 <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/721496/>. Acesso em 21-07-2016.
- 77 <https://www.letras.mus.br/uniao-do-parque-curicica/quando-o-samba-era-samba/>. Acesso em 21-07-2016.
- 78 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperatriz-leopoldinense/1994/6/>. Acesso em 21-07-2016.
- 79 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperatriz-leopoldinense/1994/6/>. Acesso em 21-07-2016.
- 80 <https://m.letras.mus.br/vaguinho/uma-andorinha-so-nao-faz-verao/>. Acesso em 21-07-2016.
- 81 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=cabucu>. Acesso em 21-07-2016.
- 82 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidosudouviradouro/1994/10/>. Acesso em 21-07-2016.
- 83 <https://www.letras.mus.br/leao-de-nova-iguacu/1648083/>. Acesso em 21-07-2016.
- 84 <https://www.letras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/474422/>. Acesso em 21-07-2016.
- 85 <https://www.letras.mus.br/academicos-da-rocinha/474068/>. Acesso em 21-07-2016.
- 86 <https://m.letras.mus.br/gres-academicos-do-cubango/1115360/>. Acesso em 21-07-2016.
- 87 <https://www.vagalume.com.br/academicos-do-grande-rio/samba-enredo-de-1996.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 88 <https://www.letras.mus.br/unidos-da-tijuca-rj/683089/>. Acesso em 21-07-2016.

- 89 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-vila-isabel/samba-enredo-1996.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 90 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1997.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 91 <https://www.vagalume.com.br/gres-boi-da-ilha-do-governador/samba-enredo-1997-galanga-no-congo-chico-em-terras-de-vila-rica.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 92 <https://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-1997.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 93 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/canarios-das-laranjeiras/1998/188/>. Acesso em 21-07-2016.
- 94 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/em-cima-da-hora/1998/16/>. Acesso em 21-07-2016.
- 95 <https://www.vagalume.com.br/escola-de-samba-imperio-serrano/samba-enredo-1998.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 96 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-vila-isabel/samba-enredo-1998.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 97 <https://www.vagalume.com.br/porto-da-pedra/samba-enredo-1998.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 98 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-grande-rio/1999/183/>. Acesso em 21-07-2016.
- 99 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/linsimperial/1999.htm>. Acesso em 21-07-2016.
- 100 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-sao-clemente/samba-enredo-1999.html>. Acesso em 21-07-2016.
- 101 <https://www.letras.mus.br/gres-unidos-da-ponte/890581/>. Acesso em 21-07-2016.
- 102 <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/709792/>. Acesso em 21-07-2016.
- 103 <https://www.letras.mus.br/sambas/506276/>. Acesso em 21-07-2016.
- 104 <https://www.letras.mus.br/teresa-lobes/dom-oba-rei-dos-esfarrapados/>. Acesso em 03-08-2016.
- 105 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-da-rocinha/2000/13/>. Acesso em 03-08-2016.



- 106 <https://m.letras.mus.br/gres-academicos-do-cubango/809402/>. Acesso em 03-08-2016.
- 107 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-dende/2000/182/>. Acesso em 03-08-2016.
- 108 <https://www.letras.mus.br/sambas/499580/>. Acesso em 03-08-2016.
- 109 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/folioes-de-botafogo/2000/194/>. Acesso em 03-08-2016.
- 110 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/tradicao/2000/24/>. Acesso em 03-08-2016.
- 111 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-cabucu/2000/28/>. Acesso em 03-08-2016.
- 112 <https://www.vagalume.com.br/porto-da-pedra/samba-enredo-2000.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 113 <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/709793/>. Acesso em 03-08-2016.
- 114 <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/120084/>. Acesso em 03-08-2016.
- 115 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-engenho-da-rainha/2001/17/>. Acesso em 03-08-2016.
- 116 <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-2001.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 117 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/arrastao-de-sao-joao/2001/192/>. Acesso em 03-08-2016.
- 118 <https://www.vagalume.com.br/imperio-da-tijuca/samba-enredo-2001.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 119 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-da-vila-santa-tereza/2001/171/>. Acesso em 03-08-2016.
- 120 <https://www.vagalume.com.br/beija-flor-de-nilopolis/samba-enredo-2002.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 121 <https://m.letras.mus.br/academicos-da-barra-da-tijuca/1604205/>. Acesso em 03-08-2016.
- 122 <https://www.vagalume.com.br/academicos-do-grande-rio/samba-enredo-2002.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 123 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/folioes-de-botafogo/2002/194/>. Acesso em 03-08-2016.

- 124 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperatriz-leopoldinense/2002/6/>. Acesso em 03-08-2016.
- 125 <https://www.letras.mus.br/aluizio-machado/1451813/>. Acesso em 03-08-2016.
- 126 <https://m.letras.mus.br/gres-uniao-de-jacarepagua/1115492/>. Acesso em 03-08-2016.
- 127 <https://www.letras.mus.br/gres-unidos-da-ponte/890583/>. Acesso em 03-08-2016.
- 128 <https://www.vagalume.com.br/unidos-da-tijuca/samba-enredo-2002.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 129 <https://www.vagalume.com.br/unidos-da-villa-rica/sou-rio-sou-grande-sou-villa-rica-do-norte.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 130 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-viradouro/2002/10/>. Acesso em 03-08-2016.
- 131 <https://www.vagalume.com.br/beija-flor-de-nilopolis/samba-enredo-2003.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 132 <https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/120095/>. Acesso em 03-08-2016.
- 133 <https://www.vagalume.com.br/gres-academicos-do-cubango/samba-enredo-2003-candido-mendes-um-seculo-de-paixao-na-historia-da-educacao.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 134 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/alegriadazonasul/2003.htm>. Acesso em 03-08-2016.
- 135 <https://www.vagalume.com.br/gres-arranco/samba-enredo-2003.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 136 <http://grescaprichosos.blogspot.com.br/p/meus-carnavais.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 137 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/folioesdebotafogo/ficha-2003.htm>. Acesso em 03-08-2016.
- 138 <http://www.apoteose.com/siteantigo/pracadabandeira/samba2003.htm>. Acesso em 03-08-2016.
- 139 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=inocentes2003>. Acesso em 03-08-2016.
- 140 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/mocidade-independente-de-inhauma/2003/199/>. Acesso em 03-08-2016.
- 141 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/paraisodaalvorada/ficha-2003.htm>. Acesso em 03-08-2016.

- 142 <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/vilaisabel/ficha-2003.htm>. Acesso em 03-08-2016.
- 143 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/2003/21/>. Acesso em 03-08-2016.
- 144 <https://www.vagalume.com.br/escola-de-samba-imperio-serrano/samba-enredo-2003.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 145 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/2004/11/>. Acesso em 03-08-2016.
- 146 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/2004/21/>. Acesso em 03-08-2016.
- 147 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-grande-rio/2004/183/>. Acesso em 03-08-2016.
- 148 <https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/474158/>. Acesso em 03-08-2016.
- 149 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-da-vila-kennedy/2004/221/>. Acesso em 03-08-2016.
- 150 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/dificil-e-o-nome/2004/193/>. Acesso em 03-08-2016.
- 151 <https://www.vagalume.com.br/gres-academicos-do-cubango/samba-enredo-2005-o-fruto-da-africa-detodos-os-deuses-no-brasil-de-fe-candomble.html>. Acesso em 03-08-2016.
- 152 <http://www.arranco.xpg.com.br/89.htm>. Acesso em 03-08-2016.
- 153 <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/76330/>. Acesso em 11-08-2016.
- 154 <https://www.vagalume.com.br/gres-boi-da-ilha-do-governador/samba-enredo-2005-as-aguas-de-oxala.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 155 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/em-cima-da-hora/2005/16/>. Acesso em 11-08-2016.
- 156 <http://lins-imperial.lyrics.com.br/letras/1115714/>. Acesso em 11-08-2016.
- 157 <https://www.vagalume.com.br/mocidade-independente/samba-enredo-2005.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 158 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/paraiso-da-alvorada/2005/244/>. Acesso em 11-08-2016.
- 159 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/paraiso-do-tuiuti/2005/20/>. Acesso em 11-08-2016.

- 160 <https://www.vagalume.com.br/gres-uniao-de-jacarepagua/samba-enredo-2005.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 161 <https://www.letras.mus.br/gres-academicos-de-santa-cruz/570590/>. Acesso em 11-08-2016.
- 162 <https://www.vagalume.com.br/gres-academicos-do-cubango/samba-enredo-2006-na-magia-da-escrita-a-viagem-do-saber.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 163 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-dende/2006/182/>. Acesso em 11-08-2016.
- 164 <https://www.letras.mus.br/gres-arranco/889686/>. Acesso em 11-08-2016.
- 165 <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/375308/>. Acesso em 11-08-2016.
- 166 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/dificil-e-o-nome/2006/193/>. Acesso em 11-08-2016.
- 167 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperatriz-leopoldinense/2006/6/>. Acesso em 11-08-2016.
- 168 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/mocidade-de-vicente-de-carvalho/2006/198/>. Acesso em 11-08-2016.
- 169 <https://www.letras.mus.br/wander-pires/a-vida-que-pedi-a-deus/>. Acesso em 11-08-2016.
- 170 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/sao-clemente/2006/23/>. Acesso em 11-08-2016.
- 171 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/uniao-da-ilha-do-governador/2006/25/>. Acesso em 11-08-2016.
- 172 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-vila-isabel/samba-enredo-2006.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 173 <https://www.vagalume.com.br/porto-da-pedra/samba-enredo-2006.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 174 <https://www.letras.mus.br/academicos-do-engenho-da-rainha/ganga-zumba-raiz-da-liberdade/>. Acesso em 11-08-2016.
- 175 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-salgueiro/2007/3/>. Acesso em 11-08-2016.
- 176 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/alegria-da-zona-sul/2007/190/>. Acesso em 11-08-2016.
- 177 <https://www.vagalume.com.br/beija-flor-de-nilopolis/samba-enredo-2007.html>. Acesso em 11-08-2016.

- 178 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/boemios-de-inhauma/2007/186/>. Acesso em 11-08-2016.
- 179 <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=gato2007>. Acesso em 11-08-2016.
- 180 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperio-serrano/2007/4/>. Acesso em 11-08-2016.
- 181 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/mocidade-independente-de-inhauma/2007/199/>. Acesso em 11-08-2016.
- 182 <https://www.letras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/830255/>. Acesso em 11-08-2016.
- 183 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-renascer-de-jacarepagua/samba-enredo-2007.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 184 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-cabral/2007/234/>. Acesso em 11-08-2016.
- 185 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-uraiti/2007/208/>. Acesso em 11-08-2016.
- 186 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-da-rocinha/2008/13/>. Acesso em 11-08-2016.
- 187 <https://m.letras.mus.br/academicos-do-dende/1289799/>. Acesso em 11-08-2016.
- 188 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-engenho-da-rainha/2008/17/>. Acesso em 11-08-2016.
- 189 <https://www.vagalume.com.br/arrastao-de-cascadura/paco-de-sao-cristovao-do-palacio-real-ao-museu-nacional-200-anos-de-historia.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 190 <https://www.letras.mus.br/grese-imperio-da-tijuca/1184527/>. Acesso em 11-08-2016.
- 191 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/mocidade-de-vicente-de-carvalho/2008/198/>. Acesso em 11-08-2016.
- 192 <https://m.letras.mus.br/gres-renascer-de-jacarepagua/1148644/>. Acesso em 11-08-2016.
- 193 <https://www.vagalume.com.br/unidos-de-vila-isabel/samba-enredo-2008.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 194 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/2008/21/>. Acesso em 11-08-2016.

- 195 <https://www.letras.mus.br/academicos-do-grande-rio-rj/1359860/>. Acesso em 11-08-2016.
- 196 <https://www.vagalume.com.br/imperatriz-leopoldinense/samba-enredo-2009.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 197 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/mocidade-independente-de-inhauma/2009/199/>. Acesso em 11-08-2016.
- 198 <https://www.letras.mus.br/portela-rj/1358354/>. Acesso em 11-08-2016.
- 199 <https://www.letras.mus.br/sao-clemente/1490218/>. Acesso em 11-08-2016.
- 200 <https://www.letras.mus.br/academicos-da-rocinha/1603935/>. Acesso em 11-08-2016.
- 201 <https://www.letras.mus.br/gres-academicos-do-cubango/1578746/>. Acesso em 11-08-2016.
- 202 <https://www.vagalume.com.br/academicos-do-grande-rio/samba-enredo-2010.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 203 <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/1572681/>. Acesso em 11-08-2016.
- 204 <https://www.vagalume.com.br/gres-boi-da-ilha-do-governador/samba-enredo-2010-do-sagrado-ao-profano-e-o-boi-quem-diria-foi-parar-na-freguesia.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 205 <https://www.letras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/1585212/>. Acesso em 11-08-2016.
- 206 <https://www.letras.mus.br/portela-rj/1568559/>. Acesso em 11-08-2016.
- 207 <https://www.vagalume.com.br/g-r-e-s-tradicao/samba-enredo-2010.html>. Acesso em 11-08-2016.
- 208 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-da-vila-santa-tereza/2010/171/>. Acesso em 11-08-2016.
- 209 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-viradouro/2010/10/>. Acesso em 11-08-2016.
- 210 <http://www.superdownloads.com.br/download/27/samba-enredo-2011-alegria-da-zona-sul/>. Acesso em 11-08-2016.
- 211 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/aramede-ricardo/2011/191/>. Acesso em 11-08-2016.
- 212 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/caprichosos-de-pilares/2011/15/>. Acesso em 11-08-2016.

- 213 <https://www.letras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/1760966/>. Acesso em 11-08-2016.
- 214 <https://www.letras.mus.br/vila-isabel-rj/1760782/>. Acesso em 11-08-2016.
- 215 <http://www.acemiadosamba.com.br/passarela/unidosdoanil/ficha-2011.htm>. Acesso em 11-08-2016.
- 216 <https://www.letras.mus.br/porto-da-pedra-rj/1760656/>. Acesso em 11-08-2016.
- 217 <https://www.letras.mus.br/academicos-de-vigario-geral/abdias-nascimento-uma-vida-de-lutas/>. Acesso em 11-08-2016.
- 218 <https://www.letras.mus.br/academicos-do-grande-rio-rj/1975757/>. Acesso em 11-08-2016.
- 219 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/alegria-da-zona-sul/2012/190/>. Acesso em 11-08-2016.
- 220 <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/1978509/>. Acesso em 11-08-2016.
- 221 <https://www.letras.mus.br/gres-estacio-de-sa-rj/luma-de-oliveira-coracao-de-um-pais-em-festa/>. Acesso em 11-08-2016.
- 222 <https://www.letras.mus.br/imperatriz-leopoldinense-rj/1976622/>. Acesso em 11-08-2016.
- 223 <https://www.letras.mus.br/imperio-serrano-rj/samba-enredo-2012-dona-ivone-lara-enredo-do-meu-samba/>. Acesso em 11-08-2016.
- 224 [http://www.carnaxe.com.br/history/2011/out/out\\_75.htm](http://www.carnaxe.com.br/history/2011/out/out_75.htm). Acesso em 11-08-2016.
- 225 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-viradouro/2012/10/>. Acesso em 11-08-2016.
- 226 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/vizinha-faladeira/2012/12/>. Acesso em 11-08-2016.
- 227 <https://www.letras.mus.br/em-cima-da-hora/alem-do-espelho-joao-nogueira-de-todos-os-sambas/>. Acesso em 11-08-2016.
- 228 <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/inocentes-de-belford-roxo/2013/19/>. Acesso em 11-08-2016.
- 229 <https://www.letras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/samba-enredo-2013-eu-vou-de-mocidade-com-samba-e-rock-in-rio-por-um-mundo-melhor/>. Acesso em 11-08-2016.
- 230 <https://www.letras.mus.br/uniao-do-parque-curicica/quando-o-samba-era-samba/>. Acesso em 11-08-2016.

- 231 <https://www.lettras.com/unidos-do-cabucu/o-mestre-sala-dos-mares/>. Acesso em 11-08-2016.
- 232 <https://www.lettras.mus.br/diego-nicolau/samba-enredo-viradouro-2013/>. Acesso em 11-08-2016.



## ANEXO 1

ANO: 1943

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:  
BRASIL TERRA DA LIBERDADEAUTORES: Alvaiade, Nilton  
Gonçalves e Ataulfo Alves.

Democracia  
Palavra que nos traz felicidade  
Pois lutaremos  
Para honrar nossa **liberdade**

Brasil! Oh! meu Brasil!  
Unidas nações aliadas  
Para o front eu vou de coração

Abaixo o Eixo  
Eles amolecem o queixo  
A vitória está em nossa união.

SAMBA-ENREDO:  
CARNAVAL DE GUERRA

AUTORES: Nilson e Alvaiade.

Brasil, terra da **liberdade**  
Brasil, nunca usou de falsidade  
Hoje estamos em guerra  
Em defesa da nossa terra  
Se a pátria me chama eu vou  
Serei mais um vencedor  
Irei para a linha de frente  
Travar um duelo  
Em defesa do meu pendão  
Verde amarelo  
Embora tenha que ser  
Sentinela perdida  
Honrarei minha Pátria querida.

## ANEXO 2

ANO: 1946

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:  
ALVORADA DO NOVO MUNDO

AUTOR: Ventura.

O carnaval da vitória  
É o que a Portela revela  
**Liberdade**, progresso, justiça  
Que realiza o valor de um povo herói  
Jamais poderei esquecer  
Essa data sagrada  
Que o mundo inteiro sempre lembrará  
Esse carnaval, cheio de encantos mil  
Lá, lá, lá, lá, lá...  
Canta, canta meu Brasil.

## ANEXO 3

ANO: 1948

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:  
EXALTAÇÃO À REDENTORA

AUTOR: Manacéa.

Foi a Princesa Isabel  
Que nos deu a **liberdade**  
Libertando aqueles que sofriam

Foi para ela uma glória  
Deixar o nome na história

Do Brasil...  
Somente ela quem via  
Como o preto sofria, noite e dia

Hoje no mundo,  
Preto tem o seu valor profundo.

## ANEXO 4

ANO: 1949

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO SERRANOSAMBA-ENREDO:  
EXALTAÇÃO A TIRADENTESAUTORES:  
Mano Décio, Estanislau Silva e Penteadó

Joaquim José da Silva Xavier  
Morreu a 21 de abril  
Pela Independência do Brasil  
Foi traído e não traiu jamais  
A Inconfidência de Minas Gerais

Joaquim José da Silva Xavier  
Era o nome de Tiradentes  
Foi sacrificado pela nossa **liberdade**  
Este grande herói  
Pra sempre há de ser lembrado.

## ANEXO 5

ANO: 1957

ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO

SAMBA-ENREDO: NAVIO NEGREIRO

AUTORES:  
Djalma Sabiá e Armando Régis.

Apresentamos  
Páginas e memórias  
Que deram louvor e glórias  
Ao altruísta e defensor  
Tenaz da gente de cor  
Castro Alves, que também se inspirou  
E em versos retratou  
O navio onde os negros  
Amontoados e acorrentados  
Em cativeiro no porão da embarcação,  
Com a alma em farrapo de tanto mau trato,  
Vinham para a escravidão.  
Ô-ô-ô-ô-ô.

No navio negreiro  
O negro veio pro cativeiro.  
Finalmente uma lei  
O tráfico aboliu,  
Vieram outras leis,  
E a escravidão extinguiu,  
A **liberdade** surgiu  
Como o poeta previu.  
Ô-ô-ô-ô-ô.  
Acabou-se o navio negreiro,  
Não há mais cativeiro.

ANEXO 6
ANO: 1958
ESCOLA DE SAMBA: PORTELA
SAMBA-ENREDO: VULTOS E EFEMÉRIDES DO BRASIL
AUTORES: Simeão e Jorge Porqueiro.
<p>Em vinte e dois de abril de mil e quinhentos Nosso gigante vi cair Por diante com amor edificou Essa grande pátria varonil E Portugal ao mundo revelou Brasil, ô meu Brasil Tiradentes, o mártir inconfidente O pioneiro do Brasil independente Da Inconfidência Mineira Pela página brasileira Do exemplo de amor à <b>liberdade</b> José Bonifácio mentor de inteligência Influenciou Pedro I A dar o grito da independência A Princesa Isabel foi o anjo da Abolição Deodoro, Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva Os baluartes da Proclamação.</p>

ANEXO 7
ANO: 1958
ESCOLA DE SAMBA: TUPY DE BRAS DE PINA
SAMBA-ENREDO: INCONFIDENCIA MINEIRA
AUTORES: Heraldo e Aquino.
<p>O maior trecho da história Brasileira, Foi a Inconfidência Mineira Em março de 1789 Em Vila Rica A Conspiração promoveu Uma reunião geral Pela independência do Brasil, à Portugal. O covarde, Silvério dos Reis – o traidor Fez a denúncia ao governador Fazendo sofrer a derrota Bravos vultos patriotas.</p> <p>A denúncia foi feita a Visconde de Barbacena E este a D. Luiz, Que aplicou severa pena Na trama defensora e mais heroica do país</p> <p><b>Liberdade</b>, era o lema dos “Inconfidentes” Ainda que tarde Libertaremos, nossa gente. Thomaz Antônio, Cláudio Manoel, Alvarenga Peixoto, Oliveira Rolim, Freire de Andrade, lutaram até o fim Por nossa felicidade. Surgiu 3 anos depois 21 de abril de 1792 A condenação à morte, da conjuração, Mas Dona Maria I, comutou a punição Para a África fez a degredação Com exceção de “Tiradentes” Chefe dos “Inconfidentes” Que subiu à força sem clemência Joaquim José da Silva Xavier Mártir da “Inconfidência”.</p>

ANEXO 8
ANO: 1960
ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO
SAMBA-ENREDO: QUILOMBO DE PALMARES
AUTORES: Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho.
<p>No tempo em que o Brasil ainda era Um simples país colonial, Pernambuco foi palco da história Que apresentamos neste carnaval. Com a invasão dos holandeses Os escravos fugiram da opressão E do julgo dos portugueses. Esses revoltosos Ansiosos pela <b>liberdade</b> Nos arraiais dos Palmares Buscavam a tranquilidade.</p> <p>Ô-ô-ô-ô-ô-ô Ô-ô, ô-ô, ô-ô.</p> <p>Surgiu nessa história um protetor. Zumbi, o divino imperador, Resistiu com seus guerreiros em sua Tróia, Muitos anos, ao furor dos opressores, Ao qual os negros refugiados Rendiam respeito e louvor. Quarenta e oito anos depois</p> <p>De luta e glória, Terminou o conflito dos Palmares, E lá no alto da serra, Contemplando a sua terra, Viu em chamas a sua Tróia, E num lance impressionante Zumbi no seu orgulho se precipitou Lá do alto da Serra do Gigante.</p> <p>Meu maracatu É da coroa imperial. É de Pernambuco, Ele é da casa real.</p>

## ANEXO 9

ANO:1964

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO:

HISTORIA DE UM PRETO VELHO

AUTORES:

Hélio Turco, Pelado e Comprido.

Era uma vez um preto velho  
 Que foi escravo  
 Retornando a senzala  
 Para historiar o seu passado  
 Chegando a velha Bahia  
 Já no cativo existia  
 Preto velho foi vendido  
 Menino a um senhor  
 Que amenizou a sua grande dor  
 Quando no céu a lua prateava  
 Que fascinação  
 Preto velho na senzala  
 Entoava uma canção  
 Ô ... ô... ô...  
 Ô ... ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô...  
 Ô ... ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô...  
 Ô ... ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô...

Conseguiu tornar realidade  
 O seu ideal a **liberdade**  
 Vindo para o Rio de Janeiro  
 Onde o progresso despontava  
 Altaneiro  
 Foi personagem ocular  
 Da fidalguia singular  
 Terminando a história  
 Cansado da memória  
 Preto velho adormeceu

Mais o lamento de outrora  
 Que vamos cantar agora  
 Jamais se esqueceu  
 Ô ... ô... ô...  
 Ô ... ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô...  
 Ô ... ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô...

## ANEXO 10

ANO: 1964

ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO

SAMBA-ENREDO: CHICO REI

AUTORES:

Geraldo Babão, Djalma Sabiá e Binha.

Vivia no litoral africano  
 Uma régia tribo ordeira cujo rei era símbolo  
 De uma terra laboriosa e hospitaleira  
 Um dia, essa tranquilidade sucumbiu  
 Quando os portugueses invadiram  
 Capturando homens  
 Para fazê-los escravos no Brasil  
 Na viagem agonizante  
 Houve gritos alucinantes  
 Lamentos de dor  
 Ô, ô, ô adeus, Baobá, ô, ô, ô  
 Ô, ô, ô adeus, meu Bengo, eu já vou

Ao longe, Ninas jamais ouvia  
 Quando o rei mais confiante  
 Jurou à sua gente que um dia os libertaria  
 Chegando ao Rio de Janeiro  
 No mercado de escravos  
 Um rico fidalgo os comprou  
 E para Vila Rica os levou  
 A ideia do rei foi genial  
 Esconder o pó de ouro entre os cabelos  
 Assim fez seu pessoal  
 Todas as noites quando das minas regressavam  
 Iam à igreja e suas cabeças banhavam  
 Era o ouro depositado na pia  
 E guardado em outro lugar com garantia  
 Até completar a importância  
 Para comprar suas alforrias  
 Foram libertos cada um por sua vez  
 E assim foi que o rei  
 Sob o sol da **liberdade** trabalhou  
 E um pouco de terra ele comprou  
 Descobrimo ouro enriqueceu  
 Escolheu o nome de Francisco  
 E ao catolicismo se converteu  
 No ponto mais alto da cidade, Chico Rei  
 Com seu espírito de luz  
 Mandou construir uma igreja  
 E a denominou  
 Santa Efigênia do Alto da Cruz.

## ANEXO 11

ANO:1965

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:

HISTÓRIA DO RIO QUATROCENTÃO –  
DO MORRO DA CARA DE LEÃO À  
PRAÇA ONZE

AUTORES: Waldir e Candeia.

Rio és um marco de glória  
 És um berço na história do país  
 Tens um povo alegre, hospitaleiro e tão feliz.  
 É com desvelo e orgulho que iremos exaltar  
 Teu fundador, o bravo Estácio de Sá  
 Que transformou seus sonhos em realidade  
 Expulsando os invasores  
 Decidiu a sorte da cidade  
 Pagando com a própria vida  
 O preço do amor à **liberdade**.  
 E após um século decorrido  
 O povo conquistou retumbante vitória  
 Jerônimo Barbalho, o herói destemido  
 Com refulgência  
 Nos legou os ideais da independência.  
 Rio de Janeiro de São Sebastião  
 Cidade-estado, em expansão secular.  
 Salve! O Conde de Bobadela  
 Benfeitor da cidade  
 Que é a mais linda aquarela  
 Rio antigo, das batucadas  
 Dos rituais, capoeiras e congadas  
 Oh! Meu Rio colonial  
 Do mestre Valentim, artista genial.  
 Não devemos esquecer o mártir  
 Inconfidente  
 O heroico Tiradentes!  
 Salve! A princesa redentora Isabel  
 Que aboliu a escravatura tão cruel  
 Esse fato que tanto nos comove...  
 Após a vinda de D. João VI, no século XIX  
 Prosseguindo esta feliz apologia  
 Lembramos o último baile da monarquia.  
 Hoje no século XX, do caldeamento de raças  
 Surgiu com requinte e graça  
 No mundo aristocrata  
 Consagrada beleza exuberante da mulata.  
 Rio, teu panorama é um lindo relicário  
 Todo Brasil se engalana  
 Com a passagem de teu IV Centenário  
 Ô ô ô ô ô  
 Ruas do Rio, sempre cheias de esplendor  
 Ô ô ô ô ô  
 Hoje cantamos em teu louvor  
 Lará lará lará...  
 Lará lará lará...

## ANEXO 12

ANO:1967

ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO

SAMBA-ENREDO: HISTÓRIA DA LIBERDADE NO BRASIL

AUTORES: Áureo Campagnac de Souza (Aurinho da Ilha).

Quem por acaso for folhear a história do Brasil  
Verá um povo cheio de esperança  
Desde criança  
Lutando para ser livre e varonil  
Do nobre Amadeu Ribeira  
O homem não quis ser rei  
A Manoel, o “Bequimão”  
Que no Maranhão  
Fez aquilo tudo que fez  
Nos Palmares  
Zumbi, um grande herói  
Chefia o povo a lutar  
Só pra um dia alcançar

**Liberdade**  
Quem não se lembra  
Do combate aos Emboabas  
E da chacina dos mascates  
O amor que identifica  
O herói de Vila Rica  
Na Bahia, são os alfaiates  
Escrevem com destemor  
Com sangue, suor e dor  
A mensagem que encerra o destino  
De um bom menino  
Tiradentes, Tiradentes  
O herói inconfidente, inconfidente  
Domingos José Martins  
Abraça o mesmo ideal  
E veio o Fico, triunfal  
Contrariando toda a corte em Portugal  
Era a **liberdade** que crescia  
Engatinhando a cada dia  
Até que o nosso imperador  
A Independência proclamou  
Oba! Iararara  
Frei Caneca  
Mais um bravo que partiu  
Em seguida veio o 7 de abril  
No dia 13 de maio  
Negro deixou de ter senhor  
Graças a Princesa Isabel  
Abolindo com a Lei Áurea  
O cativo tão cruel.

**Liberdade,**  
**Liberdade** afinal,  
Deodoro acenou  
Está chegando a hora  
E assim  
Quando a aurora raiou  
Cortejando a República  
O povo aclamou.

## ANEXO 13

ANO:1967

ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE

SAMBA-ENREDO: FESTAS E TRADIÇÕES NO BRASIL

AUTORES: Paulo Granada, Leônidas de Araújo, Barata e Chocolate.

Glória ao poeta que um dia  
Escreveu ... Obras tão belas  
Que apresentamos hoje nesta passarela  
Dizia como era festejado o ano bom  
Ninguém dormia  
Nos palacetes grandes bailes  
A luz dos castiçais  
Atendidos por elegantes serviços  
Com presentes desejava a todo o povo  
Boas saídas, feliz ano novo  
E ao nordeste do Brasil  
No pequenino Sergipe  
Numa festa de colorido sutil  
Homenageavam São Benedito  
E sempre a festejar  
Já no Rio de Janeiro  
A irmandade do rei Baltazar  
Coroava o rei negro  
Quando apareceu nesta cidade o carnaval  
Era animado pela banda marcial  
Dominós, arlequins e pierrots  
Que encantavam a família imperial  
Eh, eh, eh, eh, boi  
Ia o carro pela estrada cantando feliz  
Levando o noivo pra o casório na matriz  
Numa tradição que é só nossa  
Como era lindo o casamento na roça  
Eh, eh, eh, eh, boi  
Foi na Bahia, que em dois de julho  
aconteceu  
O general Labatout  
A tirania combateu e venceu  
Representando a vitória  
Do povo sobre a opressão  
Paraguaçu vinha trazendo  
Sob os seus pés feroz dragão  
A cidade amanhecia engalanada  
Num colorido febril  
Para comemorar com alegria  
A independência do Brasil

E ao final cantava  
Já raiou a **liberdade**.

## ANEXO 14

ANO:1968

ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE LUCAS

SAMBA-ENREDO: SUBLIME PERGAMINHO

AUTORES: Zeca Melodia, Nilton Russo e Carlinhos Madrugada.

Quando o navio negreiro  
Transportava os negros africanos  
Para o rincão brasileiro  
Iludidos com quinquilharias  
Os negros não sabiam  
Ser apenas sedução  
Pra serem armazenados  
E vendidos como escravos  
Na mais cruel traição  
Formavam irmandades  
Em grande união  
Daí nasceram festejos  
Que alimentavam desejo de libertação  
Era grande o suplício  
Pagavam com sacrifício a insubordinação

E de repente  
Uma lei surgiu (uma lei surgiu)  
E os filhos dos escravos  
Não seriam mais escravos no Brasil

Mais tarde raiou a **liberdade**  
Pra aqueles que completassem  
Sessenta anos de idade  
Oh sublime pergaminho!  
Libertação geral  
A princesa chorou ao receber  
A rosa de ouro papal  
Uma chuva de flores cobriu o salão  
E o negro jornalista  
De joelhos beijou a sua mão

Uma voz na varanda do paço ecoou  
"Meu Deus, meu Deus!  
Está extinta a escravidão".

## ANEXO 15

ANO: 1969

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO SERRANOSAMBA-ENREDO:  
HERÓIS DA LIBERDADEAUTORES: Silas de Oliveira, Mano Décio  
e Manuel Ferreira.

Ô ô ô ô

**Liberdade**, Senhor,

Passava a noite, vinha dia

O sangue do negro corria

Dia a dia

De lamento em lamento

De agonia em agonia

Ele pedia

O fim da tirania

Lá em Vila Rica

Junto ao Largo da Bica

Local da opressão

A fiel maçonaria

Com sabedoria

Deu sua decisão lá, rá, rá

Com flores e alegria veio a abolição

A Independência laureando o seu brasão

Ao longe soldados e tambores

Alunos e professores

Acompanhados de clarim

Cantavam assim:

Já raiou a liberdade

A liberdade já raiou

Esta brisa que a juventude afaga

Esta chama que o ódio não apaga pelo

Universo

É a evolução em sua legítima razão

Samba, oh samba

Tem a sua primazia

De gozar da felicidade

Samba, meu samba

Presta esta homenagem

Aos "Heróis da Liberdade"

Ô ô ô.

## ANEXO 16

ANO: 1969

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO DA TIJUCASAMBA-ENREDO: O NEGRO NA  
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

AUTORES: Ailton Furtado.

Da África chegou

O mar imenso

Ultrapassou...

O céu da Bahia

Recebia

A primeira galera

Que o negro trazia!

Trezentos anos

De escravidão

Base à economia

De nossa nação

- Nos campos - ou na cidade

Com a **liberdade**

Sonhou!

Voz imortal do poeta

Ao negro se irmanou!

Ô ô - Kaô

Cabecilê — Xangô ô ô

Brilhou o sol

Da nova era

Liberto o negro

Se expandiu

Quanta beleza encerra

A arte negra no Brasil

Negro gigante!

Na servidão

Nos casebres - Nos Palácios

Teus costumes e roupagens

Eram marcantes

O feitiço e a magia

O tempero picante

Das comidas da Bahia!

- Negro!

Canto alto a tua glória

Defendeste nossa terra

Foram páginas de ouro

Na história

Bravo e herói...

Oh! Quanta luta traiçoeira

Vencia...

Empunhando bem alto

A nossa bandeira!!!

## ANEXO 17

ANO: 1969

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE LUCASSAMBA-ENREDO:  
RAPSÓDIA FOLCLÓRICAAUTORES: Herlito Fonseca (Tolito),  
Nélson Pechincha e Zavariz (Ruço).

Abrem-se as cortinas coloridas

Mostrando os matizes da vida

Num cenário espetacular

Lendas, flores lindas, fantasias

Contos que o poeta vem cantar

Do céu, da terra e do mar

Do sol, das nuvens e do luar

Esclarecendo em alto som

Que a **liberdade** é o lado bom

Em cortejo de grande alegria

O vaqueiro anuncia

A dança do boi-bumbá

O meu boi morreu

O meu boi-bumbá

Manda buscar outro, maninha

Lá no Ceará

Ô lê lê lê, ô lê lê, ô lá lá

Maracatu é festa

Em Pernambuco e Ceará

As valentes amazonas

E a rainha Canhori

Guerreira do braço forte

Que lutou até a morte

Na seita dos Caranaí

No Rio Grande do Sul

O lendário Negrinho do Pastoreiro

Foi surrado, arrastado e jogado

Dentro de um formigueiro

E o príncipe Obá

Homem de grande projeção

Que lutou bravamente na guerra

Foi herói pelo seu batalhão

E as Pastorinhas

Com seus belos madrigais

Entoavam lindos cantos

Que hoje não se ouvem mais

Na Bahia tem

Tem, tem, tem

Na Bahia tem, ô baiana

Água de vintém.

## ANEXO 18

ANO: 1970

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPERATRIZ LEOPOLDINENSESAMBA-ENREDO:  
OROPA, FRANÇA E BAHIAAUTORES:  
Mathias de Freitas e Carlinhos Sideral.

Na alvorada de glória  
Da literatura brasileira  
Quando um marco transformou a  
Velha história  
Da arte numa nova fronteira  
Dentro da Semana Modernista  
Criou a Independência Cultural  
Deu plena **liberdade** ao artista  
Desprezando a tradição  
Neste verso original  
O rei mandou me chamar  
Pra casar com sua fia  
O dote que ele me dava  
Oropa, França e Bahia  
Vibrante, surgiu da lenda um  
Bandeirante  
Sob a luz dos pirilâmpos  
Perdidos nos campos  
A procura do mar  
Sem saber voltar, sem saber voltar  
Macunaíma, negro sonso, feiticeiro  
Cobra Norato e a rainha Luzia  
São personagens do cenário brasileiro  
Como a mulata, o café e o vatapá  
No Carnaval, o Arlequim e a Colombina  
Linda menina, amada pelo Pierrô  
Parece o lamento da prece  
A voz derradeira da porta bandeira

Morrendo de amor  
É tempo de amar o que se amou  
Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô.

## ANEXO 19

ANO: 1971

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADEMICOS DE SANTA CRUZSAMBA-ENREDO:  
TRES FASES DA POESIA

AUTORES: Jaci Silva e José C. Silva.

Vibra a plateia em alegria  
Ao ouvir cantar linda melodia  
E o cenário colorido e fascinante  
Em que a poesia é o destaque marcante

Entre os fatos importantes  
Na história brilhante  
Da literatura deste imenso torrão  
A civilização dos índios  
O grito da independência  
E **liberdade** da escravidão

Oh! Pátria amada  
Abençoada de encantos mil  
Seu Filho tem orgulho em dizer  
Ninguém segura mais o Brasil.

## ANEXO 20

ANO: 1971

ESCOLA DE SAMBA:  
CANÁRIOS DAS LARANJEIRAS

SAMBA-ENREDO: GANGA ZUMBA

AUTORES:  
Carlinhos Sideral e Colid Filho.

O negro  
Escolheu a **liberdade**  
Sem saber que a igualdade  
Era um sonho que passou  
Ao negro  
Revoltava a realidade  
Dando a vida a mocidade  
Pelas moedas do senhor  
Um dia  
Nos caminhos dos Palmares  
Forte vento, sopra os ares  
Foi rei Zumbi que ordenou ôôô  
Invocando o deus da guerra  
Entre vales, rios, serras  
As lanças feriam  
Luzindo ao sol redenção

E no acesso da batalha  
Pelo solo a mortalha  
Do amor que trazia  
Tão puro no seu coração

Ganga Zumba ôôôô  
Ogu saruê  
Oloru Modukê  
Ganga Zumba ôôôô  
Quem foi que deu ao Brasil mais amor

Foi um negro, foi um bravo  
Que o Brasil abençoou  
Na senzala foi escravo  
No quilombo foi senhor.

ANEXO 21	ANEXO 22	ANEXO 23
ANO: 1972	ANO: 1972	ANO: 1972
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE VILA ISABEL	ESCOLA DE SAMBA: EM CIMA DA HORA	ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE SÃO CARLOS
SAMBA-ENREDO: ONDE O BRASIL APRENDEU A LIBERDADE	SAMBA-ENREDO: BAHIA BERÇO DO BRASIL	SAMBA-ENREDO: RIO GRANDE DO SUL NA FESTA DO NEGRO FORRO
AUTOR: Martinho da Vila.	AUTOR: Eládio Gomes dos Santos (Baianinho).	AUTORES: Nilo Esmera Mendes e Dário Marciano.
<p>Aprendeu-se a <b>liberdade</b>  Combatendo em Guararapes  Entre flechas e tacapes  Facas, fuzis e canhões  Brasileiros irmanados  Sem senhores, sem senzalas  E a Senhora dos Prazeres  Transformando pedra em bala  Bom Nassau já foi embora  Fez-se a revolução  E a festa da Pitomba é a  Reconstituição</p> <p>Jangadas ao mar  Pra buscar lagosta  Pra levar pra festa  Em Jaboatão  Vamos preparar  Lindos mamulengos  Pra comemorar  A libertação</p> <p>E lá vem Maracatu  Bumba-meu-boi, Vaquejada  Cantorias e fandangos  Maculelê, marujada  Cirandeiro, cirandeiro  Sua hora é chegada  Vem cantar uma ciranda  Pois a roda está formada</p> <p>Cirandeiro, cirandeiro ó  A pedra do seu anel  Brilha mais do que o sol.</p>	<p>Ê, ê, ê, Bahia  Bahia de São Salvador  Terra dos capoeiras  Do famoso candomblé  Tem a festa da Ribeira  A festa do lava-pé  Salve o Senhor do Bonfim  Que os baianos têm muita fé  Glória à heroína  Maria Quitéria  Mulher de grande valor  Lutou pela <b>liberdade</b></p> <p>E contra o terrível preconceito  Bahia, berço do Brasil  Terra de São Salvador  Que o mundo inteiro encantou.</p>	<p>O negro na senzala cruciante  Olhando o céu pedia a todo instante  Em seu canto e lamentos de saudade  Apenas uma coisa: <b>liberdade</b>  Na região denominada Preto Forro  Lá na Serra do Mateus, na Boca do mato  Todo negro dono da sua liberdade  Na maior felicidade se dirigia pra lá  Reunidos davam início à festança  Com pandeiros, tamborins,  Chechereis e ganzás  Oeô, oeá  Saravá meu povo e salve todos os orixás  Sob o clarão da lua  E o fosco do lampião  A capoeira era jogada  Sempre ao som de um refrão:  Você me chamou de moleque  Moleque é tu  Rio Grande do Sul  Seu folclore, sua gente  Também participara  Desta festa diferente.</p>

## ANEXO 24

ANO: 1978

ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO ENGENHO DA RAINHA

SAMBA-ENREDO: CRIAÇÃO DO MUNDO, SEGUNDO OS CARAJÁS

AUTORES: Hercules Correa, China, Betinho e Luiz do Engenho.

Foram...  
Os Carajás, que através de um menino  
Surgiu uma lenda genial  
“A criação do mundo”  
O Engenho traz pra este carnaval

Os Carajás,  
Viviam num mundo feliz  
Sob as águas do rio  
Só morriam cansados de muito viver  
Mas o grande sonho,  
Era a terra conhecer  
E foi então... (e foi então)  
Com esperança e emoção  
Saíram do furo das pedras  
Percorreram a terra que era só escuridão

Encontraram galhos, frutos e animais  
O menino entrou pra lenda dos Carajás

Quando o urubu-rei aprisionou  
A paisagem por encanto mudou

Em troca da **liberdade** do velho rei  
O menino ditou a sua lei  
Quero enfeites, e o coração em alegria

O rei trouxe a lua e as estrelas  
Ao trazer o sol... Raiou o dia.

## ANEXO 25

ANO: 1979

ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO CABUÇU

SAMBA-ENREDO: O GIGANTE NEGRO DA ABOLIÇÃO À REPÚBLICA

AUTORES: Ilzamar, Marlon, Valmir e Amauri.

**Liberdade**

Estava conquistado o ideal  
Negros e brancos  
Teriam direito de igualdade  
Em todo território nacional  
Relembrando uma época distante  
Um passado emocionante  
No tempo colonial  
Onde o negro que sofria dia-a-dia  
Mas no peito ainda ardia  
Desejo de ser feliz  
Correndo para as matas em abrigo  
Fugindo do castigo  
Nos quilombos iam se refugiar  
Pedindo a Deus em forma de oração  
A libertação da escravidão  
Um negro jornalista, farmacêutico e escritor  
Em colunas de jornais lutava pelos irmãos de cor BIS  
Filho de uma negra quitandeira  
José do Patrocínio sua vida dedicou  
À libertação da escravatura  
E o seu sonho realizou  
Depois que o gigante negro da Abolição  
Pela República lutou  
Conseguindo a Proclamação  
E assim a **liberdade** enfim chegou.

## ANEXO 26

ANO: 1981

ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DE SÃO CARLOS

SAMBA-ENREDO: QUEM DIRIA, DA MONARQUIA À BOEMIA, AO ESPLENDOR DA PRAÇA ONZE

AUTORES: Caruso e Oliviel.

Nesta avenida iluminada  
Vem o artista louvar  
O esplendor da velha praça  
Relíquia da cultura popular  
Destacando nosso imperador  
A **liberdade**, a monarquia  
Saudando o namorador  
Sua corte e a boemia

Quem diria, quem diria  
Que o passado ao presente viria

Na Praça...  
Na Praça Tiradentes  
Quando a noite chegava  
Havia uma explosão de cores  
Ao som da gafeira, boêmios pelas calçadas  
Iam conquistando seus amores

E os artistas nos teatros engalanados  
Desempenhavam seus papéis  
Jornais e as revistas publicavam as notícias  
Que tiravam os chapéus

Tornei-me um ébrio na bebida para esquecer  
Pois não sabia que o passado eu ia reviver  
E até hoje continua animado  
O baile dos enxutos que não para de crescer

Vira mexe, mexe vira  
Vestido de homem e de mulher  
Vem o bonde vinte e quatro  
Todos sabem que ele é.



ANEXO 27
ANO:1981
ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO
SAMBA-ENREDO: OU ISTO OU AQUILO
AUTORES: Dedeco, Silvio Paulo e Ormino.
Noite e dia Eis a vida gargalhando o seu prazer Com poesia E sutileza me levando a escolher Fico entre o preto e o branco Bem ou mal o destino me traz Se há alegria ou pranto Me envolvo no canto em busca de paz Não sei se amanhã ou depois Vou contar com a força da sorte ou azar
E lá vou eu Amando ou desamando Roda viva gira a roda E lá vou eu passando
(Mas será...)
Será Que Morfeu me trará pesadelo angustiante Ou lindo sonho fascinante Não sei não sei não sei Que bom seria se o sol ou a chuva De beleza e encanto Através do seu manto Semeasse a paz Sigo agitado ou tranquilo Na escolha do melhor Entre isto ou aquilo
Samba povo a <b>liberdade</b> Tradição nos carnavais Na pobreza ou riqueza Os direitos são iguais.

ANEXO 28
ANO:1983
ESCOLA DE SAMBA: PORTELA
SAMBA-ENREDO: A RESSURREIÇÃO DAS COROAS
AUTORES: Hilton Veneno e Mazinho da Piedade.
Vou me embalar na poesia Com amor e sedução Extravasando de alegria O meu coração
Tecendo nas malhas do tempo De toda coroação Do índio à nobreza A beleza da ressurreição
Reisado, reino, reinado Ganga-Obá Chico Rei foi coroadado
A teia Que a realeza teceu A terra amada acolheu Um sol se fez raiar Velas brancas Deslizando nas ondas De um eterno azul Do mar
A Independência flutuou Assim a <b>liberdade</b> ecoou Um canto forte se alastrou Trazendo a miscigenação de amor De pluma, de ouro De prata ou de lata As coroas têm suas tradições
O rei mandou sambar O rei mandou vadiar No carnaval das ilusões.

ANEXO 29
ANO:1983
ESCOLA DE SAMBA: IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE
SAMBA-ENREDO: O REI DA COSTA DO MARFIM VISITA CHICA DA SILVA EM DIAMANTINA.
AUTORES: Matias de Freitas, Carlinhos Boemia e Nelson Lima.
As festas da Chica que manda Deslumbravam a sociedade do local Diamantina era uma flor De amor, sem preconceito ou ritual No Castelo da Palha Dava gosto de se ver Aquele que já foi escrava Demonstrava o valor do poder
O amor lhe deu tesouros Que vivia pra gastar Dos gemidos da senzala Nem queria recordar
Esta negra caprichosa Convidou o rei da Costa do Marfim E o recebeu de forma suntuosa E a festa parecia não ter fim A nobreza esqueceu os Preconceitos Irmanada com o povo festejou Parecia que a <b>liberdade</b> sonhada Se fez convidada e se apresentou
Só Minas Gerais Só Minas Gerais Poderia ser o palco desta estória Que gravei na memória E o tempo não desfaz.

## ANEXO 30

ANO:1984

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DA TIJUCASAMBA-ENREDO:  
SALAMALEIKUM, A EPOPEIA DOS  
INSUBMISSOS MALÊSAUTORES: Carlinhos Melodia, Jorge  
Moreira e Nogueirinha.

Levei meu pensamento à Bahia  
Ao berço da poesia  
Em busca de inspiração  
Encontrei personagens realistas  
Tidas como anarquistas  
Pois queriam um Brasil mais irmão  
De Alá receberam ensinamentos  
De Olorum não se afastaram  
Um só momento  
Negros que enxergaram as razões  
E lutaram pela igualdade  
Liberdade e justiça social  
Salamaleikum, elo forte triunfal  
Se na veia corre sangue  
Do senhor ou do plebeu  
Desejavam dar ao próximo  
O mesmo que queriam aos seus

Valia ouro, valia prata  
A inteligência e a cultura  
Desta raça

Lá, da África distante  
Trouxeram o misticismo da magia  
Razões de mestres alufás  
Usavam estratégia e ousadia  
As revoltas se sucederam  
Com Luiza Mahim, Licutam e  
Nassim  
A cidadania era o ideal destas nações  
**Liberdade** ou a morte  
Se lançaram a sorte  
Olhando o mundo  
Como um jogo de xadrez

Hoje eu sei, vovó  
Que não foi em vão  
Apesar da nossa história  
Não mostrar toda a verdade  
Do tempo da escravidão.

## ANEXO 31

ANO: 1984

ESCOLA DE SAMBA:  
PARAÍSO DO TUIUTI

SAMBA-ENREDO: 1984

AUTOR: Vicente Arides.

Vamos computar, ô  
No computador  
Para mostrar  
Existe **liberdade**  
Alegria, paz e amor  
Tem banguê-banguê nas televisões  
O Chacrinha e o Sílvio Santos  
Vamos rir com Os Trapalhões  
E outros mais a censura proibiu  
Foi legal a abertura  
O custo de vida subiu

É natural  
Ainda há carnaval  
No meu Brasil

Clóvis bate-bate, bate bola  
Desfile de bloco de sujo  
A grandes escolas  
A esperança nunca terá fim  
Crianças brincam, passeiam no jardim  
Vão à praia nas manhãs de Sol  
Nos parques de diversões  
Circo, o futebol  
O Rio continua sorrindo  
Trabalhando e se divertindo

O mal que alguém previu  
Não aconteceu, foi boato  
Estamos em 1984.

## ANEXO 32

ANO:1984

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO JACAREZINHOSAMBA-ENREDO:  
ZIGUEZAGUEANDO NO ZUNZUM DA  
FANTASIAAUTORES:  
Batista, Meireles e Carlinhos Anchieta.

Vamos formar um elo de alegria  
E entrar no mundo da fantasia  
E alimentar o calor da emoção  
Em busca da imaginação

Brilhar, brilhar  
No palco da alegria  
Brindar com euforia  
O renascer da fantasia

O Jacarezinho  
Traz o tema pra folia  
Prateando num rosado  
Com lindo toque de magia

São fascinantes  
Essas cores tão singelas  
Que hoje brilham  
Novamente na passarela

Oh! que beleza o coração  
Apaixonado por tanta filosofia  
Quero se perder, enlouquecer  
E sobreviver o dia-a-dia

Eu vivo buscando a minha paz  
Não tenho mágoas da realidade  
Hoje no berço da **liberdade**  
Eu quero encontrar felicidade

Vem sambar, sorrir, brincar  
Ziguezagueando  
No zunzum da fantasia.

## ANEXO 33

ANO:1984

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO VIRADOUROSAMBA-ENREDO:  
O SONHO DE ILÊ IFÊAUTORES:  
Joel do Cavaco e Odair Conceição.

No limiar desta aurora de alegria  
Festejando a integração racial  
Hoje, o Viradouro canta a liberdade  
Nesta manhã de carnaval

Olorum, supremo Deus do Olímpico  
Africano  
A pedido convocou  
Os deuses yorubanos  
Para proteger seu povo  
Escravidados pela ambição  
Que estavam em trabalhos forçados  
Na lavoura e na mineração

Oké, okê Oxossi  
Ogum grande guerreiro  
Eparrei Iansã  
Xangô justiceiro  
Oxum, encanta,  
Com seu majestoso encanto  
Iemanjá, cobre com seu lindo manto

Donos do próprio destino  
Partiram para construir as suas vidas  
Quem vier por amor,  
A **liberdade** fica  
Ainda ecoa pelos ares  
O mais puro canto de zumbi  
O quilombo dos palmares  
Sempre haverá de existir

E hoje, e para sempre a humanidade  
Jamais esquecerá o sonho de **liberdade**.

## ANEXO 34

ANO:1985

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA  
SAMBA-ENREDO: ABRAM ALAS QUE  
EU QUERO PASSAR.AUTORES: Jurandir, Hélio Turco e Darcy  
da Mangueira.

É carnaval  
O samba faz vibrar a multidão  
Lá vem Mangueira  
Não posso contar a minha emoção  
Vamos reviver o Rio antigo  
Onde Chiquinha se fez imortal

Oh, deusa da folia  
Rainha do meu carnaval

Eu sou da lira  
Não vou negar  
Oh, “abram alas que eu quero passar”  
Só não passa a saudade  
A saudade que ficou no seu lugar

**Liberdade**

Oh, falsa realidade

**Liberdade**

O sonho foi morar noutra cidade  
Desprezou a burguesia  
E o requinte dos salões  
Abraça a boemia  
E deixa na boca do povo  
Mais de mil canções  
Roda baiana  
Levanta a poeira do chão  
Roda baiana  
Nas cores do meu coração.

## ANEXO 35

ANO:1985

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO CABUÇUSAMBA-ENREDO:  
A FESTA É NOSSA, NINGUÉM TASCA,  
OU QUEM RI MELHOR.AUTORES: Lélío, João do Cabucu,  
Celsinho e João do Cavaco.

Hoje vou sonhar com a **liberdade**  
E cantando nossa história  
De tristeza e alegria  
Nos seus braços vou deitar  
E vou contar

Zé Carioca eu sou  
Vim de terras do além mar  
Vi a luz da **liberdade** se apagar na  
mão covarde  
De quem veio explorar

Os índios antes livres foram massacrados  
Trocaram sua tanga pela calça lee  
E o negro escravizado  
Em quilombos se refugiou  
Até a influência europeia  
A nossa cultura modificou

Quem quer vai  
Quem espera sempre alcança  
Do brasileiro ninguém tira a  
Esperança

Fracassaram pela traição  
A tentativa de libertação  
A Independência  
A aristocracia foi quem fez  
Mas foi o povo quem pagou  
E até hoje a **liberdade** tão  
sonhada não chegou

**Liberdade**

Para este povo sofredor  
Que já está de saco cheio  
De comer o pão que o diabo amassou  
A festa é nossa  
40 anos, vamos festejar  
A festa é nossa  
Iremos comemorar.

## ANEXO 36

ANO:1985

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:  
RECORDAR É VIVER

AUTORES:

Noca da Portela, J. Rocha, Edir e Poly.

A Portela vem  
Tão bela, tão bela  
Colorindo a passarela  
Com pedaços de alegria

Traz na mente a saudade  
No peito a esperança  
Voa, águia, em sua **liberdade**  
Abre as asas da lembrança

Mergulhei no passado  
E sonhei, sonhei  
Com o meu mundo encantado  
Majestoso e divino  
O meu reino era um cassino  
Com cenário multicor  
Onde a noite tinha vida  
E a vida mais amor

Façam o jogo  
Que a roleta vai girar  
Quem brincar com fogo  
Pode se queimar

Recordar é viver  
O sonho prosseguia  
No Teatro de Revista  
Com milhares de artistas  
O palco e a magia, ôôôô

Ôôôô, ôôôô  
O circo chegou, meu povo  
Revivendo a marmelada  
Na Sapucaí de novo.

## ANEXO 37

ANO:1985

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO: UM HERÓI, UMA  
CANÇÃO, UM ENREDO

AUTORES:

Didi, Aurinho da Ilha e Aritana.

Lá na minha aldeia  
Já não canta a chibata  
Sangrando a Guanabara  
Um dia  
Um novo Dragão Verdes Mares  
Bailando nos mares e lares  
Um lenço era o seu espadim

Unindo a negrura  
Sacrifício e destemor  
Se o sangue assina a tortura  
O sangue se apaga com o amor

E viu o cais sorrir  
O mulhério vibrando de alegria  
E viu também um batalhão  
Cheio de feitiço e de magia

A mentira veio no fantasma da anistia  
O mar nunca afogou  
As ondas que agitam a **liberdade**  
O vento que passou  
Só ventou saudade

Yemanjá sentiu no ar  
O cheiro do meu Brasil  
Tempera o meu vatapá

O samba hoje impera  
Frevo e bumba-meu-boi  
O que vem da terra  
Não encerra quem se foi

Taí, Elis, taí  
Olha o feiticeiro negro  
Na Sapucaí.

## ANEXO 38

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS  
DO ENGENHO DA RAINHASAMBA-ENREDO: GANGA ZUMBA  
RAIZ DA LIBERDADE

AUTORES:

Guará, De Minas, Bizil e Jacy Inspiração.

Quando o leiloeiro apregou  
Vai haver uma princesa no leilão  
Não sabia que vendia  
Quem daria a luz um dia  
A raiz da libertação  
Liberdade, palavra com sabor de mel  
No cativo tão cruel  
Negros fugiam e se reuniam  
Entre vastos palmeirais  
Eis que a nação quilombola surgiu  
Evoluiu muito mais

O rufar dos atabaques  
Ecoava pelos ares  
No grito de **liberdade**  
Do Quilombo dos Palmares

É festa na aldeia  
É canto, é dança, é batucada  
A Lua no céu clareia  
É o sangue, o suor, a raça  
É Ganga Zumba que chegou pra desbravar  
Aquele povo bravamente despertou  
Existe a luta para quem quiser lutar  
E este exemplo pelo tempo se espalhou

**Liberdade**, um direito  
É nos versos da canção  
É a brisa que me embala  
É a força da razão.

## ANEXO 39

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO SALGUEIRO

SAMBA-ENREDO:

TEM QUE TIRAR DA CABEÇA  
AQUILO QUE NÃO SE TEM NO  
BOLSO.AUTORES: Jorge Melodia, Paulo Emilio,  
Bicho de Pena e Marcelo Lessa.

Um dia eu fui Zambi  
Rei de Palmares  
Araponga na voz  
Estandarte na mão  
Tiê-Sangue no olhar  
E o meu cinzel raiava a aurora  
Jeremias, João, Daniel, Abraão  
Fiz em pedra de sabão  
Já bebi, sambei com Chico-Rei  
Ouro nos cabelos  
E no carnaval com os Tenentes do Diabo  
Cavalguei o alazão da **liberdade**

Vamos gingá camará,  
Vamos gingá  
Tira da cabeça  
O que do bolso não dá

O Ana Jacinta  
Eu quero te beijar  
Turmalina feiticeira de Araxá  
Me leva pra Bahia  
Saravá Ogum, Kaô Xangô, Ave Iemanjá  
Fui sambar na Praça Onze  
Lá no terreiro da Ciata  
Fui parar bem longe  
Com o rei negro no congá  
As bandeiras no varal  
Manga rosa no mangueiral  
Do angu à saideira  
Gostosa é a cozinha brasileira

O Salgueiro chegou  
Na terra de Iorubá  
O Salgueiro brilhou  
No céu de Oxalá.

## ANEXO 40

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA:  
ARRASTÃO DE CASCADURASAMBA-ENREDO: MANO DÉCIO,  
APOTEOSE AO SAMBAAUTORES: Santa Branca, Adilson  
Madureira e Lico.

Meu carnaval é você  
Vou explodir minha alegria  
Todo Arrastão hoje é folia  
Peito aberto fantasia  
Nos braços da poesia  
Desperta meu mestre  
Vem ouvir o meu cantar

Com a luz iluminando a passarela  
A noite fica mais bela  
E a alegria vai contagiar

Veio um menino pobre  
Com a esperança de crescer  
Lata d'água, o carroto lá pro morro

Era o seu meio de viver

Com o tempo foi girando  
De sua arte veio a glória  
De Mangueira a Madureira  
O pregão de um jornalista  
Era a luz de **liberdade**  
No talento de um guerreiro  
Braço forte no trabalho  
Com um sonho de vencer  
Tricolor de coração  
Nas manhãs de seu lazer  
A viola na Serrinha  
Fez parceiro um mestre bamba  
Mano Décio e seu Império  
Apoteose do samba

E violeiro passeia na minha canção  
Cisca a viola ponteia no meu coração.

## ANEXO 41

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA:  
CAPRICHOSOS DE PILARESSAMBA-ENREDO: BRAZIL NÃO  
SEREMOS JAMAIS... OU SEREMOS?AUTORES: Almir de Araújo, Balinha,  
Marquinho Lessa, Hercules Correia e  
Carlinhos de Pilares.

Tudo bem, novamente popular  
Um novo Sol a brilhar  
É isso aí vou caprichar (eu falei)  
Vou caprichar  
Brasil, meu Brasil  
Com S fica bem mais forte  
No Sul, no Centro, ou no Norte  
Na voz do nosso povo  
Ninguém vai me enganar de novo  
Num sorriso de criança  
A fé, a esperança conquistar  
O que é da nossa terra  
Sem essa de americanizar

Não enfia o pau  
Noutra bandeira  
Vai, tira, tira  
E bota a nossa brasileira

Sou "canariquito"  
Carioca a cantar  
Águia não cala meu bico  
Meu ouvido não é penico  
Meu Sam é de Sambar  
Unindo os heróis brasileiros  
Dos pagodes nos terreiros  
Contra o que vem de lá  
Canto a **liberdade**  
Meu hino, minha verdade  
A feijoada e o vatapá

Quem comeu, comeu  
Quem não comeu não come mais  
Brazil com Z jamais!

## ANEXO 42

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO SERRANO

SAMBA-ENREDO: EU QUERO

AUTORES: Aluísio Machado, Luiz Carlos  
do Cavaco e Jorge Nóbrega.

Eu quero, a bem da verdade  
A felicidade em sua extensão  
Encontrar o gênio em sua fonte  
E atravessar a ponte  
Dessa doce ilusão

Quero, quero, quero sim

Quero que o meu amanhã, meu amanhã  
Seja um hoje bem melhor  
Uma juventude sã  
Com ar puro ao redor

Quero nosso povo bem nutrido  
O país desenvolvido  
Quero paz na moradia  
Chega de ganhar tão pouco  
Chega de sufoco e de covardia

Me dá, me dá  
Me dá o que é meu  
Foram vinte anos que alguém comeu

Quero me formar bem informado  
E meu filho bem letrado  
Ser um grande bacharel  
Se por acaso alguma dor  
Que o doutor seja doutor  
E não passe de bedel

Cessou a tempestade, é tempo de bonança  
Dona **Liberdade** chegou junto com a  
Esperança

Vem meu bem, vem meu bem  
Sentir o meu astral  
Hoje estou cheio de desejo  
Quero lhe cobrir de beijos etcetera e tal.

## ANEXO 43

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA: TRADIÇÃO

SAMBA-ENREDO:  
REI SENHOR, REI ZUMBI, REI NAGÔAUTORES:  
João Nogueira e Paulo Cesar Pinheiro.

O negro lá na África era um rei  
Foi artesão, foi caçador  
Guerreiro, feiticeiro, camponês  
Exímio dançador  
Tinha sua própria lei  
E a **liberdade** sem favor

Dono dos ouros e das pratas  
Dos rios, das matas  
Rei senhor O O O

Um dia chegou o branco invasor  
De armas nas mãos, brutais e cruéis  
Sangue pelo chão, corrente nos pés  
Vinham das galés lamentos de dor  
Mas da escravidão surgiu  
Zumbi que foi o rei libertador  
Tempo passou  
E a raça no Brasil tem uma nova cor  
Samba vingou  
E o negro no Brasil tornou-se o rei Nagô

Morena de Angola  
Me faz Cafuné  
Mulato frajola  
De lá da Guiné  
Que deita e que rola  
Na ponta do pé  
Veio dentro da gaiola  
Transformou-se em quilombola  
Veja agora o que ele é  
Rei do carnaval da escola  
Rei das artes, rei da bola  
E a rainha é mãe quelé.

## ANEXO 44

ANO:1986

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO JACAREZINHOSAMBA-ENREDO:  
CANDEIA, LUZ DA INSPIRAÇÃOAUTORES: Bené do Feitiço, Pedrinho  
Total, Zé Leitão, Vilmar e Marquinho  
Mancha.

O tempo que passou  
Nos traz recordações laia laiá laiá  
Vamos lembrar na avenida  
Candeia, Luz da Inspiração (ao som)  
Ao som da viola e pandeiro  
Sou mais o negro brasileiro  
Assim ele nos dizia  
Portela  
Sua escola de coração  
Que emoção ao desfilar com os sambas que  
ele fazia  
Fundou QUILOMBO que aos pobres  
ajudou (ajudou)  
E a linda arte negra também mostrou

Olha o jongo, boi-bumbá  
Olha o maculelê  
Capoeira vou jogar

(Ele inovou)

Ele inovou revivemos sua raça  
Tornando todos os dias em um dia de graça

Bate palmas para mim (plá plá plá)  
O patrão que o ano inteiro vive a me torturar

Cantar (oi cantar)  
É a maneira de desabafar  
É sorrir pra não chorar  
Igualdade, **liberdade** é natural  
Pro negro não mais voltar ao humilde  
barracão  
Para toda humilhação acabar afinal  
Agora canta, meu povo canta  
Esquece as mágoas porque hoje é carnaval  
Agora canta, meu povo canta  
Em homenagem ao sambista imortal  
O tempo...

## ANEXO 45

ANO: 1987

ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO

SAMBA-ENREDO:  
TRADIÇÃO DE UMA RAÇA

AUTORES: José Eugênio e Ormindo.

Vou abrir  
Nesta avenida o meu coração  
Lembrar dos vales e dos rios  
Pedacinhos coloridos de recordação  
Eu sei nem sempre vale o escrito  
São leis que vivem em conflito com a realidade  
Mas não há revolta em meu peito  
E nele eu guardo com respeito  
Crenças de uma raça milenar

Ora, iê, iê, ô, mamãe Oxum  
A Lua brilha em teu louvor  
Clareia o meu sonho de amor

Numa transversal desta história  
A vida tece os seus descaminhos  
Vento forte é tempestade  
Palmares, um clamor de **liberdade**  
Ô ô Ogum, a tua força vou buscar até morrer  
Na fé de Oxalá a vida ganha outro matiz  
Verdades vão raiar  
Odoyá mãe Yemanjá

O mar serenou, serenou  
Rosas brancas eu vou ofertar  
Os meus versos nas ondas vagueiam  
São oferendas pra Yemanjá.

## ANEXO 46

ANO: 1987

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO DA TIJUCASAMBA-ENREDO:  
VIVA O POVO BRASILEIRO

AUTORES:  
Pedrinho da Flor, Baster, Belandi, Marinho da Muda e João Quadrado.

Tudo que vamos contar veio de lá da Itaparica  
Ilha baiana onde viveu Pirapuama  
E os personagens que ilustram essa trama  
Dafé, Patrício Macário  
E a mística figura do cenário  
Ao passar pela Bahia os holandeses  
Deixaram gerações, marcaram corações  
E tem mais o barão cruel, homem dominador  
Do monopólio da baleia era o senhor  
Ôôôôôôôôôô  
Ôôôôôôôôôô  
No verde esperança dos olhos de Maria  
Luzia Afé  
De um povo que sofria  
Com ele lutou pelo ideal  
De **liberdade** e justiça social  
Após a vitória, coberta de glória  
Tomada de emoção  
Aprisiona o vencido, com sua doçura  
Nas grades do seu coração  
No Paraguai, vitória geral  
Mas pro Macário, desilusão total  
Reressoam novamente os atabaques  
Agradecendo aos nossos orixás  
Lá se foi o general, fim da linha  
Hoje ainda existe a canastra  
A irmandade da Casa da Farinha  
Por trás desta alegria, à sombra de uma dor,  
de uma dor  
De um povo hospitaleiro  
Viva nós, viva nós, viva o povo brasileiro.

## ANEXO 47

ANO: 1988

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO: CEM ANOS DE  
LIBERDADE, REALIDADE E ILUSÃO

AUTORES:  
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho.

Será...  
Que já raiou a **liberdade**  
Ou se foi tudo ilusão  
Será...  
Que a lei Áurea tão sonhada  
Há tanto tempo assinada  
Não foi o fim da escravidão  
Hoje dentro da realidade  
Onde está a **liberdade**  
Onde está que ninguém viu

Moço...  
Não se esqueça que o negro também  
construiu  
As riquezas do nosso Brasil

Pergunte ao criador  
Quem pintou esta aquarela  
Livre do açoite da senzala  
Preso na miséria da favela

Sonhei...  
Que Zumbi dos Palmares voltou  
A tristeza do negro acabou  
Foi uma nova redenção

Senhor  
Eis a luta do bem contra o mal  
Que tanto sangue derramou  
Contra o preconceito racial

O negro samba  
Negro joga capoeira  
Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira.

## ANEXO 48

ANO:1988

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO: LENDA CARIOCA,  
OS SONHOS DO VICE – REIAUTORES: Neném, Mauro Silva, Isaac,  
Luizinho e Carlinhos Madureira.

Está fazendo um centenário  
A Portela em louvação  
Voa com a **liberdade**  
A águia e o negro num só coração  
Tece versos de amor  
Que o Vice-Rei sonhou  
Neste cenário de paixão... de paixão  
A hora é esta  
De irmanar a multidão

Canta, meu povo  
Canta, meu povo  
Vem no embalo  
Que a lenda é carioca (canta, canta)  
Canta, meu povo  
Vem sambar de novo

Peripécias do amor, ô ô  
O Vice-Rei sofreu  
Foi Vicente quem casou, ô ô  
O sonho se acabou  
Suzana, musa deste mar de lama  
Simplesmente a tua chama  
Queima o peito de quem ama  
Valentim, foi ele sim  
Sim, quem esculpiu  
A fonte dos amores  
Recanto tão sutil

Briga, eu, eu quero briga  
Hoje eu venho reclamar  
(O que que tem, o que que há)  
Esta praça ainda é minha  
Eu também estou fominha  
Jacaré quer me abraçar.

## ANEXO 49

ANO:1988

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO SERRANOSAMBA-ENREDO:  
PÁRA COM ISTO, DÁ CÁ O MEUAUTORES: Luís Carlos do Cavaco, Lula e  
Jarbas da Cuíca.

O Rio não é mais como era antes  
Pois acabaram com a nossa Guanabara  
Fundiram toda a nossa competência  
E já não somos a cidade Joia Rara  
Que saudades que eu tenho  
Da bandeira com golfinhos e brasão  
Do nosso Rio antigo  
Praça Onze, onde o samba tinha abrigo  
Rio, grande centro cultural  
Patrimônio da riqueza nacional  
Dá cá o meu  
Dá cá o meu  
O povo carioca  
Cobra aquilo que perdeu  
Quero novamente ver meu Rio  
Dono do samba e do grande futebol  
Ter um forte banco aqui na praça  
E que não seja um comitê eleitoral  
Chega de ter nossa casa comandada  
Por malandro e coisa e tal  
O Rio é negro e negro luta pelo Rio  
Buscando a **liberdade**, enfrentando desafio  
O Rio é negro e é negra essa nação  
Vamos firmes nessa luta  
Proclamando a abolição.

## ANEXO 50

ANO:1988

ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE

SAMBA-ENREDO:  
QUEM AVISA AMIGO ÉAUTORES:  
Isaías de Paula, Helinho 107 e Chocolate.

Desponta na avenida "nova mente"  
Mais uma vez vou cantar com altivez  
Ora! Tenha a santa paciência  
Por que tanta violência  
Nosso mundo está sofrendo  
A fauna e a flora em extinção  
Ainda temos esperança  
De encontrar a solução  
Nosso índio perde a terra  
E é massacrado  
Negro sofreu com a escravidão  
Sonhava chegar o dia da libertação  
Mulher ... Lute pelos seus direitos  
O tabu da virgindade  
Já foi desfeito  
Crianças encantadas com o "He-Man"  
Desconhecem as maldades  
Que em nossa terra tem  
O nordeste tão sofrido e sem amparo  
Cidade grande, a polícia e o ladrão  
Se defendem contra o monstro da inflação  
**Liberdade** ... Quero mudar  
O meu canal para outro mundo  
Onde não existe guerra  
Nem tampouco marajás  
E a paz se faz reinar  
Se essa onda pega  
Vá pegar noutra lugar  
"Quem avisa amigo é"  
São Clemente vai passar.



## ANEXO 51

ANO: 1988

ESCOLA DE SAMBA: BEIJA-FLOR

SAMBA-ENREDO: SOU NEGRO, DO EGITO À LIBERDADE

AUTORES: Ivancué, Cláudio Inspiração, Marcelo Guimarães, Aloísio Santos.

Vem, amor, contar agora  
Os cem anos da libertação  
A história e a arte dos negros escravos  
Que viveram em grande aflição  
E mesmo lá no fundo das províncias do  
Sudão  
Foram o braço forte da nação  
Eu sou negro, e hoje enfrento a realidade  
E abraçado à Beija-Flor, meu amor  
Reclamo a verdadeira **liberdade**  
Raiou o sol, e veio a lua  
Eu sou negro, fui escravo  
E a vida continua  
**Liberdade** raiou, mas igualdade não, não,  
não, não  
Resgatando a cultura  
O grande negro revestiu-se de emoção  
Ih! A mãe negra  
Oh! Mãe negra faz a festa  
O povão se manifesta  
Cantando para o mundo inteiro ouvir  
Se faz presente a força de uma raça  
Que pisa forte na Sapucaí

Dunga Tara Sinherê  
Erê rê rê rê  
Erê rê rê rê.

## ANEXO 52

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPERATRIZ LEOPOLDINENSESAMBA-ENREDO:  
LIBERDADE, LIBERDADE!  
ABRE AS ASAS SOBRE NÓS!AUTORES: Niltinho Tristeza, Preto Joia,  
Vicentinho e Jurandir.

Vem ver, vem reviver comigo amor  
O centenário em poesia  
Nesta pátria, mãe querida  
O império decadente, muito rico, incoerente  
Era fidalguia  
Surtem os tamborins, vem emoção  
A bateria vem no pique da canção  
E a nobreza enfeitada o luxo do salão  
Vem viver o sonho que sonhei  
Ao longe faz-se ouvir  
Tem verde e branco por aí  
Brilhando na Sapucaí  
Da guerra nunca mais  
Esqueceremos do patrono, o duque imortal  
A imigração floriu de cultura o Brasil  
A música encanta e o povo canta assim  
Pra Isabel, a heroína  
Que assinou a lei divina  
Negro, dançou, comemorou o fim da sina  
Na noite quinze reluzente  
Com a bravura, finalmente  
O marechal que proclamou  
Foi presidente

**Liberdade, liberdade!**  
Abra as asas sobre nós  
E que a voz da igualdade  
Seja sempre a nossa voz.

## ANEXO 53

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS  
DO SALGUEIROSAMBA-ENREDO: TEMPLO NEGRO  
EM TEMPO DE CONSCIÊNCIA NEGRAAUTORES: Alaor Macedo, Helinho do  
Salgueiro, Arizão, Demá Chagas e Rubinho  
do Afro.

Livre ecoa o grito dessa raça  
E traz na carta  
A chama ardente da abolição  
Oh! Que santuário de beleza  
Um congresso de beleza de raríssimo  
esplendor  
Revivendo traços da história  
Estão vivos na memória  
Chica da Silva e Chico Rei  
Saravá os deuses da Bahia  
Nesse quilombo tem magia  
Xangô é nosso pai, é nosso rei

Ô Zaziê, Ô Zaziá  
O Zaziê, Maiongolê, Marangolá  
Ô Zaziê, Ô Zaziá  
Salgueiro é Maiongolê, Marangolá

Vai, meu samba vai  
Leva a dor traz alegria  
Eu sou negro sim, **liberdade** e poesia  
E na atual sociedade, lutamos pela  
igualdade  
Sem preconceitos sociais  
Linda Anastácia sem mordança  
O novo símbolo da massa  
A beleza negra me seduz  
Viemos sem revolta e sem chibata  
Dar um basta nessa farsa  
É festa, é Carnaval, eu sou feliz

É baianas, o jongo e o caxambu vamos  
rodar  
Salgueirar vem de criança  
O centenário não se apagará.

## ANEXO 54

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO

SAMBA-ENREDO:  
QUEM VAI QUERER?

AUTORES: Espanhol, Silvio Paulo e Jarbas da Cuíca.

Chegou o carnaval  
Sou **liberdade** nessa avenida  
Meu canto é grande astral  
Desmascarando a própria vida  
Na dança me embalei  
A contradança é a magia  
E no avesso que criei, você pode ser o rei  
Dessa folia

Vem vem me querer  
Eu acendi a luz da sedução  
Quem quem vai querer  
Ser mais um elo na corrente da ilusão?

A pedra não deixou matar a flor,  
O índio conquistou a caravela  
Ai, amor, amor!  
Vem ser a dama da noite mais bela! ...

O craque vende o cartola,  
O réu condena o juiz,  
A mulata deita e rola,  
Na inversão do meu país

Enquanto há samba  
A festa continua!!!...  
- Canta meu povo  
Que a avenida é sua.

## ANEXO 55

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE  
INDEPENDENTE DE PADRE MIGUELSAMBA-ENREDO: ELIS, UM TREM  
CHAMADO EMOÇÃO

AUTORES: Paulinho Mocidade, Dico da Viola e Cadinho.

Lá pelas bandas de lá  
No sul do meu país  
Eternamente a cantar, Elis, Elis, Elis  
Nas andanças, travessias  
No caminhar por entre as pedras desse chão

Na perfeição de se cantar a **liberdade**  
Na poesia de uma canção

Brilhando nessa passarela  
Eu sou Elis com a Mocidade  
Numa rota de luz e emoção  
No céu da imaginação  
Artista, mãe, mulher, irreverente e tão sutil  
Cantando uma canção  
Que faz lembrar o irmão do Henfil

Amigo é pra se guardar dentro do peito  
Do lado esquerdo, no coração

Vem do céu essa magia  
Essa luz que ilumina  
É fascinação, num trem azul chamado  
emoção  
O sonho mais lindo que sempre sonhei  
Uma esperança de paz  
Cruzando espaços siderais  
Hoje aqui na terra  
Para mostrar que a paz existe  
E é possível conseguir  
Derramando verde e branco na Sapucaí

Agora sou uma estrela  
Trago um sorriso de amor e de verdade  
Eu sou o samba  
Sou a Mocidade.

## ANEXO 56

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DA TIJUCASAMBA-ENREDO: DE PORTUGAL À  
BIENAL NO PAÍS DO CARNAVAL

AUTORES: Beto do Pandeiro, Vicente das Neves, Gilmar I. Silva, Nego e Vaguinho da Ladeira.

Desperta meu Brasil, ô  
Para este tema cultural  
E vejam como é lindo de se ver  
Todo o carisma desta arte, a bienal que Portugal  
Introduziu neste país do Carnaval  
Exaltamos escultores  
E os senhores do pincel  
Que emolduram a poesia  
Modelando o dia-a-dia  
De um povo, seus costumes, sua fé  
Mãos abençoadas pelo céu  
Que através de gerações  
Do toque leve e tão sutil  
Até o meu Borel ganhou cor bem mais viril

Foi João, foi  
Dom rei fujão  
Que trouxe a missão  
Que fez da arte a profissão

(E assim...)

Ecoou, ecoou  
Um grito forte: **liberdade**  
Fecundou o modernismo em nossa arte  
E na literatura nacional  
Nossos artistas por aqui se propagaram  
E também se consagraram com a primeira  
bienal  
Mostrando para o mundo inteiro  
Que em solo brasileiro  
Tudo que se "implanta" dá

É tropical, o berço é fértil, é tropical  
Hoje a arte e a cultura  
Brilham em nosso Carnaval.

## ANEXO 57

ANO: 1989

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO:  
DIREITO É DIREITO

AUTORES:

Jorge King, Serginho Tonelada, Fernando Partideiro, Zé Antônio e J.C. Couto.

É hora da verdade  
A **liberdade** ainda não raiou  
Queremos o direito de igualdade  
Viver com dignidade  
Não representa favor  
Hoje, a Vila se faz tão bonita  
E se apresenta destemida  
Unida pelos mesmos ideais  
Lutando com a maior sabedoria  
Contra os preconceitos sociais  
A Declaração Universal  
Não é um sonho, temos que fazer cumprir  
A justiça é cega, mas enxerga quando quer  
Já está na hora de assumir (eu sei)  
Sei que quem espera não alcança  
Mas a esperança não acabará  
Cantando e sambando acendo a chama  
E sonho um novo dia clarear

Clareou  
Despertou o amor, que é fonte da vida  
Vamos dar as mãos e lutar  
Sempre de cabeça erguida

E quando o amanhã surgir, surgir  
A flor da paz se abrir, se abrir  
Será prosperidade  
A brisa vai trazer mais alegria  
No mundo haverá fraternidade

Direito é direito  
Está na declaração  
A humanidade  
É quem tem razão.

## ANEXO 58

ANO: 1990

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO:  
E DEU A LOUCA NO BARROCO

AUTORES:

Hélio Turco, Jurandir e Alvinho.

Viveu em Vila Rica a Cinderela  
Entre sonhos e quimeras  
De raríssimo esplendor  
Brilhou sob o sol da primavera  
E a beleza de uma flor (e assim)  
E assim, enfeitando os salões  
Em seu doce delírio  
Conquistou corações

Acalentou o ideal da **liberdade**  
E transformou toda mentira  
Na mais fiel realidade

Vai, contar história no infinito  
Vai, não haverá amanhecer  
Vai dizer que foi esculpura  
Que sofreu por amor e foi amada

Musa inspiradora, luz de uma canção  
Bailando na imensidão

Sinhá Olímpia, quem é você?  
Sou amor, sou esperança  
Sou Mangueira até morrer.

## ANEXO 59

ANO: 1990

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZSAMBA-ENREDO:  
OS HEROIS DA RESISTÊNCIA

AUTORES:

Zé Carlos, Carlos Henri, Carlinhos de Pilares, Doda, Mocinho e Luís Sérgio.

Oh! Divina luz que nos conduz  
Com bom humor e irreverência  
Hoje ninguém vai nos "gripar"  
Somos os heróis da resistência  
Vamos "pasquinar", recordar  
Sorrir sem censura  
Botar a boca no mundo, buscar bem fundo  
Sem a tal da ditadura

Soltavam as bruxas, o pau comia  
De golpe em golpe, quanta covardia!

Venha com a gente, povão  
Abra o seu coração  
Para o Pasquim, o "pequenino imortal"  
Simbolizado pelo sacana ratinho  
Mesmo bombardeado, virou paixão nacional  
Aí, na palidez da folha  
Imprimimos personagens geniais  
Lindas mulheres espelhando nossas páginas  
Ipanema foi o centro cultural  
Hoje, essa história é carnaval

Gip, gip, nheco, nheco  
Por favor não apague a luz!  
Goze desta **liberdade**  
Nos braços da Santa Cruz.

ANEXO 60
ANO:1990
ESCOLA DE SAMBA: INDEPENDENTES DE CORDOVIL
SAMBA-ENREDO: CANTARES AO MEU POVO (SOLANO TRINDADE)
AUTORES: P. Mathias, Ribeirinho e Cleber Carvoeiro.
Ecoou ô ô ecoou O canto da <b>liberdade</b> Todo negro que fugia Pensava livre viver Palmares, sonho de uma nação Onde um era por todos E todos diziam ser irmãos Não pode o tempo apagar Nem a tez desbotar Apesar das opressões Surgiu com mãos hábeis e mente firme Solano trindade Poeta fez o povo despertar
Eta nego, quem foi que disse Que a gente não é gente Quem é esse demente Se tem olhos não vê
Sua bandeira é o nosso estandarte Hoje grito e canto alto Piso firme no asfalto Pulsa forte o coração
Desperta, consciência universal Não existe igualdade Onde está a liberdade Com o preconceito racial.

ANEXO 61
ANO:1990
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DA TIJUCA
SAMBA-ENREDO: E O BOREL DESCOBRIU... NAVEGAR FOI PRECISO
AUTORES: Nêgo, Vaguinho, Vicente das Neves, Ditão, Gilmar L. Silva, Azeitona, Valtinho da Ladeira, Ivan Bombeiro e Beto do Pandeiro.
Por mares nunca dantes navegados Meu Borel vem empolgado Pra mostrar Terras e eras tão distantes Um passado emocionante Vou contar (laraiá...) Na Idade Média, onde tudo começou O povo já pensava em ser feliz Os lusitanos na guerra cristã Contra os mouros defendiam o seu país Salve o infante D. Henrique A Portugal prestou serviços relevantes Os portugueses desbravaram o oceano Descobrimo novos horizontes
São caravelas Ventos de <b>liberdade</b> e amor E nessa onda Seu Cabral nos encontrou
Heranças deixaram Tantas em nosso torrão Do idioma à religião E essa miscigenação que originou A nossa mulata sedução Cá pra nós, o samba não veio de lá Mas trouxeram o negro que, é arte, é cultura Que nos ensinou a batucar Terrinha boa, que saudade dá O Borel em poesia Hoje vai te visitar Levar meu samba, vou cruzar o mar Só gente bamba vai desembarcar
Vasco da Gama, bacalhau Ouvir o fado, eu vou Ficar mamado também Bebendo vinho lá em Portugal.

ANEXO 62
ANO: 1990
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE LUCAS
SAMBA-ENREDO: O MAGNÍFICO NIEMEYER
AUTOR: Ueber.
Chegou a hora o Galo cantou <b>Liberdade, liberdade!</b> Brasília você é bonita Cartão de visita desse meu país Candango, deputado, senador, ô ô O Brasil virou menino
Amor de Juscelino de Oliveira Era chão, era poeira A arte fez brotar
Eu quero ver Cuba lançar! (obá, obá) Êta rabo de foguete! Camarada Gorbachov Em Paris ou em Argel Tempo ruim é quando chove
Baiana, baiana, baiana Roda que eu quero ver (quero ver) Na Apoteose do Samba Obra de bamba Com pimenta e dendê Sangue latino na veia Oscar Niemeyer, Lucas é você
No teu compasso eu passo traço Quero ver você riscar No meu riscado Eu vou fazer você sambar.

## ANEXO 63

ANO: 1990

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO CABUÇUSAMBA-ENREDO: SERÁ QUE VOTEI  
CERTO PRA PRESIDENTE?AUTORES: Afonsinho, João Anastácio,  
Walter da Ladeira e Carlinhos do Grajaú.O sol da **liberdade**No horizonte enfim raiou  
Com rara felicidade  
O povo livre votou

Vejam só

A ironia do destino está presente  
Vejam só, parece mentira eu votei pra  
presidente  
Era muita pilantragem  
A mais grossa sacanagem  
Uma Avilã, podes crer  
Por trás de tanta lambança  
Uma luz uma esperança  
Firme em cada alvorecerEu votei, se votei certo só mesmo o tempo  
dirá  
Peço a Deus sinceramente que ilumine o  
presidente  
Desde agora, desde já

Proteção ao índio

À flora e aos pantanais  
O ouro é nosso, não deixe ser extintos os  
animais  
Senhor presidente, pra essa miséria ter fim  
Faça um governo capaz  
Dê melhor vida amor e paz  
O povão espera assim.

## ANEXO 64

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZSAMBA-ENREDO:  
O BOCA DO INFERNOAUTORES: Tião da Roça, Doda, Luiz  
Sérgio, Mocinho, Giovanni e Carlos Henry  
(Grupo Simpatia).Floresceu seu ideal lá na Bahia  
Onde o poder da fidalguia  
Sufocava o meu Brasil pela raiz  
Surgiu no seio da sociedade  
Lutando pela igualdade  
Contra o preconceito social  
Um jovem inteligente  
De versos maldizentes  
Com exemplos marcantes  
Que o povo aderiu  
Fluiu no peito do poeta a esperança  
Gregório é Miserê, é abastança  
Penitência do mal, luta de um bem querer  
Seus versos tinham tal sabedoria  
Era a mão da chibata a tiraniaEm noite de festa na fazenda o terreirão  
Gregório ponteia a viola, verso vira cançãoEssa terra tem moral  
Veja lá seu fazendeiro  
Sua mesa tem fartura  
O plantador tá sem dinheiro  
Na luta da sonhada **liberdade**  
Um preço bem alto "boca do inferno" pagou  
Mas nos becos e vielas, nas cidades e  
favelasEcoou pelos ares, despertou os palmares  
Oh! Chama que não se apaga  
De boca em boca propaga **liberdade**.

## ANEXO 65

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE  
SAMBA-ENREDO: JÁ VI ESSE FILMEAUTORES: Manoelzinho Poeta, Jorge  
Moreira, Severo, Jorge Melodia e Haroldo  
Pereira.Avancei no tempo  
O mundo parou, acabou  
Carnaval festa profana  
Satã é o imperador  
Clementius do espaço sideral  
Criou a terra, céu e o mar  
Do clementônio fez o homem  
Que a mulher originou  
A longo prazo tudo se modificou  
E assim viu que tudo dava certo  
Desceu para ver de perto toda sua criação  
Com 13 naves invadiu nosso torrão  
Viu muito bumbum de fora  
A missa rezou  
Trouxe os saturnafrincanos  
E os escravizou  
Na evolução do tempo  
Veio a voz da **liberdade**  
Com a corda no pescoço  
Se calou sem piedade  
Clementius que não é bobo  
Vendo o mundo diferente  
Sem querer ser comandado,  
Tinha um plano traçado  
Elegeu-se presidente  
Passaram os anos foi aberta a exceção  
Diretamente para as urnas o povão  
Cansado, confiscado, sem saber o que fazer  
Vendo Clementius novamente no poder  
É brincadeira,  
Quá, quá, quá  
Pau Brasil que nasce torto  
Sempre torto vai ficar abraços  
clementianos.

## ANEXO 66

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO JACAREZINHOSAMBA-ENREDO:  
SOU NEGRO SOU RAÇA SOU GENTE

AUTORES: Macambira, Jonas e G.P.

Hoje sou um conto  
De uma raça  
De lendas, mistérios e magias  
Trago para este carnaval  
Em forma de poesia

Aí o branco foi chegando  
Aqui colonizando  
Explorando este chão  
Abraço-me à folia  
Num toque de magia  
Oh! Quanta imaginação

Cultura, arte, sonho e poesia  
Num colorido sem par  
Vinda da África distante  
Nos tumbeiros, entre terra, céu e mar  
E na senzala adoravam seus deuses  
E seus orixás  
Com cantos envolventes, Saravá Pai Oxalá  
No Quilombo dos Palmares  
Nem o banzo recuava  
Surgiu um grito forte  
Na aldeia ecoou **liberdade**  
A beleza e a graça  
Sou negro, sou gente, sou raça

Tem, tem, tem  
Abrosô e acarajé

Na panela do jacaré.

## ANEXO 67

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE COSMOSSAMBA-ENREDO: LECI BRANDÃO  
NOSSA MUSA INSPIRADORAAUTORES:  
Lucas de Lima, Rubinaldo e Bira.

A musa que inspira o poeta  
Em verde e branco nesta festa  
E Leci Brandão  
Dos deuses vem os ensinamentos  
Da ousadia e talento  
Nasce a canção “eu disse a canção:  
O mundo se encanta e canta  
Seus versos geniais  
Com sutileza vão se unindo  
Consoantes e vogais

Simplesmente amo  
Só quero te namorar  
Meu jeito de apaixonado  
Vem da luz do teu olhar...

(Êta negra)

Respeitada em Mangueira  
E rompe as fronteiras  
Desse meu país  
Já brilhou em Tóquio  
Dinamarca, também em Paris  
Essa negra bamba  
Foi a fundo em Luanda  
Ao encontro da raiz  
**Liberdade** de expressão  
Faz o seu coração feliz

Pra galera do mengo, Axé  
Na cabeça dá Cosmos  
Levo fé.

## ANEXO 68

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE BANGUSAMBA-ENREDO:  
GINGA, PALMARES E LIBERDADEAUTORES:  
Dorado, Sentera e Nelson Cachorro.

Ginga rainha negra linda de Angola  
Ginga **liberdade** ou morte  
Vindo de terra distante  
Nos infernos flutuantes  
O negro aqui chegou  
Com ideal de **liberdade**  
No peito a dor uma saudade  
Amargando o dissabor  
Vendido como escravo  
Pra fazenda do senhor

Gerges Bantu  
Bantu Jagas  
Fulas Cambindas  
E outros mais

Quarenta bravos indomáveis  
Arrebatam correntes derrubam grades  
Com a semente de ginga  
Rainha linda  
Fundam os Palmares  
O reino negro onde impera **liberdade**

**Liberdade liberdade**  
Rainha ginga  
Sonho de felicidade  
Oh luz infinda

A semente da revolta  
Foi um marco na história da nação  
A resistência negra tão sonhada  
Não foi em vão

Lá vem o negro  
De atabaque e de viola  
Hoje tem remandiola minha gente  
É carnaval  
É a festa tradicional.

## ANEXO 69

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO DO MARANGÁSAMBA-ENREDO: DO IMPÉRIO DO  
CONGO À COROAÇÃO DE REISAUTORES: Marcos glorioso, Mathias,  
Carlos Maravilha, Antônio Alberto e Bené  
Melodia.

Era  
Um continente de esplendor  
Com seus mistérios e magias  
Crenças e costumes sem iguais

Hoje Marangá na avenida  
Em forma de poesias  
Alegremente traz pra este carnaval

Eram rios, cachoeiras e cascatas  
Sob a lua cor de prata

O Império coroava um novo rei

Muleque muzimba oi valente guerreiro  
Rainha ginga  
Fez do Congo um grande reino  
Quando o homem branco invasor  
Chegou ô ô em busca de riqueza  
O negro acorrentado escravizou

Agoiê é agoiê, era o lamento do negro  
Na senzala do senhor

Com a sonhada **liberdade**  
Seu talento se alastrou  
Danças, jongos e capoeiras  
Demonstraram seu valor

Que maravilha, é sensacional  
O Marangá está em festa  
Tem coroação no carnaval

Do império do Congo  
À coroação de reis  
Esse tema fascinante  
Vem de encontro a vocês.

## ANEXO 70

ANO: 1991

ESCOLA DE SAMBA:  
FOLIÕES DE BOTAFOGOSAMBA-ENREDO:  
ÁFRICA, PALMARES EM FESTA

AUTORES: Velha, Dora e Maurício.

Vamos homenagear com os Foliões  
O rei Zumbi dos Palmares  
Atravessando além mares  
Aqui chegou  
Clamando por justiça  
Por seus irmãos de cor  
Dandara princesa  
Negra faceira  
Que ao lado de Zumbi  
Tornou-se brava guerreira

**Liberdade** raiou  
A Princesa Isabel  
A Lei Áurea assinou  
A escravidão no Brasil terminou

Na África  
Ó que beleza o rio Nilo  
Ó que fascinação  
Do Egito alto baixo  
Tudo era encanto e sedução  
No coração da África deu-se uma grande  
união  
A rainha de Sabá visitou o rei Salomão  
Cleópatra com sua beleza exuberante  
Possuía seus amores  
Numa época tão marcante

Como líder da cor  
E para efeito tradicional  
Lembrando Nelson Mandela em nosso  
Carnaval

E vamos...

## ANEXO 71

ANO:1992

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO:  
SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊAUTORES: Hélio Turco, Alvinho e  
Jurandir da Mangueira.

Mangueira vai deixar saudade  
Quando o carnaval chegar ao fim  
Quero me perder na fantasia  
Que invade os poemas de Jobim  
Amanheceu...  
O Rio canta de alegria  
Aconteceu...  
A mais linda sinfonia  
O sol já despontou na serra  
Molhando o seu corpo sedutor

O mar beija a garota de Ipanema  
A musa de um sonhador

É carnaval  
É a doce ilusão  
É promessa de vida no meu coração

Vem... vem amar a **liberdade**  
Vem cantar e sorrir  
Vem um mundo melhor  
Vem... meu coração está em festa  
Eu sou a Mangueira em Tom maior  
Salve o samba de terreiro  
Salve o Rio de Janeiro  
Seus recantos naturais

Se todos fossem iguais a você  
Que maravilha seria viver.

## ANEXO 72

ANO:1992

ESCOLA DE SAMBA: TRADIÇÃO

SAMBA-ENREDO:

O ESPETÁCULO MAIOR... AS FLORES

AUTORES:

Moisés, Luizinho Professor e Toninho.

Hoje meu coração se encanta  
Tradição se agiganta para decantar  
Essa apoteose de beleza, obra da mãe natureza  
Gerou no fundo do mar

Um mistério de magias sem igual  
Fez a primavera multicolor  
Exala sensibilidade em todo seu esplendor  
Enaltece a paisagem, é razão dos meus ais  
Uma sensação de **liberdade**, devia ser o símbolo da paz

Voa, voa Colibri, lado a lado, flor em flor  
Mas deixe um pouco para mim desse néctar do amor

Voa perto da alegria, rumo à felicidade  
Vai buscar quem mora longe pra matar minha saudade

É tempo de começar a refletir

A mão que pode destruir  
Também serve pra plantar  
Pois as flores dão a vida mais encanto  
Enfeitando os quatro cantos  
Desse reino de Oxalá

Inspiração para canções e poesias  
É um gesto carinhoso e ameniza qualquer dor  
Uma das sete maravilhas desse mundo  
Sentimento mais profundo que ao Éden perfumou

Odo yá Iemanjá, trago oferendas para lhe presentear  
Abençoe o meu sonho mais sonhado  
E minhas flores para o seu lindo reinado.

## ANEXO 73

ANO: 1992

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO VIRADOURO

SAMBA-ENREDO:

E A MAGIA DA SORTE CHEGOU

AUTORES: Heraldo Faria, Flavinho Machado e Gelson Rubinho.

Uma estrela brilhou, brilhou  
Brilhou, brilhou, brilhou,  
Tão cintilante  
Que, os magos, iluminou.  
Será, será o novo Sol do Amanhã? Do Amanhã.  
O arco-íris da aliança  
Que não se apagará.  
Vem do Oriente com sua arte de criar,  
Na palma da mão lê a sorte  
Com a magia do seu olhar.  
Chegando ao Velho continente  
A marca da desilusão,  
Castigo, degredo, açoite,  
Por que tanta discriminação.

A cada passo, a poeira levanta do chão.  
Ferreiro, feiticeiro, bandoleiro  
A **liberdade** é sua religião.

E vem chegando o dono desse chão.  
No berço a mão do menino  
Abriu-se ao destino,  
Eis a Nova Canaã.  
Ê, ê cigano,  
Bandeirante em busca de cristais,  
Canta, dança, representa,  
Dá vida a nossos laços culturais.  
Cigano rei, mineiro iluminado  
O mundo não vai esquecer,  
Plantou no solo brasileiro  
A realização do amanhecer.  
É uma Nova Era, ô ô  
A Magia da Sorte chegou.

O Sol brilhará,  
Surge a estrela guia  
E sobre a proteção da Lua  
Canta Viradouro  
Que a sorte é sua.

## ANEXO 74

ANO:1993

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ

SAMBA-ENREDO:

QUO VADIS, MEU NEGRO DE OURO

AUTORES: Doda, Zé Carlos, Carlos Henry, Luis Sérgio, Mocinho e Carlinho 18.

Nasci em remotas eras  
No ventre da terra  
Energia que a natureza recriou  
Importante parte da história  
Que a mão do homem esculpturou  
Sete irmãs ambiciosas  
Tentaram me ocultar  
Suas garras poderosas  
Só queriam dominar

A humanidade depende de mim  
Sou **liberdade** e poder enfim  
Sou princípio, sou meio e fim  
Negro de ouro cobiçado sim

Oh divina terra de Santa Cruz  
Povo oprimido que encontrou a luz  
Transformando mãos em elos da corrente  
Derrotou o monstro bravamente  
Hoje movimento o dia-a-dia  
Gerando progresso enriqueço a nação  
De corpo presente nos braços da alegria  
Sou sonho, fantasia e emoção  
Verde-amarelo é meu coração

Desperta gigante!  
Oh pátria mãe Brasil! (Brasil, Brasil)  
Defenda a soberania  
Que o maldito monstro ressurgiu.



## ANEXO 75

ANO: 1993

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE LUCASSAMBA-ENREDO: O GALO CANTOU  
E LUCAS SABOREOUAUTORES: Léo, César Coiffeur,  
Temporal e Elias.

Diz o reino da mitologia  
Que Dionísio o criador  
Fez raiar a **liberdade**  
E Baco, em deus se transformou

Traz felicidade  
Lucas, hoje vai saborear  
A seiva se extrai da uva  
O velho vinho  
Tem requinte paladar

Com o despertar do novo tempo  
A modernidade se alastrou  
A seiva  
Vira fonte de riquezas  
Nos conduz ao delírio  
Tem aroma e sabor

Branco ou tinto  
Licoroso ou rosé  
Esta essência é oásis de prazer  
Lá vou eu  
Me embriagar nessa folia

Lá vou eu  
Brindando a fraternidade universal.

## ANEXO 76

ANO: 1993

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO VIRADOUROSAMBA-ENREDO:  
AMOR, SUBLIME AMORAUTORES: Heraldo Faria, Flavinho  
Machado e Gelson.

Vou levantar minha bandeira  
Amor sublime amor (Que beleza!)  
Meu sonho eu vou realizar  
Esse futuro o que será?  
Vou apertar o botão do coração  
E vencer a força da razão  
Da paixão primitiva à natureza em flor  
É, ninguém resiste aos encantos do amor  
Nasceu na floresta  
Um guerreiro, um artesão  
Na fonte da vida  
O dono da terra defende seu chão  
Negra Xica, eu te amo

Amor que renuncia, a corte zombou  
Que divino exemplo, que lição de amor

Bandido amor no sertão  
Em Palmares o grito do rei  
No sonho do herói inconfidente  
Mesmo que tarde a **liberdade**  
Na arte o amor no gênio mulato  
No Guarani e Orfeu do Carnaval  
A Colombina não foi embora  
Hoje o Pierrot não chora

Clareia mãe Oxum, clareia minha fé  
Para as crianças a pureza  
Do bem me quer, do mal me quer  
A Viradouro clama em versos  
Paz e amor no Universo.

## ANEXO 77

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA

SAMBA-ENREDO:  
QUANDO O SAMBA ERA SAMBAAUTORES:  
Wilson Cruz, Cláudio Russo, Zé Luiz.

África encanto e magia  
Berço da sabedoria  
Razão do meu cantar  
Nasceu a **liberdade** a ferro e fogo  
A Mãe Negra abriu o jogo  
Fez o povo delirar  
Deixa falar, ô, ô, ô  
Deixa falar, ô, iaiá  
Esse batuque gostoso não pode parar  
Entra na roda ioiô  
Entra na roda iaiá  
Lá vem Portela é melhor se segurar

Axé vem de Luanda  
Sacode negritude da cidade  
Trazendo a bandeira do samba  
N'apoteose da felicidade

Samba é nó na madeira  
É moleque mestiço  
Foi preciso bancar  
Resistência que a força não calou  
Arte de improvisar

Capoeira  
O samba vai levantar poeira  
Tem zoeira  
Em Oswaldo Cruz e Madureira.

## ANEXO 78

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA:  
CAPRICHOSOS DE PILARESSAMBA-ENREDO:  
ESTOU AMANDO LOUCAMENTE  
UMA COROA DE QUASE 90 ANOS

AUTORES:

Garibaldi, Tico do Gato, Carlos Ortiz,  
Marco Lessa e Almir de Araújo.

Amar, amar  
De mar a mar, oi!  
Do obelisco à praça Mauá (Mauá)  
Tô ligadão nessa coroa, toda boa  
Que ainda tem muito pra dar  
Nostalgia tomou conta de mim  
Que felicidade  
Musa da cidade  
Vem no toque do meu tamborim

E roça, roça  
E passa, passa  
A minha dama é a paixão da massa

Amor, me leva  
No capricho vou sonhar, sonhar  
Na galeria Cruzeiro  
No Municipal vou me acabar  
Minha Avenida Central  
É arte, é meu carnaval  
Saudade...  
O amor viaja na lembrança  
Eu pinto a cara de esperança  
A **liberdade** faz meu ideal

Eu vou atrás do Bola Preta  
Segura meu bem na chupeta.

## ANEXO 79

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPERATRIZ LEOPOLDINENSESAMBA-ENREDO: CATARINA DE  
MÉDICIS NA CORTE DOS  
TUPINAMBÔS E TABAJARESAUTORES: Márcio André, Alvinho,  
Aranha e Alexandre da Imperatriz.

Hoje, vou colorir toda cidade  
De alma pintada eu vou  
Sou da corte, a fantasia  
Trago o “Novo Mundo” de esplendor  
A magia da floresta levei  
Enfeitando essa festa cheguei  
Puro na emoção, simples na paixão  
Sonho e poesia em Ruan

Mon amour, c'est si beau  
Esse jogo, essa dança  
Tabajer, Tupinambô

E lá nas margens do Sena  
O Brasil é a imagem  
De nudez e coragem  
Índios, marujos, enfim  
Misturando-se assim  
Na mais linda paisagem  
E a plateia no bis  
Com a Imperatriz a delirar  
Na França o bom selvagem  
Deu o tom de Igualdade  
Fraternité, **Liberté**

Sou índio, sou forte  
Sou filho da sorte, sou natural (eu sou natural)  
Sou guerreiro, sou a luz da **liberdade**  
Carnaval.

## ANEXO 80

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE

SAMBA-ENREDO: ONDE VAI A  
CORDA VAI A CAÇAMBA OU UMA  
ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO

AUTORES:

Dedeco, Cesar Neguinho e Buda.

Hoje o meu Brasil está em festa  
A hora é esta, oi  
Vamos todos cantar  
Vamos lá rapaziada, meu amigo e camarada  
E ao nosso jeito vamos juntos caminhar  
Vai ser difícil conseguir nos separar  
Unidos companheiros  
Vamos dar as mãos  
Que uma andorinha só não faz verão  
Sai pra lá bicho malandro que eu sou cara-  
pintada  
Fomos às luta e ganhamos a parada  
Brilhou o sol da **liberdade**  
No infinito uma estrela anunciou  
Que o povo unido jamais será vencido  
Em sintonia um grito forte ecoou  
Quero ver o mundo contente a sorrir  
Fazendo a festa hoje na Sapucaí  
Aonde vai a corda vai a caçamba  
A São Clemente traz a paz, o amor e o  
samba.

## ANEXO 81

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO CABUÇUSAMBA-ENREDO:  
BRAJIRU, MEU JAPÃO BRASILEIROAUTORES: Ney do Cabuçu, Jadir,  
Karlinhos Madureira e Werneck.

No despertar do sol, 18 de junho  
Bagagem em punho, desembarcam no  
Brasil  
Eram os primeiros imigrantes japoneses  
Trazendo a cultura oriental  
A convite do governo brasileiro  
Navegaram nesse mar azul  
Kasatu-Maru a pioneira embarcação  
Rebuscando os seus novos ideais  
Conduzindo o seu arado  
O cultivo do grão evoluiu  
O plantio do arroz e do café  
Faz a troca do chá com o Brasil

Paciência japonesa, a Cabuçu soube esperar  
Hoje põe cartas na mesa, sayonará,  
sayonará

Bicho da seda, tecidos e mantas de algodão  
Ciência, arte da inspiração e origamis na  
decoração  
Gueixas com quimonos estampados  
Ensinadas a servir e seduzir com muito  
amor  
Incenso pra livrar o mau-olhado  
E lindos leques pra espantar o calor

Monges guerreiros, samurais  
Buda imagem da religião  
E no judô o meu Brasil é campeão

E quando, chegou a tecnologia  
A inteligência superou... ô alô, alô!  
Fazendo o vídeo e a fotografia  
Televisão em sintonia, pra vocês arigatô  
Quem vai à **Liberdade**, vai a um pedacinho  
do Japão  
Cerejeira é uma festa popular  
Tanabata é a lenda do amor  
Banzai é uma arte milenar

Do país do futebol ao Império do Sol  
Nascente  
Misturei sakê com samba, pra alegrar a  
nossa gente  
Misturei sakê com samba, pra alegrar o  
nosso carnaval.

## ANEXO 82

ANO: 1994

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO VIRADOUROSAMBA-ENREDO:  
TEREZA DE BENGUELA – UMA  
RAINHA NEGRA NO PANTANALAUTORES: Cláudio Fabrino, Paulo César  
Portugal, Jorge Baiano e Rico Medeiros.

Amor, amor, amor...  
Sou a viola de cocho dolente  
Vim da Pérsia, no Oriente  
Para chegar ao Pantanal  
Pela Mongólia eu passei  
Atravessei a Europa medieval  
Nos meus acordes vou contar  
A saga de Tereza de Benguela  
Uma rainha africana  
Escravizada em Vila Bela  
O ciclo do ouro iniciava  
No cativeiro, sofrimento e agonia  
A rebeldia, acendeu a chama da **liberdade**  
No Quilombo, o sonho de felicidade

Ilê Ayê, Ara Ayê Ilu Ayê  
Um grito forte ecoou  
A esperança, no quariterê  
O negro abraçou

No seio de Mato Grosso, a festança  
começava  
Com o parlamento, a rainha negra  
governava  
Índios, caboclos e mestiços, numa  
civilização  
O sangue latino vem na miscigenação  
A invasão gananciosa, um ideal aniquilava  
A rainha enlouqueceu, foi sacrificada  
Quando a maldição, a opressão exterminou  
No infinito uma estrela cintilou

Vai clarear, oi vai clarear  
Um Sol dourado de Quimera  
A luz de Tereza não apagará  
E a Viradouro brilhará na nova era.

## ANEXO 83

ANO: 1995

ESCOLA DE SAMBA:  
LEÃO DE NOVA IGUAÇUSAMBA-ENREDO:  
ARAUTOS DO BRASIL MULATOAUTORES:  
Guilherme, Menilson, Juarez e Feijão.

Oh!  
Sublime luz da inspiração  
Vem lampejando poesia  
Hoje tem arte barroca  
Pra me encandecer de alegria  
Como é linda essa cultura, estou feliz  
É a mistura, emoldurando o meu país

Querubins e Serafins  
Os anjos da **liberdade**  
Com a missão de semear a sedução  
Criaram o tom na miscigenação (e assim)

Assim nasceram  
Pintores, escultores e poetas  
Abrindo as portas para uma nova geração  
Construindo um mundo novo e genial  
Herança da riqueza nacional  
São arautos do Brasil mulato  
Charmoso, resistente e triunfante  
Orgulho desta raça – que na raça  
Enobrece esse gigante  
Com força, esperança e fé

Mão divina e criadora  
De ouro fez o meu sonhar  
O pé deu um toque de magia  
Em forma de beleza singular.

## ANEXO 84

ANO:1995

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO:  
TODO DIA É DIA DE ÍNDIO

AUTORES: Almir da Ilha e Franco.

Eu quero ver o sol brilhar  
Eu vou nas ondas desse mar  
Eu sou tupi, eu sou de quizumbo  
E sou bem mais!  
Sou mestiço, moleque, sou ruim de aturar  
E de cara pintada eu quero gritar: sou de paz  
Sou bom sujeito e vilão  
Inocente e brincalhão  
Sou do povo, sou brigão  
Cantando eu vou!... Ôô vou buscando a  
**liberdade**  
“Mim só qué brasilidade”!  
Me deixa qu`eu quero sambar!

Oi! Me larga, me solta, aqui é meu lugar  
Sou tupi, “tupini-ilha” sem canudo e de cocar

Arte é o sol, é cultura,  
É a vida em pintura... ÉÉÉ é o livro do  
saber... Êê! Êê!

Um país que tem no palco essa chama  
Tem no filme da memória  
Amor à sua história  
Como o canto de quem ama!

A Ilha é minha tribo e vai passar  
Vai batendo o seu tambor  
Qu`é pro “dia” clarear!

## ANEXO 85

ANO:1996

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DA ROCINHASAMBA-ENREDO:  
BAHIA COM MUITO AMORAUTORES: Cavaco, Marquinhos, André  
Luiz, Mais Velho e Carlinhos Madureira.

Oh! Morená  
Vem da Bahia a beleza universal  
Um grito santo ecoou nas águas  
Cristalinas de Yemanjá  
Terra à vista  
Era a futura Roma negra de Oxalá  
O Santé do meu Bonfim, Salvador  
A primeira capital  
Suor, enlace de raças  
A resistência a dor criou  
A **liberdade**, a consciência  
Na ladeira do Pelô  
Castro Alves, a negritude nota dez  
Gabriela, Jorge Amado, Jubiabá  
Vêm dos tempos coronéis

Skindim dim dim  
Berimbau na capoeira  
A Tropicália é cultura brasileira

Lendas, mistérios e riquezas  
Que brotam do seu chão  
Cacau, dendê, ouro negro  
Produtos de exportação  
Cidade Alta, Cidade Baixa  
Bahia é fascinação  
É baiana, mostre o que você tem  
Acarajé, xinxim, abará  
Não faltando o gostoso vatapá

Swing na cor  
Cordão de fé  
Rocinha é Bahia  
Com amor e axé.

## ANEXO 86

ANO: 1996

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO CUBANGOSAMBA-ENREDO:  
DOS BRASÕES DO REINO DE  
PORTUGAL, AO ESPLENDOR DA  
BANDEIRA NACIONALAUTORES: Henrique Inspiração, Paulinho  
Degrau, Huguinho e Maneco.

Quando a Idade Média despontou  
Renasceu um novo dia  
Brilharam os brasões  
Que enalteceram... A nobreza  
Vem nas ondas como herança  
Ordem de Cristo e minha esperança  
Com o poder da esfera armilar  
E os sete castelos dourados  
Um grande Reino foi criado

A pomba branca do divino  
Bumba-meu-boi, maracatu  
Meu folclore em aquarela  
Aconteceu de norte a sul

Foi riscada neste chão  
A **liberdade** sonhada  
Anseios de um povo  
Oh! Pátria amada  
Em meio a tantas bandeiras  
Erguidas no país  
Surge a soberana  
Sob um céu azul anil  
Ordem e progresso, Brasil

A fé que me leva (oi)  
Me leva ao infinito  
Meu brasão é o coração  
Minha bandeira é minha paixão.

## ANEXO 87

ANO:1996

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO GRANDE RIOSAMBA-ENREDO: NA ERA DOS  
FELIPES O BRASIL ERA ESPANHOLAUTORES: Barbeirinho, Bebeto do  
Arrastão e Jailson da Grande Rio.

Viajando no tempo eu vou eu vou  
Eu sou a arte e vim brilhar nesta história  
Na era dos Felipes o Brasil era espanhol  
E lá vou eu  
Desfolhando um livro de memórias  
Os mensageiros da Coroa Imperial  
Comunicam o domínio de Espanha em  
Portugal  
Sangue na terra o seu filho derramou  
Em defesa deste chão que a Espanha  
conquistou

Indo em busca de um tesouro  
Procurei o Eldorado  
Numa terra preciosa  
Onde o solo é cobiçado

Interesses no poder  
Aliam-se em busca de um reinado  
Em cada crença uma fé  
E continua o embate no mercado

(Mas o Índio)

Mas o índio se catequizou  
Com braço forte o Maranhão se defendeu  
Bahia envolvida nessa guerra  
Holandeses nessa terra  
Em solo fértil a **liberdade** então se deu

Imponho sou Grande Rio, amor  
Dando um banho de cultura  
Pro abraço galera, me leva  
Lindo como o pôr-do-sol eu sou.

## ANEXO 88

ANO:1996

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DA TIJUCASAMBA-ENREDO: GANGA – ZUMBI,  
EXPRESSÃO DE UMA RAÇA

AUTOR: Beto do Pandeiro.

Ecoou, novamente o atabaque de Palmares  
Ressoou, é canto, é dança, é festa, é  
**liberdade**  
Salve a força da cor guerreira  
Herdeiros de Zumbi  
A sua hora é esta  
Tijuca é o quilombo, é sua a festa

Capoeira, aluã e muito mais  
Tem reza forte para os orixás

Ao som do batacotô  
No toque do agogô  
Negro levanta a poeira  
Entre oferendas para o rei Xangô  
E pedras preciosas  
No clarão da lua cheia

Dunga Tara Sinherê, ê, ê, ê, Dandara  
Mãe Sabina, rei Zumbi é joia rara

À cerca doa macacos harmonia  
Dia e noite, noite e dia  
Paz, amor, libertação, seu ideal  
Holandeses, portugueses  
Todos os mocambos do local  
Traziam ouro, prata, louvação  
Ao "líder pra sempre"  
Cultura viva, és guerreiro imortal

Vem amor, ô, ô  
Soltar seu canto livre pelo ar (pelo ar)  
Alagoas é o berço  
Deste mito que viemos exaltar.

## ANEXO 89

ANO:1996

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO: A HEROICA  
CAVALGADA DE UM POVO

AUTORES: Tião Grande, Cafu Ouro Preto.

Baila minha porta-estandarte  
E com a Vila vem mostrar toda emoção  
A heroica cavalgada de um povo  
Sua história, seus costumes, tradições

Sepé Tiaraju protege a terra  
Na luta contra a força da invasão  
Fez da bravura sua arma  
Defendendo os sete povos das missões

São Pedro do Rio Grande do Sul  
Se faz província, ganha capital  
Porto dos Casais tem charqueadas  
Lanceiros negros dançam nas congadas

Epopéia Farroupilha, clamor de voz  
Chimangos ou Maragatos  
O gaúcho é aclamado o grande herói

Progresso, miscigenação  
O vento sopra, traz a colonização  
Cerveja, dança, culinária  
Festa da Uva, o churrasco e o chimarrão

Brilha no ar a Senhora **liberdade**  
E no Rincão um canto de felicidade  
Boitatá é brasileiro  
Cuida do rebanho Negrinho do Pastoreio  
E a Salamanca do Jarau, que o folclore  
nacional  
Mostra para o mundo inteiro

Bailando na avenida minha Vila Isabel  
Faz o Grenal mais bonito  
Com Lupicínio e Noel.

## ANEXO 90

ANO: 1997

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO SALGUEIROSAMBA-ENREDO: DE POETA,  
CARNAVALESCO E LOUCO, TODO  
MUNDO TEM UM POUCOAUTORES: Marcio Paiva, Adatao  
Magalha, Eduardo Dias, Tico do Gato,  
Guaracy e Quinho.

Vem, vem, vem, vem nessa onda amor  
(amor, amor)  
Vou viajando, eu vou  
Na imaginação  
Dos poetas  
E tradicionais fardões  
É gostoso viajar  
E no tempo encontrar  
A rainha em seu mundo  
Num profundo delirar  
Na tela, ou na escultura  
Tem arte, também tem loucura  
Girassóis invadem a mente  
De um artista envolvente

Nossa folia é multicolor  
Salgueiro encanta a passarela  
As cores são belas  
Vem ver, meu amor  
Alegria da galera

Arte, ou será loucura?  
A busca continua  
Em sua **liberdade** de expressão  
Barca, me leva  
Pelos caminhos do Sol  
E desse sonho, eu não quero acordar  
Visto a arte em fantasia  
Pra fazer meu povo delirar

Eu vou zuar, eu vou!  
Vou brincar, com você, amor  
Enlouquecendo esta cidade  
Salgueiro é felicidade.

## ANEXO 91

ANO: 1997

ESCOLA DE SAMBA:  
BOI DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO:  
GALANGA NO CONGO, CHICO EM  
TERRAS DE VILA RICA

AUTORES: Nando, Guido e Julinho.

Canto e me encanto em poesia  
E a minha escola vem mostrar  
Passo a passo nesta passarela  
Vou pintar uma aquarela  
Pro rei negro exaltar  
Filho da África  
Que o lusitano acorrentou  
Toda corte em cativo  
Num navio negreiro  
No Brasil desembarcou

Mercados e mercadores  
Negro é posse do senhor  
Da senzala para as minas  
Seu lamento ecoou

Cativando esse povo  
A luz da **liberdade** floresceu  
Na congada e na religião  
Coroados pelas mãos que o nobre mereceu  
Conquistou sua riqueza, que beleza!  
Fez um reino de amor  
"Pantera Negra"  
Ilustre, o delirante "viajou"  
Inspirado na coragem vou pedindo  
passagem  
**LIBERDADE! LIBERDADE!**

Rei do Congo chegou  
Com seu sonho de conquista  
GALANGA, a sua história  
Em terras de Vila Rica.

## ANEXO 92

ANO: 1997

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO:  
O OLIMPO É VERDE E ROSAAUTORES: Chiquinho Campo Grande,  
Leque e Jorge Magalhães.

A luz.... se fez nascer de um novo dia  
E a Mangueira em poesia  
Fez luzir um clarão  
Criou a juventude campeã  
De corpo são e mente sã  
É o Brasil do amanhã  
Na Grécia antiga  
Onde Zeus fez a morada  
A hostilidade acontecia  
Olimpia se tornou sagrada  
Numa sábia decisão  
Criaram os jogos da paz  
Falou a voz da razão  
Guerra nunca mais

Nero, o cruel sonhador  
Entrou na competição  
Disputou só, se fez campeão  
Um grande imperador  
Não deixou continuar  
E fez a chama do Olimpo se apagar

Graças ao barão de Coubertin  
As Olimpíadas voltaram  
É o amor e a **liberdade**  
Exaltando o valor e a igualdade  
Assim como o barão  
Mangueira, o santuário da esperança  
O Olimpo é verde e rosa  
É o esporte na cultura da criança

De braços abertos, sou o Rio de Janeiro  
2004 é o sonho brasileiro.

## ANEXO 93

ANO: 1998

ESCOLA DE SAMBA:  
CANÁRIOS DAS LARANJEIRASSAMBA-ENREDO:  
LIVRE COMO UM PASSARINHO

AUTORES: Armando Martins.

Eu vou brindar a **liberdade**  
E voar nas asas da ilusão  
E colorir toda cidade  
Com as cores da minha emoção  
Gaivotas bailam no infinito  
Por sobre as ondas  
No seu lindo ar

É esperança, é amor  
Pomba da paz revoou  
Nosso sonho despertou

Passarinho pelos campos  
Vem cantar  
Cheiro de felicidade  
Faz lembrar  
A minha infância quero recordar

Vem abrir  
Essas gaiolas e de novo  
Às florestas vou voar  
É tempo de cantar, vamos viver  
Um mundo livre nesse novo amanhecer  
É bom demais  
Outra vez ser feliz  
Plantar o amor  
Soltar as aves desse meu país  
Quero acordar e poder cantarolar  
Sou menino passarinho  
Canarinho, com vontade de voar

Vem pra cantar,  
Quero sorrir  
Canário voa na Sapucaí.

## ANEXO 94

ANO: 1998

ESCOLA DE SAMBA:  
EM CIMA DA HORASAMBA-ENREDO:  
QUEM É VOCÊ, ZUZU ANGEL? ... UM  
ANJO FEITO MULHERAUTORES: Escurinho de Cavalcanti,  
Reinaldo Vilas, Julinho, Jorginho das Rosas  
e Naldo do Cavaquinho.

Oh! Zuzu  
Vem no bailar da poesia  
Com minha escola, ser mais feliz  
Bem à moda brasileira  
No zig-zag desse meu país  
Vindo de Curvelo a mais bela  
Encantando as passarelas  
Ditando moda nesse meu Brasil  
Inspirada no Nordeste  
Nos irmãos cabra-da- peste  
Orgulho varonil  
Soldados bordados em rendas  
Tanques de guerra  
Mostravam o sofrimento dessa terra

O Prêt-à-Porter não foi brincadeira  
Até Nova Iorque virou onda brasileira

Oh! Pátria mãe, taí esse nó na garganta  
Quero só democracia  
Dei-me um fio de esperança  
Ditadura nunca mais  
Me lembro das torturas, que horror  
Quantas noites acordada  
Procurando o seu grande amor

Oh! Sereia  
Clareia o fundo do mar  
Traz o meu anjo de volta  
Pra que eu possa embalar

Igualdade sim, violência não  
Deixa a luz da consciência  
Invadir teu coração  
Igualdade sim, violência não  
A Em Cima da Hora é nossa  
**Liberdade** de expressão.

## ANEXO 95

ANO:1998

ESCOLA DE SAMBA:  
IMPÉRIO SERRANOSAMBA-ENREDO:  
SOU OURO NEGRO DA MÃE ÁFRICAAUTORES: Gonzagão, Gonzaguinha, Deo,  
Alexandre, Otávio Samba, Paulinho  
Gafieira e Marcão da Serrinha.

Vim da África  
Minha raiz mãe tesouro  
A **liberdade** é o meu ouro  
Sou negro sim senhor  
Pelo criador fui abençoado  
Numa doce união  
E soberania em reinados  
No nascimento do menino rei  
Por uma estrela fui guiado

Com a sola dos meus pés marquei a terra  
Em vários cantos abracei novos anéis  
Eu sou negro eu sou raça, sou emoção  
Sou ouro negro baluarte da nação

Cruzei mares em Pindorama cheguei  
Terra do pau cor de brasa  
Onde meus valores misturei  
Costume, culinária e cultura  
Valeu eu vou à lua com bravura  
Meu grito é um cantar de **liberdade**  
Sou um Império de bambas, hoje felicidade  
E no carnaval levanto o seu astral  
Nesta festa multicolor  
No esporte e nas ciências  
Ilustrando eu vou  
Ô Kalofé, oh mãe baiana  
Trago minha raça, sou força e luta  
Vem comigo nessa fé

Sem limite, sem fronteiras  
Eu corro o chão  
Afastando os espinhos  
Semeando a união.

## ANEXO 96

ANO: 1998

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO:  
LÁGRIMAS, SUOR E CONQUISTAS NO  
MUNDO EM TRANSFORMAÇÃOAUTORES: David da Vila, Sérgio Freitas,  
Helinho e Mascote

O homem no tempo guerreia  
Seu rastro semeia ambição  
É a chama da conquista acesa no seu  
coração  
"A luz de Roma se apaga"  
Daí se propaga a transformação  
O clero, a bem da verdade,  
Julgava o herege na inquisição

Baila no ar a esperança  
O homem avança no velho mar  
Um horizonte de riquezas  
Fazia a Europa prosperar

Da burguesia surge o renascer  
Valorizando ideais  
Aniquilando o jeito de ser  
Da soberania dos feudais  
A sede da cobiça deságua na deriva das  
águas  
A chegada triunfal  
Às Índias, ao novo continente  
E a este paraíso tropical  
Velas ao vento! O rei mandou  
O navegante outras terras conquistou  
Tantos sem terra ficaram!  
A sabedoria o poder contestou  
Raios divinos iluminaram a humanidade  
Na França movimentos radicais  
Deram ao mundo outra mentalidade

No girar da coroa, a **liberdade**  
Igualdade ecoa no meu cantar  
A Vila, numa boa, agita o carnaval  
É fraternidade universal

O homem...

## ANEXO 97

ANO: 1998

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO PORTO DA PEDRASAMBA-ENREDO: SAMBA NO PÉ E  
MÃOS AO ALTO, ISTO É UM ASSALTOAUTORES: Índio do Império, Tião Telles,  
Paulo Roberto e Jorge Dodi

Alô rapaziada  
A vida é uma longa caminhada  
Se afaste do caminho da ilusão  
Quem entrar na contramão  
Pode nunca mais voltar (oi)

Um viva à **liberdade**  
E paz no coração  
Meu tigre é só amor  
Mas sem razão caiu na prisão

Foi condenado por querer ser campeão  
O culpado fez o bem  
O inocente o mal  
Todo mundo é jurado  
Neste carnaval

Na Grécia antiga  
Hermes já sabia subornar  
Então se liga  
Tem sempre um Casanova pra "azarar"

Tem Robin Hood, mas sem virtudes  
Ninguém confirma quem raptou  
As cebolinhas tem boi na linha (oi)  
Cuidado com o trem pagador

Vamos acender a luz, é pra já  
Vida de maracutaia, não, não dá  
Para ter felicidade não precisa assaltar  
Porto da Pedra está aí pra te "levar".

## ANEXO 98

ANO: 1999

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO GRANDE RIOSAMBA-ENREDO:  
EI, EI, EI, CHATEAU É NOSSO REI!

AUTORES: Nêgo, Barbeirinho e Derê

Brilhou ô ô ô uma luz lá no agreste  
Vem meu povo ver de perto  
O cabra da peste que na Paraíba nasceu  
Em Umbuzeiro do Norte, hoje a saudade é  
você

De sandálias ou pé no chão  
Em Pernambuco se formou  
Amante do folclore do maracatu  
O jornal, pelo Brasil ele espalhou

Ei, ei, ei, Chateau é o nosso rei  
Fez do rádio a nossa comunicação  
Foi senador representando o Maranhão

Mas o sonho iria mais além (mais além)  
Nos deu a graça da televisão  
Fez valer sua cadeira  
Na Academia Brasileira  
Em Londres foi um grande embaixador  
Com seu carisma a rainha conquistou  
Deu asas à nossa aviação  
**Liberdade** ao Beija-flor  
Em São Paulo um sonho realizou

Reconhecida a arte do seu museu padrão  
Que era a sua grande paixão  
Hoje eu vou, meu amor  
Com esta arte que encanta multidão  
Mito brasileiro você nos dá prazer  
A Grande Rio agradece a você

Ao passar este milênio no futuro promissor  
Será que o homem  
Perde espaço pro robô (Oh! Senhor).



ANEXO 99
ANO: 1999
ESCOLA DE SAMBA: LINS IMPERIAL
SAMBA-ENREDO: QUATRO DAMAS NEGRAS
AUTORES: Pezão, Junger, Waldir Imperial, Ricardo, Marcelinho e Deico.
Da misteriosa África O negro ao Brasil chegou Mãos atadas por grilhões Trabalho escravo no progresso da nação Querendo ser livre Sofrer jamais Salve a <b>liberdade</b> Peço igualdade e paz
Sou negro sim Vivo a lutar Negro é virtude Razão do meu cantar
És Zezé A Negra "CHICA" no tijuco a reinar Léa que foi "ROSA" A emoção na arte de representar Ruth a pioneira Nas telas do cinema e da TV Eterna "MAGÉ-BASSÃ" É Chica jornalista, doce filha de Iansã Unidas pelo mesmo ideal Dar fim ao preconceito racial "QUATRO DAMAS NEGRAS" Musas da dramaturgia nacional
Batam palmas com amor Quanta emoção É a Lins Imperial Contra a discriminação.

ANEXO 100
ANO: 1999
ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE
SAMBA-ENREDO: A SÃO CLEMENTE COMEMORA E TRAZ RUI BARBOSA PARA OS BRAÇOS DO POVO
AUTORES: Ricardo Góes, Ronaldo Soares, Chocolate e Antônio.
Minha escola faz a festa Traz para o povo um baiano genial Defensor da igualdade A <b>liberdade</b> , o seu ideal
Uma luta pioneira Nossa bandeira um país melhor Reformas sociais ele pediu Que agitaram esse meu Brasil Ideias liberais abolição E "Rui Barbosa" orgulha essa nação
O amor à Pátria ele fez valer "Águia de Haia" nos faz vencer A luz de um novo amanhã virá Seu nome nunca vai se apagar
Mesmo exilado Jamais abandonou seus ideais O jornalista consagrado Que a família amou demais
Jurista e diplomata se fez imortal Tornou-se um brasileiro sem igual Um líder nacional
O exemplo vai ficar A luta não pode acabar Os jovens vão se lembrar O sonho irá brilhar
Vem recordar ser mais feliz A São Clemente exalta o meu país.

ANEXO 101
ANO: 1999
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DA PONTE
SAMBA-ENREDO: O SAMBA É A MINHA AVOZ
AUTORES: Mário Tomé, Sidney Marcelo, Guedes, Jorge P, Bell, Tiãozinho Cruz.
Brilha a arte dos poetas Abençoada pelo Criador E a minha Ponte engalanada Vem pra folia mostrar seu valor Relembrando encontrei Joias tradicionais Minha voz é o samba Em grandes carnavais São seis datas marcantes (amor eu vou!) Nas quatro na estações E o grande estadista Viu no Nordeste Seca não é ilusão
Embalando alegria Samba-enredo é emoção Show, luz e fantasia "Sonhar com rei dá leão"
Ao bailar das baianas me encantei E no mundo encantado "Paulicéia" delirei "Bumbum Paticumbum" "Ziriguidum" <b>"Liberdade, liberdade!"</b> "Kizomba" foi o sonho que sonhei Hoje a natureza encanta (meu amor) Meu povo canta e dança Nesta festa popular
"Gosto que me enrosco" Pra avenida levo amor "Explode coração" "Anarquista eu sou".

ANEXO 102
ANO:1999
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO VIRADOURO
SAMBA-ENREDO: ANITA GARIBALDI, HEROÍNA DAS 7 MAGIAS
AUTORES: Gilberto Gomes, Gustavo, R. Mocotó, PC Portugal e Dadinho.
<p>Clareou na ilha da magia No esplendor era um ser de prata que surgia E voou em busca da sabedoria Os mistérios do oriente nas asas da poesia</p> <p>Está em festa a aldeia da tribo Carijós É força que semeia poder em nossa voz Vêm desbravando mares Corsários, aventureiros Abrindo caminhos para a <b>liberdade</b> De um povo guerreiro</p> <p>Rufam os tambores mãe África Nossa gente quer dançar Invocando a magia Com a paz de Oxalá</p> <p>Heranças culturais nas etnias teus ideais Nos verdes campos de Santa Catarina Berço dessa menina, voa borboleta voa Guerreira, brava loba romana</p> <p>Heroína que encanta os dois mundos Hoje o samba te aclama</p> <p>Viradouro está aqui, vai sacudir Agitar essa cidade inteira E com Anita eu vou, é Garibaldi, amor Espelho da mulher brasileira.</p>

ANEXO 103
ANO: 2000
ESCOLA DE SAMBA: BEIJA FLOR
SAMBA-ENREDO: BRASIL - UM CORAÇÃO QUE PULSA FORTE, PÁTRIA DE TODOS OU TERRA DE NINGUÉM
AUTORES: Igor Leal e Amendoim da Beija-Flor.
<p>Luz celestial que ilumina Astros abrem a porta divina Guiando a navegação Descobrimos esta nova nação Semente de uma nova era Paraíso de belezas naturais Índios guerreiros de pele dourada E alma purificada Habitavam este solo colossal Corsários e aventureiros Invadem Cruzeiro pela ambição Lutaram e colonizaram A pátria de todos os povos então E o negro aqui chegou... chegou O seu canto de fé ecoou... ecoou <b>Liberdade</b> pra ser feliz... feliz O braço forte que ergueu nosso país Assim São Vicente veio a encantar (obá, obá) Berço da democracia A primeira cidade do Brasil Meu Rio, eu sonhei! Que o Senhor havia nos dado a mão Que havia ordem, progresso e perdão E um ser de luz a iluminar E hoje eu canto Ó pátria amada! Me envolvo em seu manto Por essa terra sem dono, sem leis Pra ver o sonho que sonhei Me abraça amor com seu calor Faz pulsar meu coração Sou Beija-flor e trago a paz Nos olhos da geração.</p>

ANEXO 104
ANO:2000
ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA
SAMBA-ENREDO: DOM OBÁ II - REI DOS ESFARRAPADOS, PRÍNCIPE DO POVO
AUTORES: Marcelo D'Aguiã, Bizuca, Gilson Bermini e Valter Veneno.
<p>Axé, mãe África Berço da nação Iorubá De onde herdei o sangue azul da realeza Sou guerreiro de Oyó Filho de orixás Vim da corte do sertão Pra defender a nossa pátria mãe gentil Sou "dom obá", o príncipe do povo, Rei da ralé Nos meus delírios, um mundo novo Eu tenho fé</p> <p>No rio de lá Luxo e riqueza No rio de cá Lixo e pobreza</p> <p>Frequentei o palácio imperial Critiquei a elite no jornal Desejei <b>liberdade</b> 500 anos brasil E a raça negra não viu O clarão da igualdade Fazer o negro respirar felicidade</p> <p>Sonho ou realidade? Uma dádiva do céu (do céu, do céu) Vi no morro da mangueira Sambar de porta-bandeira A Princesa Isabel.</p>

## ANEXO 105

ANO: 2000

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DA ROCINHASAMBA-ENREDO:  
O SONHO DA FRANÇA ANTÁRTICA  
DE VILLEGAGNONAUTORES: Beto da Sopa, Marcelo  
D'aguiã, Josuel Pagão e Márcio Monteiro.

Navega Rocinha  
Nas caravelas com Villegagnon  
Enfrentando correntezas  
Mistérios, seres irreais  
Bons ventos traçando o seu destino  
A nova terra vem surgindo  
Em busca da paz

Quando a lua no céu vagueia  
Despontando na maré cheia  
Reluz a **liberdade**  
O paraíso da felicidade

Oi será...  
Será magia?  
Os anjos vão bailando pelo ar  
Que maravilha!  
A fauna e a flora do lugar  
Foi erguida a fortaleza  
Inimigo do rei não pode entrar  
A amizade aconteceu  
E a paixão por uma índia floresceu  
Desilusão, ah! Foi tudo em vão  
A criação da França Antártica  
Morre o sonho da nova nação

Amor, não chora  
Quem parte leva saudade  
Eu vou embora  
Adeus, formosa cidade.

## ANEXO 106

ANO: 2000

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO CUBANGOSAMBA-ENREDO: POR UMA  
INDEPENDÊNCIA DE FATOAUTORES: Celso Tropical, Rolian do  
Cavaco, Pepê, William e Altair.

Gigante pela própria natureza  
Ainda menino se deixou sonhar  
Um grito às margens do Ipiranga  
Literatura e dragões na aquarela  
Quem sabe faz a hora, é o despertar  
“Por uma independência de fato”  
É um ato pra se libertar

Ganga Zumba, grande rei zumbi  
Palmares inda ecoa por aqui

Oh! mulher, o sutiã em chamas  
Em teu seio, a liberdade  
Espaço é condição humana  
Vestido de noiva em cena  
Na arte a bravura  
Teatro, tropicália e cinema  
A independência da cultura  
Folia sem repressão, erradicando o mal  
São três dias de alegria  
A magia do meu carnaval

Sou Cubango, sou felicidade  
Meu sonho eu fiz verdade  
Guerreiro da **liberdade**.

## ANEXO 107

ANO:2000

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO DENDÊSAMBA-ENREDO: DOS FILHOS  
DESTE SOLO SOU MÃE GENTIL,  
MUITO PRAZER, PÁTRIA BRASILAUTORES: Gugu das Candongas, Pardal e  
Valdir da Vala.

Terra à vista!  
Vim navegando, um paraíso encontrei  
Me conquista, está nascendo  
Mas um dia vai ser rei  
Um povo índio todo emplumado  
Escreva isso, lá pro reinado  
Do além-mar veio a expedição  
Colonizar e acabar com a invasão

Tem cana de açúcar, muita riqueza  
No sangue negro, a grandeza da nação  
Surge o brasileiro da miscigenação

Luta pela **liberdade**  
Já tens maioria, grita o imperador  
Fico Brasil!  
Virou festa na cidade  
A redentora ouviu seu coração  
E acabou com a escravidão  
A fé é forte, neste solo varonil  
E destes filhos, sou a pátria mãe gentil

Canta você, canta Dendê canta geral  
Com alegria nesse carnaval  
Na era de aquário, ano 2000  
Tá na criança o futuro do Brasil.

ANEXO 108
ANO:2000
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO GRANDE RIO
SAMBA-ENREDO: CARNAVAL À VISTA
AUTORES: Pedrinho Messias, José Mendonça e Mingau.
Naveguei e cheguei Bons ventos me trouxeram d'além-mar Monstros marinhos, tempestades vieram pra me assustar Ao chegar, festeja o dono da terra Fui rezar, Primeira Missa e esse solo abençoar
Na Brasilindia melodia curumins Terra Brasilis e o seu cantar feliz Toca gaitero e espanta a tristeza Que a festa é tupiniquim e portuguesa E o cordão que não parava de aumentar Quem vem pra conhecer, já não quer mais voltar Margeando o Chico eu vou Ouvindo a batucada de Sergipe
Bate bumbo, bate Zé Pereira E sambando venha quem vier Se deixar eu canto a noite inteira Mas batuque no terreiro, meu sinhô não quer
Verdade Se tornou realidade Enfim o carnaval da <b>liberdade</b> Pega o tambor, me leva que eu quero ir Amor vem fazer sorrir
Abram alas Grande Rio vem aí, vem brindar Lança-perfume pois o baile já vai começar A praça é nossa e o povo quer sambar
Desperta Brasil! Eu quero é paz, tristeza nunca mais Se alguém cuidar da juventude Oh, pátria mãe gentil Outros 500 serão nos anos 2000.

ANEXO 109
ANO: 2000
ESCOLA DE SAMBA: FOLIÕES DE BOTAFOGO
SAMBA-ENREDO: PALMARES EM FESTA
AUTORES: Vander Timbalada, Cláudio e Marquinhos.
Ecoou, tambores, matizes, Palmares Terra sagrada, consagrada por um rei Mito de esperança e <b>liberdade</b>
O céu iluminou, os orixás estão em festa Tantas batalhas existiram nesse chão Canta Palmares com emoção E nessa avenida iluminada Foliões de Botafogo Mostra a terra libertada
Eu sou o negro, sou a raça, sou Zumbi Do Quilombo dos Palmares Hoje pra Sapucaí
Foi assim, por Dandara joia rara Zumbi se apaixonou E o povo de Palmares consagrou O ouro e prata, ôôô Pedras preciosas Muita fartura, o negro cultivou, ôô E hoje sem chicote, sem corrente O negro exalta esse povo aqui presente.

ANEXO 110
ANO:2000
ESCOLA DE SAMBA: TRADIÇÃO
SAMBA-ENREDO: LIBERDADE! SOU NEGRO, RAÇA E TRADIÇÃO!
AUTORES: Lourenço e Adalto Magalha.
<b>Liberdade</b> Sou negro, raça e Tradição Vim de Angola, da minha mãe África Num navio negreiro clamando por Zumbi Vim para um solo bonito e maneiro Caí na senzala para trabalhar Mas negro é forte, valente e guerreiro Até hoje se ouve um lamento ecoar (ô ô ô) Ô ô ô... Ô ô ô... Ô ô ô...
Baiana, gira baiana Dance pro seu orixá Vamos firmar a kizomba Fazer o povo sambar
Maracatu, maculelê e cavalhadas (Valeu, Zumbi) Valeu Zumbi O negro é rei nas batucadas Na arte, o negro encanta Cultura tradicional e resistência do samba A alma do carnaval Hoje é só felicidade Negro quer comemorar
Parabéns pra você Que foi descoberto em 22 de abril (É lindo!) Desperta Gigante Chegou tua hora Pra Frente Brasil.

ANEXO 111
ANO:2000
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO CABUÇU
SAMBA-ENREDO: BRASIL 500 ... ANO 2000, CABRAL FAZ A FESTA NO BRASIL
AUTORES: Paulo Samara, Anderson e Márcio.
<p>A imaginação se faz presente Emoldurada de belezas naturais Ritmos, costumes e festanças Folclore, futebol e rituais Brasil 500 é a Cabuçu, é carnaval Os contrastes que vieram da nobreza Desta terra descoberta por Cabral (por Cabral) Mostrando para todos as riquezas Deste país tropical</p> <p>Hoje é paz, é <b>liberdade</b> Ha amor no coração Igualdade das três raças Deu-se a miscigenação</p> <p>Brasil, Brasil 2000 Que fascínio é o Rio de Janeiro Tem pagode o ano inteiro Padres maneiros para abençoar A beleza dessas matas, fauna e o nosso chão O e-mail ao rei, foi a confirmação Na certeza do amanhã...é só acreditar Nessa terra o que se planta dá</p> <p>O futuro a deus pertence, prá que discutir Lindos sonhos de crianças, mundo de ilusões Outros povos, outras raças, a cultura é universal Para o terceiro milênio, eis a festa de Cabral.</p>

ANEXO 112
ANO: 2000
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO PORTO DA PEDRA
SAMBA-ENREDO: ORDEM, PROGRESSO, AMOR E FOLIA NO MILÊNIO DE FANTASIA
AUTORES: Silvão, Ricardo Goés, Ronaldo Soares, Chocolate e Fernando de Lima.
<p>Brilhou no céu O ideal da <b>liberdade</b> O país querendo ser feliz Sonhou com a igualdade Mas sem união e amor Não dá pra melhorar Os republicanos Buscaram na França Ideias pro Brasil mudar E sem se importar Com o apoio do povo Poder queriam conquistar</p> <p>Ordem e progresso tem que produzir A união e fé (com muito axé) Mas sem amor não vai construir A integração que quer</p> <p>O povo fez-se independente Caminhou Com muito amor fez a folia E nossa cultura agitou Se povo e governo pudessem brindar Um elo de amor e paz Na festa dos 500 anos Não separar jamais</p> <p>Sacode a cidade, levante o astral É o tigre de novo neste carnaval Com ordem, progresso, amor e folia Saudando o milênio, tudo é fantasia.</p>

ANEXO 113
ANO: 2000
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO VIRADOURO
SAMBA-ENREDO: BRASIL – VISÕES DE PARAÍSO E INFERNOS
AUTORES: Gilberto Gomes, Gustavo, Dadinho, PC Portugal e Mocotó.
<p>O dia vai raiar, amor, amor Com a Viradouro eu vou, eu vou, eu vou Meu canto de amor se espalha no ar Quinhentos anos vamos festejar</p> <p>Na Era Medieval, começa o meu Carnaval No Paraíso, eu me vesti de branco E, no martírio eterno O vermelho é meu manto</p> <p>Navegando ao Oriente, seu Cabral O jardim das delícias descobriu Seu Caminha escreveu o que ele viu Maravilhas do Brasil</p> <p>Bordunas, tacapes e ajarés Na dança, o índio põe aos seus pés Mas nasceram ideias diversas, são mentes perversas Não foi essa a lição dos pajés</p> <p>Ire, ire, pra agba yê O negro canta, o negro dança em <b>liberdade</b> Ire, ire, pra agba yê Pra agba yê, felicidade</p> <p>Bem longe daqui Na festa da coroação</p> <p>O negro africano, nos seus desenganos Desfaz-se dos planos pro branco explorar Preso nas correntes da vida São marcas que jamais esquecerá</p> <p>Mas o tempo passou E a felicidade eu vejo brotar Na luz da esperança, há paz e alegria Pro rei do universo abençoar</p> <p>O dia vai raiar, amor, amor Com a Viradouro eu vou, eu vou, eu vou Meu canto de amor se espalha no ar Quinhentos anos vamos festejar.</p>

## ANEXO 114

ANO: 2001

ESCOLA DE SAMBA: BEIJA FLOR

SAMBA-ENREDO: A SAGA DE AGOTIME, MARIA MINEIRA NAÊ

AUTORES: Déo Caruso, Cleber e Osmar.

Maria Mineira Naê  
 Agotime no clã de Daomé  
 e na luz dos seus Voduns  
 Existia um ritual de fé  
 Mas isolada no reino um dia  
 escravizada por feitiçaria  
 Diz seu vodum que o seu culto  
 num novo mundo renasceria  
 Vai seguindo seu destino (de lá pra cá)  
 Sobre as ondas do mar  
 o seu corpo que padece  
 Sua alma faz a prece  
 pro seu povo encontrar

Chegou nessa terra santa  
 Bahia viu a Nação Nagô-ô-ô  
 e através dos orixás  
 O rumo do seu povo encontrou  
 Brilhou o ouro, com ele a **liberdade**  
 Foi pra terra da magia  
 Do folclore e tradição  
 Um buquê de poesia  
 A casa das minas  
 É o orgulho desse chão

Sou Beija-Flor e o meu tambor  
 Tem energia e vibração  
 Vai ressoar em São Luiz do Maranhão.

## ANEXO 115

ANO: 2001

ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO ENGENHO DA RAINHA

SAMBA-ENREDO:  
51 ANOS, UMA BOA IDEIAAUTORES: Fabinho da Raça, Miolinho,  
Pica Pau, Mário Gordo e Gilberto Fita.

Raiou uma nova era  
 Em vermelho e branco vou contar  
 Isso sim é boa ideia  
 51 anos de história pra contar  
 Meu berço é o Engenho da Rainha  
 Um doce abrigo pra Carlota Joaquina  
 Fiquei por estas terras verde e rosa pavilhão  
 Coroa onde impera a tradição

Fui Ganga-Zumba,  
 Sou grito de **liberdade**  
 Ecoando pela cidade  
 Com tanta alegria até mudei de cor  
 Encarno raiz de um povo sonhador

Ao ver...  
 Pelo que passamos dá pra emocionar  
 Através dos anos à consolidar  
 Samba é cultura popular  
 Também sou Carlos Cachaca, berço da  
 poesia  
 Outra vez vou cantar nessa folia  
 Te amo meu Engenho da Rainha

E essa festa, todo povo contagia  
 São tantos anos nesse amor nessa magia  
 Um show de samba, alegria e emoção  
 Que boa ideia vou gritar é campeão.

## ANEXO 116

ANO: 2001

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO SALGUEIROSAMBA-ENREDO:  
SALGUEIRO NO MAR DE XARAYÉS, É  
PANTANAL, É CARNAVALAUTORES: Augusto, Zé Carlos do Saara,  
Rocco Filho e Nêgo.

Um sonho me levou  
 Com o Salgueiro a navegar  
 Na chalana da ilusão  
 Pelo Mar de Xarayés...  
 Linda aquarela  
 Fui ao Império do Sol  
 Por pedras encravadas pelo chão  
 Caminho da paz e da cultura  
 Que uniu as civilizações

E a passarela vira um mar de amor  
 Canta Salgueiro  
 E o Pantanal vai dando um show de cor  
 Enfeitando o mundo inteiro

Heroicos guaykuru  
 Um galopar de **liberdade**  
 Um dia o Pantanal chorou... chorou...  
 chorou  
 E floresceu brasilidade  
 Lá se vai o predador  
 E a cobiça do invasor  
 Pantaneiro canta e dança  
 Num mar de felicidade  
 Conta as lendas, castelhanas  
 Me embala neste teu sonhar... teu sonhar

Sinto a falta do teu cheiro  
 É gostoso teu tempero  
 Oh! Morena... morena

Voa... voa Tuiuíú... beleza!  
 Deixem em paz a arara-azul e a natureza  
 O Salgueiro na avenida é emoção  
 A voz mais alta em nome da preservação.

ANEXO 117
ANO: 2001
ESCOLA DE SAMBA: ARRASTÃO DE SÃO JOÃO
SAMBA-ENREDO: PAMARES UM CANTO DE LIBERDADE
AUTORES: Nascimento do Vilar, Cosminho, Balabala do Cavaco e João da Light.
Brasil, Brasil, Brasil Vamos lembrar esta história Ganga Zumba, rei Zumbi É Alaktcha amor Na epopéia deste país os negros Da Guiné adentrando nas matas Pensando em ser feliz
Bartolomeu em carta anunciou Ao rei da Espanha e Portugal O negro canta, o negro dança Estamos livre afinal
A caça e pesca e a plantação Com mistura das raças Houve a miscigenação
Hoje o Arrastão vem retratar Beleza, alegria e amor Nesta avenida colorida Com todo seu esplendor
Despontou... Um ideal de <b>liberdade</b> Ecoou... Um grito forte Nos Palmares Brasil.

ANEXO 118
ANO: 2001
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO DA TIJUCA
SAMBA-ENREDO: MACAÉ, A PRINCESINHA DO ATLÂNTICO
AUTORES: Adilson Tatu e Gago.
Emoldurada pelas mãos do Criador É lindo contemplar tanta beleza Seus rios, cachoeiras e cascatas Verdadeiro paraíso de riquezas
O índio era o dono dessa terra Quando o homem branco aqui chegou E o negro feiticeiro vai pra mata No quilombo a <b>liberdade</b> das amarras do senhor
Depois do porto, a ferrovia chegou Dos engenhos de açúcar, ao cultivo do café O ouro da Coroa reluzia, impulsionando Macaé
Na música uma nova aurora Conspiradores, shows de liras pelo ar A São Pedro vai meu barco em procissão Festa junina e lendas de emocionar Oh Santana, segredo, mistério em oração Assim conta a história Que cem anos durou a maldição
O ouro negro surgiu, fez o progresso jorrar E a cidade novamente a prosperar Hoje a princesinha do Atlântico Faz turista se encantar Dádiva da Natureza, jóia rara que me faz sonhar
Meu Império da Tijuca, vem mostrar Como é doce viajar nesta emoção
Deixa eu te namorar, Macaé E conquistar teu coração.

ANEXO 119
ANO: 2001
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE VILA SANTA TEREZA
SAMBA-ENREDO: PALMARES, A FESTA DA LIBERDADE
AUTOR: José Lúcio dos Santos Cruz.
Um grito forte ecoou Ao som do atabaque à igualdade A Vila Santa Tereza vem mostrar sua beleza Sou Palmares, sou festa da <b>liberdade</b> Zumbi O braço forte de todas as raças Rei valente e guerreiro Não conheceu a escravidão
Pedia a Pai Xangô A paz, a proteção Na festa em forma de canção
Maculelê, capoeiro Caô, Caô meu pai Xangô ô
Nesta festa também tem Pau de fita, boi bumbá Holandeses, portugueses Com costumes reluzentes Neste paraíso tropical Tem o sol como guia E a lua como irmã ã ã Sete noites, sete dias Me envolvo na folia Pedindo graças ao meu deus Tupã
Eu sou índio, sou flecheiro Faço pesca, sou guerreiro caçador ô ô <b>Liberdade</b> é quem me guia Dia e noite, noite e dia Vou que vou
Um grito forte.

## ANEXO 120

ANO: 2002

ESCOLA DE SAMBA: BEIJA FLOR

SAMBA-ENREDO: O BRASIL DÁ O AR DE SUA GRAÇA. DE ÍCARO A RUBEM BERTA, O ÍMPETO DE VOAR

AUTORES: Wilsinho Paz, Elcy, Gil das Flores, Alexandre Moraes, Tamir, Tom Tom e Igor Leal.

Meu Beija-flor espacial ô ô  
Cruzou o espaço sideral ô ô  
Fez do meu sonho  
Realidade neste carnaval

Num toque divinal do Criador  
Surtem passarinhos a bailar  
Com elegância e beleza  
Inspiração que fez o homem voar  
Na mitologia construiu  
Asas de cera para a **liberdade**  
Rumo ao Oriente sobre tapetes

Conheceu estórias milenares  
Reluz no renascimento a profecia  
Que o grande cisne voaria  
E o mundo se encantaria

Vai, vai balão  
Leve o meu sonho pra imensidão  
Sou brasileiro, pioneiro  
Grande "pai da aviação"

Oh! Glória...  
Glória a um gaúcho sonhador  
Fez da moderna aviação  
A integração nacional  
No seu desejo profundo  
Este cidadão do mundo  
Lutou pela igualdade social  
O homem conquista seu desejo afinal  
Com a força do guerreiro  
Alcança a lua  
E clama pela paz universal.

## ANEXO 121

ANO: 2002

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DA BARRA DA TIJUCA

SAMBA-ENREDO: DA MAGIA IMPERIAL AO ATUAL CENÁRIO REPUBLICANO, MAS PODEM ME CHAMAR DE TIJUCANO

AUTORES: Pintinho, Joel Teixeira, Antônio Augusto, Karlinho's Madureira e Belini.

És tão bela  
Encanto que me faz cantar  
Um manto verde em aquarela  
Um azul do céu em seu olhar  
Oh! Tijuca  
Berço de índios bravios  
Onde a fruta dá no pé  
Terra do melhor café  
Orgulho do meu Rio  
Recanto da magia imperial  
De tanto canto original

Tijuca é poema  
É nossa **liberdade** de viver  
Na praça, teatro, cinema  
Sou tijucano pra valer

Tanta história pra contar  
De bambas de sambas maneiros  
Três amores pra guardar  
Unidos, Impérios, Salgueiro  
No jogo da vida só faço ganhar  
No grito de bingo, na arte de amar  
Cenário que me faz  
Ser mais republicano  
Mas pode me chamar de Tijucano

Lá vem bateria  
Vai contagiar  
É nessa alegria  
Que eu vou desfilar  
Toda riqueza  
Toda beleza  
Que a Barra da Tijuca  
Vem mostrar.

## ANEXO 122

ANO: 2002

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO GRANDE RIO

SAMBA-ENREDO: OS PAPAGAIOS AMARELOS NAS TERRAS ENCANTADAS DO MARANHÃO

AUTORES: Alailson Cruz e Agenor Neto.

Na França ficou o rei, menino!!!  
No Brasil se viu chegar, pra conquistar!  
Oh!!  
Merci Beaucoup, au revoir  
E o índio nada entendeu  
De "papagaios amarelos" foi chamar  
Tem miçanga, tem (eê), tem espelho, tem  
Para o índio um presente, pros franceses um harém  
De além-mar quem vem (eê), Portugal meu bem  
Expulsando o francês e o bravo holandês também  
No balaio tem a revolução, a balaiada!  
Negro Cosme quer seu povo feliz  
O imperador das **liberdades** bem-te-vis

Me leva que eu quero ver (eu quero ver!)  
Touro negro coroadado  
Ele é Dom Sebastião  
Que no mar fez o seu reino  
Num palácio iluminado

Ê, povo, ê, povo, ê  
Ê, Maranhão, povo encantado  
Nhá Jança é assombração  
No alto do divino, eu vou  
Com os caretas pro pato, pato pelado

Do poeta uma voz ecoou (ooô)  
Minha terra se ouviu cantar (o sabiá!)  
Grande Rio é samba, é amor  
Bumba-meu-boi, tua estrela vai brilhar.



ANEXO 123
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: FOLIÕES DE BOTAFOGO
SAMBA-ENREDO: DEUS AJUDA A QUEM CEDO MADRUGA
AUTORES: Tuninho Azevedo, China da Estácio, Claudio do Cavaco e Marcela.
<p>Brilhou no horizonte a <b>liberdade</b>  Desperta trabalhador  Com as bênçãos do criador  Agradeço pelo novo dia  Anjos iluminai o meu caminho  Vou seguir o meu destino  Para poder trabalhar  Índios com sua miscigenação  Vivendo com a natureza  Não se deixou escravizar</p> <p>É pau brasil, ouro, canaviais  Peço a benção do senhor Xangô  Não me deixa sofrer demais</p> <p>Culturas para o progresso da nação  Os imigrantes de além-mar....  Cabra-da-pestre, sou do Nordeste!  No ciclo da borracha e do cacau  Sou boia-fria na colheita tropical</p> <p>(na era)</p> <p>Na era da industrialização  Oportunidades, foram poucas podem crer  E nos morros e favelas, surgia a malandragem  Com a pressão da autoridade  O samba pede passagem</p> <p>Foliões vem aí para sacudir  Com a explosão da bateria  Vamos aplaudir.</p>

ANEXO 124
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE
SAMBA-ENREDO: GOYTACAZES... TUPY OR NOT TUPY IN A SOUTH AMERICAN WAY
AUTORES: Marquinho Lessa, Guga e Tuninho Professor.
<p>Campos... terra dos índios Goytacazes  São ferozes, são vorazes  Vida de antropofagia  Na Europa, a notícia rolava  Homem branco se assustava  Índio come gente... quem diria!  Um dia, com fome de amor, oooô  Nosso herói se apaixonou  Um momento de magia  Peri beijou Ceci... ao som do Guarani  Um gesto de brasilidade  Com o tempo, um novo índio se vestiu de ousadia  Num ritual de <b>liberdade</b></p> <p>E deu tupy, or not tupy  Eis a visão do artista  Nessa nação tupiniquim  Índio virou um anarquista</p> <p>Macunaíma com Zé Pereira  É índio, é negro, é imperador  Mais tarde, essa mistura brasileira  A tropicália originou  Tem Iracema em Ipanema, alegria geral  Eu sou também Carmem Miranda no meu carnaval</p> <p>(Hoje o couro vai comer)  Hoje o couro vai comer  Auê, Imperatriz, auê, auê  Nossa tribo canta meu país  Pra valer.</p>

ANEXO 125
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO SERRANO
SAMBA-ENREDO: ACLAMAÇÃO E COROAÇÃO DO IMPERADOR DA PEDRA DO REINO: ARIANO SUASSUNA
AUTORES: Aluizio Machado, Maurição, Carlos Sena, Elmo Caetano e Lula.
<p>Sol inclemente, oi  Vai além da imaginação  Sopro ardente, árida terra  Desse poeta cantador  Sede de vida, gente sofrida  Salve o lanceiro, guerreiro do amor</p> <p>Cabra macho, firmeza, que emoção  <b>Liberdade</b>, esperança, ressurreição  A bondade, a maldade no coração  Amor, verdade, eu encontro neste chão</p> <p>(Vem que tem...)  Tem azul, tem encarnado, tem  Numa comunhão de fé  Lança em punho ao som da luta  Desse sonho contra a dor  Resgatando o passado  Desse povo vencedor  Esses reis tão sertanejos  Descendentes de valor  E a cavalgada parte  Lá de Belmonte  Pra serra do Catolé  Tão linda minha corte sertaneja  Marco forte, altaneira do sertão  Buscando na justiça igualdade  Empunhando a bandeira na coroação</p> <p>Hoje o Império é a voz da razão  Onde reina a paz e a união  E é muito mais que uma paixão  Sou imperador... Lá do sertão.</p>

ANEXO 126
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: UNIÃO DE JACAREPAGUÁ
SAMBA-ENREDO: ASAS, SONHO DE MUITOS, PRIVILÉGIO DE POUCOS, TECNOLOGIA DE TODOS
AUTORES: Luizinho Oliveira, Alexandre Valle, Ulisses, Henrique Guerra e Elio Sabino.
<p><b>Liberdade</b>, sonho, sedução A mitologia nas asas da imaginação Labirinto de segredos, mistério, magia Homens confinados, escravizados pela tirania Um sonhador não pode se entregar Tem que acreditar no amanhã Com asas de cera Ícaro voou Em busca da <b>liberdade</b></p> <p>Ninguém vai me impedir Ao céu eu vou chegar Sou Pégaso, o cavalo alado Freio de ouro não vai me domar</p> <p>Asas: privilégio de poucos, presente de Deus Asas: ai! quem dera eu tivesse o poder de voar Anjos do bem e do mal, aves, insetos Voar parece ser tão natural Curvas e formas diferentes Seres alados voam pelo nosso céu Sensação de paz e <b>liberdade</b> Cada um em seu mistério desempenha o seu papel</p> <p>O tempo passou e a esperança prevaleceu, cresceu O espaço está dominado, o homem venceu</p> <p>A tecnologia evoluiu Nós construímos, o mundo aplaudiu Modernos aviões, foguetes na lua A conquista do universo continua</p> <p>Hoje Jacarepaguá é alegria A esquadrilha da fumaça já anuncia Tem novidade nesse carnaval É a união num voo livre e genial.</p>

ANEXO 127
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DA PONTE
SAMBA-ENREDO: “DE MINAS PARA O BRASIL” – TANCREDO NEVES, O MÁRTIR DA NOVA REPÚBLICA
AUTORES: Gugu das Candongas, Pardal, Ito Melodia, Jefferson Martin e Nélio Marins.
<p>Vai brilhar Uma luz sobre a Ponte Surge um belo horizonte O sol da <b>liberdade</b> vai raiar Anunciando um novo dia O filho da democracia Quantas saudades nos traz O mártir de Minas Gerais!</p> <p>Oh! Minas Gerais Oh! Minas Gerais Tancredo de novo, nos braços do povo Não te esquecerei jamais</p> <p>De braços dados vai lutar E caminhando vai traçando a própria história O pacato mineiro toma a decisão: Ser a voz das diretas, Com as indiretas nas mãos. O estadista de São João Del Rey Tem barroco e riquezas Pelas Minas que passei O presidente escolhido Que nunca foi - poderia ter sido</p> <p><b>Liberdade!</b> Ainda que tardia Leva o nosso herói Para transformá-lo em estrela guia.</p>

ANEXO 128
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DA TIJUCA
SAMBA-ENREDO: O SOL BRILHA ETERNAMENTE SOBRE O MUNDO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AUTORES: Haroldo Pereira e Valtinho Júnior.
<p>Portugal Nas caravelas do idioma naveguei Nessa aventura lusitana Os cinco continentes alcancei “Bordei” palavras sobre as ondas do mar (Oi! Do mar) E na linha do horizonte A língua se fez poesia, uma odisseia de amor “Navegar é preciso”, de Angola ao Timor, oooô Cultura! Riqueza! Iluminando o mundo de língua portuguesa</p> <p>Trago à mesa a alegria e amor Que a família tijuicana chegou! Com bom papo e harmonia e samba no pé! A minha língua é minha Pátria, é minha fé!</p> <p>Sopra o vento dos Deuses Pra língua “semear” Na costa africana, na voz dos orixás “Temperei” com arte em Goa E mercados de Macau (Fala Brasil!) Brasil... A “morenice” em um povo encontrei Mundo novo, me apaixonei, hoje é só sedução Salve a luta do Timor Pela <b>Liberdade</b> de expressão</p> <p>Rasgou o céu um cometa Explode em sete cores A nova era, oito esplendores A língua é força, é união A homenagem vem na cauda do pavão.</p>

ANEXO 129
ANO:2002
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE VILA RICA
SAMBA-ENREDO: SOU RIO, SOU GRANDE, SOU VILA RICA DO NORTE
AUTORES: Nego Zinho, Marciano, J. Vieira e Zezé Fonseca.
<p>Paraíso no nordeste Do bravo guerreiro Cariri Rio Grande do Norte Villa Rica é carnaval e vem mostrar A terra dos sonhos, cobiça além mar Forte Reis Magos uma estrela Marco inicial gerou Natal Mossoró de relíquias, riquezas minerais Deu ao negro <b>liberdade</b>, um canto de paz Literato do folclore nacional Câmara Cascudo é imortal</p> <p>Potiguar olhos de mar da miscigenação Forró é seu pecado, São João é tradição O sanfoneiro não pode parar O bate coxa vai até o sol raiar</p> <p>Parnamirim, base aérea espacial Trampolim da vitória na 2ª guerra mundial O galego chegou, fez forall e dançou ô ô Partiu num bye bye, deixando costumes Amores e sementes para trás Praias tão lindas, Genipabu e o famoso cajueiro Sal, algodão, carnaúba e caju, dão o ano inteiro Tempero bom, culinária tradicional Rendas, bordados, mercado do sisal O cabra macho orgulhoso diz Meu rio grande o futuro é aqui - vem amor</p> <p>Vem amor ver o sol tingindo céu e mar Coqueirais, salineiras, caiçaras navegar.</p>

ANEXO 130
ANO: 2002
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO VIRADOURO
SAMBA-ENREDO: VIRADOURO, VIRA-MUNDO, REI DO MUNDO
AUTORES: Gilberto Gomes, Dadinho, Mocotó, Gustavo e Paulo César Portugal.
<p>Okê, okê Sou Viradouro, Viramundo eu sou Escravidado, sem destino Meu desatino, meu dissabor Pra vencer os grilhões do dia-a-dia Pra esquecer a solidão, a agonia É carnaval, o meu peito explode de alegria E no encontro com o rei Eu também sou um rei nesta magia</p> <p>Em <b>liberdade</b> eu peço axé Vou na onda do afoxé</p> <p>Os negros na sua fé trazendo a paz No canto dos orixás E nas visões dos xamãs, a cura Que a raça vermelha traz Ao som dos gurus, um manto em harmonia Vêm chegando os povos amarelos Com incenso que nos contagia Então, em forma de oração A raça branca faz a sintonia E nesta festa de coroação O rei do mundo é o rei da folia</p> <p>Nesta ciranda é que eu vou Contagiando esta cidade Hoje eu quero paz, amor E um mundo de felicidade.</p>

ANEXO 131
ANO: 2003
ESCOLA DE SAMBA: BEIJA FLOR
SAMBA-ENREDO: O POVO CONTA A SUA HISTÓRIA: "SACO VAZIO NÃO PÁRA EM PÉ" - A MÃO QUE FAZ A GUERRA FAZ A PAZ
AUTORES: Betinho, J.C. Coelho, Ribeirinho, Glyvaldo, Luis Otávio, Manoel do Cavaco, Serginho Sumaré, Vinícius.
<p>Luz divina luz que me conduz Clareia meu caminhar clareia Nas veredas da verdade, cadê a felicidade Aportei, num santuário de ambição</p> <p>E o índio muito forte resistiu A tortura implacável assistiu Enquanto o negro cantava saudade Da terra mãe de <b>liberdade</b></p> <p>Na França é tomada a Bastilha O povo mostra a indignação Revoltado com o Diabo Que amassou o nosso pão</p> <p>Grito forte dos Palmares... Zumbi Herói da inconfidência... Tiradentes Nas caatingas do nordeste... Lampião Todos lutaram contra força da opressão</p> <p>Nasce então Poderosa, guerreira Que desenvolve seu trabalho social Cultura aos pobres, abrigou maltrapilhos Fraternidade, de modo geral Brava gente sofrida, da baixada Soltando a voz no planeta carnaval Eu quero <b>liberdade</b>, dignidade e união Fui lata, hoje sou prata Lixo, ouro da região Chega de ganhar tão pouco Tô no sufoco vou desabafar Pare com essa ganância, pois a tolerância Pode se acabar...</p> <p>Oh!!! meu brasil (bis) Overdose de amor nos traz Se espelha, na família "Beija-Flor" Lutando eternamente pela paz.</p>

## ANEXO 132

ANO: 2003

ESCOLA DE SAMBA: MANGUEIRA

SAMBA-ENREDO: OS DEZ  
MANDAMENTOS: O SAMBA DA PAZ  
CANTA A SAGA DA LIBERDADEAUTORES: Marcelo D'Aguiã, Gilson  
Bernini e Bizuca Clovis Pê.

Um clarão no céu  
Iluminou... Mangueira  
Surge um caminho de luz  
Pra mergulhar na história  
No Egito, um faraó  
Poder e riqueza, cruel tirania  
E um povo sonhava na lama  
Que o "libertador" ali nasceria  
Flutua nas águas do Nilo  
A esperança guiando o menino  
Criado no luxo da corte  
Enfrenta o deserto, sagrado destino  
É o vento que sopra, poeira!  
Segue o homem em busca da fé  
Do alto uma voz anuncia  
A certeza de um novo dia

Moisés desafia o rei  
A ira divina desaba na terra  
Libertação! e num gesto encantado  
O mar virou passarela  
Descrença... ilusão  
No ouro, a falsa adoração  
A vontade de deus é a lei da verdade  
Foi revelada pra humanidade  
Mostra pro mundo, brasil (meu brasil)  
O caminho da felicidade  
Quem plantar a paz, vai colher amor  
Um grito forte de **liberdade**  
Na estação primeira ecoou!

## ANEXO 133

ANO:2003

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO CUBANGOSAMBA-ENREDO: CÂNDIDO  
MENDES, UM SÉCULO DE PAIXÃO  
NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃOAUTORES: Quinzinho, Eduardo Poeta,  
Eduzinho, Lenio da Cotia e Sardinha.

Na Bela Época  
O charme do meu Rio encantou  
E na sedução da História  
A Academia de comércio despontou  
Uma geração cristã, guerreira  
Trazia um sonho lá do Maranhão  
Nas asas da nobreza abençoada  
Iluminada... Ensina que eu viajo na emoção

Eu vou ao paço...  
Que eu não passo sem você  
Tradição e **liberdade**, vem ver

Pioneira na economia  
Prêmio latino de comércio exterior  
Faz direito que é direito  
Justiça a um povo que merece ser doutor  
No silêncio da Nação  
Palavra é crença, a Bandeira tremulou  
Sob a força da opressão, uma voz não se  
calou  
África, Oriente... Centro de estudos sem  
igual  
Cultura faz quem sabe a arte  
Espaço infinito, o destino é social  
No meu olhar vai brilhar a joia rara  
A Universidade mostra a cara  
Hoje, o centenário é carnaval

Vem, meu amor eu vou...  
Pós-graduar paixão  
SOU CUBANGO, sou Cândido Mendes  
Cem anos de educação.

## ANEXO 134

ANO:2003

ESCOLA DE SAMBA:  
ALEGRIA DA ZONA SULSAMBA-ENREDO:  
FESTA NO QUILOMBO, NA  
COROAÇÃO DE UM REI NEGRO

AUTORES: Fio, Moura e Expedito.

Desperta o show vai começar  
O Alegria vem mostrar  
A festa da coroação  
Os mocambos vão dançar  
Para um rei negro, com emoção  
É arte, é cultura  
Foi no Quilombo a consagração  
**Liberdade**, um grito forte ecoou...  
De um povo guerreiro  
Que seus costumes neste solo semeou

Tem maracatu, maculelê e candomblé  
Negro joga capoeira, com o seu canto de fé

Axé... afoxé, oferenda aos orixás  
Tambor de crioula, é feitiço, é ritual  
Bailam jongo e a congada  
O semba virou samba em nosso carnaval  
Hoje a Zona Sul em festa  
Vamos aplaudir  
A dança da raça  
Encanta a massa na Sapucaí

O meu tambor vai ressoar  
A noite inteira  
Saudando Ganga-Zumba  
Com danças afro-brasileiras.

ANEXO 135
ANO: 2003
ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO
SAMBA-ENREDO: SARAVÁ! NEGRITUDE, SARAVÁ
AUTORES: Édson Batista, Neginho do Pagode e Silmar da Silva.
<p>Oh! Mãe África Terra de encanto e magia Homem branco sem alma e coração Dizimou a <b>liberdade</b> de um povo Trazendo dor e sofrimento à linda Ilu-Ayê E na senzala...</p> <p>Um canto de lamento se ouvia Negros na fé dos orixás Buscavam Maleme aos seus castigos De sinhôs impiedosos e cruéis Que tanto lucravam com a escravidão</p> <p>E no cativoiro Pesadela e agonia Negro escravo suplicava Pelo fim da covardia</p> <p>Os costumes africanos Deixaram traços tão marcantes no Brasil Cultos, folclores e pinturas E o batuque que encanta a passarela De geração em geração A arte negra é a beleza tão singela</p> <p>Tem jongo e capoeira Tem maculelê... Vem comigo... vem dançar Vem pro cateretê.</p>

ANEXO 136
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: CAPRICHOSOS DE PILARES
SAMBA-ENREDO: ZUMBI, REI DE PALMARES E HEROI DO BRASIL. A HISTÓRIA QUE NÃO FOI CONTADA
AUTORES: Carlos Ortiz, Cláudia Nel, Alberto Capital e Mestre Augusto.
<p>África Dos guerreiros de Angola, de Jeje e Iorubá Na escravidão, que agonia Ai, como negro sofria No destino de além-mar O europeu no troca-troca conseguiu Levar “peças da Guiné” para o Brasil Nesse comércio, a pirataria surgiu</p> <p>Ilu-ayê, ilu-ayê, um canto triste ecoou, oô Ilu-ayê ô, na senzala, sofrimento e dor</p> <p>Veja, Ifá falou Que os orixás vão enviar um libertador Canta Pilares Zumbi foi rei lá no Quilombo dos Palmares Na cultura, o negro se agiganta A fé da “terra mãe” é seu alento Existe um grito preso na garganta Só Oxalá segura o fio da esperança – Quero ser livre! Esse lamento ressoou na sociedade Que tem as chaves Mas prende seus heróis na marginalidade Vi nos olhos verdes do holandês outro país Caiu Palmares, <b>Liberdade</b> não se mata na raiz</p> <p>No batuque, bateria, sou Zumbi Onde há paz e alegria, eu tô aí Quero amor e muito mais dignidade A Caprichosos luta pela igualdade.</p>

ANEXO 137
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: FOLIÕES DE BOTAFOGO
SAMBA-ENREDO: ELZA SOARES, A ZUMBI DO MORRO E DO SAMBA
AUTORES: George G.V, Ricardo Góes, Geraldão, Ronaldo Soares e Thiago Fernandes.
<p>Vem amor a hora é essa Cantar com emoção A Zona Sul está em festa Elza Soares é a grande atração Heróina e guerreira Que ao mundo inteiro encantou Nasceu na Vila Vintém No berço do samba se criou</p> <p>Oh mulata assanhada! ...Que sedução Marcou um gol... No coração “Mané” e o samba suas paixões... Explode Foliões!</p> <p>Fez todo mundo sambar Nossa gente te amar, e ser feliz... A massa conta a história Uma vida de glórias O morro é sua raiz Vem preservar tradições... Vem cantar as belas canções... Tu és exemplo de <b>liberdade</b> No carnaval desta cidade!</p> <p>O Foliões... é amor Elza Soares...Brilhou Bem no balanço...da bateria Que contagia...</p>

ANEXO 138
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: INDEPENDENTES DA PRAÇA DA BANDEIRA
SAMBA-ENREDO: A BIODIVERSIDADE COM JUSTIÇA AMBIENTAL, O OURO VERDE VOLTARÁ A BRILHAR
AUTORES: Jurandir JB, Dil da Baixada, Toinsinho do Vilar, Naninho Alves.
<p>Brasil, meu Brasil Um paraíso que meu deus criou Onde o índio Preservava tudo com amor Respeitava a espécie viva Em sua forma natural de ser Respirava a <b>liberdade</b> Até o homem branco aqui aparecer Desbravaram os oceanos Agrediram a natureza Extinguiram a fauna e a flora Surrupiam as nossas riquezas</p> <p>O que será deste planeta Se acabar o verde deste meu Brasil A poluição do nosso ar irá reinar Escurecendo o nosso céu azul de anil</p> <p>Enfim existe a preocupação Com atual situação No mundo inteiro A Eco 92, aconteceu Sediado no Rio de Janeiro Pedimos senhor Num lamentar profundo Com esperança em novo mundo Ilumine o coração de quem padece Que o nosso samba Seja feita a nossa prece</p> <p>Sou independente, irreverente O meu samba tem a força vou protestar Com justiça ambiental neste carnaval O Ouro verde voltará a brilhar.</p>

ANEXO 139
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: INOCENTES DA BAIXADA
SAMBA-ENREDO: O GÊNIO DA INOCENTES E A LÂMPADA MARAVILHOSA
AUTORES: Zé Mauro "Jacaré", Toninho Gentil, Arnaldo Lyrio e Moleque Silveira.
<p>Ah! Se eu fosse Aladim E surgisse pra mim Um gênio que pudesse realizar Sonhos do tipo assim... Desejos sem fim Sob a proteção de Alah (Alah) Entre encantos e magia Nesse mar de fantasias Faz de conta que encontrei Quero paz e harmonia Quero tudo que sonhei</p> <p>Sou negro, sou índio Sou filho da terra A luz do saber Que diz não à guerra Meu grito ecoa de verdade... <b>liberdade</b></p> <p>É... Tão doce ser criança E ter na mente a esperança De concretizar, ser um popstar Eu vou... Vou te seduzir amor, amor Belo corpo escultural Acertar na loteria Brilhar na avenida neste Carnaval</p> <p>Desejo amor sincero, inocente Nossa escola acende a chama Dos desejos mais ardentes Desejo a vitória E muito mais... A Baixada pede paz.</p>

ANEXO 140
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE INDEPENDENTE DE INHAÚMA
SAMBA-ENREDO: ILÊ SAIM À NAÇÃO MALÊ
AUTORES: Samuel, Rocha e Sereno.
<p>Ao desfolhar a nossa história O grito de um povo ecoou, ecoou Dos grilhões e das senzalas Um lamento de sofrimento e dor Bahia, um cenário colonial, da coroa imperial Onde os negros africanos conspiravam Desafiando a fidalguia Sonhavam com o raiar de um novo dia Revoltados com a sorte Eles lutaram até a morte Ylê Saim à nação Malê</p> <p>Brava atitude, com união A negritude lutou com a opressão Agô me pai, aos orixás, minha oração</p> <p>Abalou, os pilares da nobreza O sacrifício não foi em vão Pra conquistar um ideal Outros guerreiros surgirão Salve o Rei! Manuel Congo Crioula Mariana, ousadia e valentia Indo em busca de um sonho Mas a voz não se calou, hoje eu canto uma exaltação Glórias a princesa que afinal, assinou a redenção</p> <p>Sou livre, sou negro, sou raiz Nessa folia sou um rei, estou feliz Nas Asas da <b>liberdade</b> Vou Voar com a Mocidade.</p>

ANEXO 141
ANO:2003
ESCOLA DE SAMBA: PARAÍSO DA ALVORADA
SAMBA-ENREDO: REVOLUÇÕES E REVOLTAS NO BRASIL DE PALMARES
AUTORES: Sizinha do Cavaco, Carlinhos do Sete e Maurício Sabiá.
<p>Abrindo as cortinas do passado Lembro o negro escravizado No Brasil, colonial Num cenário desumano, em poder do lusitano Era o personagem principal O índio não se adaptou E o negro lá em Palmares lutou</p> <p>Pela dor de uma saudade, e o fim da escravidão No afã da igualdade, por amor a <b>liberdade</b> Construiu-se uma nação</p> <p>Enfim raiou o sol da <b>liberdade</b> E assim surge o Quilombo dos Palmares E Ganga Zumba sucumbiu surgiu Zumbi Com as garras de um Leão Com Domingos Jorge velho Lutou pra defender os seus irmãos E a luz da esperança apagou Quando a voz da liberdade se calou Trado por quem tanto lutou Vencido Rei Zumbi não se entregou</p> <p>A Alvorada é o meu Quilombo Paraíso é <b>liberdade</b> Rei Zumbi é a estrela guia E o povo cai na folia Sob a luz da igualdade.</p>

ANEXO 142
ANO: 2003
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE VILA ISABEL
SAMBA-ENREDO: OSCAR NIEMEYER, O ARQUITETO NO RECANTO DA PRINCESA
AUTOR: Jorge Tropical.
<p>O povo de Isabel Vem coroar Sob a luz das estrelas a brilhar Um coração guerreiro de paz que nos traz No silêncio do risco um grito de igualdade Em seus ideais ... Essa paixão que invade a razão Marco na avenida projetada Gênio à Alvorada-Capital Arco dos sonhos sociais Lenda e mito memorial</p> <p>É a Vila! ... É a volta! ... Um canto no Boulevard É a reviravolta do "archi-teto"! ... "artista-completo", um "gauche-ereto" ... Filosofia de um partido a participar</p> <p>"Niemeyer brasileiro da gema" Traços de um poema em construções Cada coluna... Belas artes... Novo mundo de ideias curvas... Realizações! Lá no exterior se consagrou A luta pelo povo jamais abandonou <b>Liberdade</b> na expressão da emoção O nosso manto estampado na vida Desse nome singular Que a comunidade abraça pra sambar</p> <p>- Um mundo melhor, pensamentos de amor Colorindo a beleza do criador! ... Minha obra que é arte da natureza Brota no recanto da princesa.</p>

ANEXO 143
ANO: 2003
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO PORTO DA PEDRA
SAMBA-ENREDO: OS DONOS DA RUA, UM JEITINHO BRASILEIRO DE SER
AUTORES: Max, Duda e Silva.
<p>Lá vou eu Sou bom malandro e sou fã da liberdade... Lá vou eu Sou o Tigrão, eu sou o dono da cidade! Cada selva tem um rei, cada rei tem sua lei O Brasil é uma estrada... Nas esquinas da ilusão, nas ruas do meu coração! Oi! Saravá, meu pai Ogum, eu peço axé! Me dá licença, meu senhor, eu vou na fé... A rua é negra, como é negra a escravidão Vou seguindo o meu caminho Vou "lavando" a solidão</p> <p>Quem vai, quem vai, quem vai "querê"! ... Tem ouro, prata e cristal Quem tem garrafa pra "vendê" Tem tudo pra ficar legal!!!</p> <p>Na Avenida Central, passo a passo, sorri Vi meu Rio feliz, eu vi Paris... Vi sujeira... vi ratos... ratoeiras... Hoje vou pra Lapa detonar, vou pra Lapa grafitar Minha tribo rasga o pano! Sou profano, mas olho lá pro céu Nas ruas de "Babel", peço a Deus pra me ajudar!!!</p> <p>Eu sou Porto da Pedra Faço anjo sambar! Eu quero é mais! Quero ser querubim Vem pra noite brincar Vem que o bicho vai pegar!!!</p>

ANEXO 144
ANO: 2003
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO SERRANO
SAMBA-ENREDO: E ONDE HOVER TREVAS, QUE SE FAÇA A LUZ!
AUTORES: Arlindo Cruz, Maurício, Carlos Sena, Aluizio Machado e Elmo Caetano.
Luz, magia Que faz a mente do poeta delirar Estrela guia Faz meu Império brilhar É bom amar (amar) e ser amado Se dar e receber Eu quero um mundo de inspiração Pra clarear de vez a escuridão
Prometeu roubou do Sol o fogo Trouxe a Luz pra iluminar o povo O que vem do coração ô ô clareia Clareia igual a Lua cheia
E a paz, desejo da Humanidade Se faz com <b>liberdade</b> e igualdade Feliz, muito feliz "Uma criança" vai nascer Se o homem conseguir usar a luz da razão A Terra então vai florescer e vai... Vai meu irmão! Tens a chave do Céu! A energia no ar Vem da ribalta da vida Serrinha é o show nessa avenida!
Uma prova de amor... perdão Uma grande paixão... amor A esperança é quem me conduz Onde houver trevas que se faça a Luz.

ANEXO 145
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: VILA ISABEL SAMBA-ENREDO: A VILA É PARA TI
AUTORES: Leonel, Serginho 20, Sidney Sã, Professor Niltão e André Diniz.
Reluz na avenida Chegou minha Vila a girar Sonho cobiçado Brilho dourado, conquistar Segui teus encantos, veio azul e branco Encontro a "jazida do mar" Terra desejada por piratas Índio e natureza em comunhão Fé e interesses portugueses Negro e o suor da escravidão
É a Vila a caminho do ouro Foi doce chegar até lá No "compasso" o traço e um povo Que construiu a <b>liberdade</b> em seu lugar
Um paraíso de riquezas naturais Que preserva tradições E se "alinha" às transformações A paz dos hippies encontrando a morada O amor, sua bandeira Também é uma Veneza brasileira Tanta beleza em Paraty Em embriagou e saí por aí Unindo a alma do carnaval A um patrimônio da história mundial
É o orgulho na avenida cantar Refletir... O meu canto em poesia, no mar A Vila é Para Ti.

ANEXO 146
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: PORTO DA PEDRA
SAMBA-ENREDO: SOU TIGRE, SOU PORTO DA PEDRA, DA PEDRA À INTERNET? MENSAGEIRO DA HISTÓRIA DO LEVA E TRAZ
AUTORES: Jorge Remédio, Paulinho Freitas e Luiz Pessanha.
Eu sou o Tigre e me embalei nesta viagem Vem, amor Você é meu Porto, da Pedra te enviei A mensagem que agora vou revelar Esta história que é nossa e também da humanidade Sinalizando os meus versos volto onde tudo começou Eu fui a voz de antigas civilizações Fui escrita em argila, em pedra, modelo de papel Andei, andei, andei em bigas milenares Em Cursos Publicus comuniquéi Eu vou voar, vou levar pra lá E trazer pra cá, em poesia Senhores e brasões engalanados Vão conquistar seu coração nesta folia Terra à vista! Com tanto verde na beleza me inspirei Num poema de Caminha revelei a Portugal A descoberta de um paraíso tropical No sorriso largo de um moleque, fui recado O escravo me serviu Num grito forte anunciei a <b>liberdade</b> do Brasil Sou popular onde quer que eu vá Estou na terra, tô no água, tô no ar Estou na boa, antenado, é carnaval. Sou mensageiro, tô no mundo digital Alegria! Estou na rede, vou pro espaço sideral Sou Porto da Pedra, levando emoção Deixando um beijo no seu coração.



ANEXO 147
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO GRANDE RIO
SAMBA ENREDO: VAMOS VESTIR A CAMISINHA, MEU AMOR!
AUTORES: Derê, Mingal, Marco Moreno e Djalma Falcão.
<p>A luz do sol Brilhou se separou da lua O primeiro homem vai surgir Provando das delícias do jardim Colorindo o paraíso Eu vi o charme e o sorriso da mulher Meu bem lições de amor O povo do Oriente ensinou No Éden, a maldade da serpente, assombrou Seu veneno pelo mundo se espalhou</p> <p>Mata essa vontade louca, me beija na boca Faz meu sonho real Mas se quiser me ver e ter prazer carnal É bom se proteger do mal</p> <p>Na busca de um novo amanhecer As ONGs dirão preservar é viver Fique sabendo, amar é cuidar Tem cheiro de amor no ar (eu vou) Eu vou brincar, curtir, vou sacudir essa cidade GLS, adolescentes, gente da melhor idade Num grito de <b>liberdade</b> Saúde e vigor quero ter pra ver O milagre da vida acontecer</p> <p>Se a Grande Rio chamou, eu vou Se o assunto é coisa de pele, eu to Por isso bota a camisinha bota meu amor Foi o Velho Guerreiro quem mandou.</p>

ANEXO 148
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO
SAMBA ENREDO: A CANA QUE AQUI SE PLANTA, TUDO DÁ... ATÉ ENERGIA. ÁLCOOL, O COMBUSTÍVEL DO FUTURO.
AUTORES: Leonel, Luizinho Professor, Serginho 20, Sidney Sã, Profº Newtão e Quinho.
<p>Salgueiro produz alegria "Caminha" descrevendo nossa terra Veio da Índia inspiração para o cultivo Que dava fim à <b>liberdade</b> do nativo Terra de fartura, coberta de cana Canaã, por natureza negro, do açúcar mascavo Branco toque refinado Da cobiça holandesa</p> <p>Academia, é doce seu cantar Verde Eldorado, o encanto "deste lado" (bis) Solo fértil pro meu samba germinar</p> <p>Pelo tempo, adoçou a economia Com a evolução, ganhou outro sabor O álcool, o progresso movia Coisa que Caminha nem imaginou E mesmo sem destronar o ouro negro Já desvendaram seus segredos O nosso jeito de abastecer Sonho vê-lo, enfim, em seu reinado Meio-ambiente preservado Conquistando o "espaço", infinito alvorecer</p> <p>A cana que aqui se planta, tudo dá Dá samba até o dia clarear (bis) O combustível do futuro é brasileiro É energia que hoje embala meu Salgueiro.</p>

ANEXO 149
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DA VILA KENNEDY
SAMBA ENREDO: QUE REI SOU EU?
AUTORES: Jovaci, Serginho Pinho e Toinho da Chatuba.
<p>Viajando na história Vila Kennedy se fascinou Vivendo em clã O mais forte sua tribo liberou Que rei sou eu? De Roma, da China ou da França Dos naipes das cartas do jogo Aqueles que o povo não pode alcançar Essa estátua que surgiu, <b>liberdade</b> Simboliza o poder da nossa atualidade Segue a humanidade Sempre em busca de conquistas Sem pensar na igualdade Aqui a nobreza imperou Dos índios e negros o trono tomou Das águas Netuno é o Deus, que belo é o reino vegetal Artistas retratam na arte as inspirações divinas É ouro, é sol, reis do palácio da vida Das crianças e dos jovens Vibrando em paixões na avenida Majestade da beleza Enfeitando as fantasias Atendem ao chamado de Momo Pra competir nesta folia O gira, gira das rainhas Conquistou meu coração Coroados eu tô que tô Extravasando a emoção.</p>

ANEXO 150
ANO: 2004
ESCOLA DE SAMBA: DIFÍCIL É O NOME
SAMBA-ENREDO: VINTE ANOS DE GLÓRIA DA LIESA
AUTORES: João do Violão, Gilzinho, A. M. Ribeiro, Jota Moraes e Sidney de Pilares.
<p>A liga dá um show, é nota dez Organizando nossos carnavais Guardo ainda na memória O início dessa história, há vinte anos atrás Quando um grupo de amigos bambas De dez escolas de samba Ecoando a voz da <b>liberdade</b> Fundou nossa Liga Independente Os pioneiros cultivaram a semente Que germinou essa grandiosidade</p> <p>Hoje é só emoção O povo aplaude a nossa exibição Coroando a alegria Vem o Rei Momo comandando a folia</p> <p>Girou o mundo no tempo Globalizando novos ideais Percebeu que um bom negócio só é bom Quando os direitos são iguais Vale o que está escrito Esse é o lema que rege o regulamento A imparcialidade dita o manual de julgamento Breve um projeto futuro Será presente, quem viver verá Inaugurando o templo memorial, do planeta carnaval</p> <p>Nosso palco iluminado... É na rua Vem brindar com a Liesa... A festa é sua Eu sou Difícil, sou Pilares, sou raiz Vou desfilar com a minha flor-de-lis.</p>

ANEXO 151
ANO: 2005
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO CUBANGO
SAMBA-ENREDO: O FRUTO DA ÁFRICA DE TODOS OS DEUSES NO BRASIL DE FÊ: CANDOMBLÉ
AUTORES: Flavinho Machado, Rogerão, Gilberth de Castro, Rubinho e Carlinho da Penha.
<p>Surgiu, no raiar de um novo dia Nasceu, no solo fértil da mãe África A nação guerreira, Yorubá Que hoje a Cubango vem mostrar Com braços fortes e valentia Oduduá se fez senhor E o destemido Oranian rei de Oyó Criou a suprema dinastia Bravos na luta Não se entregavam jamais Nas suas crenças e seus rituais Cultuavam as forças naturais</p> <p>Do pranto à união, um canto em oração Que o ideal da <b>liberdade</b> Não seja ilusão</p> <p>E nessa viagem, surge a imagem De um mundo promissor Em nosso chão a reunião de tradições e louvações As sementes floresceram na sagrada Bahia Na casa branca do engenho velho Em Salvador de todos os orixás O Candomblé ergue o seu império A chama que não se desfaz</p> <p>O toque do tambor, embala minha fé Salve a nação Nagô Raiz do Candomblé Auê yorubá auê Agô alafíá axé.</p>

ANEXO 152
ANO: 2005
ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO
SAMBA-ENREDO: QUEM VAI QUERER?
AUTORES: Juan Espanhol, Sylvio Paulo e Jarbas da Cuíca.
<p>Chegou o carnaval Sou <b>liberdade</b> nesta avenida Meu canto é o grande astral Desmascarando a própria vida Na dança me embalei A contradança é a magia E no avesso que criei Você pode ser o rei desta folia!</p> <p>Vem, vem me querer ... Eu acendi a luz da sedução Quem, quem vai querer Ser mais um elo na corrente da ilusão?</p> <p>A terra não deixou matar a flor O índio conquistou a caravela Ai, amor, amor Vem ser a dama da noite mais bela! O réu vende o cartola O réu condena o juiz A mulata deita e rola Na inversão do meu país</p> <p>Enquanto há samba A festa continua Canta meu povo Que a avenida é sua.</p>

## ANEXO 153

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA: BEIJA - FLOR

SAMBA-ENREDO: O VENTO CORTA AS TERRAS DOS PAMPAS, EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO GUARANI. SETE POVOS NA FÉ E NA DOR... SETE MISSÕES DE AMOR.

AUTORES:

J.C. Coelho, Ribeirinho, Adilson China, Serginho Sumaré, Domingos OS, R. Alves, Sidney de Pílares, Zequinha do Cavaco, Jorginho Moreira, Wanderlei Novidade, Walnei Rocha e Paulinho Rocha.

Clareou...

Anunciando um novo dia

Clareou...

Abençoada estrela guia

Traz do céu a luz menino

Em mensagem do divino

Unir as raças pelo amor fraternizar

A companhia de Jesus

Restaura a fé e a paz faz semear

Os jesuítas vieram de além mar

Com a força da fé catequizar... e civilizar

Na **liberdade** dos campos e aldeias

Em lua cheia, canta e dança o guarani

Com tubichá e o feitiço de crué

Na "yvy maraey" aiê...povo de fé

Surgiu

Nas mãos da redução a evolução

Oásis para a vida em comunhão

O paraíso

Santuário de riquezas naturais

Onde ergueram monumentos

Imensas catedrais

Mas a ganância

Alimentada nos palácios de Madri

Com o tratado assinado

A traição estava ali

Oh, pai, olhai por nós!

Ouvi a voz desse missioneiro

O vento cortando os pampas

Dobrando a esperança

Nesse rincão brasileiro

Em nome do pai, do filho

A beija-flor é guarani

Sete povos na fé e na dor

Sete missões de amor.

## ANEXO 154

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
BOI DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO:  
AS ÁGUAS DE OXALÁAUTORES: Ivan Pagodeiro, Professor,  
Nelsinho e Ginho.

África é lenda, é poesia

E inspira o Boi da Ilha a cantar

Canto à justiça na cultura Yorubá

Saudades de Xangô sente Oxalá

Filho distante coração quer visitar

Sobre o destino consultou babalaô

Há sofrimento e dor no longo caminhar

Surge Exu na viagem

Vai com dendê, Adin e carvão

Sujar as roupas do rei (do rei)

A injustiça se apresenta ao Orixá

Nos soldados de Xangô ô, ô, ô, ô

A prisão de Oxalá, pai Oxalá (bis)

A miséria se espalhou, sete anos em Oyó

Tudo tinha que mudar

**Liberdade**

Das águas do senhor felicidade

**Liberdade**, o perdão, a igualdade

Salve a força da fé

Nos traga o axé, oh Oxaguiã

Na Lavagem do Bomfim

Romaria e devoção

Caminham os fiéis

Com fogos a saudar

As águas de Oxalá

Tem água de cheiro

Baiana a girar (bis)

Meu povo cantando

A paz vai reinar.

## ANEXO 155

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
EM CIMA DA HORASAMBA-ENREDO:  
MÃE BAIANA, SIGNO DA  
AFRICANIDADE CARIOCAAUTORES: Jayme César, Ivani Ramos,  
Biscoito e Nilson Castro.

Pelas águas de Iemanjá

Vieram negras guerreiras

Com os filhos da África

O Navio Negreiro chegou

Surgiu a crença, os rituais

O candomblé, a fé nos orixás

Saudades do seu chão

Trouxeram a tradição

Preces em devoção

A **liberdade** de um dia ecoou

Nas terras de São Salvador

Seu tempero traz proteção

Iguarias para seu prazer

Com aromas a enfeitar

No tabuleiro vem oferecer

Ressou o som do tambor

Na cultura brasileira

Samba, jongo e capoeira

É arte popular

Oh Mãe! da africanidade carioca

A Em Cima da Hora hoje evoca

O signo da força e do amor

Valorizar nossa raiz

É a negritude nesse meu país

Brilhará a chama dessa luz

Me conduz, um canto pela sua história

A Mãe Baiana é divindade de fé

Hoje peço seu axé.

## ANEXO 156

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA: LINS IMPERIAL

SAMBA-ENREDO:

O BÊBADO E A EQUILIBRISTA, O SHOW TEM QUE CONTINUAR.

AUTORES: Ricardo 10, Wander do Cavaco, Dudu Mendes e Wallace.

Vamos cantar meu Brasil  
De encantos mil é alegria  
Com a Lins nessa estória  
Retratando a trajetória  
Do homem sem direção  
Que afoga a tristeza na emoção  
No pôr do sol perdendo a razão  
Em busca da felicidade, por toda a cidade  
A noite cai na ilusão

Ver estrela de aluguel  
Vem malandro na calçada  
Desabafa sua dor  
Nessa longa caminhada

Se faz eterna companheira  
A esperança incentivando o seu dia-a-dia  
O sonho não foi perdido  
De homens bravos guerreiros  
Que lutaram pela **liberdade**  
E direito pela força de expressão  
Anda na corda bamba  
Balança, balança, faz rir pra não chorar  
Se passa como bobo amor  
Pro show continuar

De verde e rosa hoje vou mostrar  
Pro mundo inteiro o sonho desse artista  
Esse enredo me fez abraçar  
O bêbado e a equilibrista.

## ANEXO 157

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
MOCIDADE INDEPEDENTE DE  
PADRE MIGUELSAMBA-ENREDO: BUON MANGIARE,  
MOCIDADE! A ARTE ESTÁ NA MESA

AUTORES: Nilton Mello, Jorginho Valle.

Buon mangiare, Mocidade! Amor...  
Se a arte tá na mesa, eu tô...  
É a trupe independente de Padre Miguel  
Brilhou uma estrela lá no céu

Abram as cortinas  
No palco, toda forma de expressão  
Eu agito a massa  
Sou arlequim, tempero certo, sedução  
Vai o saltimbanco pela rua  
E a vida continua  
E, paixão!  
Recheio... lá dos bailes de Veneza  
Quem sou eu? Quem é você?  
Vem me dar seu coração

Ô, ô, ô, ô  
A ópera vai começar  
Maestros e compositores  
A magia está no ar!

Sonhar é renascer  
O molho... tá na consciência  
O homem recriou  
Transformando em arte a ciência  
O fogo atçou a terra dos sabores  
A moda em Milão  
Mistura de cultura e **liberdade**  
Cobre de brasilidade  
Essa vida, esse chão  
Artistas, descendentes desse traço  
"Brasília". Aquele abraço!  
Um banquete de união.

## ANEXO 158

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
PARAÍSO DA ALVORADA

SAMBA-ENREDO:

REALIDADE OU ILUSÃO? O PARAÍSO  
CONTA A ABOLIÇÃOAUTORES: Carlinho, Walkir, Tom Tom,  
Paulo, Mauro, Marco Balão, Eli e Maurício  
Sabiá.

O grito de Revolta de Malês  
Ecoou no céu de Salvador  
A Balaiada abraçou esta bandeira  
E fez história nos confins do Maranhão  
Muitas leis foram criadas  
E desprezadas pela força da ambição  
Mas a **liberdade** tão sonhada  
Foi alcançada no clamor da abolição

O fim da sina trouxe a luz  
A lei divina me conduz  
É só pai em oração  
Dignidade e respeito ao cidadão

Noel  
Foi o grande pioneiro  
No de tantas glórias  
Deu ao negro o seu direito  
Disse não ao preconceito  
Escreveu seu nome na história  
Hoje  
Pelé é o Rei do futebol  
Kaó é lei, a nossa voz  
Bené é o exemplo de bravura  
E o ministro Gil rege a cultura  
Mas a pergunta não quer calar  
Será realidade ou ilusão?  
Mesmo sob a luz da igualdade  
O preconceito questiona a abolição

O galo canta e anuncia um novo dia  
Desperta o povo no calor da emoção  
É Alvorada e no rufar da bateria  
A Paraíso conta a dor de uma nação.

## ANEXO 159

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
PARAÍSO DO TUIUTISAMBA-ENREDO:  
CRAVO DE OURO EU TAMBÉM SOU  
DA LIRA E NÃO QUERO NEGAR.AUTORES: Ceí, Reza, Pelé, Jurandir e  
Wanderley.

Germinou,  
No berço dourado a semente de Tupã  
Que floresceu, e o Cravo carioca  
Com "c" de índio na Bahia nasceu  
Almas das matas verdejantes  
Trazem força e energia,  
Seduzindo a emoção  
O Morro da Urca, que herdou  
Transformou no Instituto Cultural  
Notável pesquisador da musicalidade  
nacional  
Em seus primeiros passos  
Com reco-recos e pandeiros  
Índios e negros foram pioneiros  
Chiquinha guerreira  
Atabaques e terreiro, a Tia Ciata  
O primeiro samba "Pelo Telefone"...  
malandro  
Nasceu na lapa  
Vem, estão voltando as flores  
Na sublime poesia  
Passeando na imaginação  
Grandes bailes da MPB  
Máscaras bailando no salão  
Cinema, cultura e arte  
**Liberdade**, não calem nossa voz  
Gira baiana a anunciar  
Quem é do samba não pode faltar  
Sou Tuiuti não vou negar,  
Sou da lira, sou assim  
O cravo de ouro  
Ricardo Cravo Albin.

## ANEXO 160

ANO: 2005

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIÃO DE JACAREPAGUÁSAMBA-ENREDO: IRIRUAMA,  
ARARA O AMA, POR TODA A  
ETERNIDADEAUTORES: Luizinho Oliveira, Henrique  
Guerra, Élio Sabino, Serginho Mato Alto e  
Ulisses Pqd.

Língua de fogo, trovões, mistério, magia  
Bate coração! o ritual nativo inicia  
Cheia de sabedoria, ao portal do tempo  
A velha índia nos traz  
Pra reviver a lenda de um grande amor  
Paixão ardente que o ancestral  
Tupinambá presenciou  
Desbravando o mar das caravelas,  
Aventureiros sonhadores  
Enfrentam a tempestade e a calmaria  
No afã de contemplar aurora de um novo  
dia

Eis que o aroma da mata envolve o ar  
Quem chega aqui sente a alma deste lugar  
Tanta beleza seduziu os navegantes  
Mataruna, mundo fascinante

Fonte de riquezas naturais,  
O cultivo, a luta pelo chão  
O índio escravizado, corsários,  
Quanta ambição!  
Pilharam a cultura e a paz,  
E dizimaram os tupinambás,  
Mas, o amor é forte; arara faz a vida  
renascer

Encantando o guerreiro, assiste o milagre  
acontecer  
Iriruama, espelho adornado da paixão  
Exploradores portugueses te invadem  
Catequizando, ignorando a tradição  
Então falou o pescador:

- voe neste capareba, pra encontrar,  
Arara o ama, não deixa o fogo do amor se  
apagar

O tempo passou, o progresso chegou,  
Trouxe a realeza

O negro sorriu, se livrou das correntes,

**Liberdade!**

Nova cultura, religião,  
Arquitetura, miscigenação  
Máquinas, ferrovias,  
Arqueologia, acervos culturais,  
Ciência, tecnologia, o amor,  
À memória dos tupinambás  
No grande altar iluminado,  
O encontro apaixonado

Resgatar a cultura é semear educação  
Criança é esperança, o futuro da nação  
Eterna chama que jamais se apagará  
Araruama na passarela é Jacarepaguá.

## ANEXO 161

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZSAMBA-ENREDO: LIBERDADE,  
IGUALDADE E FRATERNIDADE: UM  
SONHO CHAMADO FRANÇA.AUTORES: Doutor, Marquinhos  
Bombeiro, Ditão, Eli Penteado e Fernando  
de Lima.

Mergulhei na história  
Luta por vitórias marcam a existência do  
país  
Da revolução nasce o progresso  
Aí o povo vive mais feliz  
Cante a **liberdade**, a fraternidade,  
igualdade,  
Esse lema é imortal  
França dos pintores, poetas, escritores,  
Polo da cultura universal

Vem meu amor, me abraça  
Vem sonhar  
Belos cafés, velhos cabarés, cassinos,  
Só Paris nos dá

Oh! Quanto glamour  
Vien mon amour para conhecer  
A Torre Eiffel, perfume, alta costura  
Culinária, que loucura!  
Queijos, vinhos dão prazer  
Na estação das flores renascer  
Hoje eu vou bailar sob a luz das estrelas  
Vem amor que tudo é festa  
Vamos lá conhecê-la, vem sonhar

Deus Baco, vou me embriagar  
Ah! De tanto amar  
Na fantasia de Debret descobri você  
Hoje Santa Cruz é França, coração balança  
Lindo é reviver.

## ANEXO 162

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO CUBANGOSAMBA-ENREDO: NA MAGIA DA  
ESCRITA, A VIAGEM DO SABER.AUTORES: Diego Nicolau, Marcelo  
Camões, Gustavo Soares, Luciano Tinoco e  
Bruno Derani

Vai minha imaginação  
Voa com o livro ao infinito  
Deixa essa máquina do tempo  
Decifrar cada momento  
Desse sonho tão bonito  
Mergulhei...  
Nessa magia, me tornei aventureiro da  
ilusão  
Me fiz, um viajante das constelações  
Achei no brilho das estrelas, o caminho  
Para novas civilizações

Viajei, e na ciência encontrei  
Fonte de conhecimento  
Vi o "mal" explodir  
Surgindo assim o clamor  
Que a natureza, preservou

Sou herói em contos de amor  
Sonhos trago na palma da mão  
A sabedoria é uma arte divinal  
Passa geração a geração  
Virá, um verso lá do céu  
E fará no papel, a obra "imortal"  
Renascera...  
Um novo mundo repleto de paz  
Na **liberdade** que eu sempre quis  
Escrevo um final feliz!

Eu vou viajar nas asas de um livro  
Pra construir um universo ideal  
Contando história, nessa passarela  
Cubango faz seu Carnaval.

## ANEXO 163

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO DÊNDESAMBA-ENREDO:  
COM TRABALHO E CULTURA OS  
AFRODESCENDENTES CONSTROEM  
O BRASILAUTORES: Gugu das Candongas, Almir  
da Ilha, Pardal, Doum e Marquinhos do  
Banjo.

Vem de além-mar  
Navios negreiros  
Onde o cativo existia  
Negro chorava, negro sofria  
É negro que vem de Angola e Guiné  
Tem sua força e sua fé  
No solo ele vai cultivar  
Riquezas nesse chão  
No tempo da escravidão

Ô ô ô ô ô ô ô ô ô ô  
Seu coração na África deixou ô ô  
O canto de lamento ecoou

O negro tem força, tem raça  
Bota a mão na massa, constrói a nação  
Lutando por **liberdade**  
Herança dessa africanidade  
Palmares, é Zumbi, é Quilombo, é Palmares  
É cultura que vem pelos mares  
E a cana-de-açúcar vingou  
Misturando raça, temperando cor  
A igualdade ainda não chegou

Tem Dendê, tem capoeira  
Chica mandou Zé cair na brincadeira  
De Anastácia um axé pro pessoal  
De azul e branco eu vou brincar meu  
carnaval.

## ANEXO 164

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA: ARRANCO  
SAMBA-ENREDO: UÉLEDÉS, O  
RETRATO DA ALMAAUTORES: Sylvio Paulo, Espanhol,  
Fernando, Bola e Bira Só Pagode

E foi-se a luz: trevas, raios, bruxaria...  
E foi-se a paz: pesadelos e agonia...  
E desde então, os Orixás  
Ou aliados ou rivais  
Formam correntes de paixão  
Nos rituais...  
Aí eu personalizei  
O bem, o mal de cada ser  
Que eu ajudei a definir sem escolher...

Mas carei a **liberdade**  
E pinteí poder e fé  
Semeei desigualdade  
Sob o olhar de Eleié

Assim, na Grécia filosofei...  
Em Roma eu conquistei...  
Lá no Egito fui rei...  
Vestí Ali Babá, fui ladrão...  
Já fui gueixa no Japão...  
No Nordeste, Lampião...  
Mas não me leve a mal  
Hoje sou poeta, é Carnaval...

Sou a alma, sou a cara  
Sou o retrato  
Que retrata o que na alma  
Eu sou de fato!

ANEXO 165
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: BEIJA-FLOR
SAMBA-ENREDO: POÇOS DE CALDAS DERRAMA SOBRE A TERRA SUA ÁGUAS MILAGROSAS: DO CAOS INICIAL À EXPLOSÃO DA VIDA, A NAVE MÃE DA EXISTÊNCIA.
AUTORES: Wilsinho Paz, Noel Costa, Alexandre Moraes, Silvio Romai.
<p>Sou Beija-Flor Poços de Caldas é a referência Do caos inicial a explosão da vida Sou água a nave-mãe da existência</p> <p>Brilhou, no universo refletiu Uma grande explosão A mãe Terra enfim surgiu Do céu uma imensa tempestade desabou Nas águas se manifestou a vida Assim ao longo de rios e mares Surtem civilizações Com arte e sabedoria A <b>liberdade</b> buscar Um novo mundo conquistar</p> <p>Rei netuno eu quero navegar Tenho medo deste mar secar Me proteja eu quero mergulhar Pro seu reino desvendar</p> <p>Atlântida terra reluzente do amor Do rumo celestial desviou Ao fundo do mar foi tragada O criador, abençoou o nosso chão O combustível da vida nos doou O reino de todas as águas Brasil A semente brotou com ela redenção e paz Poços de Caldas tu és Minas Gerais Derrama sobre a terra suas águas milagrosas Preservação, oh sinfonia da vida Ouça o lamento da natureza que chora E o clamor que vem das águas A eternidade pode começar agora.</p>

ANEXO 166
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: DIFÍCIL É O NOME
SAMBA- ENREDO: OLUBAJÉ, A FESTA DA LIBERTAÇÃO.
AUTORES: Deni Poeta, Joel José, Paulo Roberto e Jair Sapateiro.
<p>Ouvi dizer que um novo rei viria à Terra Pra nos livrar De todo mal que nela gera Na festa do Olubajé Irá surgir uma nova era</p> <p>Condições de vida, paz, prosperidade Saúde para toda humanidade</p> <p>Com palha da costa cobrirá (hê, hê, hê, hê) Tapete de folhas de Oxalá E as iaôs vão perfumar Todos os salões para os Orixás</p> <p>Pro nosso sonho poder se realizar De presente eu quero paz e amor Pra doença eu quero a cura Dos sofrimentos e dor</p> <p>Pra ciência proteção divina Das suas mãos a medicina Para as crianças axé Esperança eu quero mais calor Difícil é o Nome Vem cantando em seu louvor</p> <p>Arêrê Obaluayê nos traga felicidade A vida aqui está muito ruim Nós queremos <b>liberdade</b>.</p>

ANEXO 167
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE
SAMBA-ENREDO: UM POR TODOS E TODOS POR UM.
AUTORES: Niltinho Tristeza, Amaurizão, Maninho do Ponto e Tuninho Professor.
<p>Meu amor, A Imperatriz chegou agora É Carnaval! O lema é... Um por todos e todos por um... Garibaldi, o nosso herói, viveu Uma história de luta e paixão, Que Alexandre Dumas, Assim, descreveu (E pelo mundo) Pelo mundo navegou, Nas batalhas que travou, <b>Liberdade</b> foi seu ideal (De lá pra cá) No Brasil, quanta riqueza! Abraçando a natureza, Ele se encantou</p> <p>Foi por aí assim... No balanço da expedição A Santa e bela Catarina Virou seu chão</p> <p>Vê! Que momento lindo! Amor... Amor... Quando viu Anita, ele se apaixonou Amada, valente, guerreira Com ele, na paz e na dor; Com os rebeldes lutou Românticas De tantas aventuras, mundo afora, Viraram mitos na história Popular</p> <p>A alegria tomou conta da cidade Vou me acabar, De verde e branco, cheio de felicidade, Até o sol raiar.</p>

ANEXO 168
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE DE VICENTE DE CARVALHO
SAMBA-ENREDO: ÁFRICA, ALMA GÊMEA BRASILEIRA
AUTORES: Edson Conceição, Lelei, Hélio e Custódio.
<p>África, alma gêmea brasileira A Mocidade de Vicente vem mostrar Sou negro, sangue de raça guerreira Semente viva dessa terra pioneira Ilu Ayê, a triste sina derradeira Em navio negreiro acorrentado Pra ser vendido como escravo Levada a terra do pecado original Foi tortura e lamento Grande o tormento Sofrimento sem igual A violência no Brasil imperial Assim surgiu Quilombo dos Palmares Zumbi guerreiro valente Conquistou terras no Brasil colonial A <b>liberdade</b> foi a voz da igualdade E a Princesa Isabel assinou a abolição Hoje tem advogado, tem juiz e tem doutor Como tem negro poeta, sambista e escritor Na arte, na cultura, culinária sem igual Negro foi coroado no esporte mundial Sou raiz no solo brasileiro Sem preconceito, sou a miscigenação Sou negro, sim Sou tesouro africano Iorubá, bantos Hoje mostra o seu valor.</p>

ANEXO 169
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL
SAMBA-ENREDO: A VIDA QUE PEDI A DEUS
AUTORES: Toco, Rafael Só e Marquinho Marino.
<p>A vida que pedi a Deus A Mocidade me proporcionou São 50 anos de história Uma linda trajetória Heranças que o tempo não levou</p> <p>Fui ao céu, viajei ao infinito Meu sonho hoje é realidade A suprema divindade atendeu o meu pedido Para mudar a profecia Apostei na alegria e na magia do meu carnaval Na roda que o mundo gira Roda baiana, faz o meu mundo girar No compasso, a bateria faz meu povo delirar A Mocidade risca o chão de poesia Sob a luz da estrela guia A vida vai se transformar</p> <p>Sou a onda que te leva nesta folia Um verde e branco mar de energia</p> <p>Laços de amor Unindo os povos num só coração O homem que fazia a guerra Hoje é um eterno folião Há fartura em toda mesa Da natureza todos vão compartilhar A vida tem mais qualidade Minha Mocidade é o caminho da felicidade E amanhã, quando brilhar o novo amanhecer Com <b>liberdade</b> e igualdade Será um mundo bem melhor pra se viver.</p>

ANEXO 170
ANO: 2006
ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE
SAMBA-ENREDO: DE GONZAGÃO A GONZAGUINHA: EM VIDA DE VIAJANTE.
AUTORES: Rodrigo Índio, Naldo, Ricardo Góes, Fabio Rossi e Cláudio Filé.
<p>"Lua" ilumina minha escola Pra fazer na avenida o mais bonito São João Tem Forró, Maracatu, Frevo, arte em argila Num "estado" de paixão Seu coração Pernambucano bate forte de saudade Que a "alma" do sertão" resgatou Transformando sonhos em realidade Toca o fole sanfoneiro e encanta o mundo inteiro Asa Branca quer voar! Espalhando a semente, é do povo, é da gente Abre o sorriso e vem cantar</p> <p>Não dá mais pra segurar, amor Seu grito de alerta, ecoou Desceu do morro o poeta especial Explode coração no carnaval</p> <p>Cantar...e não ter a vergonha de ser feliz Viver...na escola da vida um eterno aprendiz Amar a mulher e a pureza da criança No futuro há esperança Com <b>liberdade</b> pra sonhar Sangrando eu vou... Eu vou... Mergulhar com você no lago do amor E lá no céu poder reviver Mais uma linda turnê</p> <p>Levanta a poeira, sou mais São Clemente O preto e Amarelo, orgulho da gente Sacode bateria no compasso do Baião Cantando Gonzaguinha e Gonzagão.</p>



## ANEXO 171

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO:  
AS MINAS DEL REI SÃO JOÃO.AUTORES: Alberto Varjão, Carlinhos,  
Muca Adilson, Carlinhos Fuzil e Maurício  
Maia.

Reluz no teu olhar  
Azul, vermelho e branco  
Que me faz sonhar  
O ouro seduziu  
O aventureiro insulano que partiu  
Eh! Eh! Minas Gerais  
Seu eldorado tem magia e muito mais  
O quinto é dos infernos  
O povo se cansou do imposto que pagou  
No esplendor da fé, Barroco é devoção  
Os sinos falam ao coração

Se olho comprido traz má sorte? Eu sei lá!  
Seu padre se a moça é solteira? Dá azar!  
Vai virar mula sem cabeça, eu quero ver  
Essas beatas credo em cruz é bom benzer

Pisei no chão da **liberdade**  
Berço da inconfidência... Do meu país  
Segui os passos da independência  
Nova República... Povo feliz  
Nos "olhos livres" da artista  
Refletem a arte e a brasilidade  
Dessa gente divinal  
Por São João Del Rei, eu me apaixonei  
E dei as cores ao meu carnaval

Alegria! É a Ilha! A cantar  
Vem na Maria Fumaça  
Vem que eu vou te levar.

## ANEXO 172

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO: SOY LOCO POR TI,  
AMÉRICA – A VILA CANTA A  
LATINIDADEAUTORES: André Diniz, Serginho 20,  
Carlinhos Do Peixe, Carlinhos Petisco.

"Sangue quente" corre na veia  
É noite no Império do Sol  
A Vila Isabel semeia  
Sua poesia em "portunhol"  
E vai... buscar num voo à imensidão  
"Dourados" frutos da ambição  
Tropical por natureza  
Fez brotar a miscigenação

"Soy loco por tí, América"  
Louco por teus sabores (bis)  
Fartura que impera, mestiça mãe terra  
Da integração das cores

Nas densas "Florestas de cultura"  
Do sombrero ao chimarrão  
Sendo firme, "sin perder la ternura"  
E o amor por este chão  
Em límpidas águas, a clareza  
**Liberdade** a construir  
Apagando fronteiras, desenhando  
Igualdade por aqui  
Arriba, Vila !!!  
Forte e unida  
Feito o sonho do libertador  
A essência latina é a luz de Bolívar  
Que brilha num mosaico multicolor

Para bailar "La Bamba", cair no samba  
Latino-americano som  
No compasso da Felicidade  
"Irás pulsar mí corazón".

## ANEXO 173

ANO: 2006

ESCOLA DE SAMBA:  
PORTO DA PEDRASAMBA-ENREDO:  
BENDITA ÉS TU ENTRE AS  
MULHERES DO BRASIL

AUTORES: J. Brito, Bujão, Franco.

Bendita mulher!  
Meu Porto da Pedra explode em prazer  
A essência do universo é você

Semente lançada à natureza  
Fertilidade do ventre abriga  
Alimentada na pureza  
Dá a luz que reflete em vida  
Aura de um espírito divino  
Concebida pelo criador  
Escolhida, segue o seu destino  
Mãe protetora  
Que nos banha em seu amor

O dom de encantar o mundo  
A história em outra direção  
A força e a fé em tudo  
Índia, branca ou negra, é sedução

Mulher que fez brotar no meu Brasil  
A flor da **liberdade**  
Levou ao chão barreiras, construiu  
A igualdade  
Artista, obra-prima, poesia  
Pintou o samba em cores tão bonitas  
O tigre abraçando o seu talento  
Garra, luta e sentimento  
Conquistando a avenida.

ANEXO 174
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO ENGENHO DA RAINHA
SAMBA-ENREDO: GANGA – ZUMBA, A RAIZ DA LIBERDADE
AUTORES: Bizil, de Minas, Guará e Jacy Inspiração.
Quando o leiloeiro apregoou Vai haver uma princesa no leilão Não sabia que vendia Quem daria a luz um dia A raiz da libertação <b>Liberdade</b> , palavra com sabor de mel No cativeiro tão cruel Negros fugiam e se reuniam Entre vastos palmeirais Eis que a nação quilombola surgiu Evoluiu muito mais
O rufar dos atabaques Ecoava pelos ares No grito de <b>liberdade</b> Do quilombo dos palmares
É festa na aldeia É canto, é dança, é batucada A lua no céu clareia É o sangue, o suor, a raça É ganga zumba que chegou pra desbravar Aquele povo bravamente despertou Existe a luta para quem quiser lutar E este exemplo pelo tempo se espalhou
Liberdade, um direito E nos versos da canção É a brisa que me embala É a força da razão.

ANEXO 175
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: SALGUEIRO
SAMBA-ENREDO: CANDACES
AUTORES: Dudu Botelho, Marcelo Motta, Zé Paulo e Luiz Pião.
Majestosa África Berço dos meus ancestrais Reflete no espelho da vida A saga das negras e seus ideais Mães feiticeiras, donas do destino... Senhoras do ventre do mundo Raiz da criação Do mito a história Encanto e beleza Seduzindo a realza
Candaces mulheres, guerreiras Na luta... Justiça e <b>liberdade</b> Rainhas soberanas Florescendo pra eternidade
Novo mundo, novos tempos O suor da escravidão A bravura persistiu Aportaram em nosso chão Na Bahia... Alforria Nas feiras tradição Mães de santo, mães do samba! Pedem proteção E nesse canto de fé Salgueiro traz o axé E faz a louvação
OdoYá Iemanjá; Saluba Nanã! Eparrei Oyá Orayê Yê o, Oxum! Oba Xi Oba.

ANEXO 176
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: ALEGRIA DA ZONA SUL
SAMBA-ENREDO: NEGRO NÃO HUMILHA E NEM SE HUMILHA A NINGUÉM, TODAS AS RAÇAS JÁ FORAM ESCRAVAS TAMBÉM.
AUTORES: Adilson, Badá, Gago, Glorioso, Tadeu do Cavaco e Pixulé.
<b>Liberdade...</b> Há mais de mil anos atrás O homem já implorava aos deuses Através das civilizações O fim dessa cruel escravidão O índio dono da mata Não se deixou escravizar No vento que vem do mar Chegaram navios negreiros Na fazenda do "Sinhô" O negro chorou no cativeiro Hoje o Quilombo Pintado em aquarela Na tela reflete a favela Cor da miscigenação Mostra Candeia nessa Passarela Culturas e artes tão belas Faz o seu dia de graça A luta de Zumbi não foi em vão Negro não humilhe Nem se humilhe a ninguém Todas as Raças Já foram escravas também Hoje o negro é rei negro é raiz Estrelas na sociedade Orgulho da nossa dignidade Exemplo para toda humanidade.

## ANEXO 177

ANO: 2007

ESCOLA DE SAMBA: BEIJA-FLOR

SAMBA-ENREDO: ÁFRICAS: DO

BERÇO REAL À CORTE BRASILIANA.

AUTORES: Cláudio Russo, J. Velloso,  
Gilson Dr., Carlinhos Do Detran.

Olodumaré, o deus maior, o rei senhor  
Olorum derrama a sua alteza na Beija-flor  
Oh! Majestade negra, oh! mãe da **liberdade**  
África: o baobá da vida Ilê Ifé  
Áfricas: realidade e realeza, axé  
Calunga cruzou o mar  
Nobreza a desembarcar na Bahia  
A fé nagô Yorubá  
Um canto pro meu orixá tem magia  
Machado de Xangô, cajado de Oxalá  
Ogun yê, o Onirê, ele é Odara  
É Jeje, é Jeje, é Querebentã  
A luz que bem de Daomé, reino de Dan  
Arte e cultura, Casa da Mina  
Quanta bravura, negra divina

Zumbi é rei

Jamais se entregou, rei guardião

Palmares, hei de ver pulsando em cada  
coração

Galanga, pó de ouro e a remição, enfim

Maracatu, chegou rainha Ginga

Gamboa, a Pequena África de Obá

Da Pedra do Sal, viu despontar a Cidade do  
Samba

Então dobre o Run

Pra Ciata d'Oxum, imortal

Soberana do meu carnaval, na princesa  
nilopolitana

Agoyê, o mundo deve o perdão

A quem sangrou pela história

Áfricas de lutas e de glórias

Sou quilombola Beija-Flor

Sangue de Rei, comunidade (bis)

Obatalá anunciou

Já raiou o sol da **liberdade**.

## ANEXO 178

ANO: 2007

ESCOLA DE SAMBA:

BOÊMIOS DE INHAÚMA

SAMBA-ENREDO: ESTÁCIO DE SÁ –  
DA FUNDAÇÃO DA CIDADE À  
UNIVERSIDADE DO SAMBA,  
FOMANDO A COMUNIDADE.AUTORES: Luiz Carlos do Cavaco e  
Augusto Barba.

Para cumprir as ordens da rainha  
Coube a Estácio de Sá  
Comandar a frota portuguesa  
Com bravos soldados para guerrear.  
Chegando aqui uniu-se ao chefe Araribóia  
Depois da luta a vitória  
Fundaram o Rio de Janeiro  
Daí então a cidade logo evoluiu  
Tornou-se o maior porto do Brasil  
Onde passavam as riquezas  
E a nobreza por aqui se instalou

A princesa com um ato de amor

Assinou a **liberdade** e libertou

Expandiu-se o Rio de Janeiro

Foi formando bairros e favelas

E no Estácio de Sá surge a deixa falar

Uma escola tão bela

Da união para crescer

Desponta ideia genial

É o Instituto do Carnaval

Que põe a Estácio na vanguarda nacional

De azul vermelho e branco eu vou sambar

Prestando homenagem a Estácio de Sá

Da fundação da cidade à faculdade do  
Samba

Com a Boêmios de Inhaúma a desfilar.

## ANEXO 179

ANO: 2007

ESCOLA DE SAMBA:

GATO DE BONSUCESSO

SAMBA-ENREDO:  
MILAGRE DO POVO, A ESPERANÇA É  
A ÚLTIMA QUE MORREAUTORES: Pessanha, Divino, Geralda da  
Ilha e Jorge Bob's.

Vindos de além-mar  
Rumo às novas terras conquistar  
Os portugueses o comércio explorou  
Em cada porto que passou  
O negro escravizou  
E quando aqui chegaram  
Com o paraíso se encantaram  
A fauna e flora, que beleza  
Neste solo, quanta riqueza  
Nativos em plena harmonia  
Aqui a igualdade existia  
Mas na ambição do invasor, tudo mudou

De guerra em guerra, o povo lutou

Ainda come o pão que o diabo amassou

E no milagre do povo brasileiro

Não foge da luta, sem teto e sem dinheiro

A esperança é a última que morre

Surge Miroma, guerreiro forte

Valente que luta por sua gente

Herói, símbolo da **liberdade**

Querendo justiça e dignidade

Sem diferenças sociais

Hoje nossa escola se ilumina

Pois os direitos são iguais

Dá a volta por cima

E da bandeira do amor transborda a paz

Ôôô, o Gato vê nessa história

Ôôô, e Bonsucesso só a vitória.

ANEXO 180
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO SERRANO
SAMBA-ENREDO: SER DIFERENTE É NORMAL: O IMPÉRIO SERRANO FAZ A DIFERENÇA NO CARNAVAL
AUTORES: Arlindo Cruz, Maurição, Aloísio Machado, Carlos Senna e João Bosco.
<p>Eu quero ver O amor florescer Ser diferente é normal E o Império taí. Pra levantar seu astral Se liga no meu carnaval</p> <p>Serrinha vem pedir respeito ô ô ô Temos que olhar de outro jeito Quem nasceu diferente E venceu preconceito A gente tem que admirar Harmonizar pra ser feliz Diferença social, pra quê? Tá na cara que a beleza Está nos olhos de quem vê Romantismo irradia energia pra viver Nesse mundo onde tudo é relativo Minha escola é meu motivo Meu maior prazer!</p> <p>A história do samba mudou Bateria diferente, olha o toque do agogô No primeiro destaque e na comissão As novidades verde e branco, meu irmão</p> <p>Difícil Conviver na adversidade Com arte ser eficiente Fazer da pintura sua <b>liberdade</b> Fazer esculturas usando a paixão Feitiço de poeta invade o coração Divino é o poder da criação Eu pergunto a você Será que existe? Limite entre a loucura e a razão.</p>

ANEXO 181
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE INDEPENDENTE DE INHAÚMA
SAMBA-ENREDO: A NEGRITUDE ESTÁ EM FESTA! UM REI NEGRO É COROADO NO QUILOMBO DA MOCIDADE
AUTORES: Paulo Ariiot, Carlinhos Ouro Preto e Luiz Reza Forte.
<p>Ecoam... os atabaques No quilombo Mocidade Botando um rei congo na congada Mostrando aqui Toda sua identidade A mãe África é a festa A hora é essa de mostrar toda verdade Reis, rainhas e guerreiros Capoeiras e jongueiros Fazem a festa na cidade</p> <p>O Congo tem um rei que é coroado Por São Benedito ele é abençoado Chêue-pa babá vou acender os candeeiros Ilumina vossos filhos Clareia nosso terreiro</p> <p>Hoje a velha guarda está feliz Presta tributo a raiz De riqueza negra cultural A fé e devoção se faz presente Na nossa Independente Mostrando todo ritual Em azul e branco estende o manto De beleza triunfal</p> <p>Orgulhosamente os quilombolas Cantam e dançam em nosso carnaval! Um grito de <b>liberdade</b> Se tornou realidade O negro é rei do quilombo Mocidade.</p>

ANEXO 182
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL
SAMBA-ENREDO: O FUTURO NO PRETÉRITO – UMA HISTÓRIA FEITA À MÃO
AUTORES: Toco, Rafael Só, Marquinho Marino.
<p>Divina criação Do pó da terra, ao sopro da vida "O Grande artesão do universo" Legou ao homem a inspiração criativa Ao deixar o paraíso se fez preciso Viver pelas próprias mãos Com o passar do tempo O mundo em evolução Escravidado pela sua ambição Vê o futuro ao simples toque do botão</p> <p>Amar, viver, sonhar, acreditar Que a alma é a fonte, energia da vida Na máquina jamais se encontrará A inspiração que faz nascer a poesia</p> <p>Mãos que se entrelaçam Da natureza, toda forma de expressão Transborda, em cada peça, sua imaginação Tão belas, tão lindas Uma cultura em cada região Aplausos às estrelas da folia O sonho se transforma em alegria Sou eu, tenho samba no pé, sou sambista Nas mãos, o talento de artista Eu me orgulho de ser artesão</p> <p>Um Brasil feito à mão Um só coração - <b>liberdade!</b> Da emoção eu faço a arte Em verde e branco, com a Mocidade.</p>

ANEXO 183
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: RENASCER DE JACAREPAGUÁ
SAMBA-ENREDO: JACAREPAGUÁ FÁBRICA DOS SONHOS
AUTORES: Claudio Russo, Carlinho, Andre, Marquinho, Flavinho Do Cavaco e Julinho Cá.
Murmura a poesia, me dê sua Magia Fábrica de sonhos Terra de ousados, gênios inspirados A você componho Jacarepaguá, verde trajetória Deixa eu trilhar, ver de perto a história Hão de ficar seus valores, bosques e flores Pra gente amar Perante a Deus, o Rosário a arte teceu Na viagem do sonho, grade jamais o prendeu Na roda gigante da vida, quintal da recordação Corre criança querida, no carrossel da ilusão
Olha onda, olha onda, eu tô na gandaia Olha a barra da saia, baiana a girar Em qualquer choupana, alegria emana Jacarepaguá
É show A magia da televisão Um mundo de cores Bastidores da emoção Atleta a meta é saber competir Bandeiras unidas um novo por vir Vejo, enfim, a verdade me fortalecer <b>Liberdade</b> é ter asas, voar, Renascer
Me leva meu sonho ao meu barracão Eu hoje proponho gritar campeão Chegou a hora, cola e madeira O samba é de dar em doido é "Pau-Pereira"

ANEXO 184
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO CABRAL
SAMBA-ENREDO: THEREZA SANTOS, KIZOMBA, CONSCIÊNCIA E LIBERDADE
AUTORES: Magrão, Ricardo, Betinho, J. PE, Pro Kana, J. Eduardo, Luiz Fernando e Davi.
Oh bela e formosa ô, jóia rara pioneira Na luta na força da fé, raiz afro-brasileira No rádio, jornal e TV, teatro em cena És poema, guerreira negra contra a discriminação Tereza Santos, a musa que inspira essa canção É voz que não cala, a mão que embala Canta, filho deste chão
Ilê Ayê, oh mãe África Meu canto de fé nagô Sou negro, sou forte na senzala Ouça o rufar do meu tambor
África, seus costumes e tradições Mistérios a desvendar, culturas, religiões Quizomba, consciência e <b>liberdade</b> Retrata toda a conquista de uma raça E hoje exige paz, prosperidade Amor, respeito e igualdade, então Chega de fome e qualquer forma de opressão
Tem capoeira, vem pessoal Roda baiana, é carnaval É canto, é dança, é axé Jaci é luz, é mulher A homenagem da Unidos do Cabral.

ANEXO 185
ANO: 2007
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO URAITI
SAMBA-ENREDO: URAITI BRINDA A FOLIA! É CARNAVAL DOS CARNAVAIS.
AUTORES: René F.de Andrade, Victor Rangel, Mário Jr., Ricardinho do Pan e Alfredo.
Vai começar Abram as cortinas da imaginação No maior show da terra Meu verde e branco é explosão Tem poesia hoje tem canto no ar A harmonia logo vai me envolver Nessa folia quero encontrar você
Arlequim columbina pierrô A festa começou tem rei zulu o grande rei A fantasia aflorou E logo surge o rufar de um tambor
Pelo mundo viajei Veneza mascarar usei Na Alemanha a <b>liberdade</b> da mulher Cerveja embalando a multidão Em Nice eu delirei Entusiasmado brinquei Nova Orleans alegorias divinais
Tem boêmia felicidade Rei Momo traz a alegria pra cidade A Intendente é o palco dessa festa multicolor O meu Rio de Janeiro que beleza é carnaval dos carnavais.

## ANEXO 186

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DA ROCINHASAMBA-ENREDO:  
ROCINHA MINHA VIDA, NORDESTE  
MINHA HISTÓRIAAUTORES: Wander Timbalada, Isaac,  
Bitinho, Lula Antunes e Mauro Barros.

Luz da imaginação riscou o céu de poesia  
A borboleta encantada na avenida  
iluminada  
Faz festa e anuncia  
Mostra a saga de um destino, que esse povo  
peregrino, sonhou  
E hoje a Rocinha é meu nordeste e meu  
irmão  
Um pedacinho lá no meu sertão

Eu danço Congo e Maracatu  
Nesse reisado encontrei você  
O meu tambor tem axé  
No Rei Xangô tenho fé  
Pro mau olhado figa de Guiné

Lutas em cada canto uma esperança uma  
razão  
Zumbi valente não se rende a opressão  
E vai buscar a **liberdade**  
Já dizia Antônio Conselheiro, lute pela paz  
em comunhão  
Cabra da peste era Lampião, na fé de Padre  
Cícero Romão  
Tem Romaria lá no Juazeiro  
Vou pagar promessa ao meu padroeiro  
A arte imita a vida, retrata a realidade  
Sou um desses Severinos  
Que partiram em desatino pra nova cidade  
Hoje sou mais um rei, trago a herança do  
agreste na canção  
Artistas repentistas, escritores  
Eis o meu samba em forma de oração

Alô Rocinha meu nordeste é isso aí!  
Se liga quanta emoção  
É minha vida minha paixão  
Bate forte o meu coração.

## ANEXO 187

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA:  
ACADÊMICOS DO DENDÊSAMBA-ENREDO: LENDAS À  
BRASILEIRA COM GOSTO DE  
MANGA E PERFUME DE JASMIMAUTORES: Aloisio Villar, Barbieri, Bruno  
Revelação, Cadinho, Gilberto Lua,  
Marquinho do Banjo, Pedro Migão, Serjão  
do Cavaco e Walkir.

Vou contar lendas desse meu país  
O povo diz que o boto rosa é sedutor  
E Guaraci com seu amor criou a lua  
Negrinho do Pastoreio  
Busca comigo neste mundo inteiro  
O caminho da cidade encantada  
A gralha azul vai encontrar

O povo sabe o que diz, a lenda lembra a raiz  
E o cortejo vai continuar  
Contando histórias  
Minha escola vai brilhar

Lendas de paz e amor, assombrações e  
pavor  
De heróis e **liberdade**  
Aroma, delicado sabor  
Mangas de jasmim falam de saudade  
Ao luar mulheres que amam  
Seduzem ao cantar  
A fantasia colorindo meu sonhar  
Recordar o passado é preservar

Sou Dendê de azul e branco, eu sou, eu sou  
O folclore popular eu vou cantar  
Com a minha bateria, bate forte, contagia  
Faz o corpo arrepiar.

## ANEXO 188

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS  
DO ENGENHO DA RAINHASAMBA-ENREDO: DE BRAÇOS  
ABERTOS, O ENGENHO EMBALA A  
ÁFRICA EM BERÇO ESPLÊNDIDOAUTORES: Paulão Vianna, Dunga, Zé  
Carlos Vianna, Joaci, Miranda e Jorge.

De braços abertos, meu Engenho,  
Vem reverenciar  
A África "mãe brasileira"  
Nesta festa popular  
Seu canto de lamento é **liberdade**.  
Entre as senzalas o grito ecoou  
Com sua fé, sua magia.  
Trabalhando noite e dia, ele se libertou.  
Sua força então lhe deu a fama  
O negro é sensacional  
Tu és muito mais querido neste carnaval

Sou afro-Engenho da Rainha  
Peço licença pra chegar  
Trazendo boas novas da Bahia  
Terra de tanta magia, terra de sinhá

Majestosamente, viva o axé dos Orixás  
Dom obá ou Ganga Zumba  
Liberdade eu peço paz  
Ave Bahia berço de cultura triunfal  
Onde tem Maculelê, Jongo e Maracatu.  
Vou fazer meu carnaval  
E no reisado quanta alegria  
Festeja o povo  
Como é linda a alforria

Salve a África, salve o afro e o terreiro  
Sou miscigenação  
Sou cultura milenar, sou brasileiro.

ANEXO 189
ANO: 2008
ESCOLA DE SAMBA: ARRASTÃO DE CASCADURA
SAMBA-ENREDO: PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO: DO PALÁCIO REAL AO MUSEU NACIONAL, 200 ANOS DE HISTÓRIA
AUTORES: Luquinha da Conceição, Julinho Cá, Nilson Lemos, Marquinho, Cosminho, Garcia e Vanir Mec.
<p>Em meu Brasil aportou Realeza chegou de Portugal A Quinta da mais bela vista Se fez moradia o Palácio Real Ilustres moradores seus feitos imortais Usaram a razão, determinação conquistando ideais Um grito ecoou, Independência a nação <b>Liberdade</b> é um direito em forma de oração Mas com o fim da monarquia O improvável aconteceu E o Paço quem diria se transforma em Museu</p> <p>Acervo sem igual, de arqueologia Evolução as etnias África de Daomé, Roma e seus gladiadores Os Incas sucumbiram aos invasores</p> <p>Bendegó caiu em terras da Bahia E Santos Dumont pra aviação renasceria Diversos exemplares a fauna e a flora em evidência Biblioteca de grande extensão incentivo à ciência Torá livro sagrado dos judeus Antigo Egito no museu não precisa se assustar Estudantes, visitantes A múmia não vai te pegar</p> <p>Do Palácio Real ao Museu Nacional 200 anos de história Trazendo a corte imperial Aí vem o Arrastão, almejando a vitória.</p>

ANEXO 190
ANO: 2008
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO DA TIJUCA
SAMBA-ENREDO: 200 ANOS DA CORTE REAL NOS JARDINS DA FAMÍLIA IMPERIAL
AUTORES: Guilherme Sá, Pingo, Jota, Cássia Novelli, Alípio Carmo, Professor Peixoto e Zé Paulo.
<p>Despontou no horizonte Veio de longe toda Família Real As águas do mar da saudade São lágrimas de Portugal O povo ao receber dom João Corteja, a euforia é geral Se encanta com o luxo e a riqueza No estandarte da alegria tem nobreza A cidade se renova, majestosa evolução A arte é semeada em nosso chão</p> <p>Jardim de beleza, perfume e sabor Um doce recanto, lugar sedutor João semeou lindos florais Na herança eternos palmeirais</p> <p>Ao som de pássaros cantores O Sol revela todas as cores No despertar da natureza Cresce a raiz da <b>liberdade</b> Com esplendor na primavera As flores dão adeus à majestade Sopra, o vento abre as portas Exala o cheiro do jasmim E assim, todo o encanto da paisagem Chama os visitantes pro jardim</p> <p>A imagem da história Régia vitória imperial A corte deixou seu legado Coroados no meu carnaval.</p>

ANEXO 191
ANO: 2008
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE DE VICENTE DE CARVALHO
SAMBA-ENREDO: BRASIL, PAÍS MULATO.
AUTORES: Bero, Meia-Noite, Carlos Dias, André Boêmio e Tico do Gato.
<p>Clareia, deixa clarear Viajei no tempo Sou a cor dessa terra Abençoada pelo criador Paraíso de beleza sem igual Santuário de riquezas Te fizeste multicolor Bate forte meu tambor Hoje tem festa na aldeia Adoração a Deus Tupã</p> <p>O índio dança pra lá e pra cá Seu grito ecoa no ar Ele é cacique é guerreiro Num canto forte de fé São ritos e magia do pajé</p> <p>De lá pra cá, o homem branco Em busca de riquezas Com seu costume e tradições Queria ser o dono dessa terra Mas a humildade do negro Venceu preconceitos e ambição O negro é rei Filho da nação Yorubá e Nagô É voz da <b>liberdade</b> Foi Oxum quem abençoou</p> <p>Na mistura de raça eu tô Sou mulato brasileiro, meu amor Sou o rei nessa folia, vem aplaudir A Mocidade hoje na Sapucaí.</p>

## ANEXO 192

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA:  
RENASCER DE JACAREPAGUÁSAMBA-ENREDO: É CHEGADO A  
PORTUGAL O TEMPO DE PADECER,  
SE TE OPRIME A CRUEL FRANÇA,  
SORTE MELHOR HÁS DE TER...AUTORES: Adriano Cesário, Josemar,  
Teleco e Julião.

Singrando os mares  
Bailam caravelas portuguesas  
Rumo às terras de além-mar  
Aporto ao novo mundo a realeza  
Seus mistérios e encantos  
Paraíso de esplendor  
Renascer de um novo dia  
A esperança, o destino revelou

Expandi a cultura, dei novos ares  
Ao comércio proferi a **liberdade**  
Fiz do progresso, meu principal ideal  
Assim surgiu o patrimônio nacional

Gigante por natureza  
Oh! pátria amada idolatrada em aquarelas  
Abri suas portas para a arte  
É chegada à nova era  
Batalhas, revoluções  
O povo reivindica as riquezas desse chão  
Terei que partir, saudoso ao deixar  
Um legado, uma realidade  
Tu és meu brasil, de eterno fulgor  
Terra adorada, uma nação de amor

Meu brasil querido  
Tens um destino a cumprir  
Tua história é minha herança  
Meu orgulho, meu país.

## ANEXO 193

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO:  
TRABALHADORES DO BRASILAUTORES: André Diniz, Evandro Bocão,  
Pinguim, Professor Wladimir, Carlinhos  
Petisco, Dedé Aguiar, Dinny, Miro Jr,  
Carlinhos do Peixe e Eduardo Katata.

É mais que um samba o que se criou  
Um hino ao povo trabalhador  
A louvação a nossa gente  
Vista indolente, pelos olhos da ambição  
Nativa cor que foi presente  
Pintou as dores da escravidão  
A resistência mudou de cor e renasceu  
Com a força e a fé do negro  
E ao quilombo ascendeu  
Nosso ideal de **liberdade**  
Cansado de ter nos ombros  
Descanso do senhor, ecoou...

Que o brasileiro tem o seu valor!  
Meu deus ajude o trabalhador!  
E a imigração cruzou o azul do mar  
Em nosso campo ver a vida melhorar

Voz de quem resistiu, a era Vargas ouviu  
Consolidar nossas conquistas,  
Em direitos trabalhistas,  
Comemora quem tanto lutou  
Tempo de industrialização,  
Candangos, então, erguem Brasília  
Sindicato consciente,  
Terra para nossa gente cultivar democracia  
"Avante trabalhadores de Vila Isabel"  
"Quem faz a hora não espera acontecer"  
Suor dessa gente, construiu esta nação  
Verdadeiros filhos deste chão

Hoje é dia do trabalhador  
Que conquistou o seu lugar  
E vai nossa vila, fazendo história  
Pra luta do povo eternizar.

## ANEXO 194

ANO: 2008

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO PORTO DA PEDRA.SAMBA-ENREDO: TEM PAGODE NO  
MARU! 100 ANOS DE IMIGRAÇÃO  
JAPONESAAUTORES: David de Souza, Fábio Costa e  
Carlos Júnior.

Brasil! Abra o leque ao Japão, são 100 anos  
de imigração  
O show vai começar  
De São Gonçalo o meu tigre se transforma  
em torá  
Imperador da cultura milenar  
No templo dourado a mãe natureza  
Sopra o vento da paz, encontro marcado  
com a sutileza  
Há luz, bambus, bonsais  
Gira baiana, oh! mãe do samba  
Emana cerejeira em flor  
Na grande viagem, fé na bagagem  
A esperança navegou  
O Maru cruzou o mar  
Lançado à sorte, o braço forte na lavoura  
trabalhou  
A **liberdade** cultura viva  
Terra querida é luz e cor  
O sopro do gênio o fez samurai  
Quem foi Manabu? das artes o pai  
Quem dobra o papel com as mãos do céu  
Faz do origami pedaço de paz  
Vai um sushi saborear  
Vi um gato no mangá, o gato é sorte  
Vem coração oriental  
Vem na era digital me dar suporte  
Japão, o sol nascente brilha em cada um de  
nós  
Em azakusa agora explode a minha voz  
E a lágrima que cai é de emoção  
A verdade que embala o meu coração  
É a Porto da Pedra a minha paixão  
Aplausos que o show vai terminar ÔÔ  
Me perdoe se eu chorar.



ANEXO 195
ANO: 2009
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO GRANDE RIO
SAMBA-ENREDO: VOIALÁ, CAXIAS! PARA SEMPRE LIBERTÉ, EGALITÉ, FRATERNITÉ, MERCI BEAUCOUP, BRÉSIL! NÃO TEM DE QUÊ!
AUTORES: Deré, Emerson Dias, Rafael Ribeiro e Mingau.
<p>O rei sol bordado em ouro e a corte... a brilhar Champagne, um baile pra comemorar Mistérios da terra brasilis vão se revelar Navegando não imaginava encontrar Ver tanta beleza seduzindo o meu olhar Um grito tupinambá tocou meu coração E foi saindo "a francesa" Villegagnon Assim nascia São Sebastião</p> <p>A força de um povo que revoltado... se uniu Cruzou fronteiras "movimentando" meu brasil Vem o anseio de alcançar <b>liberdade</b> Meu lema é egalité, fraternidade.</p> <p>Eu vi nascer Um novo dia florescer Sonhei com as cores de Debret Emoldurando o amanhecer Me encantava! Quando eu sentia seu perfume pelo ar A ouvidor era paris a desfilar O grande cabaré, na cidade luz Sonho ou ilusão que me conduz De um "passo", fiz um traço no compasso da paixão É o voo da evolução Flores pra nação que sempre estendeu a mão É festa, carnaval é união.</p> <p>Minha alma é tricolor!! O meu orgulho é minha bandeira. oui. voilà!! A grande rio balança Le mon amour é a França Vem brindar!!!</p>

ANEXO 196
ANO: 2009
ESCOLA DE SAMBA: IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE
SAMBA-ENREDO: IMPERATRIZ... SÓ QUER MOSTRAR QUE FAZ SAMBA TAMBÉM!
AUTORES: Josimar, Carlos Kind, Jorge Arthur, Di Andrade e Valteci.
<p>Vem curtir bom samba, pode chegar Tem batuque de tantã Um cavaquinho a chorar Quem é do bairro nasceu com o dom de versar... Ramos! Numa fazenda foi que tudo começou E sobre trilhos o destino aqui parou Fez o progresso então chegar Ruas, casarões, mariangu, banhos de mar Nos carnavais ranchos e blocos vão mostrar Que em nossas veias correm notas musicais Trazendo paz e harmonia, paixão e razão de viver Maestro e menestréis vem conhecer</p> <p>Vão se encontrar Villa-Lobos, Pixinguinha e outros bambas A semente germinou Do Recreio então brotou Nossa escola de samba</p> <p>Vai virar cenário de novela Vem comigo reviver, fala Martin Cererê... O grito de campeão vem Arlindo, o que é que a Bahia tem Com Lamartine és a mais bela <b>Liberdade, liberdade</b> na Passarela E pra cantar o nosso orgulho a nossa emoção Mais cinco vezes o é campeão Na Leopoldina ecoou Imperatriz, traz o Fundo de Quintal Com o Cacique eu vou, eu vou Cinquenta anos de carnaval</p> <p>A festa vai começar, eu vou mostrar Que faço samba também, vem ver meu bem Se você fala de mim, não sabe o que diz Muito prazer! Eu sou a Imperatriz!</p>

ANEXO 197
ANO: 2009
ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE INDEPENDENTE DE INHAÚMA
SAMBA-ENREDO: GRITOS DE LIBERDADE
AUTORES: Wanderey Franco, Ely Bento e Jorge Branco.
<p>Brasil manto verde de esperança Guarde na sua lembrança Esses vultos que marcaram sua historia Foram momentos de grande opressão Pelo branco estrangeiro Que em solo brasileiro. Quis impor sua razão</p> <p>Ao índio que era dono dessa terra. Preferiu partir pra guerra; Não aceitando a escravidão</p> <p>E o negro foi trazido como escravo E na senzala teve sofrimento e dor E no tronco maltratado pelo acoite do feitor Foram tempos de agonia, mas o negro suportou</p> <p>É Ganga Zumba, é Zumbi rei dos Palmares Seus gritos de <b>liberdade</b> ainda ecoam pelos ares</p> <p>Glórias a Tiradentes o mineiro Inconfidente A D. Pedro o grande imperador A Princesa Isabel, que a Lei Áurea assinou Deodoro e a República uma nova era começou</p> <p>Batam palmas na avenida A Mocidade vai passar Este povo tão sofrido Ainda quer se libertar.</p>

ANEXO 198
ANO: 2009
ESCOLA DE SAMBA: PORTELA
SAMBA-ENREDO: E POR FALAR EM AMOR, ONDE ANDA VOCÊ?
AUTORES: Ciraninho, Wanderley Monteiro, Diogo Nogueira, L.C. Máximo e Júnior Escafura.
<p>Brilha, Portela! Das trevas renasce o amor... Doze cavaleiros se uniram Um rei a lealdade conquistou Lendas do povo europeu Feitiços, mistérios, magia A lua vem beijar o astro rei A noite se encontra com o dia Lágrimas, nos olhos do Imperador Na Índia, o palácio da saudade Mãe África negra! O amor cruza o mar! <b>Liberdade!</b></p> <p>Meu coração guerreiro É raça, é filho desse chão Meu canto tem raiz, é brasileiro É natureza e miscigenação</p> <p>Cenas de cinema, lindos temas de amor A união da família, momentos que o vento levou O homem tem que usar a consciência, As maravilhas da ciência Para viver em harmonia Vem recordar... Ranchos, blocos e cordões Os mascarados nos salões As fantasias do Municipal Embarque nesse bonde é Carnaval! São vinte e uma estrelas que brilham no meu olhar Se eu for falar da Portela não vou terminar Lá vem minha águia no céu da paixão! O azul que faz pulsar meu coração!</p> <p>Oh! Majestade do Samba Meu orgulho maior é tua bandeira Chegou minha Portela! Meu eterno amor A luz de Oswaldo Cruz e Madureira.</p>

ANEXO 199
ANO: 2009
ESCOLA DE SAMBA: SÃO CLEMENTE
SAMBA-ENREDO: O BEIJO MOLEQUE DA SÃO CLEMENTE
AUTORES: Rodrigo Índio, Alexandre Araújo, Fábio Rossi, Rodrigo Telles, Armando Daltro.
<p>O menino fugiu pra ser artista Voou pro mundo como faz um trapezista Vendia o pão de cada dia pra sonhar O palco é o seu lugar Um dia o destino traçou O céu de lona a brilhar, A cara pintada de branco E o coração colorido de amor Da realidade fez palhaçada Talento não tem raça nem cor Encanto e sorrisos por onde passava Aplausos... O show começou!</p> <p>"Domo-a-dor" com esperança... Um lutador Tem magia na cartola... Tem sim senhor! Dou cambalhota, sou um rei no picadeiro Na corda bamba se equilibra o brasileiro</p> <p>Segue a caravana pela história Viu a <b>liberdade</b> de uma raça ser prisão A Monarquia caiu, o marechal corouu A obra do palhaço trovador "Beija-a-mim", circo teatro que "com-graça" Apoteose te abraça Tira a máscara e revela Veja que é preta e amarela As cores de um grande amor</p> <p>Lá vem São Clemente, desponta a guerreira Moleca, faceira, que me faz feliz Eu trago no peito paixão verdadeira Meu beijo moleque não é brincadeira.</p>

ANEXO 200
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DA ROCINHA
SAMBA-ENREDO: YACAMIABAS
AUTORES: Marcão R1, Leandro R1, Leléco, De Araújo, Marcelo PAC e Leonardo Porto.
<p>Aurora de uma nação O vento soprou Eram Miracemas Trazendo os filhos do sol E as grandes guerreiras A luz do poema Na formação do reino das Ykamiabas Muiraquitã, o amuleto do poder A pedra verde que fez da morubixaba Mulher pra governar e se temer Cadê a flauta encantada Que o homem roubou para si Deixando os seios da mata Fora da festa do Jurupari</p> <p>Mulheres de luta, as filhas da guerra Em noite de Lua, evocam a terra A deusa senhora de todo lugar Do ventre a vida depois de enamorar</p> <p>Veio da Espanha a ambição Rasgando o mar, buscando riquezas Não conheciam as filhas do chão As protetoras da mãe natureza Amazonas, na expressão da <b>liberdade</b> É festa, é dança, é canto de fé O sonho de felicidade</p> <p>Na Rocinha, o exemplo de mulher A coragem, a ternura e a magia Preservação da natureza Quanta beleza No raiar de um novo dia.</p>

ANEXO 201
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO CUBANGO
SAMBA-ENREDO: OS LOUCOS DA PRAIA CHAMADA SAUDADE.
AUTORES: Sardinha, Carlinhos da Penha, Junior Duarte, Diego Nicolau, Dílson Marimba e Raphael Prates.
<p>O trono enlouqueceu Essa epopeia decifre ou lhe devora O palácio se ergueu no toque do marquês E o monarca nessa zorra deita e rola Insano que sou, viajei E vi a beleza maquiara a clausura Os loucos de pedra fazendo a história Camisas de força tolindo memórias E a nova banana, tremenda baderna Mais doido é o povo ou quem te governa?</p> <p>Tá lotado de maluco... Fechou! Assombrado, o artista pintou Já é hora da virada nesse surto imaginário!!! Tô por conta do cenário, sou um louco sonhador</p> <p>Renasce das cinzas pra vida Bossa nova, um hino contra a opressão Em uma nudez incontida Da dura que dita, sangrando a nação Clareia minerva assanhada Ergui a bandeira nas diretas já Pra ver meu país mais feliz De cara pintada, eu fui protestar E o meu Brasil pinel desperta pra folia Sambando no raiar de um novo dia</p> <p>É mais que paixão, beirando a loucura Vesti verde e branco, ninguém me segura Cubango encanta e traz <b>liberdade</b> Aos loucos da praia chamada saudade.</p>

ANEXO 202
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO GRANDE RIO
SAMBA-ENREDO: GRANDE RIO, EU SOU GUERREIRO
AUTORES: Barbeirinho, Mingau, G. Marins, Arlindo Cruz, Emerson Dias, Levi Dutra, Carlos Sena, Chico da Vila, Da Lua, Isaac, Rafael Ribeiro E Juarez Pantoja.
<p>Grande Rio, eu sou guerreiro Sou brasileiro e faço meu ziriguidum Vibra arquibancada, explode O camarote nº1</p> <p>Amor é hora, não demora A minha energia vai contagiar O yaya é o samba que manda na minha cidade E no despertar de um folião Tenho o esplendor de um barracão Onde o sonho vira realidade Num simples toque das mãos Depois de um vendaval de alegria Minha fantasia pra lá de suada Lágrimas sorrisos fazem parte desse visual De um paraíso de beleza sem igual Ai que emoção!</p> <p>Meu coração vai a mil Quando a sirene tocar A passarela tremer o homem pode voar De ratos e urubus veio a transformação Quero mais que nota 30 pro talento do João</p> <p>No Ita salgueirando lá vou eu Ouvindo a sereia cantar Festa da raça, kizomba a <b>liberdade</b> no ar Daqui pra lá, de lá pra cá de Braguinha Fez o mundo inteiro delirar No templo dos bambas, raízes do samba A arte se consolidou, saudade Da linda voz que se calou, eu sou cantor! Eu sou cantor! No seu protesto, nunca foi puxador... Será que no terceiro milênio haverá Festa cigana na avenida O amanhã como será? DNA, princípio da vida O sambista com sorriso divinal Na apoteosa do planeta carnaval.</p>

ANEXO 203
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: BEIJA-FLOR
SAMBA-ENREDO: BRILHANTE AO SOL DO NOVO MUNDO, BRASÍLIA: DO SONHO À REALIDADE, A CAPITAL DA ESPERANÇA.
AUTORES: Picolé da Beija Flor, Serginho Sumaré, Samir Trindade, Serginho Aguiar, Dison Marimba e André do Cavaco.
<p>Dádivas o Criador concedeu Fez brotar num sonho divinal o mais precioso cristal Lágrimas, fascinante foi a ira de Tupã Diz a lenda que o mito Goyás nasceu O brilho em Jaci vem do olhar Pra sempre refletido em suas águas A força que fluiu desse amor é Paranoá... Paranoá Oh! Deus sol em sua devoção Ergueu-se no Egito fonte de inspiração Pássaro sagrado voa no infinito azul Abre as asas bordando o cerrado de Norte a Sul</p> <p>Ah! Terra tão rica é o sertão Rasga o coração da mata desbravador! Finca a bandeira nesse chão Pra desabrochar a linda flor</p> <p>No coração do Brasil, o afã de quem viu um novo amanhã Revolta, insurreições, coroas e brasões Batismo num clamor de <b>liberdade!</b> Segue a missão a caravana em jornada Enfim a natureza em sua essência revelada Firmando o desejo de realizar A flor desabrochou nas mãos de JK A miscigenação se fez raiz Com sangue e o suor deste país Vem ver... A arte do mestre num traço um poema Nossa Capital vem ver ... Legião de artistas, caldeirão cultural! Orgulho, patrimônio mundial</p> <p>Sou candango, calango e Beija-Flor! Traçando o destino ainda criança A luz da alvorada anuncia! Brasília capital da esperança.</p>

## ANEXO 204

ANO: 2010

ESCOLA DE SAMBA:  
BOI DA ILHA DO GOVERNADORSAMBA-ENREDO: DO SAGRADO AO  
PROFANO... E O BOI, QUEM DIRIA,  
FOI PARAR NA FREGUESIA

AUTORES:

Rafael Mikaiá, Rico Bernardes, Rodrigo  
Cordeiro e Daniel Barbosa.

Renasce a luz de um novo dia  
Mitos e lendas a se revelar  
Delírios que despertam as paixões  
Em culturas... Tradições  
Nos astros previsões e divindades  
Boi Ápis, cultuado no Egito  
Do labirinto sacrifício e **liberdade**  
Guerreiros e heróis, as crenças, o valor  
Que a mitologia consagrou  
Profano animal, o gado é imortal  
Símbolo de força e esplendor

Tem tourada na arena, ouço gritos de "olé"  
De um fruto encantado nasce a cura do pajé  
Caprichoso e Garantido, Parintins é  
sedução!  
Brilhou a estrela no pulsar do coração

Heranças culturais de miscigenação  
Braço forte de um país!  
Bumba-meu-boi Maranhão  
Na festa do divino encantaram vaquejadas  
No reisado, pra sambar no arrasta-pé....  
Danças de caboclo, mostram a arte para o  
mundo  
Maracatu, que lindo é...  
Tem festa junina e boi-bumbá  
Vem no clima do rodeio, gira o laço pelo ar  
Canta forte a comunidade  
Pro boi da cara preta não pegar

Hoje tem festa de Boi, na freguesia!  
No carnaval mostrando seu valor  
É o Boi da Ilha a cantar, na passarela brilhar  
Sou boiadeiro com orgulho e muito amor!

## ANEXO 205

ANO: 2010

ESCOLA DE SAMBA:  
MOCIDADE INDEPENDENTE DE  
PADRE MIGUELSAMBA-ENREDO: DO PARAÍSO DE  
DEUS, AO PARAÍSO DA LOUCURA,  
CADA UM SABE O QUE PROCURA.

AUTORES:

J. Giovanni, Zé Glória e Hugo Reis.

Eu voltei ao Éden  
Paraíso de verdade  
Serpente, chega pra lá  
Hoje eu quero é sambar com a Mocidade  
O mal que você me causou  
Pra que me infernizar?  
Chega de guerra e miséria  
Sem trégua, nem légua  
É a idade média a se transformar

Entre lendas e mistérios,  
Preste João me inspirou a navegar  
O bandeirante cobiçou  
E o índio revelou o Eldorado de além-mar

Tudo o que eu puder sonhar  
Vou realizar agora e sempre  
E se tentar me taxar  
Mando depositar em outro continente  
Do Éden ao paraíso da loucura  
Ninguém sabe quanto é o que se procura  
Hoje o povo quer felicidade  
No paraíso da igualdade e **liberdade**  
Estrela faz o meu sonho mais real  
Sacode a Sapucaí  
É carnaval

Meu coração vai disparar, sair pela boca  
Não dá pra segurar, paixão muito louca  
Luz independente me leva pro céu  
Sou Mocidade sou Padre Miguel.

## ANEXO 206

ANO: 2010

ESCOLA DE SAMBA: PORTELA  
SAMBA-ENREDO: DERRUBANDO  
FRONTEIRAS, CONQUISTANDO A  
LIBERDADE... UM RIO DE PAZ EM  
ESTADO DE GRAÇA!AUTORES: Ciraninho, Rafael Dos Santos,  
Diogo Nogueira, Naldo e Júnior Escafura

Portela segue os passos da evolução...  
**Liberdade!**

Num clique deleta barreiras  
Derruba fronteiras da realidade  
Desperta o bem social  
Acessa o amor digital  
Faz da criança um cidadão  
Positivo pra nação  
Na rede nossas vidas vão se transformar  
Do ventre mais um ser nascerá  
O dia de graça que o mestre cantou  
Já raiou!

O meu pavilhão é minha paixão!  
A luz da ciência é ela...  
É samba, é jaqueira que não vai tombar  
Sou Portela!

Mãos unidas pela inclusão  
Povos, raças em comunhão  
Vai meu verso ao mundo ensinar  
É preciso navegar!  
Brilhou no céu mais um sinal  
Cruzando o espaço sideral  
Portela... Portal cultural de um país  
Um link com a nossa raiz  
Rainha da passarela  
Revela um rio de paz pra viver  
A senha de um amanhecer  
Mais feliz

Minha águia guerreira  
Vai voar... Viajar!  
Pousar no sonho de ganhar o carnaval  
E conquistar o mundo virtual!

ANEXO 207
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: TRADIÇÃO
SAMBA-ENREDO: REI SENHOR, REI ZUMBI, REI NAGÔ... E TÔ AÍ, TÔ AÍ SIM SENHOR
AUTORES: João Nogueira e Paulo Cesar Pinheiro.
<p>O negro lá na África era um rei Foi artesão, foi caçador Guerreiro, feiticeiro, camponês Exímio dançador Tinha sua própria lei E a <b>liberdade</b> sem favor</p> <p>Dono dos ouros, das pratas Dos rios, das matas O Rei senhor ô ô ô (bis)</p> <p>Um dia chegou o branco invasor De armas nas mãos, brutais e cruéis Sangue pelo chão, correntes nos pés Vinham das galés, lamentos de dor Mas da escravidão surgiu Zumbi que foi o rei libertador O tempo passou E a raça no Brasil tem uma nova cor O samba vingou E o negro no Brasil tornou-se o Rei Nagô</p> <p>Morena de angola, me faz cafuné Mulato frajola de lá da Guiné Que deita e que rola Na ponta do pé Veio dentro de gaiola Transformou-se em quilombola Veja agora o que ele é Rei do carnaval da escola Rei das artes, rei da bola E a rainha mãe quelé.</p>

ANEXO 208
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DE VILA SANTA TEREZA
SAMBA-ENREDO: QUE REI SOU EU? DO CASTELO REAL À CORTE DO CARNAVAL
AUTORES: Sem indicação de autoria.
<p>O sol anunciou Tem festa na corte do Rei Arthur Palácios dourados e de luzes refinado Lá vem o bobo encantando a realeza Luis XVI ostentando a riqueza Midas, o que toca vira ouro No jogo, muitos nobres encontrei É cartada no baralho, xeque-mate no xadrez</p> <p>Pelo reino de Netuno naveguei Aventuras de Sabá testemunhei Conquistando o coração de Salomão A estrela guia os magos pro salão</p> <p>No mundo animal manda o leão Na mata Oxóssi é o soberano Candaces não perderam a majestade Zumbi só quis pro negro <b>liberdade</b> Rei Momo abre as portas pra folia Maracatu, baião, é som com energia Alegria, Santa Tereza o seu samba contagia</p> <p>Eu sou rei nessa avenida Desfilando em bom astral Coroadada, minha escola vem brincar o carnaval Esse manto azul e branco faz brilhar o meu olhar Deixa a Vila te levar.</p>

ANEXO 209
ANO: 2010
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO VIRADOURO
SAMBA-ENREDO: MÉXICO, O PARAÍSO DAS CORES, SOB O SIGNO DO SOL
AUTORES: Floriano, Gustavo da Marbela e Sacadura Cabral.
<p>Brilhou o quinto sol, o povo se manifesta Sopra um "vento mestiço", uma avenida em festa Traz o gênio que ilumina a canção As cores que dão forma à "criação" Chegou o áureo tempo de reviver A história, o alvorecer, de uma nação guerreira Os templos sagrados vão resplandecer Palácios bordados irão renascer Obras de uma "vida inteira" Um dia sangra o chão, desejo do invasor Sofri na traição do opressor</p> <p>Chegam piratas, joias se vão Olhos "vidrados" em busca do ouro Pro fundo do mar vai a ambição Ninguém vai levar o meu tesouro</p> <p>Meu sangue eu entrego à terra, à <b>liberdade</b> "O grito", vai raiar o sonho de felicidade! A fé que desata os nós une a gente de novo Caudilhos guerreiros se abraçam ao povo Ouve-se a voz da revolução São dias pra guardar no coração Eu vi a força da arte popular E com meus versos "colori" o azul do mar Ao sabor do tempero, receitas pra dar e vender Vi a cidade maior se render à magia de uma paixão A dor da saudade vou festejar, é tradição Hoje eu peço a sua benção, senhora do meu coração!</p> <p>Arriba Viradouro! Uma tequila pra comemorar Um lenço vermelho, sombrero na mão O México em cores vou cantar!</p>

ANEXO 210
ANO: 2011
ESCOLA DE SAMBA: ALEGRIA DA ZONA SUL
SAMBA-ENREDO: OS DOZE OBÁS DE XANGÔ
AUTORES: Alexandre Alegria, Telmo, Adélson, Wagner Silva e Serginho Gama.
<p>Ô...ô...ô... A voz que ecoa na pedreira Kaô! É de Xangô o Rei de Oyó Pai da justiça e da igualdade É fogo, é trovão da liberdade Sou eu! Escrevi minha história Louvando aos deuses em rituais Sou eu! O sangue do Brasil! Por ti derramado Predestinada a te amar O vento que trouxe é o perdão A fé que propago veio de além-mar Sou a sacerdotisa África batiza Minha devoção Eu sou a Yobá Biyí, filha dessa nação Os alabês vão tocar Para os doze obás no xirê Agô meu povo da gira Rei Xangô na cangira Kaô kabecilê</p> <p>Ilê Axé Opô Afonjá A luz do divino irá conduzir O legado dos meus sucessores Zeladores da suprema missão E o vento que sopra a vida Eleva a alma e o sentimento E toda força do okê... okê É o bendizer do firmamento</p> <p>Meu manto tem axé! O branco é paz! Vermelho é guerreiro! Sou Alegria nesse alujá Fé e proteção de Obatalá.</p>

ANEXO 211
ANO: 2011
ESCOLA DE SAMBA: ARAME DE RICARDO
SAMBA-ENREDO: O ARAME É FOGO!
AUTORES: Bené da Pompéia, Márcio França, Ubiratã Telles e Mestre Dudú.
<p>Rasgando o céu... Um grande raio incandesceu a natureza Levando o homem a evolução Na ponta da lança o coração Semeando com bravura Corta a terra nua e crua Vem do fogo a magia, a sabedoria da humanidade. E do olimpo o segredo da eternidade</p> <p>Insanidade, tirania ou ambição. O imperador dos loucos Ateia fogo à cidade E culpa os outros por sua atrocidade</p> <p>Um grande farol iluminado Tão fascinante nos guia em alto mar (Odoiá) Um mistério que fez chorar Ao se perder o pergaminho de toda Sapiência milenar No ressoar dos atabaques Ardem as bruxas no fogo da traição (Kaô meu pai) É o Santo Ofício, a purificação, a revolução. <b>Liberdade</b>, Fraternidade e Igualdade. Do Fogo do Amor ao Folclore Popular Sabendo Usar Faz Prosperar...</p> <p>O Arame é Fogo! É chama acessa em nossos corações É paixão, é poesia, incendeia a avenida Faz reluzir o carnaval das ilusões...</p>

ANEXO 212
ANO: 2011
ESCOLA DE SAMBA: CAPRICHOSOS DE PILARES
SAMBA-ENREDO: GENTE HUMILDE
AUTORES: Betinho de Pilares, Josemar Manfredini, Fernando Paulista, Frank e Jorge do Batuke.
<p>Um grito de <b>liberdade</b> ecoou.... O negro vibrou, maior confusão "Tá tudo lotado" a casa caiu!!! Botar abaixo foi a solução... Passo a passo surgiu uma nova cidade Trilhando o progresso, à moda francesa... Na minha estação frescura não tem, E o povo de bem, pede proteção!!! Senhor! Deram as costas pra me renegar, Mas minha fé ninguém vai abalar, Sou suburbano e não canso de lutar</p> <p>Com garra, com raça e amor... Blindado de esperança, eu vou... "Deixa a vida me levar" tô "por um triz"!!! "Eu só quero é ser feliz"</p> <p>Eu volto a ser criança A brisa me leva, me faz viajar... Soprando minha indignação, Sigo na direção, do "meu lugar"!!! Morada... Onde o samba estabeleceu, Um caso de amor entre você e eu, Sem dor, sem censura, sem discriminar Há de brilhar... O sol renascerá mais uma vez... "Num cintilar total"!!! "É pilares, no grito da geral"</p> <p>Chegou Caprichosos, tem festa é show!!! Sou gente humilde de coração Valente, guerreira seguindo o ideal Rumo ao sonho especial.</p>

## ANEXO 213

ANO: 2011

ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE  
INDEPENDENTE DE PADRE MIGUELSAMBA-ENREDO: PARÁBOLA DOS  
DIVINOS SEMEADORES

AUTORES:

J. Giovanni, Zé Glória e Hugo Reis

Tá todo mundo aí? Levanta a mão  
Quem é filho desse chão  
Chegou a Mocidade fazendo a alegria do  
povo  
Meu coração vai disparar de novo

Uma luz no céu brilhou, **liberdade!**  
Meu coração venceu o medo  
O que era gelo se tornou felicidade  
A esperança se espalhando pelo chão  
A natureza tem mistérios e magias  
Rituais, feitiçarias, deuses a me abençoar  
Levado pela luz da estrela guia  
Eu vou por onde a semente germinar

O que eu plantei, o mundo colheu  
Um milagre aconteceu  
A vida celebrou um ideal  
E a fartura se transforma em festival

O que eu plantei, o mundo colheu  
Um milagre aconteceu  
A vida celebrou um ideal  
E a fartura se transforma em festival

Festa de Ísis, a farra do vinho  
Em Roma a semente foi brotar  
Mudaram meu papel, ó Padre Miguel!  
Hoje ninguém vai me censurar  
No baile da máscara negra  
Até a nobreza teve que engolir  
Meu Brasil, de norte a sul sou manifestação  
Aonde vou arrasto a multidão  
De cada cem só não vem um  
Vou voltar, um dia ao espaço sideral  
E reviver o meu ziriguidum, em alto astral.

## ANEXO 214

ANO: 2011

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DE VILA ISABELSAMBA-ENREDO: MITOS E  
HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS PELOS  
FIOS DE CABELOAUTORES: André Diniz, Leonel, Prof.  
Wladimir, Arthur das Ferragens e Pinguim.

Respeite a coroa em meu pavilhão  
A desfilar na avenida  
Carrega os fios de Isabel, da **liberdade**  
É minha vida, é a Vila!  
O brilho, a raiz, a sedução  
O universo em sua formação  
Nas longas madeixas de Shiva  
Dos ritos aos astros  
Os mitos que enlaçam  
Antigas tradições  
Festejando novas gerações

Sansão, forte, se apaixonou  
O corte enfim revelou Dalila  
Trança a paixão, o nobre fiel  
As lágrimas viu Rapunzel mais linda

A força e o amor cobriram o corpo  
Vencendo as rédeas da exploração  
Perucas no Egito, poder divinal  
No luxo da França, adornam o Rei Sol  
Aqui, entrelaçado em ouro  
Vi florir a alforria, sonhos colorir  
Em tantas formas buscar perfeição  
Para os poetas a inspiração, afinal...  
Charme e tom sensual  
Moldaram a beleza do meu carnaval

Modéstia à parte, amigo, sou da Vila  
Quem é bamba nem sequer vacila  
Envolvido entre cabelos, me sinto arrepiar  
Feitiço refletindo no olhar.

## ANEXO 215

ANO: 2011

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO ANIL

SAMBA-ENREDO: SONHOS

AUTOR:

Claudecir dos Reis Rodrigues (Nego Dé)

Sonhei...  
Com anjos querubins  
Dizendo assim  
Que a luz do sonho nunca se apagará  
**Liberdade**, fé e esperança  
Um sorriso de criança  
ÓÓÓ... Divino mestre criador  
Faz o meu sonho virar realidade  
Só peça saúde e paz  
Para toda humanidade  
Vou acreditar  
Verás que o filho teu não foge à luta  
Meu sonho é azul e branco  
Sou Unidos do Anil  
Respeita o nosso manto

Hoje eu tive um sonho,  
E passei ele pro papel  
Transformei em versos e poesias  
Nesse carnaval  
Sonhos que vão e que vem  
Um gesto de amor  
Não faz mal a ninguém  
Ao ver você sorrindo  
O outro vai sorrir também

Dei asas aos meus sonhos já posso voar  
Em busca da luz pra me iluminar  
Já pisei na lua quero ir mais além  
Meu sonho vou realizar.

ANEXO 216
ANO: 2011
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO PORTO DA PEDRA
SAMBA-ENREDO: O SONHO SEMPRE VEM PARA QUEM SONHAR
AUTORES: Bira, Robinho e Diego Ferreiro.
Um pedaço de papel Pano, cores, ilusão Vai girando o carrossel Nas asas da imaginação Clara, "a menina dos meus olhos" Criadora do impossível, sonhadora feito eu Em tudo que ela escreveu Um aprendiz de feiticeiro a formular o amor E a princesa recebeu a flor A fera foi pra outra dimensão Amigo de Deus, Noé entendeu O mundo em transformação
A bruxa boa vem aí, eu quero ver! O saboroso elixir, eu vou provar! No vento vendaval da <b>liberdade</b> , Um samba de verdade vai passar
Quem não sonhou jamais amou Não sabe o que é se libertar Não viu o trem, nem o colar? O sonho sempre vem pra quem sonhar! Vai, vai, vai, vai, vence logo esse medo "Prega uma peça" à esperança? Vem no galopé o corcel, feito azul do céu E a magia da criança Em busca da alegria, seu poder de encantar Criando sonhos, recriando a fantasia a brincar
No tablado consagrando a criação É a arte, vida em transformação Meu tigre chegou, aplausos no ar É Clara que me faz sonhar!

ANEXO 217
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DE VIGÁRIO GERAL
SAMBA-ENREDO: ABDIAS NASCIMENTO: UMA VIDA DE LUTAS
AUTORES: Carlinhos do Cavaco, Dener, Joãozinho e Pablo.
Canta Vigário Geral A luta de um negro neste carnaval Abdias estudou e venceu Marcou o seu nome na história Tanta inteligência Fez faculdade se tornou doutor Nascia à <b>liberdade</b> Sua cultura pelo mundo se espalhou Energia e fé no candomblé Os Orixás lhe deram axé
Em defesa do negro lutou Com a lei d'anistia ele voltou Em sua trajetória de glória Foi deputado, secretario e senador
Mensageiro de Zumbi Jamais esqueceu sua raiz Poeta inspirado e escultor Abraçou seu ideal Notável brasileiro Valente e lutador És um canto na avenida A minha escola vem brilhar E te Exaltar
Sou negro, sou comunidade Vou lutar e Vou vencer Abdias Nascimento Meu espelho de vida é você.

ANEXO 218
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: ACADÊMICOS DO GRANDE RIO
SAMBA-ENREDO: EU ACREDITO EM VOCÊ. E VOCÊ?
AUTORES: Edispuma, Foca, Licinho Jr. e Marcelinho Santos.
A luz que vem do céu Brilhou no meu olhar Trazendo a esperança Que os anjos vêm anunciar Lutar sem desistir Das cinzas renascer Eu encontrei na fé A força pra vencer A felicidade mandou avisar É preciso superar
Derrubar o "gigante" eu vou É lição de coragem e amor Eu sou "guerreiro do bem" vou caminhar A minha história vai te emocionar
A arte de viver... É aprender no dia a dia Usando a imaginação Ao som da melodia Posso enxergar... Sei que meu coração vai me guiar Eu sigo em frente sem desanimar Faço da vida um grande "festival" Acreditar que pra sonhar não há limitações A "roda gira" e traz a solução Me dê a sua mão por <b>liberdade</b> Sou brasileiro mandei a tristeza embora Eu "tô" sentindo que chegou a nossa hora
Quem me viu chorar... Vai me ver sorrir Eu acredito em você... Pro desafio E abro meu coração, cantando a minha emoção Superação é o carnaval da Grande Rio.



ANEXO 219
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: ALEGRIA DA ZONA SUL
SAMBA-ENREDO: OS SALTIMBANCOS
AUTORES: Daniel Katar, Rodney Chêto, Vinícius Amaral, Pixulé, Rodrigo Bola, Xuxa do Cavaco, Celson e Al Big Dan.
Lutar... A <b>liberdade</b> tão sonhada conquistar Com força e coragem A felicidade, eu hei de encontrar Tirei do peito toda mágoa e sofrimento Aventureiro meu caminho vou seguir Fiéis companheiros, valentes guerreiros e seus ideais (em acordes musicais) Vou ganhar o mundo E se a maldade outra vez aparecer Unidos somos fortes pra vencer
Atrás do sucesso eu vou o caos da cidade me assustou Essa loucura, não é meu lugar Vou continuar
Caminhando... Caminhando e cantando, lá vou eu A esperança prevaleceu Quando avistei um céu colorido No meio da estrada, o fim da jornada O picadeiro, um novo amanhecer O circo a "alegria" de viver Vista a fantasia, caia na folia, é carnaval Meu universo é arte e emoção Sou saltimbanco nessa multidão Sempre a sonhar, não me canso de cantar
Bendita é a força da nossa união Adversidade ajuda a crescer Juntos somos um em harmonia Na estrada do sucesso: a Alegria.

ANEXO 220
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: BEIJA-FLOR
SAMBA-ENREDO: SÃO LUÍS? O POEMA ENCANTADO DO MARANHÃO
AUTORES: J. Veloso, Adilson China, Carlinhos do Detran, Silvio Romai, Hugo Leal, Gilberto Oliveira, Samir Trindade, Serginho Aguiar, JR Beija-Flor, Ricardo Lucena, Thiago Alves e Rômulo Presidente.
Tem magia em cada palmeira que brota em seu chão O homem nativo da terra Resiste em bravura A dor da invasão Do mar vêm três coroas Irmão seu olhar mareja No balanço da maré A maldade não tem fé sangrando os mares Mensagem da dor <b>Liberdade</b> roubou dos meus lugares Rompendo grilhões, em busca da paz A força dos meus ancestrais
Na casa nagô a luz de Xangô Axé Mina Jêje um ritual de fé Chegou de Daomé, chegou de Abeokutá Toda magia do vodum e do orixá
Ê rainha o bumba-meu-boi vem de lá Eu quero ver o cazumbá, sem a serpente acordar Hoje a minha lágrima transborda todo mar Fonte que a saudade não secou Ó Ana assombração na carruagem Os casarões são a imagem Da história que o tempo guardou No rádio o reggae do bom Marrom é o tom da canção NA terra da encantaria a arte do gênio João
Meu São Luís do Maranhão Poema encantado de amor Onde canta o sabiá Hoje canta a Beija-Flor.

ANEXO 221
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: ESTÁCIO DE SÁ
SAMBA-ENREDO: LUMA DE OLIVEIRA: CORAÇÃO DE UM PAÍS EM FESTA
AUTORES: Wilsinho Paz, Alexandre Moraes, Osmar, Hugo Bruno, Comendador Eloi e Zé Luiz.
Cai o sol, surge a lua a brilhar O morro desce pra desfilar Nobreza mistura de raça Num estado de graça É a força do meu samba a me guiar E nesta onda eu vou Com muito amor e emoção Dos Brasis aquele abraço No compasso dos seus passos Nessa eterna criação
Descendo a ladeira na quebradeira... (no rufar do tambor) Filhos de Gandhi, povo de Ketu... (timbaleiro chegou) Lapa presente de Orunmilá... (ao som de Ijexá) Todos pra te ver sambar
No Cordão da Bola preta, a fantasia Cinelândia, onde tudo acontecia Arlequins, pierrôs e colombinas Onde a <b>liberdade</b> predomina E num imenso cortejo, a desfilar Com o apito do mestre a ecoar Luma, és uma luz que nos conduz Bate forte no meu peito, o coração Neste mundo de ilusão
É carnaval muito prazer sou alegria Medalha de Ouro é minha bateria Meu samba me diz, que a inspiração é você Luma eu vim aqui só pra te ver.

ANEXO 222
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE
SAMBA-ENREDO: JORGE, AMADO JORGE.
AUTORES: Jeferson Lima, Ribamar, Alexandre D Mendes, Cristóvão Luiz e Tuninho Professor.
Ave, Bahia sagrada! Abençoada por Oxalá! O mar, beijando a esperança, Descansa nos braços de Iemanjá. Menino amado... Destino bordado de inspiração. Iluminado... Vestiu palavras de fascinação.
Olha o acarajé! Quem vai querer? Temperado no axé e dendê Quem tem fé vai a pé... Vai, sim! Abrir caminhos na Lavagem do Bonfim
O vento soprou As letras em <b>liberdade</b> . Joga a rede, pescador! O povo tem sede de felicidade. A brisa a embalar Histórias que falam de amor. Memórias sob o lume do luar. O doce perfume da flor. Ê Bahia! Ê Bahia! Dos santos, encantos, magia. Kaô Kabesilê! Ora Iê Iê Oxum! Tem festa no pelô. Na ladeira, capoeira mata um.
Sou Imperatriz! Sou emoção! Meu coração quer festejar! Ao mestre escritor, um canto de amor Jorge Amado, Saravá!

ANEXO 223
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: IMPÉRIO SERRANO
SAMBA-ENREDO: DONA IVONE LARA, ENREDO DO MEU SAMBA
AUTORES: Arlindo Cruz / Arlindo Neto / Tico do Império.
Serra dos anos dourados da nossa história Desperta e vem cantar feliz O jongo e o samba de raiz No enredo desse carnaval Que não é sonho meu pois ela é real Ivone Lara ia Quero ver quem não vai se embalar No encanto do tiê oia lá oxá Desfilando em verde e branco E a sinfônica demonstra o seu amor Batendo forte no balanço do agogô
A rainha da casa, mãe esposa de fé Diz que o dom de compor é coisa de mulher Com o mestre venceu o desafio Nos cinco bailes da história do meu rio
Dona, dama, diva... Estrela do samba de luz radiante Show no opinião Parceira de bambas carreira brilhante Com a <b>liberdade</b> num lindo alvorecer Sonha nossa terna mãe baiana Seu sorriso negro não dá pra esquecer E hoje nosso império aclama
Dona Ivone Lara ia laia Lara laia Lara laia.

ANEXO 224
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: RENASCER DE JACAREPAGUÁ
SAMBA-ENREDO: O ARTISTA DA ALEGRIA DÁ O TOM DA FOLIA
AUTORES: Cláudio Russo, Adriano Cesário, Fábio Costa e Isaac.
Esse dom que faz o artista imortal É luz do céu para pintar A Renascer no Carnaval O faz buscar em cada cor o infinito Acreditar Romero Brito Que Deus mora na inspiração Em páginas arte que viu O inverso se abriu, presente de irmão Contraste que se refletiu Universo do artista, outra direção
Nas cores de sua aquarela Valores brincando na tela Aquele abraço desenhar Gira o compasso eu quero outra vez sambar
Sensibilidade, pop arte ao mundo espalhou Sorrir é brilhar, Dar ao papel a emoção que seduz Eu sei que arte vai reinar Tal qual as telas na Cidade-Luz Do alto do morro o Redentor abraça o gênio Que hoje repinta esta cidade Moleque Recife é saudade Há tantos meninos assim Querendo um sonho, Na <b>liberdade</b> das cores sem fim
Pintor da alegria, calor da emoção Pintou Renascer no meu coração No tom da folia vou me apresentar Na Galeria Jacarepaguá.

ANEXO 225
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: UNIDOS DO VIRADOURO
SAMBA-ENREDO: A VIDA COMO ELA É, BONITINHA, MAS ORDINÁRIA... ASSIM FALOU NELSON RODRIGUES
AUTORES: Renan Gêmeo, P.C. Portugal, Rodrigo, Diego Nicolau, Fernando Johara, Felipe Filósofo, Diego Moura, Fábio Borges, Claudinho Mattos, Erik Borges, Ênio Almeida, Vitor Adolfo, Daniel Louzada, Dudu Oliveira e Marcello Bertolo.
<p>Eu vou viajar pela luz do teu olhar Amar demais, pecar sem medo Mentir a verdade, trair o segredo</p> <p>Tal qual você... em um subúrbio, o pierrô A eloquência sem pudor A flor da emoção (oooô) Quero te ver, ó bela dama pecadora A inocência tentadora Reviver... Amante, "engraçadinha"... me faz enlouquecer Ordinária, bonitinha... meu prazer</p> <p>Domingo no Maraca... magia É sobrenatural essa paixão Salve as três cores tão lindas Na fantasia do meu coração</p> <p>Quando a cortina se abrir No palco da ilusão Visto a nudez da <b>liberdade</b> Nas asas da imaginação Serei o filme mais belo que vai desfilas A trilha sonora é o nosso cantar De corpo e alma eu me entrego anjo sedutor Vou além dos verbos Pra te conquistar O teu universo a me guiar</p> <p>Vou me perder... Amor E no meu sonho te encontrar Nelson Rodrigues... Sou Viradouro Quero ver me censurar.</p>

ANEXO 226
ANO: 2012
ESCOLA DE SAMBA: VIZINHA FALADEIRA
SAMBA-ENREDO: A ESSÊNCIA DA VIDA... O PROGRESSO SOCIAL SOB A LIBERDADE E IGUALDADE
AUTORES: Pedro Miranda, Zé Mário, Sidney Sá, Leandro Santos e Madalena.
<p>Quero igualdade, dignidade, romper barreiras Tenho os meus direitos Exijo respeito e hoje vou me declarar Raiou o sol da <b>liberdade</b> tão sonhada Iluminando o caminho de quem buscou nova morada Com os portos abertos veio a miscigenação Mistura de raças que fez essa massa Colorir nossa nação</p> <p>Chico Mendes chegou Na Amazônia ecoou... Preservação E contra fome lutou Betinho manifestou... Cidadania e educação!</p> <p>Chega de violência, é a conquista da mulher Dando um basta na agressão que sofria sem razão Protegida hoje sabe o que quer Um novo dia moldado no perfil da esperança E a certeza de ter alcançado Um futuro melhor pras crianças Eu quero ver a alegria no seu rosto estampar E essa tal felicidade fazer a comunidade cantar Sou cidadão e posso protestar</p> <p>Olha o canto da Sereia, faz delirar Oh! Vizinha faladeira, não vai calar Essa gente tão guerreira só quer amor e paz Mostrar ao mundo que os direitos são iguais.</p>

ANEXO 227
ANO: 2013
ESCOLA DE SAMBA: EM CIMA DA HORA
SAMBA-ENREDO: ALÉM DO ESPELHO, JOÃO NOGUEIRA DE TODOS OS SAMBAS.
AUTORES: Duda, Guinho, Josemar, Luis Caxias, Netinho Brites e Sidnei Eletricista.
<p>Vem do céu a mais sublime inspiração A noite embala os versos do gênio João Reflete sua vida no espelho De quem viveu a cantar As coisas do coração A águia conduz nosso sonho O azul e branco herdei da Portela Sou carioca, sou suburbano Semente que germinou na primavera</p> <p>Oh! Mineira, mineira guerreira Sou nó na madeira, segui a missão Cantei com os bambas em Madureira Sobre o poder da criação</p> <p>Música, a obra te fez imortal Suplica no dom da voz divinal Palmas ao bom malandro da canção popular Chora viola a saudade está no ar Pai, abençoe essa homenagem Na grande tela a dor da <b>liberdade</b> No compasso reescrevo sua história No grito de um gol, o gol da vitória Na raça canta em cima da hora</p> <p>João meu Brasil... encanta. É Nogueira, de todos os sambas Um ser de luz, pura magia Meu poeta virou poesia.</p>

## ANEXO 228

ANO: 2013

ESCOLA DE SAMBA:  
INOCENTES DE BELFORD ROXOSAMBA-ENREDO: AS SETE  
CONFLUÊNCIAS DO RIO HANAUTORES: Billy Conty, Dominguinhos,  
Ildo dos Santos, JJ.Santos, Juarez e Marã.

Chegou o grande dia  
Ao despertar de um sonho especial  
Rufam os tambores na avenida  
Coreia do Sul, se faz carnaval  
E... As sete confluências concluir  
Peço águas tranquilas pra seguir  
Para deusa do vento a proteção  
Rosas de Chalom  
Recomeço e transformação  
O respeito aos seus ancestrais  
Refletem nos antigos rituais

Um rio de amor me leva  
O destino soprou, saudade  
Um porto seguro, o futuro revela  
Um bom-retiro de esperança e **liberdade**

Sinto a emoção  
Em cada expressão  
Da cultura popular  
Navegar, mudar a direção  
O toque, se comunicar  
A fé refletida na paz de um olhar  
És um belo exemplo a seguir  
Um caminho de luz a trilhar  
E lá vou eu...  
Colhendo os frutos dessa minha união  
Braços abertos a imigração  
50 anos nessa pátria mãe gentil  
Coreia do Sul suas águas cristalinas são o  
espelho  
Na cadência da Baixada  
Deságuam no meu Rio de Janeiro

Meu oriente é você  
Vim mostrar o meu valor  
Inocentes, razão do meu viver  
Avante cidade do amor.

## ANEXO 229

ANO: 2013

ESCOLA DE SAMBA: MOCIDADE  
INDEPENDENTE DE PADRE MIGUELSAMBA-ENREDO: EU VOU DE  
MOCIDADE COM SAMBA E ROCK IN  
RIO – POR UM MUNDO MELHORAUTORES: Jefinho Rodrigues, Jorginho  
Medeiros, Marquinho Índio, Domingos Os,  
Moleque Silveira e Gustavo Henrique.

Em verde e branco reluziu  
Um sonho de amor e **liberdade**  
Da lama então, a flor se abriu  
Cantei a paz a igualdade  
Estrelas mudam de lugar  
A minha popstar chegou rasgando o céu  
Num big bang musical  
Faço meu carnaval, eu sou Padre Miguel  
A vida é um show, maraca é vibração  
É o samba - rock meu irmão'

Pandeiro e guitarra, swing perfeito  
Não tem preconceito, a nossa união  
Meu baticumbum é diferente  
Não... não existe mais quente

A música me leva...  
O meu destino é a alegria desse mar  
Vou pra Lisboa, eu vou na boa  
E numa só voz ecoar  
Muito mais que um som pra curtir  
Conquistei a arena de Madrid  
Meu rio... voltei morrendo de saudade  
Na apoteose é nova edição, overdose de  
emoção

Uma onda me embala, invade a alma  
No peito explode a minha paixão  
Um mundo melhor... que felicidade  
No rock in rio eu vou de mocidade.

## ANEXO 230

ANO: 2013

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIÃO DO PARQUE CURICICASAMBA-ENREDO:  
QUANDO O SAMBA ERA SAMBAAUTORES:  
Cláudio Russo, Wilson Cruz e Zé Luís.

Capoeira, o samba vai levantar poeira  
Tem zoeira em Oswaldo Cruz e Madureira

África encanto e magia  
Berço da sabedoria  
Razão do meu cantar  
Nasceu a liberdade a ferro e fogo  
A Mãe Negra abriu o jogo  
Fez o povo delirar  
Deixa falar, ô, ô, ô  
Deixa falar, ô, iaiá  
Esse batuque gostoso não pode parar  
Entra na roda ioiô  
Entra na roda iaiá  
Lá vem Portela, é melhor se segurar

Axé vem de Luanda  
Sacode negritude da cidade  
Trazendo a bandeira do samba  
N'apoteose na felicidade

Samba é nó na madeira  
É moleque mestiço  
Foi preciso bancar  
Resistência que a força não calou  
Arte de improvisar

Capoeira, o samba vai levantar poeira  
Tem zoeira em Oswaldo Cruz e Madureira.

## ANEXO 231

ANO: 2013

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO CABUÇUSAMBA-ENREDO:  
O MESTRE-SALA DOS MARES

AUTORES:

Flavio Viana, Charles Braga, Deo, Marcio Oliveira, Neyzinho do Cavaco, Adailton Aquino Saint Clair Cunha.

Singrando nesse mar de poesias  
"Na Guanabara"... Um "dragão"  
resplandeceu  
Marinheiro... Senhor dos mares...  
"feiticeiro"  
Foi na "revolta" o justiceiro  
Aplacando a ira da maldade  
Ecoou... Um grito para **liberdade**  
Florescendo a igualdade  
Na "luta" por dignidade

Me leva... Nas ondas, desse mar  
Vou navegar...  
Na beira dos cais... Acenos da paz  
Chibata nunca mais

A censura foi velada  
Sua imagem ignorada  
Injustiças do poder  
Enfrentou a solidão  
Mestre João... A homenagem é você!  
Glória aos piratas... As mulatas e sereias  
"Almirante negro" a sua história  
Jamais iremos esquecer

E lá no céu uma "estrela"  
Brilha em meu olhar  
Com a alma guerreira... Chegou Cabuçu  
Levantando a sua bandeira.

## ANEXO 232

ANO: 2013

ESCOLA DE SAMBA:  
UNIDOS DO VIRADOURO

SAMBA-ENREDO: DIEGO NICOLAU

AUTORES: Gilberto Gomes, Floriano do Caranguejo, Sacadura Cabral, Dadinho, J. Lambreta, Zé Gloria e Manolo.

Caô Xangô  
Salve o nosso padroeiro  
(Ilumina o terreiro)  
Ilumina o terreiro  
Dos artistas imortais  
Morro de felicidade  
Na homenagem  
Aos seus grandes carnavais  
Mais que uma revolução  
Isso é coisa da gente  
Ser diferente querer mudar  
Buscar a vitória acreditar

Tirar da cabeça o que do bolso não dá

Ôôôôôô  
O negro canta o amor e a **liberdade**  
É meu quilombo em festa eu vou dançar  
Africanidade  
Pega no ganzê pega no ganzá  
E a cidade bem mais que maravilhosa  
Toda prosa  
Rio de Janeiro  
É fevereiro saudade que dá  
Ver o bonde passar

Salgueiro  
Sou Viradouro  
No mar de Yemanjá  
O sol brilhará  
Salgueiro.



*"Será que já raiou a liberdade  
Ou se foi tudo ilusão  
Será, que a lei Áurea tão sonhada  
Há tanto tempo assinada  
Não foi o fim da escravidão  
Hoje dentro da realidade, onde está a liberdade  
Onde está que ninguém viu"*

**Samba enredo:  
Cem anos de liberdade, realidade e ilusão.  
Estação Primeira de Mangueira, 1988**